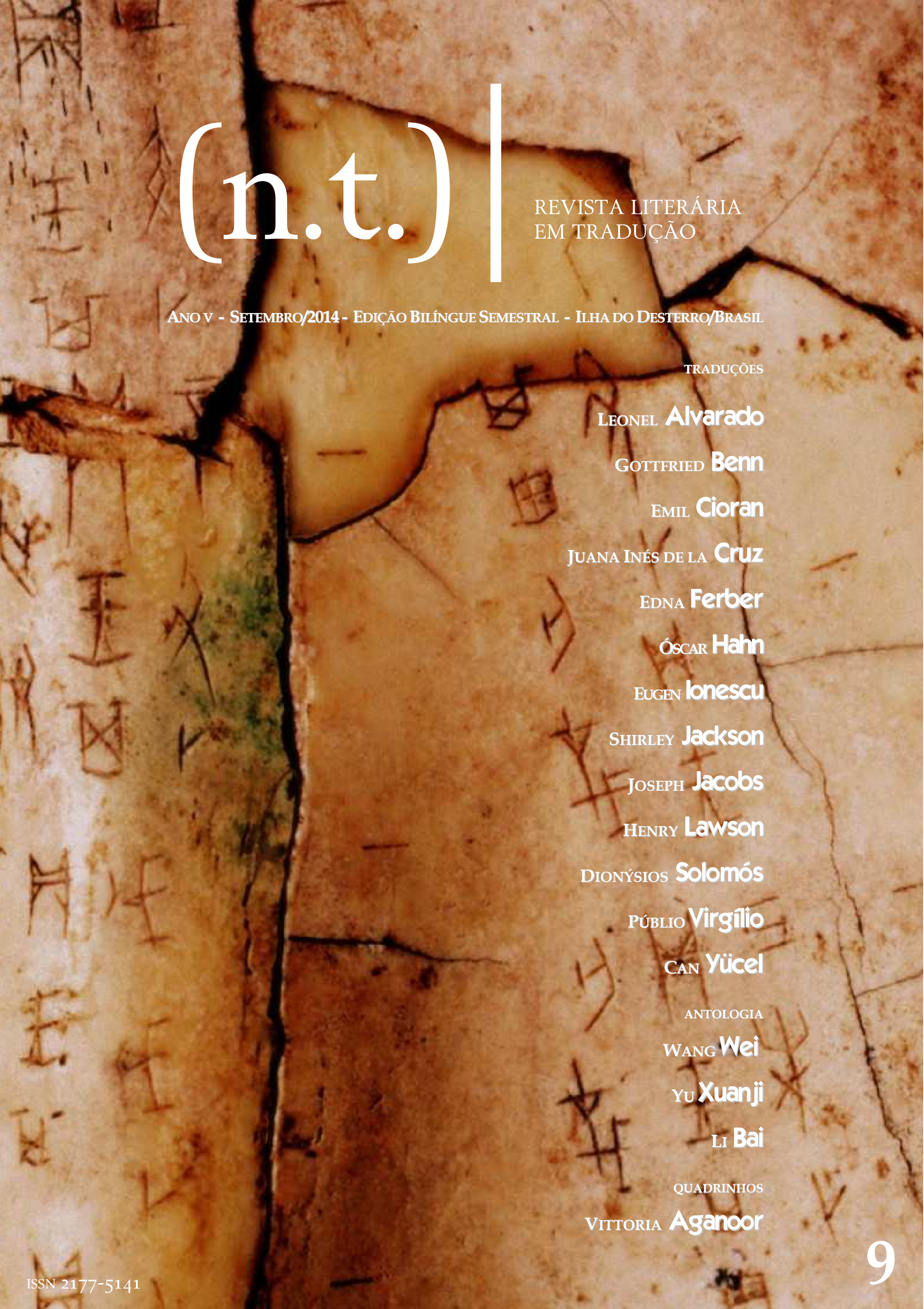


(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA EM TRADUÇÃO

ANO V - SETEMBRO/2014 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - ILHA DO DESTERRO/BRASIL

TRADUÇÕES

LEONEL Alvarado

GOTTFRIED Benn

EMIL Cioran

JUANA INÉS DE LA Cruz

EDNA Ferber

ÓSCAR Hahn

EUGEN Ionescu

SHIRLEY Jackson

JOSEPH Jacobs

HENRY Lawson

DIONÝSIOS Solomós

PÚBLIO Virgílio

CAN Yücel

ANTOLOGIA

WANG Wei

YU Xuanji

LI Bai

QUADRINHOS

VITTORIA Aganoor

9

ISSN 2177-5141

tradução
μετάφραση
ترجمة
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
පරිවර්තන
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 – [recurso eletrônico].

Semestral, ano 5, n. 9, set. 2014
Multilíngue
Editada por Gleiton Lentz
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Calaméo; Dropbox; Scribd
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

Licenciada na Creative Commons

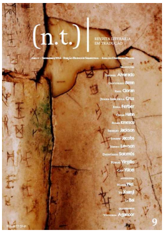
INTRO

"Tudo nesta vida é sonho.

Possa eu por fim acordar."

Yu Xuanji

EDITORIAL



www.notadotradutor.com

notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação

Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria

Roger Sulis

Ilustração e Curadoria

Aline Daka

Assistência e Consultoria

Amanda Zampieri

Revisão dos Originais

Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Espanha), para *Sentimientos de ausente*, de Juana Inés de la Cruz; ▪ Projeto Gutenberg (Estados unidos), para *Short Stories*, de Edna Ferber, e *British Folk Tales*, de Joseph Jacobs; ▪ Wikisource Digital Library (Internacional), para *Eneida Brazileira*; ▪ Projeto “Odorico Mendes” (Brasil), para *Virgilio Brazileiro*. **Direitos de publicação:** ▪ İş Bankası Kültür Yayınları (Turquia), para *Eğer*, de Can Yücel; ▪ Éditions Gallimard (França), para “Démiurgie verbale” e “Urgence du pire”, de Emil Cioran; ▪ The Noonday Press (Estados Unidos), por *The Lottery*, de Shirley Jackson. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Óscar Hahn (Chile), para *La muerte a los pies de la poesía*; ▪ Leonel Alvarado (Honduras), pelos originais de *Retratos mal hablados*; ▪ Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao (Brasil/China), pela tradução de *Poemas Celestiais*, via *Musas Raras*.

As origens da escrita chinesa repousam sobre um mistério que remonta há milênios e que alcança os dias atuais. Um mistério que parece se ampliar se considerarmos que os mais antigos registros conhecidos, os chamados Oráculos de Ossos (甲骨学), datados do 2º milênio a.C., foram descobertos apenas em 1899, em Anyang, a antiga capital da Dinastia Shang (sécs. XVI a XI a.C.). As inscrições, cunhadas em carapaças de tartaruga e omoplatas de bovinos (e raramente em vasos de bronze, armas, olaria e jade), eram usadas em rituais de piromancia, a adivinhação por intermédio do fogo, num processo que envolvia a escrita de uma pergunta sobre uma peça de osso aquecida e cujas ranhuras, ao serem interpretadas pelos adivinhos, permitiam responder a indagações ou pressagiar acontecimentos futuros. A maioria dos textos referia-se ao tempo, às guerras, ou então, à escolha de dias auspiciosos para as cerimônias festivas, oferecendo um quadro bastante ilustrativo da 2ª dinastia real chinesa.

Estruturalmente, os antigos registros de mais de três milênios ainda mantêm semelhanças com os modernos caracteres chineses, já que, embora a escrita chinesa tenha tido uma existência mais longa do que outros sistemas atuais, seu desenvolvimento interno foi praticamente nulo, pois as alterações sofridas foram de ordem técnica e externa, isto é, caligráficas, e não estruturais. Há também uma vertente que, não obstante comprove a existência de uma fase de desenvolvimento inicial, indicando que a escrita chinesa possa ser mais antiga do que se pensava, não conseguiu ainda estabelecer um grau de parentesco com a escrita oracular. Isso porque a descoberta arqueológica de símbolos pictóricos talhados em rochas, conhecidos como os Entalhes de Damaidi, descobertos ao final da década de 1980 e datados entre 7 e 8 mil anos, motivaram a hipótese, uma vez que parecem apresentar similaridades com os mais antigos registros já encontrados, o que ampliaria em mais de três mil anos o mistério da escrita chinesa.

Todavia, a Escrita Oráculo de Ossos, já decifrada graças ao trabalho de estudiosos chineses ao longo do último século, fato tão relevante quanto a decifração dos hieróglifos egípcios e da escrita cuneiforme mesopotâmica, pois representa o mais antigo *corpus* da escrita chinesa, contando com um acervo que ultrapassa 400 mil fragmentos, evoluiu, em seguida, para as Inscrições em Bronze, usadas durante a Dinastia Zhou, dando origem, mais tarde, às escritas Kanji e Kana (do Japão), Hanja (vertente coreana), Zhuyin (falada em Taiwan), Chu Nom (do Vietnã), Khitan (oriunda da Mongólia), Jurchen (da região da Manchuria) e Tangut (da Xia Ocidental).

E para ilustrar esse processo milenar nada mais pertinente que iniciar a 9ª edição da revista (n.t.) com uma seleção de poetas chineses, desta vez, da Dinastia Tang, os *Poemas Celestiais* | 游仙诗, com Li Bai, Wang Wei e Yu Xuanji, vertidos a quatro mãos pelos tradutores Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao, indicados ao prêmio Jabuti de Tradução 2014.

Em seguida, dando continuidade às seleções da seção "Poesia Seleta", Leonardo da Fonseca traduz *Se | Eğer*, do poeta turco Can Yücel; Viviane de Santana Paulo, *Mais solitário jamais | Einsamer nie*, do alemão Gottfried Benn; Giane de Oliveira *Sentimentos de ausência | Sentimientos de ausente*, da mexicano-espanhola Juana Inés de la Cruz, Nina Rizzi *A morte aos pés da poesia | La muerte a los pies de la poesia*, do poeta chileno Óscar Hahn; e Marcelo Mendes de Souza *Retratos mal falados | Retratos mal hablados*, do hondurenho Leonel Alvarado.

Nas seções seguintes, "Sátira", Miguel Sulis traduz o drama *A mulher de Zaquintos | Η γυναίκα τῆς Ζάκυθος*, do escritro grego Dionýsios Solomós. Nas páginas dedicadas ao pensamento "Pensum", Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes e Luiz Cláudio Gonçalves vertem dois ensaios do pensador franco-romeno Emil Cioran, na seleção *A urgência de escrever | L'urgence d'écrir*. E em "Ensaios", Fernando Klabin traduz o romeno Eugen Ionescu, em *O trevo de quatro folhas | Trifoiul cu patru foi*.

Já na tradicional seção de prosas e narrativas "Contos", apresentamos quatro autores de língua inglesa, iniciando com as norte-americanas Shirley Jackson e o conto *A Loteria | The Lottery*, traduzido por Ana Resende, e Edna Ferber, na seleção *Meias porções | Half Portions*, vertida por Lana Beth Ayres Franco de Araujo. Depois, os australianos Henry Lawson e seus *Contos breves | Short Stories*, tradução de Gustavo A. Matte, e Joseph Jacobs, com os *Contos do folclore britânico | British Folk Tales*, vertidos por Luciana Kaross.

Nas seções finais, "Memória da tradução", comemorando o 160º aniversário de sua publicação, republicamos o Livro I (*Liber primus*) da *Eneida Brazileira | Aeneis* de Virgílio, na célebre tradução de Manuel Odorico Mendes, publicada em 1854. E em "Quadrinhos", Aline Daka ilustra a "Página de Diário", HQ literária baseada no homônimo poema da italiana Vittoria Aganoor, traduzida por Gleiton Lentz.

Eis os autores que conformam este número da revista (n.t.), os quais detêm enigmas não só por suas *visões* de mundo, isto é, suas indagações (no caso dos poetas) e descrições (no caso dos prosadores), mas também por suas *cosmovisões*, fruto de seu legado linguístico, já que representam, no conjunto, nove idiomas diversos.

Essa condição de enigma alcança, inclusive, a tradução, herdeira direta das escrituras, como é o caso dos Oráculos de Ossos, já decifrados, mas que ainda ocultam segredos. Borges dizia que, no mundo das letras (e, por extensão, das escritas), a tradução havia conseguido preservar a mesma substância do mistério que as envolve. Pois, por mais que a finalidade prática de toda tradução seja a dissolução do mistério que cada língua estrangeira encerra em si, sua função, assim como a do tradutor, é igualmente enigmática, pois, entregar-se ao ato de traduzir, uma vez lido o original, parece ser um mistério insondável, uma rara disposição. Eis a verdadeira *impossibilidade* da tradução, a de ser desvelada.

Boa *leitura* e *literatura* sem fronteiras! ■

Os editores

Desterro, outubro de 2014.

(n.t.) | 9º

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons, Licença Internacional 3.0

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

Poemas Celestiais | 游仙诗 . . . 09
seleção com Li Bai, Wang Wei e Yu Xuanji
tradução de Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao

Se | Eğer 36
texto de Can Yücel
tradução de Leonardo da Fonseca

Mais solitário jamais | Einsamer nie . . 61
texto de Gottfried Benn
tradução de Viviane de Santana Paulo

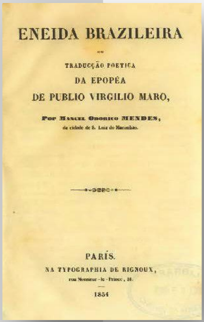
Sentimentos de ausência | Sentimientos de ausente 78
texto de Juana Inés de la Cruz
tradução de Giane Oliveira

A morte aos pés da poesia . . . 91
La muerte a los pies de la poesía
texto de Óscar Hahn
tradução de Nina Rizzi

Retratos mal falados | Retratos mal hablados . 116
texto de Leonel Alvarado
tradução de Marcelo Mendes de Souza

SÁTIRA
SÁTIRA
SÁTIRA

A mulher de Zaquintos | Ἡ γυναίκα τῆς Ζάκυθος 132
texto de Dionýsios Solomós
tradução de Miguel Sulis


ENEIDA BRAZILEIRA
TRADUCÇÃO POETICA
DA EPOPÉA
DE PUBLIO VIRGILIO MARO,
PARIS.
NA TYPOGRAPHIA DE RIGNOUX,
1854

MEMÓRIA DA TRADUÇÃO

Eneida Brazileira | Aeneis . . 338
texto de Públio Virgílio Maro
tradução de Manuel Odorico Mendes
edição de 1854

PENSUM
PENSUM
PENSUM

A urgência de escrever | L'urgence d'écrire . 162
texto de Emil Cioran
tradução de Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes e Luiz Cláudio Gonçalves

ENSAIOS
ENSAIOS
ENSAIOS

O trevo de quatro folhas | Trifoiul cu patru foi . 187
texto de Eugen Ionescu
tradução de Fernando Klabin

CONTO
CONTO
CONTO
CONTO
CONTO

A Loteria | The Lottery 197
texto de Shirley Jackson
tradução de Ana Resende

Meias porções | Half Portions . . . 217
texto de Edna Ferber
tradução de Lana Beth Ayres Franco de Araujo

Contos breves | Short Stories . . . 275
texto de Henry Lawson
tradução de Gustavo A. Matte

Contos do folclore britânico | British Folk Tales . 297
texto de Joseph Jacobs
tradução de Luciana Kaross

QUADRINHOS

Página de Diário | Pagina di Diario . 381
texto de Vittoria Aganoor
quadrinhos de Aline Daka
tradução de Gleiton Lentz

INDEX 391

poesia

n.t.)|La Chaquira

POEMAS CELESTIAIS

LI BAI, WANG WEI e YU XUANJI

O TEXTO: A Dinastia Tang (618-915) é considerada o auge da cultura clássica chinesa. Foram cerca 300 anos de uma sociedade caracterizada por uma vida urbana intelectual e esteticamente sofisticada. A produção poética do período surpreende pela quantidade e qualidade. A popular antologia *Poemas completos da Dinastia Tang*, compilada no século XVII (Dinastia Qing), por ordem imperial, contém cerca de 50 mil poemas, escritos por 2.200 autores, dentre os quais estão 190 mulheres. Dentre os nomes mais notáveis desse período, encontram-se Li Bai (Li Po), Wang Wei e Yu Xuanji.

Edição de referência: *Antologia da poesia clássica chinesa* (Dinastia Tang). Trad. de Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao. São Paulo: UNESP, 2013.
Agradecimentos: aos tradutores, pela liberação dos textos para publicação, originalmente publicados na revista *Musa Rara*, em janeiro de 2012.

A SELEÇÃO: Li Bai (701-762), o maior poeta romântico da dinastia Tang, conhecido pelas imagens inusitadas e o pensamento taoista de sua poesia; Wang Wei (701-761), um dos artistas mais completos de seu tempo, poeta e pintor de renome, conhecido como o "poeta de Buda"; e Yu Xuanji (c. 844-869 ou 871), monja taoista e cortesã, considerada a primeira poetisa feminista da poesia chinesa. Os textos desses autores são exemplos de um tipo bastante praticado no período: poemas que desenvolvem o imaginário e o ambiente mitológico celestial e de elevação pela meditação em meio à natureza, relativos às tradições religiosas taoista e budista.

OS TRADUTORES: Ricardo Primo Portugal é escritor e diplomata, graduado em Letras pela UFRGS. É autor dos livros *Indian Village e outros poemas* (Cailun-Simplíssimo, 2013); *Dois outonos – haicais* (Edições Castelinho, 2012); *Zero a sem – haicais* (7Letras, 2011); *DePassagens* (Ameop, 2004), *dentre outros*. Coorganizador da Antologia poética de Mário Quintana (EDIPUCRS, 2007); cotradutor e organizador da *Poesia completa de Yu Xuanji* (UNESP, 2011, finalista do 54º Prêmio Jabuti) e da *Antologia da poesia clássica chinesa - Dinastia Tang* (UNESP, 2013), em parceria com Tan Xiao.

Tan Xiao é professora de chinês da Universidade Católica do Equador. Graduada em Letras pela Universidade Zhong Nan, Changsha, Hunan, República Popular da China. Estudou português na UnB. Foi intérprete e tradutora português-chinês da Embaixada do Brasil em Pequim. Mestre em linguística pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Guangdong.

游仙诗

人世悲欢一梦，
如何得作双成。

李白, 王維, 魚玄機

李白

夜宿山寺

危楼高百尺
手可摘星辰
不敢高声语
恐惊天上人

山中问答

问余何意栖碧山
笑而不答心自闲
桃花流水窅然去
别有天地非人间

***

云想衣裳花想容
春风拂槛露华浓
若非群玉山头见
会向瑶台月下逢

王維

鹿柴

空山不见人
但闻人语响
返景入深林
复照青苔上

终南山

太乙近天都
连山到海隅
白云回望合
青霭入看无
分野中峰变
阴晴众壑殊
欲投人处宿
隔水问樵夫

山中

荆溪白石出
天寒红叶稀
山路元无雨
空翠湿人衣

过香积寺

不知香积寺
数里入云峰
古木无人径
深山何处钟
泉听咽危石
日色冷青松
薄暮空潭曲
安禅制毒龙

竹里馆

独坐幽篁里，
弹琴复长啸。
深林人不知，
明月来相照。

魚玄機

题任处士创资福寺

幽人创奇境，
游客驻行程。
粉壁空留字，
莲宫未有名。
凿池泉自出，
开径草重生。
百尺金轮阁，
当川豁眼明。

和人次韵

喧喧朱紫杂人寰，
独自清吟日色间。
何事玉郎搜藻思，
忽将琼韵扣柴关。
白花发咏惭称谢，
僻巷深居谬学颜。
不用多情欲相见，
松萝高处是前山。

和新及第悼亡诗二首

（一）
仙籍人间不久留，
片时已过十经秋。
鸳鸯帐下香犹暖，
鹦鹉笼中语未休。
朝露缀花如脸恨，
晚风欹柳似眉愁。
彩云一去无消息，
潘岳多情欲白头。

寓言

红桃处处春色，
碧柳家家月明。
楼上新妆待夜，
闺中独坐含情。
芙蓉月下鱼戏，
螮蝀天边雀声。
人世悲欢一梦，
如何得作双成。

题隐雾亭

春花秋月入诗篇，
白日清宵是散仙。
空卷珠帘不曾下，
长移一榻对山眠。

Poemas Celestiais

"Tudo nesta vida é sonho, alegria ou pena
vêm-nos aos pares. Possa eu por fim acordar."

LI BAI, WANG WEI e YU XUANJI

LI BAI

NO TEMPLO DO CIMO

a noite passar no Templo do Cimo
elevar a mão tocar as estrelas
mas baixar a voz não fazer ruído
não perturbar os moradores do céu

RESPOSTA NA MONTANHA

por que razão morar nestas verdes montanhas
responde só o sorriso o coração sereno
a flor do pessegueiro cai as águas seguem
entrando a um outro mundo além do meio humano

[Em homenagem a Yang Guifei, lendária beleza, concubina do Imperador Xuanzong]

as vestes como nuvens pétalas as faces
que a brisa na varanda afaga ao orvalho vítreo
se ao elevado cimo em jade não é vista
ressurge sob a lua em celestes terraços

WANG WEI

O RETIRO DOS CERVOS

vazia a montanha ninguém se vê
entanto rumores vozes se ouvem
torna a luz poente até o bosque denso
ainda ilumina o musgo verde sobre

DO MONTE ZHONGNAN

obra suprema imitação celeste
cidade aberta entre montanhas mares
as nuvens brancas fecham-se ao olhar
cintilações em verde se dispersam
revolve o pico ao centro aparta estrelas
escuro-claros se desdobram vales
descer e a noite passar entre os homens
ao rio perguntar onde ao lenhador

NA MONTANHA

Riacho Jing as pedras surgem brancas
escassas folhas rubras num céu frio
Chuva não houve à trilha da montanha
molhando as roupas o verde vazio

EM VISITA AO TEMPLO DO PERFUME OCULTO

desconhecido conservou-se o templo
por entre nuvens oculto o perfume
ao bosque antigo resta trilha alguma
aonde o sino à alta profundeza

rumor de fonte eretas rochas choro
frescor o sol entre os pinheiros cores
a tarde curva-se ao vazio no tanque
domou-se um dragão venenoso ao Chan[1]

[1] Chan é o nome, em chinês, da corrente Zen do budismo. (n.t.)

A ERMIDA ENTRE OS BAMBUS

sentar-se ao oco só entre os bambus
assobiando ao toque do alaúde
na densa oca ao bosque desterrar-se
então a lua é vinda: iluminar

YU XUANJI

O TEMPLO ZIFU, FUNDADO PELO EREMITA REN

Ergueu o templo um homem solitário
e hoje é descanso a viajantes – pouso –
Deixam seus nomes vãos à porta, ao lótus
deitam-se escritos nas paredes brancas
As águas correm para o velho tanque
A relva próxima ao caminho brota
Cem pés é alto o pavilhão de ouro
e em frente ao rio, todo brilho, claro

RESPOSTA A UM POEMA

A instável, viva multidão vermelho-púrpura,
e ao sol, serena solidão: o meu poema
Nenhum desejo – a breve fama, o amor urgente
Da fortaleza nasce um canto, ao mais profundo
Agradecida, à simples clara flor inclino-me
Viver reclusa e só, entregue a esta procura
é todo encontro superar em amor mais puro
como elevar-se entre montanhas basta ao pínus

A partir de poema de um recém-aprovado candidato ao serviço público, em luto pela morte de sua mulher

(I)

Aos imortais perdem-se as coisas deste mundo
Outonos passam como apenas um momento
Fica às cobertas o calor do amor recente
Do papagaio à jaula o eco ainda circunda
O orvalho cobre as flores, rostos que se velam
O vento verga em sobrancelhas os chorões
Nuvens dissipam-se entre cores, tornam à sombra
Pan Yue[2] lamenta e seu cabelo acolhe a neve

[2] Pan Yue (247-300) foi um poeta da Dinastia Jin (265-316, Jin do Oeste) famoso por sua beleza e pela poesia de luto e melancolia. Seus "Três poemas para minha esposa morta" são particularmente aclamados. Sobre ele se diz que, quando da morte da esposa, seu cabelo tornou-se branco da noite para o dia. Sua história pessoal é associada ao amor inconsolável diante da morte e entregue a um luto infindável – em Yu Xuanji, há um sentido de entrada na imortalidade pelo luto, que projetaria o amor para além "desta" vida. (n.t.)

UMA ALEGORIA

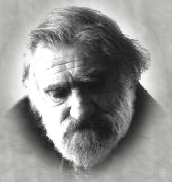
A primavera às flores de pêssego espalha-se
Em todo pátio à lua cintilam os salgueiros
Cá em cima estou, no quarto, perfeita a maquiagem
recém-vestida, à espera da noite, o silêncio
Ao lago sob as flores de lótus os peixes
Em volta do arco-íris revoam pardais
Tudo nesta vida é sonho, alegria ou pena
vêm-nos aos pares. Possa eu por fim acordar

INSCRITO EM UM PAVILHÃO EM MEIO À NEBLINA

As flores na primavera, a lua de outono
entram à poesia. Nos claros dias e noites
habitam os deuses. Subo as cortinas, mantenho-as
todas abertas: a cama encare as montanhas.

Se

Can Yücel



O texto: A poesia de Can Yücel é conhecida por sua escrita aberta e honesta, que versa sobre temas variados, da natureza às pessoas, dos eventos cotidianos às ideias, através de termos e palavras próprios de uma língua simples e popular. Seu texto traz, muitas vezes, expressões coloquiais e vulgares, artifício usado para aumentar a nitidez das palavras e potencializar seu efeito poético. Em sua obra, destacam-se o sentimentalismo cancioneiro e a obsessão com o verde da natureza.

Texto traduzido: Yücel, C. *Bütün şiirleri.* 21 kitaplar. İstanbul: İş Bankası Kültür Yayınları, 1999.

O autor: Poeta e tradutor, Can Yücel (1926-1999) foi um dos mais destacados escritores turcos do século XX. Estudou grego e latim na Universidade de Ancara, quando se aproximou da esquerda marxista e da obra de Nâzım Hikmet. Em 1971, foi preso e condenado a 15 anos por haver traduzido dois livros contendo a biografia e os discursos de Che Guevara e Mao Zedong. Na prisão, conviveu com vários intelectuais, escritores, poetas e jornalistas igualmente condenados por contrariar a política do estado. Libertado pela anistia geral em 1974, deu continuidade a seu trabalho criativo e crítica ao estado turco.

O tradutor: Leonardo da Fonseca cursou Letras Português e Espanhol na UniverCidade, Rio de Janeiro. É professor e tradutor de turco e espanhol. Para a (n.t.) já traduziu Nâzım Hikmet, Orhan Veli e Yunus Emre.

Contato: leotradutor@hotmail.com

Eğer

"Su gibi akıp geçerdi hiç geçmeyecekmiş gibi duran zaman,
beklemeye değecek olan gelecekse sonunda eğer."

CAN YÜCEL

BAŞKA TÜRLÜ BİR ŞEY

başka türlü bir şey benim istediğim
ne ağaca benzer, ne de buluta
burası gibi değil gideceğim memleket
denizi ayrı deniz,
havası ayrı hava..

bir başka yolculuk dalından düşmek yere
yaşadığından uzun

bir tatlı yolculuk dalından inmek yere
ağacın yüksekliğince
dalın yüksekliğince rüzgarda
ve bir yeni ömür
vardığın çimen yeşilliğince

nerde gördüklerim
nerde o beklediğim
rengi başka
tadı başka..

PANDORA’NIN KUTUSU

bir denizanasıdır umut
ta suların ortasında
açılır
kapanır
açılır
kapanır
kapanır
açılır

YAPRAKTI

bir başka yolculuk dalından düşmek yere,
yaşadığından uzun;
bir tatlı yolculuk dalından inmek yere.

ağacın yüksekliğince,
dalın yüksekliğince rüzgarda;
ve bir yeni ö'mü'r
vardığın çimen yeşilliğince.

SABAH SABAH

bu gül birşeyin anısı olacak ama neydi unuttum
kimbilir belki de sabah sabah yeniden açan umudum

YAVAŞ!!

kafeslerin arkasında oturmuş, ince uzun gemiler gibi
limanda,
olabileceklerden bahseder elleri, başlanmamış
nakışlarda,
kendi güzelliğini seyreder gergefte kızlar.

EĞER

o kadar da önemli değildir bırakıp gitmeler,
arkalarında doldurulması
mümkün olmayan boşluklar bırakılmasaydı eğer.

dayanılması o kadar da zor değildir, büyük ayrılıklar bile,
en güzel yerde başlatılsaydı eğer.

utanılacak bir şey değildir ağlamak,
yürekten süzülüp geliyorsa gözyaşı eğer

yüz kızartıcı bir suç değildir hırsızlık,
çalınan birinin kalbiyse eğer.

korkulacak bir yanı yoktur aşkların,
insan bütün derilerden soyunabilseydi eğer.

o kadar da yürek burkmazdı alışılmış bir ses,
hiçbir zaman duyulmasaydı eğer.

daha çabuk unuturdu belki su sızdırmayan sarılmalar,
kara sevdayla sarıp sarmalanmasalardı eğer.

belirsizliğe yelken açardı iri ela gözler zamanla,
öylesine delice bakmasalardı eğer.

çabuk unutulurdu ıslak bir öpücüğün yakıcı tadı belki de
kalp, göğüs kafesine o kadar yüklenmeseydi eğer.

yerini başka şeyler alabilirdi uzun gece sohbetlerinin,
son sigara yudum yudum paylaşılmasaydı eğer.

düşlere bile kar yağmazdı hiçbir zaman,
meydan savaşlarında korkular, aşkı ağır yaralamasaydı eğer.

su gibi akıp geçerdi hiç geçmeyecekmiş gibi duran zaman,
beklemeye değecek olan gelecekse sonunda eğer.

rengi bile solardı düşlerdeki saçların zamanla,
tanımsız kokuları yastıklara yapışıp kalmasaydı eğer.

o büyük, o görkemli son, ölüm bile anlamını yitirirdi,
yaşanılası her şey yaşanmış olsaydı eğer.

o kadar da çekilmez olmazdı yalnızlıklar,
son umut ışığı da sönmemiş olsaydı eğer.

bu kadar da ısıtmazdı belki de bahar güneşleri,
her kaybedişin ardından hayat yeniden başlamasaydı eğer.

kahvaltıdan da önce sigaraya sarılmak şart olmazdı belki de,
dev bir özlem dalgası meydan okumasaydı eğer.

anılarda kalırdı belki de zamanla ince bel,
namussuz çay bile ince belli bardaktan verilmeseydi eğer.

uykusuzluklar yıkıp geçmezdi, kısacık kestirmelerin ardından,
dokunulası ipek ten bir o kadar uzakta olmasaydı eğer.

ıssız bir yuva bile cennete dönüşebilirdi belki de,
sıcak bir gülüşle ısıtılsaydı eğer.

yoksul düşmezdi yıllanmış şarap tadındaki şiirler böylesine,
kulağına okunacak biri olsaydı eğer.

inanmak mümkün olmazdı her aşkın bağrında bir ayrılık gizlendiğine belki de,
kartvizitinde 'onca ayrılığın birinci dereceden failidir' denmeseydi eğer.

gerçekten boynunu bükmezdi papatyalar,
ihanetinden onlar da payını almasaydı eğer.

ıssızlığa teslim olmazdı sahiller,
kendi belirsiz sahillerinde amaçsız gezintilerle avunmaya kalkmamış olsaydın eğer.

sen gittikten sonra yalnız kalacağım.
yalnız kalmaktan korkmuyorum da,
ya canım ellerini tutmak isterse...

evet sevgili,
kim özlerdi avuç içlerinin ter kokusunu,
kim uzanmak isterdi ince parmaklarına,
mazilerinde görkemli bir yaşanmışlığa tanıklık etmiş olmasalardı eğer!!

FARZET HİÇ AYRILMADIK

farzet hiç ayrılmadık
gözümde tütüyor
gözümü tütsülüyorsun hala
hep birlikteyiz sanki
seninle ben ve DÜNYA

ÖZLEDİM SENİ..

özledim seni...
ayrılık yüreğimi uyuşturuyor karıncalandırıyor nicedir.
beynimi uyuşturuyor özlemin...
çok sık birlikte olmasak bile
benimle olduğunu bilmenin
bunca zamandır içimi ısıttığını
yeni yeni anlıyorum
yokluğun,
hatırladıkça yüreğime saplanan bir sizi olmaktan çıkıp
mütemadiyen bir boşluğa
sabahları seni okşayarak başlamaları
aksamları her isi bir kenara koyup
seninle baş başa konuşmaları özlüyorum;
oynaşmalarımızı,
yürüyüşlerimizi,
sevimli haşarılığını,
çocuksu küskünlüğünü...
nasılda serttin başkalarına karşı
beni savunurken;
ve ne kadar yumuşak
bir çift kısık gözle kendini
ellerimin okşayışına bırakırken
gitmeni asla istemediğim halde
buna mecbur olduğunu görmek
ve sana bunları söylemeden
“git artık” demek
“beni ne kadar çabuk unutursan, o kadar çabuk
kavuşacaksın mutluluğa”
demek sana nede zor
seni görmemek ve belki yıllar sonra
karsılaştığımızda
bana bir yabancı gibi bakmanı istemek senden...
yeni bir sevdayı yasakladığım kalbime söz geçirmek....

SEKE SEKE

çatlak yüreğimle türkülü yollara
düştüm ki o kadar olur
seke seke ben geldim
sike sike gidiyorum…

YEŞİL ŞİİR

baktıkça çoğalır yıldızlar gecede
parmaklarınla sayılmaz
kimi duyulur, kimi duyulmaz,
dinledikçe çoğalır gecede,
sesler gelir,
ya hızlıdan, ya yavaştan.
her şey kendi dilince konuşur
karanlık örtse de üstünü
gecede devam eder renk renk
ağacın dalında, rüzgarda
her şey kendi rengince konuşur.
gözlerini kapatır beklerdi
yaprağa benzer ellerini, avuçlarını uzatır,
beklerdi işitinceye dek
ağacın dalında, rüzgarda
yeşili duydu mu uyurdu
rüyasında…

Se

*"Como o fluir das águas, o tempo, ainda que nunca passasse,
valeria a espera de um eventual futuro."*

CAN YÜCEL

DIFERENTE

o que quero é alguma coisa diferente,
que não se pareça à árvore nem à nuvem,
o país aonde irei, não é como aqui,
seu mar é diferente,
seu ar é diferente...

cair na terra em um mergulho, uma outra viagem,
que é a mais longa que você já viveu.

descer à terra em uma viagem, pelos ramos
por toda árvore,
pelos ramos ao vento,
e assim uma nova vida
toda em verde na grama onde pisas.

onde veria
onde esperaria
uma cor diferente,
um sabor diferente.

A CAIXA DE PANDORA

a esperança é uma mãe d’água.
no meio das águas, bem longe,
abre-se
fecha-se
abre-se
fecha-se
fecha-se
abre-se

ERA FOLHA

cair do ramo é uma viagem a outro lugar,
uma grande vida;
desde o ramo é uma doce viagem.

o crescer da árvore,
o crescer dos ramos ao vento;
e uma nova vida
pelo campo verde.

PELA MANHÃ

essa rosa será lembrança de algo, mas esqueci do quê
quem sabe? talvez pela manhã minha esperança reabra.

LENTO!!

vivia atrás das grades, como barcos longos e estreitos
no porto.
suas mãos falam do que pode acontecer, não podia começar
nos quadros,
garotas a contemplar sua própria beleza na tela.

SE

não é importante deixar e ir
se não houver uma lacuna atrás
é impossível preencher.

já as grandes separações não são difíceis de enfrentar,
se elas começassem nos mais belos lugares.

chorar não é algo do que se deva ter vergonha,
se as lágrimas viessem do coração

o amor não tem nada a temer
se alguém pudesse se livrar de todas as peles.

uma voz conhecida não deixaria alguém tão chateado,
se nunca fosse ouvida.

a barreira abraça e talvez fosse esquecida mais facilmente,
se não estivesse envolta em amor passional

já os grandes olhos castanhos comandariam a incerteza,
se não parecessem tão loucos.

talvez fosse fácil esquecer o gosto quente de um beijo doce,
se o coração não apertasse o peito assim tão forte.

o bate papo da noite inteira poderia ser substituído por algo mais,
se o último cigarro não fosse dividido a cada tragada.

já não nevaria nos sonhos,
se os medos não ferissem o amor nas batalhas.

como o fluir das águas, o tempo, ainda que nunca passasse,
valeria a espera de um eventual futuro.

a cor do cabelo nos sonhos enfraqueceria com tempo,
se o seu cheiro inexpressível não agarrasse ao travesseiro.

esse abraço, esse esplêndido fim, a morte, perderia seu sentido,
se vivesse cada coisa que vale a pena viver

a solidão não seria assim insuportável,
se não houvesse um último fio de esperança.

o sol da primavera talvez não aquecesse tanto assim,
se a vida não recomeçasse após cada perda.

talvez fumar antes do café não fosse necessário,
se uma onda gigante de saudades não desafiasse.

talvez esse fino tronco restasse em memórias.
se o chá sem vergonha não fosse dado em um copo fino

a insônia não se destruiria depois de curtos cochilos,
se o toque da pele de seda não estivesse tão longe.

uma baía deserta poderia se tornar um paraíso talvez,
se aquecida por um sorriso caloroso.

poemas com gosto de vinho velho não se sentiriam mal,
se houvesse alguém pra sussurrar.

talvez não fosse possível acreditar que cada amor esconde uma separação profunda,
se não houvesse um cartão com uma etiqueta, "causador número um de muitas separações"

as margaridas realmente não murchariam,
se não tivessem culpa de sua traição.

a solidão não seria dada para as praias,
se você não tentasse se consolar com um passeio sem rumo nas areias.

eu vou estar sozinho depois que você for.
e não vou ter medo de ficar sozinho,
mas se quiseres deixar as suas mãos, meu amor...

sim amada,
quem sentiria falta do cheiro de suor de suas palmas,
quem iria querer deitar-se ao longo dos seus finos dedos,
se esses olhos não tivessem testemunhado um período esplêndido em seu passado !!

ASSUMA QUE NUNCA NOS SEPARAMOS

assuma que nunca nos separamos
em meus olhos fulminados.
ainda flamejas em meus olhos
como se sempre estivéssemos juntos
você e eu, e o MUNDO.

SENTI SUA FALTA..

senti sua falta..
deixando o meu coração ferido por tanto tempo.
sentir sua falta fode minha cabeça...
embora muitas vezes não possamos ficar juntos
saber que você está comigo
é algo que me aquece
novamente entendo
sua ausência,
é uma dor que sai de meu coração
um vazio contínuo.
começando de manhã com tuas carícias
e à noite, colocando tudo de lado,
eu sinto falta de falar com você;
de nossas brincadeiras
de nossas caminhadas
de sua doce nudez
de suas ofensas infantis
quão forte com os outros
quando me defendia;
e quão terna
com um par de olhos caídos
quando se deixou a meus carinhos
embora nunca queira que você vá
ver que você tem que fazer isso
e sem dizer a você aquelas coisas
dizer "vá agora"
"quanto mais cedo você me esquecer, mais cedo
você encontrará a felicidade"
difícil dizer isso
sem poder ver você, e talvez depois de anos
quando a gente se encontre,
querer que você me veja como mais um estranho...
e lidar com meu coração que eu proibí de um outro amor...

PULANDO

de coração partido em canções
caí nas estradas e assim seja
cheguei pulando
e vou fodendo…

POEMA VERDE

à noite se multiplicam as estrelas, quanto mais olhes
não se podem contar nos dedos
algumas são audíveis, algumas inaudíveis,
à noite, quanto mais ouças
os sons chegam,
alguns rápidos, alguns lentos.
tudo fala em sua própria língua
sob a coberta da escuridão
a noite conserva suas cores
nos ramos da árvore, no vento
tudo fala em sua própria cor.
de olhos fechados esperaria
estenderia suas mãos e palmas como folhas,
esperaria até poder ouvir
nos ramos da árvore, no vento
ouviu o verde? dormia
em seu sonho...

Mais solitário jamais

Gottfried Benn

O texto: Avesso à criação primitiva e espontânea, Gottfried Benn escrevia e reescrevia seus poemas várias vezes, deixando-os amadurecer por anos. Para ele, a poesia não tinha o poder de melhorar a vida, mas de modificá-la, alterando o modo de pensar do leitor, ao contrastar sua visão de mundo e aumentar a sensibilidade no tocante à observação do real. Nesse sentido, a poesia não serve apenas para embelezar ou consolar, uma vez que envolve um processo de concepção extremamente complexo dentro da psique humana, para esboçar ou traduzir um estado de espírito diante da realidade, da história ou da própria imaginação. A presente seleção de poemas abrange obras diversas de Benn, dando-nos uma mostra de seu rico imaginário poético.

Textos traduzidos: "Astern"; "Ein Wort"; "Einsamer nie". In. *Statische Gedichte*. Zürich/Hamburg: Arche Verlag, 2000. "Nur zwei Dinge". In. *Sämtliche Werke*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1986. "Mann und Frau gehn durch die Krebsbaracke"; "Schöne Jugend"; "Kleine Aster". In. *Morgue*. Berlin-Wilmersdorf: A. R. Meyer, 1912.

O autor: Gottfried Benn (1886-1956) foi poeta, ensaísta e prosador, um dos mais célebres escritores do Expressionismo alemão, considerado o renovador da poesia lírica em seu país no período do pós-guerra. Autor de *Morgue* (1912), livro que o tornou conhecido no meio literário, em que o poeta transforma o feio em um objeto de contemplação e adota a estética do repulsivo, e também de *Poemas Estáticos* (1948), escrito em sua fase mais madura, em que apresenta uma poesia mais hermética e ainda niilista, influenciada pelo pensamento de Nietzsche. Benn conviveu com a destruição provocada pela guerra, era filho de um pastor evangélico, estudante de teologia e filosofia, antes de voltar-se definitivamente à medicina.

A tradutora: Viviane de Santana Paulo (São Paulo), poeta, tradutora e ensaísta, é autora dos livros *Depois do canto do gurinhatã* (poesia, Multifoco, 2011), *Estrangeiro de Mim* (contos, Gardez!, 2005), *Passeio ao Longo do Reno* (poesia, Gardez!, 2002) e *Em silêncio* (Arc edições, 2014), escrito em parceria com Floriano Martins. Participou das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (Global Editora, 2009) e da *Antología de poesía brasileña* (Huerga Y Fierro, 2007). Vive em Berlim, na Alemanha.

EINSAMER NIE

"Im Weingeruch, im Rausch der Dinge:
Dienst du dem Gegenglück, dem Geist."

GOTTFRIED BENN

NUR ZWEI DINGE

Durch soviel Formen geschritten,
durch Ich und Wir und Du,
doch alles blieb erlitten
durch die ewige Frage: wozu ?

Das ist eine Kinderfrage.
Dir wurde erst spät bewußt,
es gibt nur eines: ertrage
-ob Sinn, ob Sucht, ob Sage –
dein fernbestimmtes: Du mußt.

Ob Rosen, ob Schnee, ob Meere,
was alles erblühte, verblich,
es gibt nur zwei Dinge: die Leere
und das gezeichnete Ich.

GEDICHT

Und was bedeuten diese Zwänge,
halb Bild, halb Wort und halb Kalkül,
was ist in dir, woher die Dränge
aus stillem trauernden Gefühl?

Es strömt dir aus dem Nichts zusammen,
aus Einzelnem, aus Potpourri,
dort nimmst du Asche, dort die Flammen,
du streust und löscht und hütest sie.

Du weißt, du kannst nicht alles fassen,
umgrenze es, den grünen Zaun
um dies und das, du bleibst gelassen,
doch auch gebannt in Mißvertraun.

So tag und Nacht bist du am Zuge,
auch sonntags meißelst du dich ein
und klopfst das Silber in die Fuge,
dann läßt du es – es ist: das Sein.

ASTERN

Astern – schwälende Tage
alte Beschwörung, Bann,
die Götter halten die Waage
eine zögernde Stunde an.

Noch einmal die goldenen Herden
Der Himmel, das Licht, der Flor,
was brütet das alte Werden
unter den sterbenden Flügeln vor?

Noch einmal das Ersehnte,
den Rausch, der Rosen Du –
der Sommer stand und lehnte
und sah den Schwalben zu,

noch einmal ein Vermuten,
wo längst Gewissheit wacht:
die Schwalben streifen die Fluten
und trinken Fahrt und Nacht.

EIN WORT

Ein Wort, ein Satz –: aus Chiffern steigen
erkanntes Leben, jäher Sinn,
die Sonne steht, die Sphären schweigen
und alles ballt sich zu ihm hin.
Ein Wort – ein Glanz, ein Flug, ein Feuer,
ein Flammenwurf, ein Sternenstrich –
und wieder Dunkel, ungeheuer,
im leeren Raum um Welt und Ich.

EINSAMER NIE

Einsamer nie als im August:
Erfüllungsstunde –, im Gelände
die roten und die goldene Brände,
doch wo ist deiner Gärten Lust?
Die Seen hell, die Himmel weich
die Äcker rein und glänzen leise,
doch wo sind Sieg und Siegsbeweise
Aus dem von dir vertretenen Reich?
Wo alles sich durch Glück beweist
und tauscht den Blick und tauscht die Ringe
im Weingeruch, im Rausch der Dinge –:
Dienst du dem Gegenglück, dem Geist.

MANN UND FRAU GEHN DURCH DIE KREBSBARACKE

Der Mann:
Hier diese Reihe sind zerfallene Schöße
und diese Reihe ist zerfallene Brust.
Bett stinkt bei Bett. Die Schwestern wechseln stündlich.
Komm, hebe ruhig diese Decke auf.
Sieh, dieser Klumpen Fett und faule Säfte,
das war einst irgendeinem Mann groß
und hieß auch Rausch und Heimat.
Komm, sieh auf diese Narbe an der Brust.
Fühlst du den Rosenkranz von weichen Knoten?
Fühl ruhig hin. Das Fleisch ist weich und schmerzt nicht.
Hier diese blutet wie aus dreißig Leibern.
Kein Mensch hat so viel Blut.
Hier dieser schnitt man
erst noch ein Kind aus dem verkrebsten Schoß.
Man läßt sie schlafen. Tag und Nacht. -Den Neuen
sagt man: Hier schläft man gesund. -Nur Sontags
für den Besuch läßt man sie etwas wacher.
Nahrung wird wenig noch verzehrt. Die Rücken
sind wund. Du siehst die Fliegen. Manchmal
wäscht sie die Schwester. Wie man Bänke wäscht.
Hier schwillt der Acker schon um jedes Bett.
Fleisch ebnet sich zu Land. Glut gibt sich fort.
Saft schickt sich an zu rinnen. Erde ruft.

SCHÖNE JUGEND

Der Mund eines Mädchens, das lange im Schilf gelegen hatte
sah so angeknabbert aus.
Als man die Brust aufbrach
war die Speiseröhre so löcherig.
Schließlich, in einer Laube unter dem Zwerchfell
fand man ein Nest von jungen Ratten.
Ein kleines Schwesterchen lag tot.
Die anderen lebten von Leber und Niere,
tranken das kalte Blut und hatten
hier eine schöne Jugend verlebt.
Und schön und schnell kam auch ihr Tod:
Man warf sie allesamt ins Wasser.
Ach, wie die kleinen Schnauzen quietschen!

KLEINE ASTER

Ein ersoffener Bierfahrer wurde auf den Tisch gestemmt.
Irgendeiner hatte ihm eine dunkelhellila Aster
zwischen die Zähne geklemmt.
Als ich von der Brust aus
unter der Haut
mit einem langen Messer
Zunge und Gaumen herausschnitt,
muß ich sie angestoßen haben, denn sie glitt
in das nebenliegende Gehirn.
Ich packte sie ihm in die Brusthöhle
zwischen die Holzwolle,
als man zunähte.
Trinke dich satt in deiner Vase!
Ruhe sanft,
kleine Aster!

MAIS SOLITÁRIO JAMAIS

"No aroma dos vinhos, no embriagante dos momentos:
Tu serves ao reverso da felicidade, ao pensamento."

GOTTFRIED BENN

SOMENTE DUAS COISAS

Por tantas formas caminhadas
Por mim, nós e tu permeadas
mas tudo permanece submetido
à eterna questão: qual o
sentido?

É uma dúvida pueril.
Tarde tu te destes conta,
apenas para algo aponta: ter que suportar
– se o significado, o vício, a palavra –
tua longa predestinação: precisar

Se rosas, mares, céu
tudo que floresce, desvigora
há somente duas coisas: o vazio
e o traçado Eu.

POESIA

O que significa esta obsessão,
metade imagem, metade palavra e conciso,
o que no interior, de onde a inquietação
de silente melancólico sentido?

Jorra-te tudo junto advindo do nada
dos detalhes, das miscelâneas
tu recolhes dali cinzas, dali chamas,
tu as espalhas, dirimes e as resguardas.

Sabes, não é possível tudo captar,
cingir, erguer o verde alambrado
aqui e ali, e tu permaneces sossegado,
e também aguçado pela desconfiança.

Assim dia e noite permaneces na iminência,
igual nos domingos tu te aprofundas
e malhas a prata nas ranhuras,
depois deixas – é isso: a existência.

ÁSTER

Áster – dias intumescidos,
antigo juramento, banida miragem,
os deuses seguram a carruagem
por um momento hesitante.

Mais uma vez os rebanhos dourados
o firmamento, a luz, a florescência,
de onde engendra a velha deiscência
debaixo das asas efêmeras?

Mais uma vez o talante
o inebriante, das rosas tu –
o verão veio e exuberante
e contemplou as andorinhas do sul,

mais uma vez a incerteza,
onde há muito a consciência age
as andorinhas tocam a correnteza:
a bebem viagem e voragem.

UMA PALAVRA

Uma palavra, uma frase – jorra dos signos
vida reconhecida, abrupto sentido,
o sol nasce, esferas em silêncio
e tudo choca-se nisso.
Uma palavra, um brilho, asa e fogo,
uma faísca em chama, uma estrela no breu –
e de novo o escuro, monstruoso,
no espaço vazio entre o mundo e eu.

MAIS SOLITÁRIO JAMAIS

Mais solitário em agosto não pode ser:
Horas de plenitude –, nos descampados
Os ardentes fulvos e dourados,
Mas de teus jardins onde o prazer?
Os lagos claros, o suave do céu assenta,
Os campos alvos e brilhando fraco,
Mas onde estão a vitória e seu facho
Do reinado que tu representas?
Onde tudo se deixa pela sorte comprovado
E os anéis invertidos, o olhar trocado
No aroma dos vinhos, no embriagante dos momentos: –
Tu serves ao reverso da felicidade[1], ao pensamento.

[1] *reverso da felicidade* ou anti-felicidade (*Gegenglück*), neologismo criado por Gottfried Benn, possui um significado filosófico. Não quer dizer simplesmente o contrário da felicidade (a tristeza), mas aquilo que está inerente ao intelecto. É algo positivo e duradouro e se contrapoe ao transitório e superficial existente na felicidade, na vida factual. Segundo interpretação de Kleßmann e Reich-Ranicki, o *Gegenglück* de Benn "é o espírito independente das vicissitudes materiais e da vida aleatória". (n.t.)

HOMEM E MULHER VISITAM O PAVILHÃO DOS CANCEROSOS

Homem:
aqui, estas fileiras são dos ventres cancerosos
e esta fileira dos seios cancerosos.
Leito por leito fétido. As enfermeiras se revezam de hora em hora.
Venha, pode levantar esta coberta.
Olhe, este amontoado de gordura e secreção pútrida,
já foi antes um homem
e também representava o inebriante e a pátria.
Venha, olhe para esta cicatriz no peito.
Está sentindo o relevo macio e branco?
Pode tocá-lo, a carne é macia e não dói.
Aqui, esta sangra como trinta corpos.
Ninguém tem tanto sangue assim.
Aqui, desta tiveram que tirar primeiro
uma criança de dentro do ventre carcinomatoso.
Deixam-nas dormirem. Dia e noite. – Às novas
se diz: aqui se dorme até ficar sã. – Só aos domingos
podem ficar um pouco conscientes, para a visita.
Alimento é pouco ingerido. As costas
estão em chagas. Você vê as moscas. De vez em quando
a enfermeira as banha, como se tivesse lavando bancos.
Aqui, por cada leito o túmulo incha
Carne nivela-se a terra. A energia se esvai.
Sangue escorre incessante. A cova clama.

BELA JUVENTUDE

A boca de uma menina, que permaneceu muito tempo no canavial
parecia bastante roída.
Quando lhe abriram o tórax,
o esôfago estava todo esburacado.
Por fim, no meio das folhagens abaixo do diafragma
encontraram um ninho de ratos recém-nascidos.
Uma irmãzinha morrera.
Os outros viveram do fígado e dos rins,
beberam do sangue frio e tiveram
uma juventude feliz.
E bem e rápida também veio a morte deles:
Foram todos jogados na água.
Ah, como os ratinhos chiavam!

PEQUENO ÁSTER

Um motorista de caminhão de cerveja afogado foi colocado sobre a mesa.
Alguém lhe fincou um áster violeta escuro-claro
entre os dentes.
Quando extraí com uma longa faca
a partir do peito
por baixo da pele
a língua e o palato,
devo ter tocado nele, pois
deslizou para o lado do cérebro.
Eu o peguei da cavidade torácica
no meio do chumaço de madeira[2]
ao costurá-lo.
Sacie-se dentro do vaso!
Descanse em paz,
pequeno áster!

[2] algodão/chumaço de madeira (*Holzwolle*) usado no preparo dos cadáveres. Os órgãos são extraídos e as cavidades ósseas preenchidas com o *chumaço de madeira* ou pequenas fibras de madeira. É usado também no preenchimento do espaço interno de embalagens. (n.t.)

Sentimentos de ausência

Juana Inés de la Cruz

O texto: Esta seleção apresenta três poemas de Juana Inés de La Cruz, a partir da edição de suas *Poesías Completas*, organizada por Ermilo Abreu Gómez (1948): os sonetos VII "Contiene una fantasía contenta con amar decente" e XV "De una reflexión cuerda con que mitiga el dolor de una pasión", e da seção *Liras*, o poema II "Que expresa sentimiento de ausente". A poesia amorosa de Sóror Juana, presente sobretudo em seus sonetos, assume a longa tradição de modelos medievais oriundos do Renascimento espanhol, que evoluíram até o Barroco, sem qualquer ruptura. Em sua lírica, encontram-se desde as típicas antíteses petrarquistas aos lamentos e queixas próprios do amor cortês medieval.

Texto traduzido: Cruz, Sor Juana Inés de La. *Poesías completas*. Ed. popular revisada por Ermilo Abreu Gómez. México: Botas, 1948.

A autora: Sóror Juana Inés de la Cruz (1651-1695), religiosa católica, dramaturga e poetisa barroca nova-espanhola (mexicana), chamada de "a Fênix da América" e também de "A décima Musa", foi uma das últimas expoentes da literatura do *Século de Ouro* espanhol. Sua vasta obra, considerada, por muitos, uma lição de ousadia intelectual e lucidez crítica frente à sua época, é composta de poemas, peças de teatro, escritos filosóficos, discussões teológicas e epistolário.

A tradutora: Giane Oliveira é formada em Serviço Social pela UNITINS, com pós-graduação em Tradução de Espanhol pela Universidade Estácio de Sá. Desenvolve trabalhos de tradução, em especial, na área literária. Para a (n.t.) já traduziu José Azorín.

Sentimientos de ausente

"Amado dueño mío: escucha un rato
mis cansadas quejas."

JUANA INÉS DE LA CRUZ

QUE EXPRESA SENTIMIENTO DE AUSENTE

Liras II

Amado dueño mío:
escucha un rato mis cansadas quejas,
pues del viento las fío
que breve las conduzca a tus orejas,
si no se desvanece el triste acento
como mis esperanzas en el viento.

Óyeme con los ojos,
ya que están tan distantes los oídos
y de ausentes enojos
en ecos de mi pluma mis gemidos;
y ya que a ti no llega mi voz ruda,
óyeme sordo, pues me quejo muda.

Si del campo te agradas,
goza de sus frescuras venturosas,
sin que aquestas cansadas
lágrimas te detengan enfadosas;
que en él verás, si atento te entretienes,
ejemplo de mis males y mis bienes.

Si al arroyo parlero
ves galán de las flores en el prado,
que amante y lisonjero
a cuantas mira íntima su cuidado,
en su corriente mi dolor te avisa
que a costa de mi llanto tiene risa.

Si ves que triste llora
su esperanza marchita en ramo verde,
tórtola gemidora,
en él y en ella mi dolor te acuerde
que imitan con verdor y con lamento
él mi esperanza y ella mi tormento.

Si la flor delicada,
si la peña, que altiva no consiente
del tiempo ser hollada,
ambas me imitaban, aunque variamente,
ya con fragilidad, ya con dulzura,
mi dicha aquélla, y ésta mi firmeza.

Si ves el ciervo herido
que baja por el monte acelerado
buscando, dolorido,
alivio al mal en un arroyo helado,
y sediento al cristal se precipita,
no en el alivio, en el dolor me imita.

Si la liebre encogida
huye medrosa de los galgos fieros,
y por salvar la vida
no deja estampa de los pies ligeros,
tal mi esperanza en dudas y recelos
se ve acusada de villanos celos.

Si ves el cielo claro,
tal es la sencillez del alma mía;
y si, de luz avaro,

de tinieblas emboza el claro día,
es con su oscuridad y su inclemencia
imagen de mi vida en esta ausencia.

Así que, Fabio amado,
saber puedes mis males sin costarte
la noticia cuidado,
pues puedes de los campos informarte,
y pues yo a todo mi dolor ajusto,
saber mi pena sin dejar tu gusto.

Mas ¿cuándo (¡ay gloria mía!)
mereceré gozar tu luz serena?
¿Cuándo llegará el día
que pongas dulce fin a tanta pena?
¿Cuándo veré tus ojos, dulce encanto,
y de los mios quitarás el llanto?

¿Cuándo tu voz sonora
herirá mis oídos, delicada,
y el alma que te adora,
de inundación de gozos anegada,
a recibirte con amante prisa
saldrá a los ojos desatada en risa?

¿Cuándo tu luz hermosa
revestirá de gloria mis sentidos?
¿Y cuándo yo dichosa,
mis suspiros daré por bien perdidos,
teniendo en poco el precio de mi llanto?
¡Que tanto ha de penar quien goza tanto!

¿Cuándo de tu apacible
rostro alegre veré el semblante afable
y aquel bien indecible
a toda humana pluma inexplicable?
Que mal se ceñirá a lo definido
lo que no cabe en todo lo sentido.

Ven, pues, mi prenda amada,
que ya fallece mi cansada vida
de esta ausencia pesada;
ven, pues, que mientras tarda tu venida,
aunque me cueste su verdor enojos,
regaré mi esperanza con mis ojos.

CONTIENE UNA FANTASÍA CONTENTA CON AMAR DECENTE

Soneto VII

Detente, sombra de mi bien esquivo,
imagen del hechizo que más quiero,
bella ilusión por quien alegre muero,
dulce ficción por quien penosa vivo.

Si al imán de tus gracias atractivo
sirve mi pecho de obediente acero,
¿para qué me enamoras lisonjero,
si has de burlarme luego fugitivo?

Mas blasonar no puedes satisfecho
de que triunfa de mí tu tiranía;
que aunque dejas burlado el lazo estrecho

que tu forma fantástica ceñía,
poco importa burlar brazos y pecho
si te labra prisión mi fantasía.

DE UNA REFLEXIÓN CUERDA CON QUE MITIGA EL DOLOR DE UNA PASIÓN

Soneto XV

Con el dolor de la mortal herida,
de un agravio de amor me lamentaba,
y por ver si la muerte se llegaba
procuraba que fuese más crecida.

Toda en el mal el alma divertida,
pena por pena su dolor sumaba,
y en cada circunstancia ponderaba
que sobraban mil muertes a una vida.

Y cuando, al golpe de uno y otro tiro
rendido el corazón, daba penoso
señas de dar el último suspiro,

no sé con qué destino prodigioso
volví a mi acuerdo y dije: ¿qué me admiro?
¿Quién en amor ha sido más dichoso?

Sentimentos de ausência

"Meu dom Amado: escuta por ora
minhas cansadas queixas."

JUANA INÉS DE LA CRUZ

QUE EXPRESSA SENTIMENTO DE AUSÊNCIA

Liras II

Meu dom Amado:
escuta por ora minhas cansadas queixas,
pois que o vento aliado
em breve as conduzirá a tuas orelhas,
se não se desvanece o triste acento
como minha esperança ao vento.

Ouve-me com os olhos,
já que estão tão distantes os ouvidos
e de ausentes engulhos
nos ecos de minha pena meus gemidos;
e já que a ti não chega minha rude voz,
ouve-me surdo, pois me queixo a sós.

Se do campo te agradas,
goza de suas frescuras venturosas,
sem que aquelas cansadas
lágrimas te detenham enfadosas;
que nele verás, se atento te entreténs,
o exemplo de meus males e meus bens.

Se no arroio faladeiro
vês o galã das flores no prado,
que amante e lisonjeiro
enquanto passa, intima seu cuidado,
sua corrente da minha dor te diz
mas às custas de meu pranto ris.

Se vês que triste chora
sua esperança murcha, em ramo verde,
rolinha gemedora,
nele e nela minha dor te lembre,
que imitam com verdor e com lamento,
ele, minha esperança, e ela, meu tormento.

Se a flor delicada,
se a rocha, que altiva não consente
do tempo ser pisada,
ambas me imitavam, ainda que distintamente,
já com fragilidade, já com doçura,
aquela, minha sorte, e esta, minha firmeza.

Se vês o cervo ferido
que desce pelo monte acelerado,
buscando, dolorido,
alívio do mal em um arroio gelado,
e sedento ao cristal se precipita,
não no alívio, mas na dor, me imita.

Se a lebre encolhida
foge medrosa dos galgos ferozes,
e por salvar a vida
não deixa rastros dos pés velozes,
tal minha esperança em dúvidas e receios
se vê acusada por vis zelos.

Se vês o céu claro,
tal de minha alma é a graça;
e se, de luz avaro,

de trevas o claro dia se disfarça,
é com sua escuridão e clemência,
imagem de minha vida nesta ausência.

Assim que, Fabio amado
podes saber dos meus males sem te custar
a notícia cuidado,
pois podes dos campos te informar,
e eu, então, a toda minha dor me ajusto,
saber minha pena sem deixar teu gosto.

Mas quando(ai, glória minha!)
merecerei gozar tua luz serena?
Quando chegará o dia
em que ponhas doce fim a tanta pena?
Quando verei teus olhos, doce encanto,
e dos meus tirarás o pranto?

Quando tua voz sonora
ferirá meus ouvidos, delicada,
e a alma que te adora,
de inundações de gozo anegada,
a receber-te com pressa de amado
trará nos olhos um riso desatado?

Quando tua luz formosa
revestirá de glória meus sentidos?
E quando eu ditosa,
meus suspiros darei por fim perdidos,
tendo em pouco o preço de meu pranto?
Quanto há de penar quem goza tanto!

Quando de teu aprazível
rosto alegre verei o semblante afável
e aquele bem indizível
a toda humana pena inexplicável?
De que mal se cingirá o definido
o qual não cabe em todo o sentido.

Vem, pois, minha prenda amada,
que já falece minha cansada vida
desta ausência pesada;
vem, pois, que enquanto tarda tua vinda,
ainda que me custe seu verdor engulhos,
regarei minha esperança com meus olhos.

CONTÉM UMA FANTASIA CONTENTE COM AMOR DECENTE

Soneto VII

Detém-te, sombra de meu bem esquivo
imagem do feitiço que mais quero,
bela ilusão por quem alegre morro,
doce ficção por quem penosa vivo.

Se ao íman de tuas graças atrativo
serve meu peito de obediente aceiro,
para que me enamoras lisonjeiro,
se hás de burlar-me sendo fugitivo?

Mas brasonar não podes satisfeito
de que triunfa sobre mim tua tirania;
e ainda que deixes escarnido o laço estreito

que tua forma fantástica cingia,
pouco importa iludir braços e peito
se te lavra prisão minha fantasia.

DE UMA REFLEXÃO CORDATA QUE MITIGA COM A DOR DE UMA PAIXÃO

Soneto XV

Com a dor da mortal ferida,
de um agravo de amor me lamentava,
e por ver se a morte se achegava
procurava que fosse mais crescida.

Toda em seu mal a alma divertida,
pena por pena sua dor somava,
e em cada circunstância ponderava
que sobravam mil mortes a uma vida.

E quando, ao passo de um e outro tiro
rendido o coração, dava penoso
sinais de dar o último suspiro,

não sei por qual destino prodigioso
voltei a recordar e disse: de que me admiro?
Quem, no amor, teria sido mais ditoso?

A MORTE AOS PÉS DA POESIA
ÓSCAR HAHN

O TEXTO: A crítica literária reconhece na poesia de Óscar Hahn uma originalidade e relevância indiscutível no contexto poético hispano-americano. Entre outros aspectos, relacionados à sua biografia, destacam o uso que o poeta faz de elementos intertextuais, como crônicas de jornal, fatos históricos e o diálogo permanente com autores e obras da literatura universal. Apresenta-se uma breve seleção de poemas do autor, abarcando três décadas de sua poesia, desde o livro *Arte de Morir*, de 1977, até *La primera oscuridad*, de 2011.

Textos traduzidos: In. *Arte de Morir*. Buenos Aires: Hispamérica, 1977. In. *Mal de Amor*. Santiago: Ediciones Ganymedes, 1981. In. *Estrellas fijas en un cielo blanco*. Santiago: Editorial Universitaria, 1988. "Sastrería"; "Hueso"; "Violín". In. *Apariciones profanas*. Santiago: LOM, 2002. "Parábola del triángulo". In. *Pena de vida*. Santiago: LOM, 2008. "Cosas que se escuchan". In. *La primera oscuridad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

Agradecimentos: ao poeta Óscar Hahn, pela concessão dos direitos de publicação da presente seleção.

O AUTOR: Óscar Hahn (1938) é poeta e crítico literário chileno, integrante da Geração Literária de 1960, conhecida como a geração dispersa. Em 1972, obteve o *Master of Arts*, na Universidade de Iowa, voltando ao seu país para trabalhar como professor de literatura, até o golpe militar de 1973. Um ano depois, partiu para o exílio, radicando-se nos Estados Unidos. Por sua obra, foi laureado com diversos prêmios literários, entre eles: Casa de América de Poesía (2006), Premio Poesía José Lezama Lima (2008) e Premio Iberoamericano de Poesía Pablo Neruda (2011). Atualmente, é professor de Literatura Hispano-americana na Universidade de Iowa, autor de inúmeros artigos e ensaios para revistas especializadas.

A TRADUTORA: Nina Rizzi (SP, 1983). É historiadora, escritora e tradutora. Autora de *tambores pra n'zinga* (Orpheu, 2012), *caderno-goiabada* (Ellenismos, 2012), *Susana Thénon: Habitante do Nada* (Ellenismos, 2013) e *A Duração do Deserto* (Patuá, 2014). Atualmente prepara a antologia *Tratado de Sortilégios*, com seleção e prefácio de Mario Meléndez, a ser publicada em breve. Para a (n.t.) já traduziu Alejandra Pizarnik.

La muerte a los pies de la poesía

"Y tengo miedo de que mi cuerpo empiece a crecer
hasta alcanzar el tamaño de mi muerte."

ÓSCAR HAHN

LA MUERTE ESTÁ SENTADA A LOS PIES DE MI CAMA

Mi cama está deshecha: sábanas en el suelo
y frazadas dispuestas a levantar el vuelo.
La muerte dice ahora que me va a hacer la cama.
Le suplico que no, que la deje deshecha.
Ella insiste y replica que esta noche es la fecha.
Se acomoda y agrega que esta noche me ama.
Le contesto que cómo voy a ponerle cuernos
a la vida. Contesta que me vaya al infierno.
La muerte está sentada a los pies de mi cama.
Esta muerte empeñosa se calentó conmigo
y quisiera dejarme más chupado que un higo.
Yo trato de espantarla con una enorme rama.
Ahora dice que quiere acostarse a mi lado
sólo para dormir, que no tenga cuidado.
Por respeto me callo que sé su mala fama.
La muerte está sentada a los pies de mi cama.

Arte de Morir (1977)

GLADIOLOS JUNTO AL MAR

Gladiolos rojos de sangrantes plumas
lenguas del campo llamas olorosas:
de las olas azules amorosas
cartas os llegan: pálidas espumas

Flotan sobre las alas de las brumas
epístolas de polen numerosas
donde a las aguas piden por esposas
gladiolos rojos de sangrantes plumas

Movidas son las olas por el viento
y el pie de los gladiolos van besando
al son de un suave y blando movimiento

Y en cada dulce flor de sangre inerte
la muerte va con piel de sal entrando
y entrando van las flores en la muerte

Arte de Morir (1977)

CAFICHE DE LA MUERTE

Como carne de cóndores hirvientes
o de tordos quemados como cresta
del rojo al negro se cambió la fiesta
y en silencio se fueron los clientes

Se nos vació no más todo el prostíbulo
se vaciaron las camas y los bares
y todas las que estábamos de a pares
sollozamos de a una en el vestíbulo

Por el pasillo viene la señora
siempre tan maternal siempre a la hora
con su taza de té y un trago fuerte

Para qué te moriste desgraciado
Mira mi pobre cuarto desolado
tipo traidor: cafiche de la muerte

Arte de Morir (1977)

A LA UNA MI FORTUNA

Estuve toda la noche parado frente a tu puerta
esperando que salieran tus sueños

A la una salió una galería de espejos
a las dos salió una alcoba llena de agua
a las tres salió un hotel en llamas
a las cuatro salimos tú y yo haciendo el amor
a las cinco salió un hombre con una pistola
a las seis se oyó un disparo y despertaste
A las siete saliste apurada de tu casa
a las ocho nos encontramos en el Hotel Valdivia
a las nueve nos multiplicamos en los espejos
a las diez nos tendimos en la cama de agua
a las once hicimos el amor hasta el exterminio

Ahora son las doce del día
y tengo entre mis brazos
al cuerpo de todos mis delitos

Mal de amor (1981)

NACIMIENTO DEL FANTASMA

Entré en la sala de baño
cubierto con la sábana de arriba

Dibujé tu nombre en el espejo
brumoso por el vapor de la ducha

Salí de la sala de baño
y miré nuestra cama vacía

Entonces sopló un viento terrible
y se volaron las líneas de mis manos
las manos de mi cuerpo
y mi cuerpo entero aún tibio de ti

Ahora soy la sábana ambulante
el fantasma recién nacido
que te busca de dormitorio en dormitorio

Mal de amor (1981)

¿POR QUÉ ESCRIBE USTED?

Porque el fantasma porque ayer porque hoy
porque mañana porque sí porque no
Porque el principio porque la bestia porque el fin
porque la bomba porque el medio porque el jardín

Porque góngora porque la tierra porque el sol
porque san juan porque la luna porque rimbaud
Porque el claro porque la sangre porque el papel
porque la carne porque la tinta porque la piel

Porque la noche porque me odio porque la luz
porque el infierno porque el cielo porque tú
Porque casi porque nada porque la sed

porque el amor porque el grito porque no sé
Porque la muerte porque apenas porque más
porque algún día porque todos porque quizás

Estrellas fijas en un cielo blanco (1988)

EL ENCUENTRO

Anoche soñé con mi padre muerto
Venía caminando por un largo sendero
y traía una flor en la mano

Nos abrazamos en el umbral
que separa la vida de la muerte

Me preguntó
que cómo había llegado hasta ahí
que si había cruzado el Aqueronte

Te he esperado toda la muerte dijo mi padre
y te seguiré esperando

Y se alejó por el largo sendero
con su flor en la mano

Apariciones profanas (2002)

SASTRERÍA

Me he probado la muerte como un traje
que por ahora me queda grande

Y tengo mucho miedo
de que mi cuerpo empiece a crecer
hasta alcanzar el tamaño de mi muerte

y que de pronto la ropa me quede bien:
los zapatos holgados
la camisa impecable

el traje a la medida

Apariciones profanas (2002)

HUESO

Curiosa es la persistencia del hueso
su obstinación en luchar contra el polvo
su resistencia a convertirse en ceniza

La carne es pusilánime
Recurre al bisturí a ungüentos y a otras máscaras
que tan sólo maquillan el rostro de la muerte

Tarde o temprano será polvo la carne
castillo de cenizas barridas por el viento

Un día la picota que excava la tierra
choca con algo duro: no es roca ni diamante

es una tibia un fémur unas cuantas costillas
una mandíbula que alguna vez habló
y ahora vuelve a hablar

Todos los huesos hablan penan acusan
alzan torres contra el olvido
trincheras de blancura que brilla en la noche

El hueso es un héroe de la resistencia

Apariciones profanas (2002)

VIOLÍN

Ese árbol
tiene un violín adentro

No fue tallado aún pero está adentro

Espera el día de la resurrección
árbol adentro

Dijo el señor Stradivarius:

tengo que rescatar a ese violín
tengo que quitarle la corteza
y verlo respirar al aire libre

Tengo que oírlo cantar para mí

Ese violín
tiene un árbol adentro
tiene flores que escuchan la música callada

Tiene pájaros

Apariciones profanas (2002)

PARÁBOLA DEL TRIÁNGULO

Había una vez
dos ángulos inferiores
que planeaban eliminar
al ángulo superior

Olvidaron sin embargo
un principio elemental

Ningún triángulo puede existir
con dos ángulos

Perpetrado el crimen
y como era de esperar
el triángulo completo
desapareció del mapa
Y con él los victimarios

En el diseño del universo
nadie está libre de cavarse
su propia tumba

Pena de vida (2008)

COSAS QUE SE ESCUCHAN

Qué extraño es sentir el sonido de la lluvia
cuando no está lloviendo
mirar por la ventana las calles secas
y sentir el sonido incesante de la lluvia
Ahora escucho el crujido de una silla mecedora
Alguien teje alguien se para
alguien entra con unas tazas de té
alguien hace ruido con la vajilla
Qué extraño es sentir el quejido
de una silla mecedora
cuando nadie se está meciendo
el tintinear de la vajilla
cuando nadie está poniendo la mesa
la algarabía de los invitados
cuando las sillas están vacías
y el sonido de la lluvia
el persistente sonido de la lluvia
cuando no está lloviendo

La primera oscuridad (2011)

A MORTE AOS PÉS DA POESIA

"E tenho medo que meu corpo comece a crescer
até alcançar o tamanho da minha morte"

ÓSCAR HAHN

A MORTE ESTÁ SENTADA AOS PÉS DA MINHA CAMA

Minha cama está desfeita: lençóis no chão
e cobertores dispostos a levantar voo.
A morte diz agora que vai arrumar a cama para mim.
Suplico que não, que a deixe desfeita.
Ela insiste e replica que esta noite é o grande dia.
Acomoda-se e acrescenta que esta noite me ama.
Respondo-lhe como vou pôr chifres
na vida? E ela me diz que eu vá para o inferno.
A morte está sentada aos pés da minha cama.
Esta morte resoluta se excitou comigo
E quer me deixar mais chupado que um figo.
Trato de enxotá-la com um ramo enorme.
Agora diz que quer se deitar ao meu lado
Só para dormir, que não me assuste.
Por respeito não digo que conheço sua má fama.
A morte está sentada aos pés de minha cama.

Arte de Morir (1977)

GLADÍOLOS JUNTO AO MAR

Gladíolos vermelhos de sangrantes plumas
línguas do campo chamas cheirosas:
das ondas azuis amorosas
recebem cartas: pálidas espumas

Flutuam sobre as asas das brumas
epístolas de pólen numerosas
onde às águas pedem por esposas
gladíolos vermelhos de sangrantes plumas

Movidas são as ondas pelo vento
e o pé dos gladíolos vão beijando
ao som de um suave e brando movimento

E em cada doce flor de sangue inerte
A morte vai com pele de sal entrando
E entrando vão as flores na morte

Arte de Morir (1977)

CAFETÃO DA MORTE

Como carne de condores ferventes
ou de tordos queimados como crista
do vermelho ao negro mudou a festa
e em silêncio se foram os clientes

Esvaziou-se, no mais, todo o prostíbulo
esvaziaram-se as camas e os bares
e todas as que estávamos em pares
soluçamos sozinhas no vestíbulo

Pelo corredor vem a senhora
sempre tão maternal sempre na hora
com sua xícara de chá e um trago forte

Porque morreste desgraçado
Olha meu pobre quarto desolado
tipo traidor: cafetão da morte

Arte de Morir (1977)

A UMA FORTUNA MINHA

Estive toda a noite parado à tua porta
esperando que teus sonhos saíssem

À uma saiu uma galeria de espelhos
às duas saiu uma alcova cheia d'água
às três saiu um hotel em chamas
às quatro saímos tu e eu fazendo amor
às cinco saiu um homem com um revólver
às seis se ouviu um disparo e despertaste
Às sete saíste apressada de tua casa
às oito nos encontramos no Hotel Valdivia
às nove nos multiplicamos nos espelhos
às dez nos estendemos na cama de água
às onze fizemos amor até o extermínio

Agora é meio-dia
e tenho entre meus braços
o corpo de todos meus delitos

Mal de amor (1981)

NASCIMENTO DO FANTASMA

Entrei no banheiro
coberto com o lençol da cama

Desenhei teu nome no espelho
embaçado pelo vapor da ducha

Saí do banheiro
e olhei nossa cama vazia

Então soprou um vento terrível
e voaram as linhas das minhas mãos
as mãos de meu corpo
e meu corpo inteiro ainda morno de você

Agora sou o lençol ambulante
o fantasma recém-nascido
que te busca de quarto em quarto

Mal de amor (1981)

PORQUE VOCÊ ESCREVE?

Porque o fantasma porque ontem porque hoje
porque amanhã porque sim porque não
Porque o início porque a fera porque o fim
porque a bomba porque o meio porque o jardim

Porque gôngora porque a terra porque o sol
porque são joão porque a lua porque rimbaud
Porque o claro porque o sangue porque o papel
porque a carne porque a tinta porque a pele

Porque a noite porque me odeio porque a luz
porque o inferno porque o céu porque tu
Porque quase porque nada porque a sede

porque o amor porque o grito porque não sei
Porque a morte porque apenas porque mais
porque algum dia porque todos porque talvez

Estrellas fijas en un cielo blanco (1988)

O ENCONTRO

Ontem à noite sonhei com meu pai morto
Vinha caminhando por um longo caminho
e trazia uma flor na mão

Abraçamos-nos no umbral
que separa a vida da morte

Perguntou-me
como eu havia chegado até ali
se havia cruzado o Aqueronte

Esperei-te toda a morte disse meu pai
e seguirei a te esperar

E se afastou pelo longo caminho
com sua flor na mão

Apariciones profanas (2002)

ALFAIATARIA

Provei a morte como um traje
que desde já me fica grande

E tenho muito medo
que meu corpo comece a crescer
até alcançar o tamanho da minha morte

e que de repente a roupa me vista bem:
os sapatos folgados
a camisa impecável

o traje na medida

Apariciones profanas (2002)

OSSO

Curiosa é a persistência do osso
sua obstinação em lutar contra o pó
sua resistência a se converter em cinza

A carne é pusilânime
Recorre ao bisturi a unguentos e a outras máscaras
que tão somente maquiam o rosto da morte

Cedo ou tarde será pó a carne
castelo de cinzas varridas pelo vento

Um dia a picota que escava a terra
choca com algo duro: não é rocha nem diamante

é uma tíbia um fêmur algumas costelas
uma mandíbula que alguma vez falou
e agora volta a falar

Todos os ossos falam agonizam acusam
alçam torres contra o esquecimento
trincheiras de brancura que brilha na noite

O osso é um herói da resistência

Apariciones profanas (2002)

VIOLINO

Essa árvore
tem um violino adentro

Não foi talhado anda mas está adentro

Espera o dia da ressurreição
árvore adentro

Disse o senhor Stradivarius:

tenho que resgatar esse violino
tenho que retirar a casca que o aprisiona
e vê-lo respirar o ar livre

Tenho que ouvi-lo cantar para mim

Esse violino
tem uma árvore adentro
tem flores que escutam a música silenciosa

Tem pássaros

Apariciones profanas (2002)

PARÁBOLA DO TRIÂNGULO

Era uma vez
dois ângulos inferiores
que planejavam eliminar
o ângulo superior

Esqueceram entretanto
um princípio elementar

Nenhum triângulo pode existir
com dois ângulos

Perpetrado o crime
e como era de se esperar
o triângulo completo
desapareceu do mapa
E com ele os vitimários

No desenho do universo
ninguém está livre de cavar
sua própria cova

Pena de vida (2008)

COISAS QUE SE ESCUTAM

Que estranho é sentir o som da chuva
quando não está chovendo
olhar pela janela as ruas secas
e sentir o som incessante da chuva
Agora escuto o rangido de uma cadeira de balanço
Alguém tece alguém levanta
alguém entra com umas xícaras de chá
alguém faz ruído com a louça
Que estranho é sentir o gemido
de uma cadeira de balanço
quando ninguém está se balançando
o tilintar da louça
quando ninguém está pondo a mesa
a tagarelice dos convidados
quando as cadeiras estão vazias
e o som da chuva
o persistente som da chuva
quando não está chovendo

La primera oscuridad (2011)

Retratos mal falados

Leonel Alvarado

O texto: Ainda inéditas, as poesias coletadas em *retratos mal hablados* revelam um eu-poético em intenso diálogo com a história familiar, local e global, explorando assuntos como infância e juventude em Honduras e na América Latina, além de outros temas atemporais como guerra e religião. O livro é dividido em duas partes: *alvaradismos*, em que o poeta explora as possibilidades semânticas do nome de sua família que é, ao mesmo tempo, genealogia e história, árvore e raiz; e *mínimos males*, em que deixa de lado sua árvore genealógica e olha o mundo e a literatura através de uma espécie de sentimentalismo alcoólico e também científico, mediado por reações químicas do corpo, mas de qualquer forma, um sentimentalismo alterado pelo homem, ou por um Deus que, a imagem do homem, também erra.

Texto traduzido: Alvarado, Leonel. *retratos mal hablados*. Livro inédito (Mención Premio Casa de las Américas, 2013).

Agradecimentos: ao poeta Leonel Alvarado, pela concessão dos direitos de publicação da presente seleção.

O autor: Leonel Alvarado (Honduras, 1967), autor de diversos prêmios literários, publicou *Vida y obra de Bulnes el memorioso* (2007), *Diario del odio* (1996); *El reino de la zarza* (1993); *Sombras de hombres* (1992) e *Casa vacía* (poesia, 1991). É doutor em literatura hispano-americana pela Universidade de Maryland. Foi professor de língua espanhola e literatura hispano-americana na Universidade Nacional Autônoma de Honduras, na Universidade de Shippensburg, e, atualmente, é professor na Universidade de Massey, Nova Zelândia.

O tradutor: Marcelo Mendes de Souza (Brasil 1976) é doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Em sua tese, estabeleceu uma comparação entre Machado de Assis e Jorge Luis Borges com autores e críticos de língua inglesa. Possui mestrado e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com tese sobre João do Rio. Publicou diversos artigos acadêmicos em revistas nacionais e internacionais, além de uma coleção de contos em português.

RETRATOS MAL HABLADOS

"Hijos de la necesidad no mirábamos barcos en las nubes
nadie estaba para viajes y los adioses enmudecían."

LEONEL ALVARADO

LAS VACAS DE BERTOLUCCI: POSIBLE ESCENA DE 1900

cuando lo habíamos perdido todo
mi padre nos enseñó a ordeñar las vacas
que mirábamos en las nubes. entre risas
decía que era como meterse a robar
al potrero de Dios. el truco
era esperar que el arcángel y su mujer
estuvieran profundamente dormidos.

mi padre se bajaba de la mula
que no tenía y nos iba
señalando las ubres generosas.
la leche era caliente y triste
como debía ser su sangre en esos días.

sus hijos prendidos a las tetas
del cielo, mamando
sus promesas de calostro,
el calcio de sus huesos, el sudor
más necesario de su cuerpo.

él trajinado, distrayendo con sus cuentos
a Dios, enamorando a la mujer
del arcángel para que le confiara
la llave del portón. después se aparecía

arreando lo que había dejado de tener
y lo que ahora más tenía: sus ansias
de padrón, sus ganas de lechero,
su pericia de capataz de vacas
que Dios inventaba con su aliento.

(en días de abundancia cada uno salía
al patio, plato y salero en mano, a rebanar
su asado de la vaca que hacía su última cena
en el jardín. los de modestas ambiciones
se conformaban con transar una pechuga
en el cuartel de las gallinas.)

hijos de la necesidad sus hijos
no mirábamos barcos en las nubes.
nadie estaba para viajes y los adioses
enmudecían en la boca del estómago.

TEEN SPIRIT

Smells like teen spirit.
Kurt Cobain

1

entre el viejo y mi hermano se interpuso
una guayabera, esa prenda de vestir
de la alta costura caribeña, adornada
con alforzas verticales y, a veces, con bordados
y que lleva bolsillos en la pechera y en los faldones.
es favorecida en los climas tropicales por su virtud
de refrescar y disimular redondeces señoriales.

debo aclarar que el viejo murió en el setentidós
y que a los dieciséis mi hermano heredó
la camisa del dueño de las ubres, del juez
de paz en tiempos de gobiernos militares,
del que en su casa cenaba con el cura
que le bautizaba a sus hijos y recibía
a señorones enguayaberados
que parecían tener una provisión interminable
de tabaco en una de las tantas bolsas de la camisa.

pero sucedió que mi hermano pasó del tabaco
a la marihuana, de la estatura afeitada del viejo
a la melena, del guayaberismo a la camisa
pegada al cuerpo, del rigor del sastre
al pantalón acampanado. qué más se podía
esperar: john lennon hacía sus revoluciones
desde la cama y jimmy hendrix le clavaba
los dientes a un himno escrito por sus mayores.

mi hermano no estaba para pliegues, no tenía
paciencia para botones, no quería ser ombligo
de su padre ni padrón de las vacas
que se comían el pasto de su tumba.

no quería ponerse, a los dieciséis
o a los veintitantos, la sonrisa del viejo
ni le interesaba hacer temblar la casa con su vozarrón.

mi hermano no cerraba tratos, no tenía influencias
ni hijos que bautizar pero se tomaba en serio
su irresponsabilidad, sus ganas de no taparse los ojos
con las manos muertas de su padre. nada le decía
el prestigio de las alforzas verticales, no tenía cuerpo
para una camisa almidonada con la leche
de las ubres paternales, no había títulos
de propiedad para tanto bolsillo ni quería
negociar sus huesos con gobiernos militares.

sin ceremonias que valga la pena mencionar
en un rincón del ropero quedó la camisa
olorosa al pesado amor paternal.

3

Los jóvenes escritores del liberalismo romántico
se convierten en jefes del país.
David Viñas

este muchacho tiene la edad que no se debe tener
a los veinte años. joven a más no poder
es poeta, cronista, abogado, subsecretario
de relaciones exteriores, magistrado
en una de las cortes de apelaciones creadas
por otros jóvenes empecinados en inventarse
un país que será gobernado por ellos mismos.
se llaman Domínguez y Gutiérrez,
Sarmiento y Barrios, Barreda y Rosa.
creen en el orden y el progreso,
sobre todo ahora que el país está despertando
un gran interés en el mundo industrial
por sus grandes recursos naturales, como dice

el joven Soto, Presidente de la República,
en el año utópico de 1883.

a pesar de la mirada grave, este muchacho
no se salvó de ilusiones adolescentes
que, con la seriedad del caso, lo llevaron al suicidio.
Ella, la de siempre, pudo más que los disparates de Comte.

jóvenes al fin
se los menciona como en fábula.
se les ve, graves, en las escuelas. se diría
que nacieron viejos. padres de la patria
a los veinte años. uno se aprende
sus nombres de memoria y a veces
los encuentra en plazas
que sólo cobran vida los domingos.

según estadísticas que ilusionarían a Soto
el setenta por ciento de la población es menor de treinta.
y esto, nos dicen los expertos, es de gran importancia
y nos muestran diagramas que aquel país inventado
por estos muchachos sólo puede leer
con las gafas alquiladas al recuerdo.

uno se pasea por avenidas que no se resignan
a perder sus nombres decimonónicos. el tiempo
no se ha puesto al día. demás está decir
que no es un viaje en los trenes invisibles
soñados entre el orden y el progreso.
por estas calles pasa otro muchacho
que antes de morir a los diecinueve
ya no puede con el peso de sus muertos.
lo que tiene que decir está en sus tatuajes,
ese discurso errante que le mete miedo
a un mundo construido con las hipérboles
de sus mayores. uno se pregunta

cómo puede a su corta edad
inspirar tanto terror. y a pesar de la insistencia
de los expertos no sabe del gran interés
que el país está despertando por esa muchedumbre
en edad productiva. eso debería
ser suficiente para que este muchacho
casi recién nacido y a sus diecinueve casi muerto
encontrara un lugar donde caerse vivo
en un país que otros muchachos le inventaron.

EL PRIMER SUEÑO DE ADÁN, EL HIJO MENOS BUENO

A José Emilio Pacheco

Adán al revés es nada.
Unamuno

1

en la noche del día sexto Dios
vigiló el primer sueño de Adán y vio:
la sangre en las manos de Caín, la sonrisa
de Torquemada, la mano triste
del piloto del Enola Gay, la niña desnuda
bajo la lluvia de napalm, los tanques
en Babilonia, los misiles teledirigidos
hacia el lugar donde Adán, sin poder despertar
de la pesadilla, regresaba a la Gran Nada.

4

en el sueño engendrado por la Nada Tecnológica
Adán vuelve al cero y reclama su costilla.
se dobla fetalmente, pero no encuentra el camino
de regreso al acuario donde ninguna madre
le dio jugos y amores por el ombligo.

el cuenco formado por las manos de Dios
fue lo más cercano al vientre y su soplo
lo más cercano a las ansias del padre.

fueron demasiados dioses los que soñaron
al mismo Adán, a imagen y semejanza
de cada uno. tantos padres del mismo sueño,
engendradores de la misma pesadilla.

RETRATOS MAL FALADOS

"Filhos da necessidade não víamos barcos nas nuvens
ninguém ligava para viagens e os adeuses emudeciam."

LEONEL ALVARADO

AS VACAS DE BERTOLUCCI: POSSÍVEL CENA DE 1900

quando havíamos perdido tudo
meu pai nos ensinou a ordenhar as vacas
que víamos nas nuvens, entre sorrisos
ele nos dizia que era como se atrever a roubar
o pasto de Deus. o truque
era esperar que o arcanjo e sua mulher
estivessem profundamente adormecidos.

meu pai descia da mula
que não tínhamos e
apontava para aquelas tetas generosas.
o leite era quente e triste
como provavelmente era seu sangue naqueles dias.

seus filhos agarrados nas tetas
do céu, mamando
suas promessas de colostro,
o cálcio de seus ossos, o suor
mais necessário de seu corpo.

ele trabalhava, distraindo-se com suas histórias
para Deus, cortejando a mulher
do arcanjo para que lhe confiasse
a chave do portão. depois aparecia

reunindo o que havia deixado de ter
e o que agora mais tinha: seus desejos
de touro, suas ganas de leiteiro,
sua perícia de capataz de vacas
que Deus inventava com seu sopro.

(em dias de abundância cada um saía
para o pátio, prato e sal nas mãos, a abandar
o assado da vaca que fazia sua última ceia
no jardim. os de modestas ambições
se conformavam em traçar um peito
no quartel das galinhas.)

filhos da necessidade seus filhos
não víamos barcos nas nuvens.
ninguém ligava para viagens e os adeuses
emudeciam na boca do estômago

TEEN SPIRIT

Smells like teen spirit.
Kurt Cobain

1

entre o velho e o meu irmão se interpôs
uma guayabera, essa peça de roupa
da alta costura caribenha, adornada
com pregas verticais e, às vezes, com bordados
e com bolsos no peito e nas arestas.
em climas tropicais é favorecida por sua capacidade
de refrescar e disfarçar curvas senhoriais.

devo esclarecer que o velho morreu em setentedois
e que aos dezesseis meu irmão herdou
a camisa de dono das tetas, de juiz
de paz em tempos de governos militares,
de quem jantava em sua casa junto ao sacerdote
que lhe batizara os filhos e recebia
senhores enguayaberados
que pareciam ter um estoque interminável
de tabaco em um dos tantos bolsos da camisa.

mas o fato é que meu irmão passou do tabaco
à marijuana, do porte alinhado do velho
à cabeleira, do guayaberismo à camisa
apertada no corpo, do rigor do alfaiate
às calças boca-de-sino. o que mais se podia
esperar: john lennon fazia suas revoluções
na cama e jimmy hendrix metia
os dentes em um hino escrito por seus antepassados.

meu irmão não ligava para pregas, não tinha
paciência para botões, não queria ser o umbigo
de seu pai nem o touro das vacas
que pastavam em sua tumba.

não queria assumir, ao dezesseis
ou aos vintetantos, o sorriso do velho
nem lhe interessava fazer a casa tremer com seu vozeirão.

meu irmão não fechava tratos, não tinha influências
nem filhos para batizar mas levava a sério
sua irresponsabilidade, sua vontade de não tapar os olhos
com as mãos mortas de seu pai. para ele nada significava
o prestígio das pregas verticais, não tinha corpo
para uma camisa engomada com o leite
das tetas paternais, não tinha títulos
de propriedades para tantos bolsos nem queria
negociar seus ossos com governos militares.

sem cerimônias que valha a pena mencionar
em um canto do armário ficou a camisa
com o fedor do pesado amor paternal.

3

> Los jóvenes escritores del liberalismo romántico
> se convierten en jefes del país.
> David Viñas

este garoto tem a idade que não se deve ter
aos vinte anos. jovem até não mais poder
é poeta, cronista, advogado, subsecretário
de relações exteriores, magistrado
em um dos tribunais de primeira instância criados
por outros jovens empenhados em inventar
um país que será governado por eles mesmos.
se chamam Domínguez e Gutiérrez,
Sarmiento e Barrios, Barreda e Rosa.
acreditam na ordem e no progresso,
sobretudo agora que o país desperta
grande interesse no mundo industrializado
por conta de seus abundantes recursos naturais, como disse

o jovem Soto, Presidente da República,
no ano utópico de 1883.

apesar do olhar grave, este garoto
não se salvou das ilusões adolescentes
que, com a seriedade do caso, lhe levaram ao suicídio.
Ela, a de sempre, foi mais eficaz que os disparates de Comte.

jovens ao morrer
são mencionados com em uma fábula.
são lidos, graves, nas escolas. pode-se dizer
que nasceram velhos. pais da pátria
aos vinte anos. sabemos
seus nomes de cor e às vezes
os encontramos em praças
que só ganham vida nos domingos.

segundo estatísticas que animaram a Soto
setenta por cento da população é menor de trinta.
e isso, nos dizem os especialistas, é de grande importância
e nos mostram um diagrama que aquele país inventado
por estes garotos só pode ler
com os óculos alugados da lembrança.

passeamos por avenidas que não renunciam
a seus nomes seculares. o tempo
não se atualizou. é desnecessário dizer
que não se trata de uma viagem nos trens invisíveis
sonhados entre a ordem e o progresso.
por essas ruas passa outro garoto
que antes de morrer aos dezenove
já não aguenta o peso de seus mortos.
o que tem a dizer está em suas tatuagens,
esse discurso errante que mete medo
em um mundo construído com as hipérboles
de seus antepassados. nos perguntamos

como pode em sua juventude
inspirar tanto terror. e apesar da insistência
dos especialistas ele não sabe do grande interesse
que o país está despertando por essa multidão
em idade produtiva. isso deveria
ser suficiente para que esse garoto
quase recém-nascido e aos dezenove anos quase morto
encontrasse um lugar onde cair vivo
em um país inventado por outros garotos.

O PRIMEIRO SONHO DE ADÃO, O FILHO MENOS BOM

A José Emilio Pacheco

Adán al revés es nada.
Unamuno

1

na noite do sexto dia Deus
velou o primeiro sonho de Adão e viu:
o sangue nas mãos de Cain, o sorriso
de Torquemada, a mão triste
do piloto do Enola Gay, a criança nua
sob a chuva de napalm, os tanques
na Babilônia, os mísseis teleguiados
em direção ao lugar onde Adão, sem conseguir despertar
do pesadelo, regressava ao Grande Nada.

4

no sonho gerado pelo Nada Tecnológico
Adão volta ao ponto zero e reivindica sua costela.
se encolhe como um feto, mas não encontra o caminho
de volta ao aquário onde mãe nenhuma
lhe deu sumos e amores pelo umbigo.

o oco formado pelas mãos de Deus
foi o que teve de mais próximo ao ventre e seu sopro
o mais próximo dos desejos do pai.

foram muitos deuses que sonharam
o mesmo Adão, à imagem e semelhança
de cada um. tantos pais para o mesmo sonho,
criadores do mesmo pesadelo.

sátira

(n.t.)|Tiahuanaco

A MULHER DE ZAQUINTOS
DIONÝSIOS SOLOMÓS

O TEXTO: Composta entre 1826 e 1933, *A mulher de Zaquintos* é uma sátira política aos opositores da revolução grega, centrada em uma mulher anônima (provavelmente a cunhada do poeta), e no próprio autor, que assume um tom profético, críptico e surreal nos moldes do *Apocalipse* de São João. Escrito com muitos elementos do dialeto de Zaquintos, o texto é dos poucos exemplos da prosa de Solomós, e embora não seja propriamente um drama, foi muito adaptado para o teatro.

Texto traduzido: Σολωμος, Δ. *Άπαντα, τόμος β′: Πεζά και Ιταλικά*. Επιμέλεια: Λίνος Πολίτης. Αθήνα: Ίκαρος, 1955.

O AUTOR: Com parte da obra inacabada e fragmentada, e sem ter publicado quase nada em vida, Dionýsios Solomós (1798-1857) é considerado o maior poeta nacional da Grécia, tendo sido um dos primeiros a trabalhar sistematicamente com a língua popular, ou demótica. Poeta bilíngue, escreveu poemas em grego e italiano e, por vezes, em uma peculiar mistura dos dois idiomas.

O TRADUTOR: Miguel Sulis é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu Rufinos, Konstantinos Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Giánnis Ritsos e Sacher-Masoch.

Contato: mikhsulis@gmail.com

Ἡ ΓΥΝΑΙΚΑ ΤΗΣ ΖΑΚΥΘΟΣ

*“Καὶ εἶδα μία γυναίκα μὲ μιὰ λύρα στὸ χέρι
ποὺ ἐσταμάτησε ἀνάερα μὲς στὴν καπνούρα.”*

ΔΙΟΝΥΣΙΟΣ ΣΟΛΩΜΟΣ

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 1
«Ο ΙΕΡΟΜΟΝΑΧΟΣ ΠΙΚΡΑΙΝΕΤΑΙ»

1. Ἐγὼ Διονύσιος Ἱερομόναχος, ἐγκάτοικος στὸ ξωκλήσι τοῦ Ἁγίου Λύπιου, γιὰ νὰ περιγράψω ὅ,τι στοχάζουμαι λέγω:
2. Ὅ,τι ἐγύριζα ἀπὸ τὸ μοναστήρι τοῦ Ἅγιου Διονυσίου, ὁποὺ εἶχα πάει γιὰ νὰ μιλήσω μὲ ἕναν καλόγερο, γιὰ κάτι ὑπόθεσες ψυχικές.
3. Καὶ ἤτανε καλοκαίρι, καὶ ἦταν ἡ ὥρα ὁποὺ θολώνουνε τὰ νερά, καὶ εἶχα φθάσει στὰ Τρία Πηγάδια, καὶ ἦταν ἐκεῖ τριγύρου ἡ γῆ ὅλο νερά, γιατὶ πᾶνε οἱ γυναῖκες καὶ συχνοβγάνουνε.
4. Ἐσταμάτησα σὲ ἕνα ἀπὸ τὰ Τρία Πηγάδια, καὶ ἀπιθώνοντας τὰ χέρια μου στὸ φιλιατρὸ τοῦ πηγαδιοῦ ἔσκυψα νὰ ἰδῶ ἂν ἤτουν πολὺ νερό.
5. Καὶ τὸ εἶδα ὡς τὴ μέση γιομάτο καὶ εἶπα: Δόξα σοι ὁ Θεός.
6. Γλυκιὰ ἡ δροσιὰ ποὺ στέρνει γιὰ τὰ σπλάχνα τοῦ ἀνθρώπου τὸ καλοκαίρι, μεγάλα τὰ ἔργα του καὶ μεγάλη ἡ ἀφχαριστία τοῦ ἄνθρωπου.
7. Καὶ οἱ δίκαιοι κατὰ τὴ θεία Γραφὴ πόσοι εἶναι; Καὶ συλλογίζοντας αὐτὸ ἐπαίξανε τὰ μάτια μου στὰ χέρια μου ὁποὺ ἤτανε ἀπιθωμένα στὸ φιλιατρό.
8. Καὶ θέλοντας νὰ μετρήσω μὲ τὰ δάχτυλα τοὺς δίκαιους, ἀσήκωσα ἀπὸ τὸ φιλιατρὸ τὸ χέρι μου τὸ ζερβί, καὶ κοιτῶντας τὰ δάχτυλα τοῦ δεξιοῦ εἶπα: Τάχα νὰ εἶναι πολλά;
9. Καὶ ἀρχίνησα καὶ ἐσύγκρενα τὸν ἀριθμὸ τῶν δικαίων ὁποὺ ἐγνώριζα μὲ αὐτὰ τὰ πέντε δάχτυλα, καὶ βρίσκοντας πῶς ἐτοῦτα ἐπερισσεύανε ἐλιγόστεψα τὸ δάχτυλο τὸ λιανό, κρύβοντάς το ἀνάμεσα στὸ φιλιατρὸ καὶ στὴν ἀπαλάμη μου.

10. Καὶ ἔστεκα καὶ ἐθεωροῦσα τὰ τέσσερα δάχτυλα γιὰ πολλὴ ὥρα, καὶ αἰστάνθηκα μεγάλη λαχτάρα, γιατὶ εἶδα πῶς ἤμουνα στενεμένος νὰ λιγοστέψω, καὶ κοντὰ στὸ λιανό μου δάχτυλο, ἔβαλα τὸ σιμοτινό του στὴν ἴδια θέση.
11. Ἐμνέσκανε τὸ λοιπὸν ἀπὸ κάτου ἀπὸ τὰ μάτια μου τὰ τρία δάχτυλα μοναχά, καὶ τὰ ἐχτυποῦσα ἀνήσυχα ἀπάνου στὸ φιλιατρὸ γιὰ νὰ βοηθήσω, τὸ νοῦ μου νὰ εὕρει κάνε τρεῖς δίκαιους.
12. Ἀλλὰ ἐπειδὴ ἀρχινήσανε τὰ σωθικά μου νὰ τρέμουνε σὰν τὴ θάλασσα ποὺ δὲν ἡσυχάζει ποτέ,
13. ἀσήκωσα τὰ τρία μου ἔρμα δάχτυλα καὶ ἔκαμα τὸ σταυρό μου.
14. Ἔπειτα θέλοντας νὰ ἀριθμήσω τοὺς ἀδίκους, ἔχωσα τὸ ἕνα χέρι μὲς στὴν τσέπη τοῦ ράσου μου καὶ τὸ ἄλλο ἀνάμεσα στὸ ζωνάρι μου, γιατὶ ἐκατάλαβα, ἀλίμονον! πῶς τὰ δάχτυλα δὲν ἐχρειαζόντανε ὁλότελα.
15. Καὶ ὁ νοῦς μου ἐζαλίστηκε ἀπὸ τὸ μεγάλον ἀριθμό· ὅμως μὲ παρηγοροῦσε τὸ νὰ βλέπω πῶς καθένας κάτι καλὸ εἶχε ἀπάνου του. Καὶ ἄκουσα ἕνα γέλιο φοβερὸ μὲς στὸ πηγάδι καὶ εἶδα προβαλμένα δυὸ κέρατα.
16. Καὶ μοῦ ἦρθε στὸ νοῦ μου, περσότερο ἀπὸ ὅλους αὐτούς, ἡ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος, ἡ ὁποία πολεμάει νὰ βλάφτει τοὺς ἄλλους μὲ τὴ γλῶσσα καὶ μὲ τὰ ἔργατα, καὶ ἦταν ἔχθρισσα θανάσιμη τοῦ ἔθνους.
17. Καὶ γυρεύοντας νὰ ἰδῶ ἐὰν μέσα σὲ αὐτὴν τὴν ψυχή, εἰς τὴν ὁποίαν ἀναβράζει ἡ κακία τοῦ Σατανᾶ, ἂν ἔπεσε ποτὲ ἡ ἀπεθυμιὰ τοῦ παραμικροῦ καλοῦ,
18. ἔπειτα ποὺ ἐστάθηκα νὰ συλλογιστῶ καλά, ὕψωσα τὸ κεφάλι μου καὶ τὰ χέρια μου στὸν οὐρανὸ καὶ ἐφώναξα: Θέ μου, καταλαβαίνω πὼς γυρεύω ἕνα κλωνὶ ἁλάτι μὲς στὸ θερμό.
19. Καὶ εἶδα πῶς ἐλάμπανε ἀπὸ πάνου μου ὅλα τ᾽ ἄστρα, καὶ ἐξάνοιξα τὴν Ἀλετροπόδα, ὅπου μὲ εὐφραίνει πολύ.
20. Καὶ ἐβιάσθηκα νὰ κινήσω γιὰ τὸ ξωκλήσι τοῦ Ἁγίου Λύπιου, γιατὶ εἶδα πὼς ἐχασομέρησα, καὶ ἤθελα νὰ φθάσω γιὰ νὰ περιγράψω τὴ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος.
21. Καὶ ἰδοὺ καμία δωδεκαριὰ ψωρόσκυλα ποὺ ἠθέλανε νὰ μοῦ ἐμποδίσουν τὸ δρόμο,
22. καὶ μὴ θέλοντας ἐγὼ νὰ τὰ κλοτσοβολήσω γιὰ νὰ μὴν ἐγγίξω τὴν ψώρα καὶ τὰ αἵματα πούχανε, ἐστοχασθήκανε πῶς τὰ σκιάζουμαι,
23. καὶ ἤρθανε βαβίζοντας σιμότερά μου· ὅμως ἐγὼ ἐκαμώθηκα πὼς σκύφτω νὰ πάρω πέτρα,
24. καὶ ἔφυγαν ὅλα καὶ ἐξεθύμαιναν τὰ κακορίζικα ψωριασμένα τὴ λύσσα τους, τὸ ἕνα δαγκώνοντας τὸ ἄλλο.
25. Ἀλλὰ ἕνας ὅπου ἐδιαφέντευε κάποια ἀπὸ τὰ ψωρόσκυλα ἐπῆρε κι αὐτὸς μιὰ πέτρα,

26. καὶ βάνοντας ὁ ἄθεος γιὰ σημάδι τὸ κεφάλι ἐμὲ τοῦ Διονυσίου τοῦ Ἱερομόναχου δὲν τὸ πίτυχε. Γιατὶ ἀπὸ τὴ βία τὴ μεγάλη, μὲ τὴν ὁποίαν ἐτίναξε τὴν πέτρα, ἐστραβοπάτησε καὶ ἔπεσε.
27. Ἔτσι ἐγὼ ἔφτασα στὸ κελὶ τοῦ Ἁγίου Λύπιου παρηγορημένος ἀπὸ τὲς μυρωδὶες τοῦ κάμπου, ἀπὸ τὰ γλυκότρεχα νερὰ καὶ ἀπὸ τὸν ἀστρόβολον οὐρανό, ὁ ὁποῖος ἐφαινότουνα ἀπὸ πάνου ἀπὸ τὸ κεφάλι μου μία Ἀνάσταση.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 2
«Ο ΙΕΡΟΜΟΝΑΧΟΣ ΠΟΛΕΜΑΕΙ ΝΑ ΠΑΡΗΓΟΡΗΘΕΙ»

1. Τὸ λοιπὸν τὸ κορμὶ τῆς γυναικὸς ἤτανε μικρὸ καὶ παρμένο,
2. καὶ τὸ στῆθος σχεδὸν πάντα σημαδεμένο ἀπὸ τὲς ἀβδέλλες ποὺ ἔβανε γιὰ νὰ ρουφήξουν τὸ τηχτικό, καὶ ἀπὸ κάτου ἐκρεμόντανε δυὸ βυζιὰ ὡσὰν καπνοσακοῦλες.
3. Καὶ αὐτὸ τὸ μικρὸ κορμὶ ἐπερπατοῦσε γοργότατα, καὶ οἱ ἁρμοί της ἐφαινόντανε ξεκλείδωτοι.
4. Εἶχε τὸ μοῦτρο της τὴ μορφὴ τοῦ καλαποδιοῦ, καὶ ἔβλεπες ἕνα μεγάλο μάκρο ἂν ἐκύτταζες ἀπὸ τὴν ἄκρη τοῦ πηγουνιοῦ ὡς τὴν ἄκρη τοῦ κεφαλιοῦ,
5. εἰς τὴν ὁποία ἤτανε μιὰ πλεξίδα στρογγυλοδεμένη καὶ ἀπὸ πάνου ἕνα χτένι θεόρατο.
6. Καὶ ὅποιος ἤθελε σιμώσει τὴν πιθαμὴ γιὰ νὰ μετρήσει τὴ γυναίκα, ἤθελ᾽ εὗρει τὸ τέταρτο τοῦ κορμιοῦ στὸ κεφάλι.
7. Καὶ τὸ μάγουλό της ἐξερνοῦσε σάγριο, τὸ ὁποῖο ἦταν πότε ζωντανὸ καὶ πότε πονιδιασμένο καὶ μαραμένο.
8. Καὶ ἄνοιγε κάθε λίγο ἕνα μεγάλο στόμα γιὰ ν᾽ ἀναγελάσει τοὺς ἄλλους, καὶ ἔδειχνε τὰ κάτου δόντια τὰ μπροστινὰ μικρὰ καὶ σάπια, ποὺ ἐσμίγανε μὲ τὰ ἀπάνου πούτανε λευκότατα καὶ μακριά.
9. Καὶ μόλον ποὔτανε νιά, οἱ μηλίγγοι καὶ τὸ μέτωπο καὶ τὰ φρύδια καὶ ἡ κατεβασιὰ τῆς μύτης γεροντίστικα.
10. Πάντα γεροντίστικα, ὅμως ξεχωριστὰ ὅταν ἀκουμποῦσε τὸ κεφάλι της εἰς τὸ γρόθο τὸ δεξὴ μελετώντας τὴν πονηριά.
11. Καὶ αὐτὴ ἡ θωριὰ ἡ γεροντίστικη ἤτανε ζωντανεμένη ἀπὸ δυὸ μάτια λαμπρὰ καὶ ὁλόμαυρα, καὶ τὸ ἕνα ἤτανε ὀλίγο ἀλληθώρικο,
12. καὶ ἐστριφογυρίζανε ἐδῶ καὶ ἐκεῖ γυρεύοντας τὸ κακό, καὶ τὸ βρίσκανε καὶ ὅπου δὲν ἤτουν.
13. Καὶ μὲς στὰ μάτια της ἄστραφτε ἕνα κάποιον τι ποὺ σ᾽ ἔκανε νὰ στοχασθεῖς ὅτι, ἡ τρελάδα ἢ εἶναι λίγο ποὺ τὴν ἄφησε ἢ κοντεύει νὰ τὴν κυτριμίσει.
14. Καὶ τούτη ἦταν ἡ κατοικία τῆς ψυχῆς της τῆς πονηρῆς καὶ τῆς ἁμαρτωλῆς.

15. Καὶ ἐφανέρωνε τὴν πονηρία καὶ μιλώντας καὶ σιωπώντας.
16. Καὶ ὅταν ἐμιλοῦσε κρυφὰ γιὰ νὰ βλάψει τὴ φήμη τοῦ ἀνθρώπου, ἔμοιαζε ἡ φωνή της μὲ τὸ ψιθύρισμα τοῦ ψαθιοῦ πατημένου ἀπὸ τὸ πόδι τοῦ κλέφτη.
18. Καὶ ὅταν ἐμίλειε δυνατά, ἐφαινότουνα ἡ φωνή της ἐκείνη ὁποὺ κάνουν οἱ ἄνθρωποι γιὰ νὰ ἀναγελάσουν τοὺς ἄλλους.
19. Καὶ μολοντοῦτο, ὅταν ἤτουν μοναχή, ἐπήγαινε στὸν καθρέφτη, καὶ κοιτώντας ἐγέλουνε κ᾽ ἔκλαιε,
20. καὶ ἐθάρρειε πὼς εἶναι ἡ ὡραιότερη ἀπ᾽ ὅσες εἶναι στὰ Ἑφτάνησα.
21. Καὶ ἦταν γιὰ νὰ χωρίζει ἀνδρόγυνα καὶ ἀδέλφια ἐπιδέξια σὰν τὸ Χάρο.
22. Καὶ ὅταν ἔβλεπε στὸν ὕπνο της τὸ ὡραῖο κορμὶ τῆς ἀδελφῆς της ἐξύπναε τρομασμένη.
23. Ὁ φθόνος, τὸ μίσος, ἡ ὑποψία, ἡ ψευτιὰ τῆς ἐτραβούσανε πάντα τὰ σωθικά,
24. Σὰν τὰ βρωμόπαιδα τῆς γειτονιᾶς τὰ βλέπεις ξετερολοϊσμένα καὶ λερωμένα νὰ σημαίνουν τὰ σήμαντρα τοῦ πανηγυριοῦ καὶ βουρλίζουν τὸν κόσμο.

* * *

25. Ἀλλὰ μιλώντας πάντα γιὰ τὰ κακὰ τῶν ἄλλων γυναικῶν ἔσωσε ὁ νοῦς της καὶ ἐπυρώθηκε,
26. καὶ αἰσθανότουνα μία κάποια γλυκάδα εἰς τὸ νὰ τὰ ξαναμελετάει μονάχη της.
27. Μολοντοῦτο ἐβαστιότουνα ἀπὸ τὰ κακὰ ἔργατα.
28. Ἀλλὰ ἐπειδὴ ἀγρίκουνε ποὺ τὴν ἔλεγαν ἄσχημη, ἐβλάφθηκε ἡ φιλαυτία της καὶ ἐκριμάτισε καὶ στὸ τέλος δὲν εἶχε κράτο κτλ.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 3
«ΟΙ ΜΙΣΟΛΟΓΓΙΤΙΣΣΕΣ»

1. Καὶ ἐσυνέβηκε αὐτὲς τὲς ἡμέρες ὁποὺ οἱ Τοῦρκοι ἐπολιορκοῦσαν τὸ Μισολόγγι καὶ συχνὰ ὁλημερνὶς καὶ καπότε ὁληνυχτὶς ἔτρεμε ἡ Ζάκυνθο ἀπὸ τὸ κανόνισμα τὸ πολύ.
2. Καὶ κάποιες γυναῖκες Μισολογγίτισσες ἐπερπατοῦσαν τριγύρω γυρεύοντας γιὰ τοὺς ἄνδρες τους, γιὰ τὰ παιδιά τους, γιὰ τ᾽ ἀδέλφια τους ποὺ ἐπολεμούσανε.
3. Στὴν ἀρχὴ ἐντρεπόντανε νἄβγουνε καὶ ἐπροσμένανε τὸ σκοτάδι γιὰ ν᾽ ἁπλώσουν τὸ χέρι, ἐπειδὴ δὲν ἤτανε μαθημένες.
4. Καὶ εἴχανε δούλους καὶ εἴχανε σὲ πολλὲς πεδιάδες καὶ γίδια καὶ πρόβατα καὶ βόϊδα πολλά.
5. Καὶ ἀκολούθως ἐβιαζόντανε καὶ ἐσυχνοτηράζανε ἀπὸ τὸ παρεθύρι τὸν ἥλιο πότε νὰ βασιλέψη γιὰ νἄβγουνε.

6. Ἀλλὰ ὅταν ἐπερισσέψανε οἱ χρεῖες ἐχάσανε τὴν ντροπή, ἐτρέχανε ὁλημερνίς.
7. Καὶ ὅταν ἐκουραζόντανε ἐκαθόντανε στ᾽ ἀκρογιάλι κι ἀκούανε, γιατὶ ἐφοβόντανε μὴν πέσει τὸ Μισολόγγι.
8. Καὶ τὲς ἔβλεπε ὁ κόσμος νὰ τρέχουνε τὰ τρίστρατα, τὰ σταυροδρόμια, τὰ σπίτια, τὰ ἀνώγια καὶ τὰ χαμώγια, τὲς ἐκκλησίες, τὰ ξωκλήσια γυρεύοντας.
9. Καὶ ἐλαβαίνανε χρήματα, πανιὰ γιὰ τοὺς λαβωμένους.
10. Καὶ δὲν τοὺς ἔλεγε κανένας τὸ ὄχι, γιατὶ οἱ ρώτησες τῶν γυναικῶν ἤτανε τὲς περσότερες φορὲς συντροφευμένες ἀπὸ τὲς κανονιὲς τοῦ Μισολογγιοῦ καὶ ἡ γῆ ἔτρεμε ἀπὸ κάτου ἀπὸ τὰ πόδια μας.
11. Καὶ οἱ πλέον πάμπτωχοι ἐβγάνανε τὸ ὀβολάκι τους καὶ τὸ δίνανε καὶ ἐκάνανε τὸ σταυρό τους κοιτάζοντας κατὰ τὸ Μισολόγγι καὶ κλαίοντας.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 4
«ΟΙ ΓΥΝΑΙΚΕΣ ΤΟΥ ΜΙΣΟΛΟΓΓΙΟΥ ΔΙΑΚΟΝΕΥΟΥΝΕ ΚΑΙ Η ΓΥΝΑΙΚΑ ΤΗΣ ΖΑΚΥΝΘΟΣ ΕΧΕΙ ΔΟΥΛΕΙΑ»

1. Ὡστόσο ἡ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος εἶχε στὰ γόνατα τὴ θυγατέρα της καὶ ἐπολέμαε νὰ τὴν καλοπιάσει.
2. Ἔβαλε λοιπὸν τὸ ζουρλάδι τὰ μαλλιά της ἀπὸ πίσω ἀπὸ τ᾽ αὐτιά, γιατὶ ἡ ἀνησυχία της τἄχε πετάξει, καὶ ἔλεγε φιλώντας τὰ μάτια τῆς θυγατρός της:
3. «Μάτια μου, ψυχή μου, νὰ γένεις καλή, νὰ πανδρευθεῖς, καὶ νὰ βγαίνουμε καὶ νὰ μπαίνουμε, καὶ νὰ βλέπουμε τὸν κόσμο, καὶ νὰ καθόμαστε μαζὶ στὸ παρεθύρι νὰ διαβάζουμε τὴ θεία Γραφὴ καὶ τὴ Χαλιμά».
4. Καὶ ἀφοῦ τὴν ἐχάϊδεψε καὶ τῆς φίλησε τὰ μάτια καὶ τὰ χείλια, τὴν ἄφησε ἀπάνου στὴν καθίκλα λέοντάς της: Νὰ καὶ ἕνα καθρεφτάκι καὶ κοιτάξου ποὺ εἶσ᾽ ὄμορφη καὶ μοῦ μοιάζεις.
5. Καὶ ἡ κόρη ποὺ δὲν ἤτανε μαθημένη μὲ τὰ καλὰ ἡσύχασε, καὶ ἀπὸ τὴ χαρά της ἐδάκρυσε.
6. Καὶ ἰδοὺ μεγάλη ταραχὴ ποδιῶν, ὁποὺ πάντοτες αὔξαινε.
7. Καὶ ἐσταμάτησε κοιτάζοντας κατὰ τὴ θύρα καὶ φουσκώνοντας τὰ ρουθούνια της.
8. Καὶ ἰδοὺ παρεσιάζουνται ὀμπρός της οἱ γυναῖκες τοῦ Μισολογγιοῦ. Ἐβάλανε τὸ δεξί τους στὰ στήθια καὶ ἐπροσκυνήσανε· καὶ ἐμείνανε σιωπηλὲς καὶ ἀκίνητες.
9. «Και ἔτσι δά, πῶς; Τί κάνουμε; θὰ παίξουμε; Τί ὁρίζετε, κυράδες; Ἐκάμετε ἀναβαίνοντας τόση ταραχὴ μὲ τὰ συρτοπάπουτσα, ποὺ λογιάζω πὼς ἤρθετε νὰ μοῦ δώσετε προσταγές».

10. Καὶ ὅλες ἐμείνανε σιωπηλὲς καὶ ἀκίνητες· ἀλλὰ μία εἶπε: «Ἀμ᾽ ἔχεις δίκαιο. Εἶσαι στὴν πατρίδα σου καὶ στὸ σπίτι σου, καὶ μεῖς εἴμαστε ξένες καὶ ὅλο σπρώξιμο θέλουμε».
11. Καὶ ἐτότες ἡ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος τὴν ἀντίσκοψε καὶ ἀποκρίθηκε: «Κυρὰ δασκάλα, ὅλα τὰ χάσετε, ἀλλὰ ἀπὸ ἐκεῖνο ποὺ ἀκούω ἡ γλώσσα σᾶς ἔμεινε.
12. »Εἶμαι στὴν πατρίδα μου καὶ στὸ σπίτι μου; Καὶ ἡ ἀφεντιά σου δὲν ἤσουνα στὴν πατρίδα σου καὶ στὸ σπίτι σου;
13. »Καὶ τί σᾶς ἔλειπε, καὶ τί κακὸ εἴδετε ἀπὸ τὸν Τοῦρκο; Δὲ σᾶς ἄφηνε φαητά, δούλους, περιβόλια, πλούτια; Καὶ δόξα σοι ὁ θεὸς εἴχετε περσότερα ἀπὸ ἐκεῖνα ποὺ ἔχω ἐγώ.
14. »Σᾶς εἶπα ἐγὼ ἴσως νὰ χτυπήσετε τὸν Τοῦρκο, ποὺ ἐρχόστενε τώρα σὲ μὲ νὰ μοῦ γυρέψετε καὶ νὰ μὲ βρίσετε;
15. »Ναίσκε! Ἐβγήκετε ὄξω νὰ κάμετε παλληκαριές. Οἱ γυναῖκες ἐπολεμούσετε (ὄμορφο πρᾶμα ποὺ ἤθελ᾽ ἤσθενε μὲ τουφέκι καὶ μὲ βελέσι· ἢ ἐβάνετε καὶ βρακί;). Καὶ κάτι ἐκάμετε στὴν ἀρχή, γιατὶ ἐπήρετε τὰ ἄτυχα παλληκάρια τῆς Τουρκιᾶς ξάφνου.
16. »Και πῶς ἐμπόρειε ποτὲ τοῦ νὰ ὑποφτευθεῖ τέτοια προδοσία; Τὄθελε ὁ Θεός; Δὲν ἀνακατωνόστενε μὲ δαῦτον μέρα καὶ νύχτα;
17. »Τόσο κάνει καὶ ἐγὼ νὰ μπήξω τὸ μαχαίρι μὲς στὸ ξημέρωμα στὸ λαιμὸ τοῦ ἀνδρός μου (ποὺ νὰ τόνε πάρει ὁ διάολος).
18. »Και τώρα ποὺ βλέπετε πὼς πάνε τὰ πράματά σας κακά, θέλτε νὰ πέσει τὸ βάρος ἀπάνου μου.
19. »Καλή, μὰ τὴν ἀλήθεια. Αὔριο πέφτει τὸ Μισολόγγι, βάνουνε σὲ τάξη τὴν Ἑλλάδα τὴ ζουρλὴ οἱ βασιλιάδες, εἰς τοὺς ὁποίους ἔχω ὅλες μου τὲς ἐλπίδες,
20. »καὶ ὅσοι μείνουνε ἀπὸ τὸν ξολοθρεμὸ ἔρχονται στὴ Ζάκυνθο νὰ τοὺς θρέψουμε, καὶ μὲ τὴν κοιλιὰ γιομάτη μας βρίζουνε».
21. Λέοντας ἐσιώπησε ὀλίγο κοιτάζοντας μὲς στὰ μάτια τὲς γυναῖκες τοῦ Μισολογγιοῦ.
22. «Και ἔτσι ξέρω καὶ μιλῶ καὶ ἐγώ, ναὶ ἢ ὄχι; Καὶ τώρα δὰ τί ἀκαρτερεῖτε; Εὑρήκετε ἴσως εὐχαρίστηση νὰ μὲ ἀκοῦτε νὰ μιλῶ;
23. »Ἐσεῖς δὲν ἔχετε ἄλλη δουλειὰ παρὰ νὰ ψωμοζητᾶτε. Καί, νὰ ποῦμε τὴν ἀλήθεια, στοχάζουμαι πῶς θὲ νἆναι μιὰ θαράπαψη γιὰ ὅποιον δὲν ντρέπεται.
24. »Ἀλλά ἐγὼ ἔχω δουλειά. Ἀκοῦστε; ἔχω δουλειά». Καὶ φωνάζοντας τέτοια δὲν ἤτανε πλέον τὸ τριπίθαμο μπουρίκι, ἀλλὰ ἐφάνηκε σωστή.
25. Γιατὶ ἀσηκώθηκε μὲ μεγάλο θυμὸ στὴν ἄκρη τῶν ποδιῶν, καὶ μόλις ἄγγισε τὸ πάτωμα καὶ ἐγκρίλωσε τὰ μάτια, καὶ τὸ ἄβλαφτο μάτι ἐφάνηκε ἀλληγορικὸ καὶ τὸ ἀλληθώρικο ἔσιαξε. Καὶ ἐγίνηκε σὰν τὴν προσωπίδα τὴν ὕψινη ὁποὺ χύνουνε οἱ ζωγράφοι εἰς τὰ πρόσωπα τῶν νεκρῶν γιὰ νά...

26. Καὶ ὅποιος τὴν ἔβλεπε νὰ ξανάρθει στὴν πρώτη της μορφὴ ἔλεγε: Ὁ διάβολος ἴσως τὴν εἶχε ἀδράξει, ἀλλὰ ἐμετάνιωσε καὶ τὴν ἄφησε, γιὰ τὸ μίσος ποὺ ἔχει τοῦ κόσμου.
27. Καὶ ἡ θυγατέρα της κοιτάζοντάς την ἐφώναξε· καὶ οἱ δοῦλοι ἐξαστόχησαν τὴν πείνα τους, καὶ οἱ γυναῖκες τοῦ Μισολογγιοῦ ἐκατέβηκαν χωρὶς νὰ κάμουνε ταραχή.
28. Ἐτότες ἡ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος βάνοντας τὴν ἀπαλάμη ἀπάνου στὴν καρδιά της καὶ ἀναστενάζοντας δυνατά, εἶπε:
29. »Πως μοῦ χτυπάει, Θέ μου, ἡ καρδιά, ποὺ μοῦ ἔπλασες τόσο καλή!
30. »Μὲ συγχύσανε αὐτὲς οἱ πόρνες! Ὅλες οἱ γυναῖκες τοῦ κόσμου εἶναι πόρνες.
31. »Ἀλλά ἐσύ, κόρη μου, δὲ θὲ νᾶσαι πόρνη σὰν τὴν ἀδελφή μου καὶ σὰν τὶς ἄλλες γυναῖκες τοῦ τόπου μου!
32. »Κάλλιο θάνατος. Καὶ ἐσύ, μάτια μου, ἐσκιάχθηκες. Ἔλα, στάσου ἥσυχη, γιατὶ ἂν ἀναδευτεῖς ἀπὸ αὐτὴν τὴν καθίκλα, κράζω εὐθὺς ὀπίσω ἐκεῖνες τὲς στρίγλες καὶ σὲ τρῶνε».
33. Καὶ οἱ δοῦλοι εἶχαν πάγει στὸ μαγερειὸ χωρὶς νὰ καρτερέσουν τὴν προσταγὴ τῆς γυναικός, καὶ ἐκεῖ ἄρχισαν νὰ μιλοῦν γιὰ τὴν πείνα τους.
34. Καὶ ἡ γυναίκα ἐτότες ἐμπῆκε στὸ δῶμα της.
35. Καὶ σὲ λίγο ἔγινε μεγάλη σιωπὴ καὶ ἄκουσα τὸ κρεβάτι νὰ τρίξει πρῶτα λίγο καὶ κατόπι πολύ. Καὶ ἀνάμεσα στὸ τρίξιμο ἐβγαίνανε λαχανιάσματα καὶ γογγυσμοί.
36. καθὼς κάνουν οἱ βαστάζοι ὅταν οἱ κακότυχοι ἔχουν βάρος εἰς τὴν πλάτη τους ἀνυπόφορτο.
37. Καὶ ἔφυγα ἀπὸ τὴν πέτρα τοῦ σκανδάλου ἐγὼ Διονύσιος Ἱερομόναχος. Καὶ ὅ,τι ἔβγαινα ἀπὸ τὴ θύρα τοῦ σπιτιοῦ ἀπάντηξα τὸν ἄνδρα τῆς γυναικὸς ὁποὺ ἀνέβαινε.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 5
«ΠΡΟΦΗΤΕΙΑ ΑΠΑΝΟΥ ΣΤΟ ΠΕΣΙΜΟ ΤΟΥ ΜΙΣΟΛΟΓΓΙΟΥ»

1. Καὶ ἀκολούθησα τὲς γυναῖκες τοῦ Μισολογγιοῦ, οἱ ὁποῖες ἐστρωθήκανε στ᾽ ἀκρογιάλι, καὶ ἐγὼ ἤμουνα ἀπὸ πίσω ἀπὸ μιὰ φράχτη καὶ ἐκοίταζα.
2. Καὶ κάθε μία ἔβαλε τὸ χέρι καὶ ἔβγαλε ὅ,τι κι ἂν ἐμάζωξε, καὶ ἐκάμανε ἕνα σωρό.
3. Καὶ μία ἀπ᾽ αὐτὲς ἀπλώνοντας τὸ χέρι καὶ ψηλαφίζοντας τὸ γιαλό: Ἀδερφάδες, ἐφώναξε,
4. ἀκοῦτε, ἂν ἔκαμε ποτὲ τέτοιο σεισμὸ σὰν καὶ τώρα, τὸ Μισολόγγι ἴσως νικάει, ἴσως πέφτει.

5. Καὶ ἐκίνησα γιὰ νὰ φύγω καὶ εἶδα ἀπὸ πίσω ἀπὸ τὴν ἐκκλησία (ἰδὲς πῶς τὴ λένε) μιὰ γριούλα, ὁποὺ εἶχε στήσει ἀνάμεσα στὰ χόρτα μικρὰ κεράκια καὶ ἔκαιε λιβάνι· καὶ τὰ κεράκια στὴν πρασινάδα ἐλάμπανε καὶ τὸ λιβάνι ἀνέβαινε.
6. Καὶ ἀσήκωνε τὰ ξερόχερα παίρνοντας ἀπὸ τὸ λιβάνι καὶ κλαίοντας, καὶ ἀναδεύοντας τὸ ξεδοντιασμένο στόμα ἐπαρακάλειε.
7. Κ᾿ ἐγὼ ἄκουγα μέσα μου μεγάλη ταραχὴ καὶ μὲ συνεπῆρε τὸ πνεῦμα στὸ Μισολόγγι. Καὶ δὲν ἔβλεπα μήτε τὸ κάστρο, μήτε τὸ στρατόπεδο, μήτε τὴ λίμνη, μήτε τὴ θάλασσα, μήτε τὴ γῆ ποὺ ἐπάτουνα, μήτε τὸν οὐρανό· πολιορκούμενους καὶ πολιορκισμένους καὶ ὅλα τὰ ἔργα τους καὶ ὅλα τὰ πάντα τὰ ἐκατασκέπαζε μαυρίλα καὶ πίσσα.
8. Καὶ ὕψωσα τὰ μάτια καὶ τὰ χέρια κατὰ τὸν οὐρανὸ γιὰ νὰ κάμω δέηση μὲ ὅλη τὴ θερμότητα τῆς ψυχῆς, καὶ εἶδα φωτισμένη ἀπὸ μίαν ἀκατάπαυστη σπιθοβολὴ μία γυναίκα μὲ μιὰ λύρα στὸ χέρι ποὺ ἐσταμάτησε ἀνάερα μὲς στὴν καπνούρα.
9. Καὶ μόλις ἔλαβα καιρὸ νὰ θαμάξω γιὰ τὸ φόρεμά της ποὺ ἤτανε μαῦρο σὰν τοῦ λαγοῦ τὸ αἷμα, γιὰ τὰ μάτια της, κτλ., ἐσταμάτησε ἡ γυναίκα μὲς στὴν καπνούρα καὶ ἐκοίταε τὴ μάχη, καὶ ἡ μύρια σπίθα ὁποὺ πετιέται ψηλὰ ἐγγίζει τὸ φόρεμά της καὶ σβένεται.
10. Ἅπλωσε τὰ δάχτυλα στὴ λύρα καὶ τὴν ἄκουσα νὰ ψάλει τὰ ἀκόλουθα:

Τὸ χάραμα ἐπῆρα
Τοῦ ἥλιου τὸ δρόμο
Κρεμῶντας τὴ λύρα
Τὴ δίκαιη στὸν ὦμο.
Κι ἀπ᾿ ὅπου χαράζει
Κι᾿ ὡς ὅπου βυθᾶ κτλ.

11. Καὶ ὅ,τι εἶχε ἀποτελειωμένα τὰ λόγια της ἡ Θεά, οἱ δικοί μας ἐκάνανε φοβερὲς φωνὲς γιὰ τὴ νίκη ποὺ ἐκάμανε. Καὶ οἱ δικοί μας καὶ ὅλα μου ἔγιναν ἄφαντα, καὶ τὰ σωθικά μου πάλι φοβερὰ ἐταραχθήκανε καὶ μοῦ φάνηκε πῶς ἐκουφάθηκα καὶ ἐστραβώθηκα.
12. Καὶ σὲ λίγο εἶδα ὀμπρός μου τὴ γριούλα ὁποὺ ἔλεγε: Δόξα σοὶ ὁ Θεός, Ἱερομόναχε, ἔλεα πὼς κάτι σοῦρθε. Σ᾿ ἔκραξα, σ᾿ ἐκούνησα, καὶ δὲν ἄκουγες τίποτες, καὶ τὰ μάτια σου ἐσταμάτιζαν στὸν ἀέρα, ἐνῶ τώρα στὰ στερνὰ ἡ γῆς ἐσκιρτοῦσε σὰν τὸ χόχλο στὸ νερὸ ποὺ ἀναβράζει. Τώρα ὅ,τι ἔπαψε ποὺ ἐτελειώσανε τὰ κεράκια καὶ τὸ λιβάνι. Λὲς οἱ δικοί μας νὰ ἐκερδέσανε;
13. Καὶ ἐκίνησα μὲ τὸ Χάρο μὲς στὴν καρδιά μου νὰ φύγω. Καὶ ἡ γριούλα ἔπειτα ποὺ φίλησε τὸ χέρι κάνοντας μία μετάνοια εἶπε: Καὶ τί παγωμένο ποὖναι τὸ χέρι σου.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 6
«ΤΟ ΜΕΛΛΟΝΤΑ ΓΕΝΑΜΕΝΟ ΠΑΡΟΝ.
Η ΚΑΚΙΑ ΕΙΝΑΙ ΤΟ ΤΕΛΟΣ»

1. Καὶ ἐκοίταξα τριγύρου καὶ δὲν ἔβλεπα τίποτες καὶ εἶπα:
2. Ὁ Κύριος δὲ θέλει νὰ ἰδῶ ἄλλο. Καὶ γυρίζοντας τὸ πρόσωπο ὁποὺ ἦταν οἱ πλάτες μου ἐκίνησα γιὰ νὰ πάω στὸν Ἅι-Λύπιο.
3. Ἀλλὰ ἄκουσα νὰ τρέμει ἡ γῆς ἀπὸ κάτου ἀπὸ τὰ πόδια μου, καὶ πλῆθος ἀστραπὲς ἐγιόμοζαν τὸν ἀέρα πάντα αὐξαίνοντας τῇ γοργότητᾳ καὶ τῇ λάμψῃ. Καὶ ἐσκιάχθηκα, γιατὶ ἡ ὥρα ἦτανε κοντὰ στ᾽ ἄγρια μεσανύχτια.
4. Τόσο, ποὺ ἔσπρωξα ὀμπρὸς τὰ χέρια μου, καθὼς κάνει ὁ ἄνθρωπος ὁποὺ δὲν ἔχει τὸ φῶς του.
5. Καὶ εὑρέθηκα ὀπίσω ἀπὸ ἕναν καθρέφτη, ἀνάμεσα σ᾽ αὐτόνε καὶ στὸν τοῖχο. Καὶ ὁ καθρέφτης εἶχε τὸν ψῆλο τοῦ δώματος.
6. Καὶ μιὰ φωνὴ δυνατὴ καὶ ὀγλήγορη μοῦ ἐβάρεσε τὴν ἀκουὴ λέγοντας:
7. Ὦ Διονύσιε Ἱερομόναχε, τὸ μέλλοντα θὲ νὰ γίνει τώρα γιὰ σὲ παρόν. Ἀκαρτέρει καὶ βλέπεις ἐκδίκησην Θεοῦ.
8. Καὶ μιὰ ἄλλη φωνή μου εἶπε τὰ ἴδια λόγια τραυλίζοντας.
9. Καὶ αὐτὴ ἡ δεύτερη φωνὴ ἦτανε ἑνοῦ γέρου ποὺ ἀπέθανε καὶ εἶχα γνωρίσει. Καὶ ἐθαύμαξα γιατὶ ἦταν ἡ πρώτη φορὰ ποὺ ἄκουσα τὴν ψυχὴ τοῦ ἀνθρώπου νὰ τραυλίζει. Καὶ ἄκουσα ἕνα τρίτο μουρμουρητὸ ποὺ ἐφαινότουνα μία φυσηματιὰ μὲς στὸν καλαμιώνα, ὅμως δὲν ἄκουσα λόγια.
10. Καὶ ἐκοίταξα ἀνάερα γιὰ νὰ ξανοίξω ποῦθεν ἐβγαίνανε αὐτὲς οἱ φωνές, καὶ δὲν εἶδα παρὰ τοὺς δυὸ χοντροὺς καὶ μακρίους πέρονους ποὺ ἐβγαίνανε ἀπὸ τὸν τοῖχο, στοὺς ὁποίους ἀκουμποῦσε ὁ καθρέφτης δεμένος ἀπὸ τὴ μέση.
11. Καὶ ἀναστενάζοντας βαθιά, καθὼς κάνει ὁ ἄνθρωπος ὁποὺ βρίσκεται γερασμένος, ἀγρίκησα μυρωδία ἀπὸ λείψανο.
12. Καὶ ἐβγήκα ἀπὸ κεῖ καὶ ἐκοίταξα τριγύρω καὶ εἶδα.
13. Εἶδα ἀντίκρυ ἀπὸ τὸν καθρέφτη στὴν ἄκρη τῆς κάμερας ἕνα κρεβάτι, καὶ κοντὰ στὸ κρεβάτι ἕνα φῶς. Καὶ ἐφαινότουνα πῶς δὲν ἤτουνα μὲς στὸ κρεβάτι τίποτες, καὶ ἀπάνου ἦτανε πολλὴ μύγα κουλουμωτή.
14. Καὶ ἀπάνου στὸ προσκέφαλο εἶδα σὰ μιὰ κεφαλὴ ἀκίνητη καὶ καὶ λιανὴ σὰν ἐκεῖνες ποὺ κάνουνε στὰ χέρια καὶ στὰ στήθια οἱ πελαγίσιοι με τὸ βελόνι.
15. Καὶ εἶπα μέσα μου: Ὁ Κύριος μοῦ ἔστειλε ἐτούτη τὴ θέα γιὰ σύμβολο σκοτεινὸ τῆς θέλησής του.
16 Γιὰ τοῦτο ἐγώ, παρακαλώντας θερμὰ τὸν Κύριον νὰ καταδεχτεῖ νὰ μὲ βοηθήσει γιὰ νὰ καταλάβω αὐτὸ τὸ σύμβολο, ἐσίμωσα τὸ κρεβάτι.
17. Καὶ κάτι ἀναδεύτηκε μὲς στὰ σεντόνια τὰ λερωμένα καὶ ξεντερολοϊσμένα καὶ αἱματωμένα.

18. Καὶ κοιτάζοντας καλύτερα στὴν εἰκόνα τοῦ προσκέφαλου ἐταραχθήκανε τὰ σωθικά μου, γιατὶ ἀπὸ ἕνα κίνημα ποὺ ἔκαμε μὲ τὸ στόμα ἐγνώρισα τὴ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος ποὺ ἐκοιμότουνα σκεπασμένη ἀπὸ τὸ σεντόνι ὡς τὸ λαιμό, ὅλη φθαρμένη ἀπὸ τὸ τηχτικό.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 7
«ΔΕ ΣΟΥ ΔΙΝΩ ΜΗΤΕ ΕΝΑ ΨΙΧΑΛΟ»

1. Ἀλλὰ ἐκαλοκοίταξα ἐκεῖνον τὸν ὕπνο καὶ ἐκατάλαβα ποὺ ἤθελε βαστάξει λίγο, γιὰ νὰ δώσει τόπο τοῦ ἀλλουνοῦ ποῦναι χωρὶς ὀνείρατα.
2. Καὶ ἐπειδὴ ἐκεῖ μέσα δὲν ἤτανε οὔτε φίλος οὔτε δικός, οὔτε γιατρὸς οὔτε πνεματικός, ἐγὼ Διονύσιος Ἱερομόναχος ἔσκυψα καὶ μὲ τὰ καλὰ τῆς ἔλεγα νὰ ξαγορευθεῖ.
3. Καὶ αὐτὴ ἐμισάνοιξε τὸ στόμα της καὶ ἔδειξε τὰ δόντια της ἀκλουθώντας νὰ κοιμᾶται.
4. Καὶ ἰδοὺ ἡ πρώτη φωνὴ ἡ ἀγνώριστη ποὺ μοῦπε στὸ δεξὶ αὐτί: Ἡ δύστυχη θρέφει πάντα στὸ νοῦ της φοῦρκες, φυλακὲς καὶ Τούρκους ποὺ νικᾶνε καὶ Γραικοὺς ποὺ σφάζονται.
5. Τούτη τὴ στιγμὴ βλέπει στὸν ὕπνο της τὸ πρᾶγμα ποὺ πάντοτες ἀπεθύμουνε, ἤγουν τὴν ἀδελφή της ποὺ διακονεύει, καὶ γιὰ τοῦτο τὴν εἶδες τώρα ποὺ ἐχαμογέλασε.
6. Καὶ ἡ δεύτερη φωνὴ ποὺ ἐγνώριζα ἐξανάειπε τὰ ἴδια λόγια τραυλίζοντας καὶ κάνοντας ἕνα σωρὸ ὅρκους καθὼς ἀπὸ ζώντας ἐσυνηθοῦσε:
7. Ἀλήθεια, μὰ-μὰ-μαα-μὰ τὴν Παναγιά, ἄκουσ᾽ ἐδῶ, ἀααλήθεια, μμμὰ τὸν Ἅι-Νικόλα ἄκουσ᾽ ἐδῶ, ἀλλλήθεια, ἄκουσ᾽ ἐδῶ, μὰ τὸν Ἅι-Σπυ-σπυρί-δωνα ἀλήθεια, μὰ τ᾽ ἀγναχραρα-χραχρα-γράχναντα μυστήρια τοῦ Θεοῦ. Καὶ ἰδοὺ πάλι τὸ μουρμουρητὸ ποὺ ἐφαινότουνα ἡ φυσηματιὰ μὲς στὸν καλαμιῶνα.»
8. Ξάφνου ἡ γυναίκα ἔβγαλε τὸ χέρι ἀπὸ τὸ σεντόνι καὶ ἐχτύπησε, καὶ οἱ μύγες ἀσηκωθήκανε.
9. Καὶ ἀνάμεσα στὴ βουὴ ὁποὺ ἐκάνανε ἄκουσα τὴ φωνὴ τῆς γυναικὸς ὁποὺ ἐφώναξε: Ὄξω, πόρνη, ἀπὸ δῶ. Δέ σου δίνω μητε ἕνα ψίχαλο.
10. Καὶ ἐτίναξε τὸ χέρι ὄξω ἀπὸ τὸ κρεβάτι σὰ γιὰ νὰ διώξει μακριὰ τὴν ἀδελφή της ποὺ τῆς φαινότουνα πῶς ἦλθε νὰ διακονέψει.
11. Καὶ ἐξεσκεπάσθηκε σχεδὸν ὅλη ἀπὸ τὸ λερωμένο σεντόνι καὶ ἐφάνηκε ἕνα ψοφογάτσουλο ὁποὺ ξετρουπώνει ἀπὸ τὴν κροπιὰ ἕνας ἀνεμοστρούφουλας.
12. Ἀλλὰ ἐχτύπησε τὸ χέρι της σὲ μιὰ κάσα πεθαμένου, ποὺ εὑρέθηκε ἐκεῖ ξάφνου, καὶ ἐκόπηκε τὸ ὄνειρο τῆς ἁμαρτωλῆς.
13. Καὶ ἄνοιξε τὰ μάτια της, καὶ βλέποντας τὴν κάσα ἀνατρίχιασε, γιατὶ ἐσκιάχθηκε μὴ τὴ βάλανε ἐκεῖ στοχάζοντάς τηνε πεθαμένη.

14. Καὶ ἑτοιμαζότουνα νὰ φωνάξει δυνατὰ γιὰ νὰ δείξει πῶς δὲν ἀπέθανε, ἀλλὰ ἰδοὺ προβαίνει ἀπὸ τὴν κάσα μία κεφαλὴ γυναικεία φθαρμένη καὶ αὐτὴ ἀπὸ τὸ τηχτικό, ποὺ ἀγκαλὰ καὶ πλέον ἡλικιωμένη πολὺ τῆς ἔμοιαζε.
15. Πηδάει στὴ ζερβιά του κρεβατιοῦ, ἀλλὰ ἐχτύπησε τὴ μούρη της σὲ μιὰν ἄλλη κάσα, καὶ ὄξω ἀπὸ αὐτὴ ἕνα κεφάλι γέρου, καὶ ἤτανε ὁ γέρος ποὺ ἐγνώριζα.
16. Καὶ τὸ πρόσωπο τοῦ γέρου ἤτανε σὰν τὸν τζίτζικα, καὶ τῆς παιδούλας σὰν τὴν ἔκλειψη τοῦ φεγγαριοῦ, καὶ τῆς γραίας σὰν τ᾽ ἄγρια μεσάνυχτα.
17. Καὶ ἔτσι ἐγνώρισα ὅτι ἔμελλε τῆς γυναικὸς βρεθεῖ πρὶν ξεψυχήσει ἀνάμεσα στὸν πατέρα της καὶ στὴ μάνα της καὶ στὴ θυγατέρα της.
18. Καὶ ἔφριξα καὶ ἔστριψα στὴν ἀντίκρυ μεριὰ τὸ πρόσωπό μου, καὶ ἐξανάσανε τὸ μάτι μου στὸν καθρέφτη, ὁ ὁποῖος δὲν ἔδειχνε παρὰ τὴ γυναίκα μοναχὴ καὶ ἐμὲ καὶ τὸ φῶς.
19. Γιατὶ τὰ σώματα τῶν ἄλλων τριῶν ἡσυχάσανε στὸ μνῆμα τους, ἀπὸ τὰ ὁποῖα θὰ πεταχθοῦν ὅταν βαρέσει ἡ Σάλπιγγα,
20. μαζὶ μ᾽ ἐμέ, τὸ Διονύσιο τὸν Ἱερομόναχο, μαζὶ μὲ τὴ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος, μαζὶ μὲ ὅλα τὰ τέκνα τοῦ Ἀδὰμ στὴ μεγάλη κοιλάδα τοῦ Ἰωσαφάθ.
21. Καὶ ἄρχισα νὰ συλλογισθῶ ἀπάνου στὴ δικαιοσύνη τοῦ Θεοῦ, ποὺ θὲ νἇναι αὐτὴ τὴν ἡμέρα φανούσιμη, καὶ τὸ μάτι (προσηλωμένο στὸν καθρέφτη) ἐμποδίσθηκε ἀπὸ τὸ λογισμό.
22. Ἀλλὰ ἀκολούθως ὁ λογισμὸς ἐμποδίστηκε ἀπὸ τὸ μάτι,
23. ἐπειδὴ στριφογυρίζοντας ἐγὼ ἔπειτα τὰ μάτια ἐδῶ καὶ ἐκεῖ, καθὼς κάνει ὁ ἄνθρωπος ποὺ συλλογίζεται πράμα δύσκολο ποὺ πολεμάει νὰ καταλάβει,
24. εἶδα ἀπὸ τὴν κλειδωνότρουπα ποὺ κάτι ἐμπόδιζε τὸ φῶς καὶ ἐβάστουνε πολληώρα καὶ ἔπειτα ἐξαναφαινότουνα.
25. Καὶ ἀκουότουνα ἀκολούθως ἕνα μουρμουρητὸ στὴν ἄλλη κάμερα, καὶ δὲν ἐκαταλάβαινα τίποτες, καὶ ἐξανακοίταξα στὸ μέρος τῆς ὀπτασίας.
26. Καὶ ἤτανε μεγάλη σιωπὴ καὶ δὲν ἄκουες νὰ βουίξει μήτε μία μύγα ἀπὸ τόσο πλῆθος, γιατὶ ἤτανε ὅλες μαζωμένες εἰς τὸν καθρέφτη,
27. Ὁ ὁποῖος εἰς πολλὰ μέρη ἐπαράσταινε τὸ χρῶμα τοῦ πέπλου, ποὺ τὸ βάνουνε ὅταν λείπει γιὰ πάντα κανένας ἀπὸ τὴ φαμιλιά.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ 8
«ΤΟ ΖΩΝΑΡΙ»

1. Ἀλλὰ ἡ μάνα της χωρὶς νὰ κοιτάξει κατὰ τὴ θύρα, χωρὶς νὰ κοιτάξει τὴ θυγατέρα της, χωρὶς νὰ κοιτάξει κανέναν, ἀρχίνησε:

2. Ἐτούτη τὴ στιγμὴ τὸ μάτι καὶ τὸ αὐτὶ τοῦ παιδιοῦ σου σὲ παραμονεύει τὴν κλειδωνότρουπα, καὶ σὲ ἀπομακραίνει, γιατὶ σκιάζεται τὸ κακό σου. Καὶ ἔτσι ἔκαμες καὶ ἐσὺ μ᾽ ἐμέ.

* * *

3. Γιὰ τοῦτο σὄδωσα τὴν κατάρα μου γονατισμένη καὶ ξέπλεκη εἰς τὴν πίκρα τῆς ψυχῆς μου, ὅταν ἀσήμαιναν ὅλες οἱ ἐκκλησίες τὴν ἡμέρα τοῦ Πάσχα.
4. Στὴν ξανάδωσα μίαν ὥρα πρὶν ξεψυχήσω, καὶ τώρα στὴν ξαναδίνω κακὸ καὶ ἀνάποδο θηλυκό.
5. Καὶ ἡ τρίδιπλη κατάρα θέλει εἶναι ἀληθινὴ καὶ ἐνεργητικὴ στὸ κορμί σου καὶ στὴν ψυχή σου, καθὼς εἶναι ἀληθινὰ καὶ ἐνεργητικὰ στὸν φαινόμενο καὶ στὸν ἀόρατο κόσμο τὰ τρία προσώπατα τῆς Ἁγίας Τριάδας.
6. Ἔτσι λέοντας ἔβγαλε ἕνα ζωνάρι ποὺ ἦτανε τοῦ ἀνδρός της, τὸ χουχούλισε τρεῖς φορὲς καὶ τὸ πέταξε μὲς στὰ μοῦτρα της.
7. Καὶ ὁ γέρος ἐτραύλισε ἐτοῦτα τὰ ὕστερα λόγια, καὶ ἡ παιδούλα ἀναδεύτηκε στὸ κόκκινο προσκέφαλο σὰν τὸ μισοσκοτωμένο πουλί.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ ΥΣΤΕΡΟΝ (9)
«Η ΓΥΝΑΙΚΑ ΤΗΣ ΖΑΚΥΝΘΟΣ ΛΑΒΑΙΝΕΙ ΤΗ ΣΤΕΡΝΗ ΤΗΣ ΘΑΡΑΠΑΨΗ»

1. Καὶ ἐχαθήκανε μὲ τὲς κάσες, καὶ ἡ γυναίκα μοναχὰ ἐτότες ἄκουσε δύναμη νὰ μπορέσει νὰ πεταχτεῖ.
2. Καὶ ἐχύθηκε πηδώντας ψηλὰ σὰν τ᾽ ἄστρο τοῦ καλοκαιριοῦ ποὺ στὸν ἀέρα χύνεται δέκα ὀργιὲς ἄστρο.
3. Καὶ ἐχτύπησε στὸν καθρέφτη καὶ οἱ μύγες ἐφύγανε καὶ ἐβουίζανε στὸ πρόσωπό της κουλουμωτές.
4. Καὶ αὐτή, λογιάζοντας πὼς ἦταν οἱ γονέοι της ἔτρεχε ἐδῶ καὶ ἐκεῖ,
5. ἀνοιγοκλειώντας τὴ φούχτα κάτι νἄβρει γιὰ διαφέντεψη, καὶ ηὗρηκε τὸ ζωνάρι, καὶ μὲ κεῖνο ἄρχισε νὰ χτυπάει.
6. Καὶ ὅσο ἐχτυποῦσε, τόσο οἱ μύγες ἐβουίζανε, καὶ τόσο αὐτὴ ἐκατατρόμαζε, ὅσο ποὺ τέλος πάντων ἔχασε τὸ νοῦ της ὁλότελα.
7. Γιατὶ τρέχοντας μὲ τὸ πουκάμισο, ποὺ ἡ φιλαργυρία τὄχε κάμει κοντό, ἔτρεξε τὸ μάτι της στὸν καθρέφτη,
8. καὶ ἐσταμάτηξε καὶ δὲν ἐγνώρισε τὸν ἑαυτό της, καὶ ἅπλωσε τὸ δάχτυλο καὶ ἀναγέλασε:

9. «Ὦ κορμί, ὢ κορμί! Τί πουκάμισο! Ἔ, καταλαβαίνω ἐγώ. Κἂν ποιὸς πονηρὸς μπορεῖ νὰ μοῦ κρύψει τὴν πονηριά του; Ἐκεῖνο τὸ πουκάμισο μὲ κάνει νὰ καταλάβω πῶς καμώνεται τρέλα γιὰ νἆν ἕτοιμος νὰ κριματίσει.
10. »Ἀλλά ποιὸς νἆναι; Μὰ τὴν ἀλήθεια ποὺ τῆς μοιάζει ὀλίγο. Ἄα! εἶσ᾽ ἐσὺ μπομπόκορμο, βρωμοπόρνη, μυγόχεσμα τοῦ σπιταλιοῦ, τσίπλα τῆς γουρούνας, σκατή, γαϊδούρα, κροπολόγα.
11. »Νά, τέλος πάντων, ὅ,τι σου προφήτεψα, καὶ οἱ φίλοι σου οἱ ἀγαπημένοι. Δὲ σόμεινε μήτε δισκάρι νὰ διακονεύεις μὲ δαῦτο.
12. »Εἶσαι στὰ χέρια μου. Τί θέλεις; Νὰ σοῦ κάμω ψυχικό; Τώρα στὸ κάνω. Νὰ ἰδῶ ἄ σοῦ μείνει φωνὴ νὰ πεῖς πὼς εἶμαι μουρλή».
13. Ἔτσι λέοντας ἔκαμε ἕνα γύρο καὶ ἐβάλθηκε μὲ μεγάλη λύσσα νὰ χορεύει, καὶ τὸ πουκάμισο τὸ κοντὸ εὑρισκότουνα στὸ πρόσωπό της. Καὶ τὰ μαλλιά, μαῦρα καὶ λιγδωμένα, ἔλεγες πῶς εἶναι φιδόπουλα ὁποὺ γένονται ἀνάμεσά τους κομμάτια ἀπάνου στὸν κορνιαχτό.
14. Καὶ στὴ ζέστα τοῦ χοροῦ ἔκανε μὲ τὸ ζωνάρι μία θηλιά, καὶ ὁ χορὸς ἐβάσταξε ὅσο νὰ κάμει τὴ θηλιά.
15. Καὶ εἶπε: «Ἀκλούθα με ἀπὸ πίσω ἀπὸ τὸν καθρέφτη, νὰ σοῦ κάμω τὸ ψυχικό, νὰ ἰδῶ ἄ σοῦ μείνει φωνὴ νὰ πεῖς πὼς εἶμαι ζουρλή.
16. »Γιατὶ ἔρχεται κάπου κάπου ὁ γάϊδαρος ὁ γιατρός, ὁποὺ θὰ σ᾽ ἔχει καὶ ἐκεῖνος, καὶ τοῦ σκαρφίστηκε πὼς εἶμαι ἄρρωστη».
17. Καὶ ἐπῆγε ὀπίσω ἀπὸ τὸν καθρέφτη, καὶ τὴν ἄκουα νὰ κάνει μεγάλη ταραχή.
18. Καὶ ἔσκασε ἕνα γέλιο μεγάλο ποὺ ἀντιβούισε ἡ κάμερα φωνάζοντας. Νά, μάτια μου, τὸ ψυχικό.
19. Ἐτότες ἔπεσα μὲ τὰ γόνατα χάμου νὰ κάμω δέηση γιὰ νὰ τὴν κάμει ὁ Κύριος νὰ μὴν εἶναι ἔξω φρενῶν, γιὰ τὸ λίγο ἀκόμη πὄχει νὰ ζήσει, καὶ νὰ τῆς πάψει ἡ κακία.
20. Καὶ τελειωμένη ἡ δέηση ἐκοίταξα χάμου ὀπίσω ἀπὸ τὸν καθρέφτη στοχάζοντάς την ελιγωμένη, καὶ δὲν ἦτον ἐκεῖ.
21. Καὶ αἰσθάνθηκα τὸ αἷμα μου νὰ τραβηχτεῖ ἀπὸ τὰ μάγουλά μου.
22. Καὶ ἔπεσε τὸ κεφάλι ἀπάνου στὰ στήθια μου, καὶ εἶπα μέσα μου:
23. Ὁ θεὸς ξέρει ποὺ ἔφυγε ἡ δύστυχη, ἐνῶ ἐπαρακάλεα γιὰ αὐτὴν μὲ τὴ θέρμη τῆς ψυχῆς μου.
24. Καὶ ἐπέρασα πέρα μὲ τὸ κεφάλι σκυφτὸ καὶ στοχασμένο νὰ πάω νὰ τὴν εὕρω.
25. Καὶ ἄκουσα στὸ μέτωπο κάποιον τι κ᾽ ἔπεσα ξαφνισμένος τ᾽ ἀνάσκελα.
26. Κι ἐσηκώθηκα καὶ ἐπῆα ὀπίσω ἀπὸ τὸν καθρέφτη καὶ εἶδα τὴ γυναίκα τῆς Ζάκυνθος ποὺ ἐκρεμότουνα καὶ ἐκυμάτιζε.

ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ ΥΣΤΕΡΟΝ (10)

1. Καὶ ἀσηκώθηκα ὅλος τετρομασμένος φωνάζοντας: Μνήσθητί μου, Κύριε, μνήσθητί μου, Κύριε, καὶ ἄκουσα ποδοβολὴ ἀνθρώπων ποὺ ἀνέβαιναν τὲς σκάλες.
2. Καὶ ἦταν καμιὰ δεκαπενταριὰ ἀνθρώποι καὶ οἱ περσότεροι ἐφοροῦσαν μιὰ προσωπίδα, ὄξω ἀπὸ πέντε, ὁποὺ ἐγνώρισα πολλὰ καλά.
3. Ὁ ἕνας (ζωγράφισε τοὺς ὅλους τοὺς πέντε).
4. Καὶ ἐπειδὴ χωρὶς ν᾽ ἀγαπᾶν τὴ γυναίκα ἐσυχνάζανε σπίτι της καὶ ἀρχινήσανε νὰ σκούζουνε,
5. Καὶ ἐγὼ γυρίζοντας κατ᾽ αὐτοὺς τοὺς εἶπα: Ὄξω ἀπὸ δῶ, ὄξω ἀπὸ δῶ! Τὰ κρίματά σας σᾶς ἐσύρανε ἐδῶ. Τοῦτος ὁ τόπος εἶναι κεραυνοκράχτης, γιατὶ ὁ θεὸς τὸν μισάει.
6. Καὶ ἐφοβήθηκαν ὀλίγο, ὅμως δὲν ἐφεύγανε.
7. Καὶ ἐστάθηκα σιωπηλὸς γιὰ νἄβρω τί νὰ τοὺς πῶ γιὰ νὰ φύγουνε.
8. Καὶ τοὺς εἶπα: «Παιδιά, ἀκοῦστε τὰ λόγια τοῦ Διονυσίου τοῦ Ἱερομόναχου. Ἐγὼ γιὰ μὲ πάω νὰ κάμω δέηση καὶ σᾶς ἀφήνω ἐδῶ.
9. Βάλτε τὸ χέρι στὴ συνείδησή σας, ἐσὺ Μ., ἐσὺ Γ., ἐσὺ Κ., ἐσὺ Π., ἐσὺ Τ. (γιατὶ σᾶς τοὺς ἄλλους δὲ σᾶς γνωρίζω), καὶ ἰδέστε τί μπορεῖ νἄβγει ἐὰν μείνετε. Ἡ διοίκηση σᾶς γνωρίζει καὶ βρίσκοντάς σας ἐδῶ θέλει πεῖ πὼς τὴν ἐφουρκίσετε ἐσεῖς».
10. Ἐτότε τοὺς εἶδα νὰ πισωπλατίσουν ὅλους, σπρώχνοντας ὁ ἕνας τὸν ἄλλον ποιὸς νὰ πρωτοφύγει, καὶ ἐροβολοῦσαν τὲς σκάλες μὲ μιὰ ταραχὴ ὁποὺ μοῦ φάνηκε πὼς οἱ περσότεροι ἐγκρεμιζόντανε.

A mulher de Zaquintos[1]

"E vi uma mulher com uma lira na mão
que estava parada, etérea, em meio à fumaça."

DIONÝSIOS SOLOMÓS

CAPÍTULO 1
«O MONGE SE AMARGURA»

1. Eu, Dionísio o Monge, residente na ermida de Santo Alípio, a fim de descrever o que estou meditando digo:
2. Que voltava do monastério de São Dionísio, onde havia ido para falar com um frade, sobre alguns assuntos espirituais.
3. E era verão, e era a hora em que as águas se turvam, e havia chegado aos Três Poços, e lá ao redor, a terra estava cheia de água, pois vão as mulheres e a tiram repetidamente.
4. Parei em um dos Três Poços, e colocando minhas mãos na borda do poço, curvei-me para ver se havia muita água.
5. E o vi cheio até a metade e disse: Glória a Deus.
6. Doce a frescura que envia às entranhas do homem no verão, grandes as suas obras e grande a ingratidão do homem.
7. E os justos segundo a santa Escritura quantos são? E refletindo sobre isso, meus olhos caíram sobre minhas mãos que estavam apoiadas na borda.
8. E querendo contar com os dedos os justos, levantei da borda a minha mão esquerda, e olhando os dedos da direita disse: haverão de ser muitos?
9. E comecei a comparar o número dos justos que conhecia com esses cinco dedos, e descobrindo que eles sobravam, subtraí o dedo mindinho, escondendo-o entre a borda e minha palma.

[1] Nos esboços, Solomós menciona o título: «Visione di Dionisio Ιερομόναχο εγκάτοικου εις ξωκλήσι Ζακύνθου», ou «Visão do Monge Dionísio, residente em ermida de Zaquintos». (n.t.)

10. E fiquei a observar os quatro dedos por muito tempo, e senti uma grande ansiedade, pois vi que era forçado a subtrair, e ao lado de meu dedo mindinho, coloquei seu próximo no mesmo lugar.
11. Restavam, então, sob meus olhos, os três dedos sozinhos, e os batia ansiosamente sobre a borda para ajudar minha mente a achar pelo menos três justos.
12. Mas já que minhas entranhas começavam a tremer como o mar que nunca se acalma,
13. levantei meus três dedos ermos e fiz o sinal da cruz.
14. Depois querendo numerar os injustos, coloquei uma mão no bolso de minha batina e a outra em meio a meu cinto, pois compreendi, ai de mim!, que os dedos não eram de forma alguma necessários.
15. E minha mente sentiu vertigens com o grande número; mas me consolava ver que cada um tinha algo de bom sobre si. E ouvi uma gargalhada pavorosa dentro do poço e vi surgirem dois chifres.
16. E veio-me à mente, mais do que todos eles, a mulher de Zaquintos, que luta para prejudicar os outros com a língua e as obras, e era inimiga mortal da nação.
17. E procurando para ver se dentro dessa alma, onde ferve a maldade de Satanás, se alguma vez já caíra o desejo do mínimo bem,
18. depois de ficar e muito meditar, levantei minha cabeça e minhas mãos para o céu e gritei: meu Deus, entendo que procuro por uma pitada de sal no calor.
19. E vi como brilhavam sobre mim todos os astros, e desvendei a Relha do Arado[2], que muito me alegra.
20. E apressei-me para ir à ermida de Santo Alípio, pois vi que perdia meu tempo, e queria chegar para descrever a mulher de Zaquintos.
21. E eis uma dúzia de cães sarnentos que me queriam impedir o caminho,
22. e não querendo eu escoiceá-los para não tocar a sarna e o sangue que tinham, pensaram eles que os temi,
23. e vieram latindo para perto de mim; mas eu fiz que me abaixei para pegar uma pedra,
24. e foram todos embora e aliviaram sua raiva, os infelizes sarnentos, mordendo um o outro.
25. Mas um que controlava alguns dos cães sarnentos tomou, também ele, uma pedra,

[2] A constelação de Órion. (n.t.)

26. e colocando, o ateu, minha cabeça, a do Monge Dionísio, por alvo, não acertou. Pois da grande violência, com a qual arremessou a pedra, pisou em falso e caiu.
27. Assim cheguei à cela de Santo Alípio, consolado pelos aromas do campo, pelas doces águas correntes e pelo céu radiante, que mostrava sobre minha cabeça uma Ressurreição.

CAPÍTULO 2
«O MONGE LUTA PARA SE CONSOLAR»

1. De resto o corpo da mulher era pequeno e tomado.
2. e seu peito quase sempre marcado pelas sanguessugas que colocava para que lhe chupassem a tísica, e abaixo ficavam as duas tetas, penduradas como sacolas de fumo.
3. E esse corpo pequeno caminhava rapidamente, e suas juntas pareciam desaferrolhadas.
4. E sua fuça tinha a forma de encóspias, e vias um grande comprimento se olhasses da ponta do queixo até a ponta da cabeça,
5. na qual havia uma trança amarrada em círculo e sobre ela um pente monstruoso.
6. E quem quisesse aproximar a palma para medir a mulher, iria encontrar um quarto do corpo na cabeça.
7. E sua face se contorcia selvagem, e era às vezes viva e às vezes dolorida e murcha.
8. E a cada pouco abria uma grande boca para enganar os outros, e mostrava os dentes de baixo, à frente, pequenos e podres, que se misturavam aos de cima que eram branquíssimos e longos.
9. E apesar de ser jovem, as têmporas, e a fronte, e as sobrancelhas e o caimento do nariz eram avelhantados.
10. Sempre avelhantados, mas especialmente quando apoiava sua cabeça no punho direito estudando a maldade.
11. E aquele aspecto avelhantado era animado por dois olhos brilhantes e negros retintos, e um era um pouco vesgueado,
12. e ficavam a dar voltas, daqui para ali, procurando pelo mal, e o encontravam mesmo onde não houvesse.
13. E nos seus olhos brilhava um certo quê, que te fazia pensar que a loucura, ou há pouco a deixou, ou está próxima de apagá-la.
14. E essa era a morada de sua alma, má e pecadora.
15. E demonstrava sua maldade falando e silenciando.

16. E quando falava às escondidas para danar a fama do homem, sua voz parecia com o sussurro da palha pisada pelo pé do ladrão.
18.[3] E quando falava alto, sua voz parecia com aquela que fazem os homens para troçar os outros.
19. E apesar disso, quando estava sozinha, ia ao espelho, e olhando, ria e chorava,
20. e achava que era a mais bela de todas as que há no Heptaneso[4].
21. E era capaz de separar casais e irmãos com a destreza da Morte.
22. E quando via em seu sono o belo corpo de sua irmã, acordava aterrorizada.
23. A inveja, o ódio, a suspeita, a mentira sempre lhe arrastavam as entranhas,
24. Como as crianças sujas da vizinhança que vês desarrumadas e imundas soando os sinos da festa e enlouquecendo o mundo.

***[5]

25. Mas falando sempre sobre o mal das outras mulheres sua mente se exauriu e se incendiou,
26. e sentia uma certa doçura ao refletir novamente sobre tudo sozinha.
27. Todavia era mantida pelas obras más.
28. Mas pois que ouviu que a chamavam de feia, feriu-se seu amor-próprio e pecou e no fim não havia quem a segurasse etc.

CAPÍTULO 3
"AS MESSOLONGUITAS"

1. E aconteceu naqueles dias em que os Turcos sitiavam Messolongui e constantemente, o dia todo e por vezes a noite toda, Zaquintos tremia com o muito canhoneio.
2. E algumas mulheres de Messolongui andavam errantes procurando por seus homens, seus filhos, seus irmãos, que guerreavam.
3. No começo tinham vergonha de sair e esperavam a escuridão para estender a mão, já que não estavam habituadas.
4. E tinham servos e em muitos campos tinham cabras e ovelhas e muitos bois.
5. E em seguida se apressavam e amiúde olhavam pela janela o sol para saírem quando se pusesse.

---

[3] Falta o versículo 17. (n.t.)
[4] O arquipélago das Sete Ilhas, ou Ilhas Jônicas. (n.t.)
[5] Lacuna no texto. (n.t.)

6. Mas quando as necessidades sobraram, perderam a vergonha, e corriam o dia todo.
7. E quando se cansavam, sentavam-se na praia e ouviam, pois temiam que Messolongui caísse.
8. E as pessoas viam-nas a correr os trívios, encruzilhadas, casas, térreos e porões, igrejas, ermidas, procurando.
9. E recebiam dinheiro, panos para os feridos.
10. E ninguém lhes dizia o não, pois os pedidos das mulheres eram na maioria das vezes acompanhados pelos canhoneios de Messolongui e a terra tremia sob nossos pés.
11. E também os mais miseráveis tiravam o seu óbolo e davam-no e faziam o sinal da cruz olhando em direção a Messolongui e chorando.

CAPÍTULO 4
«AS MULHERES DE MESSOLONGUI SUPLICAM E A MULHER DE ZAQUINTOS TEM AFAZERES»

1. Entrementes, a mulher de Zaquintos tinha em seus joelhos sua filha e lutava para adulá-la.
2. Colocou então a doida seus cabelos atrás das orelhas, pois sua ansiedade os havia tirado, e dizia beijando os olhos de sua filha:
3. "Meus olhos, minh'alma, sê boa, casa-te, para sairmos e entrarmos, para vermos o mundo, e para sentarmos juntas na janela e lermos a santa Escritura ou a Halima[6]".
4. E depois de acariciá-la e beijar seus olhos e lábios, deixou-a sobre sua cadeira dizendo-lhe: Olha só, um espelhinho, olha como tu és bonita e te pareces comigo.
5. E a menina que não estava acostumada com a bondade se aquietou, e de alegria chorou.
6. E eis, grande agitação de passos, que sempre aumentava.
7. E parou olhando para a porta e inflando as narinas.
8. E eis que se apresentam à sua frente as mulheres de Messolongui. Colocaram sua mão direita ao peito e se curvaram; e ficaram silenciosas e imóveis.
9. «Mas assim, como? O que fazemos? Vamos brincar? O que ordenam, senhoras? Subindo fizestes tanto barulho com o arrastar de sapatos, que acho que viestes me dar ordens».

[6] Contos de Halima, ou o livro das mil e uma noites. (n.t.)

10. E todas ficaram silenciosas e imóveis; mas uma falou: «Sim, tens razão. Estás em tua pátria e em tua casa, e nós somos estrangeiras e devemos ser enxotadas».
11. E então a mulher de Zaquintos mirou-a e respondeu: «Senhora professora, perdestes tudo, mas pelo que ouço, a língua vos restou.
12. »Estou em minha pátria e em minha casa? E a vossa senhoria não estava em sua pátria e sua casa?
13. »E o que vos faltava, e que mal sofreram do Turco? Não vos deixava comida, servos, jardins, riquezas? E, glória a Deus, tínheis mais do que aquilo que tenho eu.
14. »Disse-vos eu, por acaso, para atacarem o Turco, que agora vinde a mim, mendigando-me e insultando-me?
15. »Ah sim! Saístes para fazer bravatas. Mulheres guerreando (que lindo, devíeis estar com o rifle e com anágua; ou também vestistes calças?). E de fato algo fizestes a princípio, pois pegastes os infelizes guerreiros da Turquia de surpresa.
16. »E como poderiam jamais suspeitar de tal traição? Foi Deus quem quis? Não vos imiscuístes com eles dia e noite?
17. »A mesma coisa seria eu enfiar a faca de madrugada no pescoço do meu homem (que o diabo o leve).
18. »E agora que vedes que vossas coisas vão mal, quereis que o peso caia sobre mim.
19. »Meu bem, por favor. Amanhã Messolongui cai, os reis colocam a doida Grécia em ordem, neles tenho todas as minhas esperanças,
20. »e todos os que sobram do extermínio vêm para Zaquintos para os alimentarmos, e de barriga cheia nos insultam».
21. Dizendo, silenciou um pouco, olhando nos olhos as mulheres de Messolongui.
22. "E eu também sei falar, sim ou não? E agora o que esperais? Por acaso encontrastes contentamento em ouvir-me falar?
23. Vós não tendes outro trabalho além de mendigar por pão. E, para falarmos a verdade, penso que deva ser uma terapia para quem não se envergonha.
24. Mas eu tenho trabalho. Ouvistes? Tenho trabalho". E gritando tais coisas não era mais a burrica de três palmos, mas parecia correta.
25. Pois se levantou com grande ódio sobre as pontas dos pés, e mal tocou o chão e arregalou os olhos, e o olho bom pareceu vesgo e o vesgo se acomodou. E se tornou como uma máscara de gesso que derramam os pintores sobre os rostos dos mortos para...

26. E quem a visse retornar à sua forma primeira dizia: Quiçá o diabo a houvesse tomado, mas se arrependeu e a deixou, pelo ódio que tem do mundo.
27. E sua filha olhando-a gritou; e os servos esqueceram sua fome, e as mulheres de Messolongui desceram sem fazer barulho.
28. Então a mulher de Zaquintos, colocando a palma sobre seu coração e suspirando profundamente, disse:
29. "Como bate o meu coração, meu Deus, que me fizeste tão boa!
30. Deixaram-me nervosa, aquelas prostitutas! Todas as mulheres do mundo são prostitutas.
31. Mas tu, minha filha, não serás prostituta como minha irmã e como as outras mulheres da minha região!
32. Melhor a morte. E tu, meu amor, ficaste com medo. Vem, fica quieta, pois se te sacudires dessa cadeira, logo chamo de volta aquelas megeras e elas te comem".
33. E os servos haviam ido à cozinha sem esperar a ordem da mulher, e lá começaram a falar de sua fome.
34. E a mulher entrou então em seus aposentos.
35. E pouco depois se fez grande silêncio e ouvi a cama ranger, primeiro um pouco e em seguida muito. E entre os rangidos saíam ofegos e gemidos
36. como fazem os carregadores quando os infelizes têm um peso insuportável sobre suas costas.
37. E saí da pedra do escândalo[7] eu Monge Dionísio. E quando saía da porta da casa encontrei o homem da mulher que subia.

CAPÍTULO 5
«PROFECIA SOBRE A QUEDA DE MESSOLONGUI»

1. E segui as mulheres de Messolongui, que se deitaram na praia, e eu estava atrás de uma cerca e olhava.
2. E cada uma pôs sua mão e tirou o que quer que houvesse juntado, e fizeram um monte.
3. E uma delas, estendendo a mão e tateando a praia: Irmãs, gritou,
4. ouvi, jamais houve tal sismo como agora, Messolongui talvez vença, talvez caia.

[7] 1Pedro2:8 (n.t.)

5. E movi-me para ir embora e via de trás da igreja (vê como a chamam) uma velhinha, que havia colocado entre as ervas pequenas velinhas e queimava incenso; e as velinhas brilhavam em meio ao verde e o incenso subia.
6. E erguia as mãos secas tomando do incenso e chorando, e tremendo a boca desdentada suplicava.
7. E eu ouvia grande agitação dentro de mim e arrastou-me o espírito a Messolongui. E não vi nem a fortaleza nem a caserna, nem o lago, nem o mar, nem a terra que eu pisava, nem o céu; sitiadores e sitiados e todas as suas obras e todo o todo era coberto por negrume e pez.
8. E elevei os olhos e mãos em direção ao céu para fazer uma prece com todo o calor da alma, e vi, iluminada por uma ininterrupta fagulha, uma mulher com uma lira na mão que estava parada, etérea, em meio à fumaça.
9. E mal tive tempo de admirar seu vestido, que era negro como o sangue da lebre, seus olhos, etc., parou a mulher em meio à fumaça e olhava a batalha, e miríade de fagulhas que se alçam para o ar tocam seu vestido e se apagam.
10. Estendeu seus dedos na lira e ouvi-a cantar o seguinte:

Ao amanhecer tomei
O caminho do sol
Pendurando a lira
A justa no ombro.
E de onde amanhece
E até onde mergulha etc.

11. E quando havia consumado suas palavras a Deusa, os nossos davam gritos terríveis pela vitória que conquistavam. E os nossos e tudo me ficou invisível, e outra vez minhas entranhas perturbaram-se terrivelmente e pareceu-me estar surdo e cego.
12. E logo vi à minha frente a velhinha que dizia: Glória a Deus, Monge, misericórdia, algo veio a ti. Chamei-te, sacudi-te, e não ouvias nada, e teus olhos pararam no ar, e agora nas últimas a terra tremia como borbulhas na água que ferve. Agora que parou, que acabaram as velinhas e o incenso. Achas que os nossos venceram?
13. E movi-me com a Morte em meu coração para ir embora. E a velhinha após beijar a mão fazendo uma contrição disse: E que gelada está tua mão.

CAPÍTULO 6
«O FUTURO TORNADO PRESENTE. A MALDADE É O FIM»

1. E olhei ao redor e não vi nada e disse:

2. O senhor não quer que eu veja mais. E voltando meu rosto para onde estavam minhas costas, comecei a ir para Santo Alípio.
3. Mas ouvi a terra tremer sob meus pés, e multidão de relâmpagos enchia o ar, sempre aumentando em rapidez e brilho. E tremi, pois a hora era próxima à brutal meia-noite.
4. Tanto, que joguei meus braços para frente, como faz o homem que não tem sua luz.
5. E encontrei-me atrás de um espelho, entre ele e a parede. E o espelho tinha a altura do quarto.
6. E uma voz forte e rápida soou-me aos ouvidos dizendo:
7. Oh, Monge Dionísio, agora o futuro tornar-se-á presente para ti. Espera e verás a vingança de Deus.
8. E uma outra voz me disse as mesmas palavras balbuciando.
9. E essa segunda voz era de um velho que morrera e eu havia conhecido. E admirei-me pois era a primeira vez que ouvia a alma do homem balbuciar. E ouvi um terceiro murmúrio que parecia um sopro em meio aos juncos, mas não ouvi palavras.
10. E olhei pensativo para ver de onde saíam essas vozes, e não vi nada além de dois grossos e longos pregos que saíam da parede, nos quais estava apoiado o espelho, amarrado pelo centro.
11. E suspirando profundamente, como faz o homem que se encontra envelhecido, senti cheiro de relíquia.
12. E saí de lá e olhei ao redor e vi.
13. Vi à frente do espelho no canto do quarto uma cama, e perto da cama uma luz. E parecia não haver nada na cama, e por cima havia muita mosca acumulada.
14. E sobre o travesseiro vi algo como uma cabeça imóvel e fina, como aquelas que fazem em seus braços e peitos os marinheiros, com a agulha.
15. E disse dentro de mim: O Senhor enviou-me esta visão como símbolo sombrio de sua vontade.
16. Por isso eu, suplicando ardentemente ao Senhor que aceitasse me ajudar a compreender esse símbolo, aproximei-me da cama.
17. E algo se mexeu em meio aos lençóis imundos, rotos e sangrentos.
18. E olhando melhor a imagem do travesseiro minhas entranhas perturbaram-se, pois por um movimento que fez com a boca reconheci a mulher de Zaquintos, que dormia coberta pelo lençol até o pescoço, toda corroída pela tísica.

CAPÍTULO 7
«NÃO TE DOU NEM UMA MIGALHA»

1. Mas olhei bem aquele sono e entendi que duraria pouco, para dar lugar àquele outro que é sem sonhos.
2. E já que lá dentro não havia nem amigo nem parente, nem médico nem padre, eu o Monge Dionísio, curvei-me e disse-lhe com bondade que se confessasse.
3. E ela entreabriu sua boca e mostrou seus dentes continuando a dormir.
4. E eis que a primeira voz, a desconhecida, disse-me ao ouvido direito: A infeliz sempre alimenta em sua mente as forcas, prisões e Turcos que vencem e Gregos que são massacrados.
5. Nesse instante vê em seu sono aquilo que sempre desejou, levam-lhe a irmã que implora, e por isso a viste agora sorrir.
6. E a segunda voz, conhecida, disse de novo as mesmas palavras balbuciando e fazendo um monte de súplicas como costumava quando viva:
7. Verdade, ma-ma-maa-mas por Nossa Senhora, ouve só, vvverdade, mmmas por São Nicolau ouve só, veeerdade, ouve só, mas por Santo Espi-espiri-dião, verdade mas pelos imac-mamac-culados mistérios de Deus. E eis novamente o murmúrio que parecia o sopro em meio aos juncos.
8. De repente a mulher tirou a mão do lençol e bateu, e as moscas levantaram.
9. E em meio ao zumbido que fizeram ouvi a voz da mulher que gritava: Fora, prostituta, fora daqui. Não te dou nem uma migalha.
10. E sacudiu a mão para fora da cama como se enxotasse para longe sua irmã que lhe parecia que viera implorar.
11. E descobriu-se quase toda do lençol e pareceu como um gato morto que uma ventania desenterrara do estrume.
12. Mas sua mão por acaso bateu em um caixão de morto, que apareceu lá de repente, e cortou-se o sonho da pecadora.
13. E abriu seus olhos, e vendo o caixão arrepiou-se, pois temeu que a colocassem lá, pensando que estivesse morta.
14. E preparava-se para gritar bem alto para mostrar que não morrera, mas eis que sai do caixão uma cabeça feminina, carcomida também ela pela tísica, e muito se lhe assemelhava, embora fosse mais idosa.
15. Pula à esquerda da cama, mas bateu sua fuça em um outro caixão, e fora deste uma cabeça de velho, que era o velho que eu conhecia.
16. E o rosto do velho era como a cigarra, e o da garota como o eclipse da lua, e o da velha como a meia-noite brutal.

17. E assim soube que a mulher deveria se achar, antes de expirar, entre seu pai, sua mãe e sua filha.
18. E arrepiei-me e virei meu rosto para o lado oposto, e meu olho se aliviou no espelho, que nada mostrava senão a mulher sozinha, e a mim, e a luz.
19. Pois os corpos dos outros três descansavam em sua tumba, das quais saltarão quando soar a Trombeta,
20. junto comigo, Monge Dionísio, junto com a mulher de Zaquintos, junto com todos os filhos de Adão no grande vale de Josafat[8].
21. E comecei a meditar sobre a justiça de Deus, que quer neste dia ser visível, e o olho (fixo no espelho) foi impedido pela reflexão.
22. Mas em seguida a reflexão foi impedida pelo olho,
23. pois voltando eu, depois, os olhos daqui para ali, como faz o homem que pensa sobre algo difícil e luta para entender,
24. vi pelo buraco da fechadura que algo impedia a luz e durava muito tempo e depois novamente aparecia.
25. E em seguida ouvia-se um murmúrio no outro quarto, e não entendia nada, e olhava de novo em direção à visão.
26. E fazia-se grande silêncio e não ouvias zunir nem ao menos uma mosca dentre toda a multidão, pois todas estavam ajuntadas no espelho.
27. Que em muitas partes apresentava a cor do peplo que usam quando falta para sempre alguém da família.

CAPÍTULO 8
«O CINTO»

1. Mas sua mãe, sem olhar em direção à porta, sem olhar sua filha, sem olhar ninguém, começou:
2. Neste momento o olho e o ouvido de tua filha te espia o buraco da fechadura, e afasta-te, pois treme pelo teu mal. E assim fizeste também tu, comigo.

***

3. Por isso te roguei minha praga ajoelhada e descabelada na amargura de minha alma, quando soavam todas as igrejas o dia da Páscoa.
4. Roguei-a outra vez uma ora antes de expirar, e agora a rogo de novo, mulher má e perversa.

---

[8] Joel 3:2. (n.t.)

5. E a praga em tresdobro será verdadeira e enérgica em teu corpo e em tua alma, pois são verdadeiros e enérgicos no fenômeno e no mundo invisível os três rostos da Santa Tríade.
6. Assim dizendo, tirou um cinto que era de seu homem, assoprou-o por três vezes e o jogou em suas fuças.
7. E o velho balbuciou essas últimas palavras, e a garota se agitou no travesseiro vermelho como um pássaro meio-morto.

CAPÍTULO ÚLTIMO [9]
«A MULHER DE ZAQUINTOS RECEBE SUA TERAPIA DERRADEIRA»

1. E perderam-se com os caixões, e a mulher sozinha então fazia força para poder levantar-se.
2. E derramou-se pulando para o alto como a estrela do verão que no ar derrama dez braças de estrelas.
3. E bateu no espelho e as moscas saíram e zumbiram reunidas no seu rosto.
4. E ela, pensando que eram seus pais, corria daqui para ali,
5. abrindo e fechando a mão, tentando achar algo para se defender, e encontrou o cinto, e com ele começou a bater.
6. E enquanto batia, tanto mais as moscas zumbiam, e tanto mais ela se apavorava, tanto que por fim perdeu o juízo por completo.
7. Pois correndo com a camisa, que avareza fizera de meia, correu seu olho sobre o espelho,
8. e parou e não reconheceu a si, e estendeu o dedo e troçou:
9. "Oh corpo, oh corpo! Que camisa! Ah, eu entendo. E que malicioso pode me esconder sua malícia? Aquela camisa me faz entender que dissimula loucura para estar pronta para pecar.
10. Mas quem será? Mas realmente lhe parece um pouco. Aah! és tu rechonchuda, prostituta imunda, caca de mosca de hospital, remela de porca, bosta, burra, faladora de merda.
11. Eis, finalmente, o que te profetizei, e aos teus amados amigos. Não te restou nem uma pátena para mendigares com ela.
12. Estás em minhas mãos. Que queres? Que eu te purgue? Faço agora mesmo. Para ver se te resta voz para dizeres que sou doida".
13. Assim dizendo deu uma volta e pôs-se com grande fúria a dançar, e a camisa de meia encontrava-se em seu rosto. E os cabelos, pretos e sebosos, dirias que são filhotes de cobra pois ficam soltos e um tanto levantados pela poeira.

14. E no ardor da dança fez um laço com o cinto, e a dança durou até fazer o laço.
15. E disse: "Segue-me por trás do espelho, para eu te purgar, para ver se te resta voz para dizeres que sou maluca.
16. Pois algumas vezes vem o burro do médico, que decerto também te possui, e que enfiou na cabeça que estou doente".
17. E foi para trás do espelho, e ouvi-a fazer grande barulho.
18. E soltou uma grande gargalhada que ressoou no quarto gritando. Eis, meu amor, a purgação.
19. Então caí ao chão, de joelhos, para fazer uma prece para que o Senhor não a deixasse fora de si, no pouco tempo que ainda tem para viver, e que lhe parasse o mal.
20. E findada a prece olhei para baixo atrás do espelho pensando-a desmaiada, e não estava lá.
21. E senti meu sangue deixar minhas faces.
22. E caiu minha cabeça sobre meu peito, e disse dentro de mim:
23. Deus sabe que a infeliz fugiu, enquanto eu pedia por ela com o ardor da minha alma.
24. E passei adiante com a cabeça curvada e pensando ir encontrá-la.
25. E ouvi na fronte um certo quê, e caí surpreendido de costas.
26. E levantei-me e fui para trás do espelho e vi a mulher de Zaquintos que estava suspensa e contorcia-se.

CAPÍTULO ÚLTIMO [10][9]

1. E levantei-me todo aterrorizado gritando: Lembra-te de mim, Senhor, lembra-te de mim, Senhor, e ouvi ruído de passos de homens que subiam as escadas.
2. E era uma quinzena de homens e a maioria usava uma máscara, exceto cinco, que conheci muito bem.
3. Um (descreva todos os cinco).
4. E pois que sem amarem a mulher frequentavam sua casa, começaram a gritar,
5. E eu voltando-me em sua direção disse-lhes: Fora daqui, fora daqui! Vossos pecados vos arrastaram para cá. Este lugar atrai raios, porque Deus o odeia.

[9] Esboço tardio e fragmentado. (n.t.)

6. E temeram um pouco, mas não partiam.
7. E fiquei silencioso para encontrar o que lhes dizer para partirem.
8. E disse-lhes: “Meus filhos, ouvi as palavras do Monge Dionísio. Eu vou fazer uma prece para mim e vos deixo aqui.
9. Ponde a mão em vossa consciência, tu, M., tu, G., tu, K., tu, T., (pois a vós outros não vos conheço) e sabei o que pode acontecer se ficardes. A intendência vos conhece e encontrando-vos aqui, dirá que vós a enforcastes”.
10. Então os vi darem as costas, a todos, empurrando um ao outro na ânsia de sair primeiro, e rolaram escada abaixo com um barulho que me parecia como se a maioria despencasse.

pensum

(n.t.)|Ingapirca

A URGÊNCIA DE ESCREVER

EMIL CIORAN

OS TEXTOS: Publicado em 1956, *La tentation d'éxister* é o terceiro livro de Emil Cioran escrito em francês, idioma que adotou ao se auto-exilar em Paris. O volume, ao qual pertence "Démiurgie verbale", o primeiro dos ensaios aqui traduzidos, distingue-se dos dois anteriores (*Breviário de decomposição*, de 1949, e *Silogismos da amargura*, de 1952), assim como da maioria dos livros do pensador, por apresentar um caráter mais ensaístico e dissertativo, em contraste com o laconismo aforismático pelo qual se tornou conhecido. Já *Écartèlement*, publicado em 1979, é um dos últimos livros de Cioran, em que seu estilo francês já se encontra bastante consolidado. É composto por aforismos e ensaios dissertativos, dentre os quais "Urgence du pire", em cujo texto o autor discorre sobre a história e seus impasses, opondo as utopias modernas às visões trágicas e apocalípticas dos povos antigos, com as quais a nossa época estaria de acordo.

Textos traduzidos: Cioran, Emil M. "Démiurgie verbale". *La tentation d'éxister* (1956). In. Œuvres, Paris: Gallimard, 1995, pp. 942-945; "Urgence du pire". *Écartèlement* (1979). In. Œuvres. Paris: Gallimard, 1995, pp. 1434-1442.

O AUTOR: Filósofo de formação e pensador marginal por opção, ensaísta e aforista, o franco-romeno Emil Cioran (1911-1995) é um emblemático caso do bilinguismo moderno, tendo escrito diversos livros em seu idioma materno, dentre os quais dois publicados no Brasil: *Nos cumes do desespero* (1934) e *O livro das ilusões* (1936), e os demais, em francês. Sua obra é marcada pela combinação de um pensamento perturbador com uma prosa poética encantadora.

OS TRADUTORES: Rodrigo Menezes é doutorando em Filosofia pela PUC-SP, com tese sobre escritura e niilismo em Cioran.

Luiz Cláudio Gonçalves é Doutor em Letras, professor de Filosofia Antiga na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e pesquisador de Cioran.

L'URGENCE D'ÉCRIRE

"L'abîme est en nous et hors de nous, il est le pressentiment d'hier, l'interrogation d'aujourd'hui, la certitude de demain."

EMIL CIORAN

DÉMIURGIE VERBALE

Si l'on me demandait quel être j'envie le plus je répondrais sans hésiter : celui qui, se reposant au milieu des mots, y vit naïvement, par consentement réflexe, sans les mettre en cause, ni les assimiler à des signes, comme s'ils correspondaient à la réalité même ou qu'ils fussent de l'absolu éparpillé dans le quotidien. Je n'aurais, en revanche, aucun motif de jalouser celui qui les perce à jour, en discerne le fond, le rien. Pour lui, plus d'échanges spontanés avec le réel ; isolé de ses outils, acculé à une autonomie dangereuse, il atteint à un soi-même qui l'effraye. Les mots le fuient : ne pouvant les rattraper, il les poursuit d'une haine nostalgique et n'en profère jamais un sans ricaner ou soupirer. S'il ne communie plus avec eux, il ne peut cependant s'en passer, et c'est précisément au moment où il en est le plus éloigné qu'il s'y cramponne davantage.

Le malaise que suscite en nous le langage ne diffère guère de celui que nous inspire le réel; le vide que nous entrevoyons au fond des mots évoque celui que nous saisissons au fond des choses : deux perceptions, deux expériences où s'opère la disjonction entre objets et symboles, entre la réalité et les signes. Dans l'acte poétique cette disjonction prend figure de rupture. S'arrachant par instinct aux significations convenues, à l'univers hérité et aux mots transmis, le poète, en quête d'un autre ordre, lance un défi au néant de l'évidence, à l'optique telle quelle. Il s'engage dans la démiurgie verbale.

Imaginons un monde où la Vérité, découverte enfin, s'imposerait à tous, où, triomphante, elle écraserait le charme de l'approximation et du possible. La poésie y serait inconcevable. Mais comme, pour son bonheur, nos vérités se distinguent à peine des fictions, elle n'est pas tenue d'y souscrire; elle se formera donc un univers à elle, aussi vrai, aussi faux, que le nôtre. Mais non pas aussi étendu, ni aussi puissant. Le nombre est de notre côté : nous sommes légion, et nos conventions à nous possèdent cette force que la statistique seule confère. À ces avantages s'en ajoute un autre, et non des moindres: celui de détenir le monopole des mots usés. La supériorité numérique de nos mensonges fera en sorte que nous l'emporterons toujours sur les poètes, et que le débat ne sera jamais clos entre l'orthodoxie du discours et l'hérésie du vers.

Pour peu qu'on subisse la tentation du scepticisme, l'exaspération éprouvée à l'endroit du langage utilitaire s'atténue et se convertit à la longue en acceptation : l'on s'y résigne et on l'admet. Puisqu'il n'y a pas plus de substance dans les choses que dans les mots, on s'accommode de leur improbabilité, et, soit maturité, soit lassitude, on renonce à intervenir dans la vie du Verbe : à quoi bon lui prêter un supplément de sens, le violenter ou le renouveler, dès lors qu'on en a décelé le néant? Le scepticisme : sourire qui surplombe les mots... Après les avoir pesés à tour de rôle, l'opération terminée, on n'y songe plus. Quant au « style », si l'on y sacrifie encore, l'oisiveté ou l'imposture en sont seules responsables.

Le poète, lui, en juge autrement : il prend le langage au sérieux, il s'en crée un à sa façon. Toutes ses singularités procèdent de son intolérance aux mots tels quels. Inapte à en supporter la banalité et l'usure, il est prédestiné à souffrir à cause d'eux et pour eux; et cependant c'est par eux qu'il essaie de se sauver, c'est de leur régénération qu'il attend son salut. Quelque grimaçante que soit sa vision des choses, il n'est jamais un vrai négateur. Vouloir revigorer les mots, leur infuser une vie nouvelle, suppose un fanatisme, une obnubilation hors ligne : inventer — poétiquement — c'est être un complice et un fervent du Verbe, un faux nihiliste : toute démiurgie verbale se développe aux dépens de la lucidité... Point ne faut demander à la poésie une réponse à nos interrogations ou quelque révélation essentielle. Son « mystère » en vaut un autre. Pourquoi alors faisons-nous appel à elle? pourquoi — à certains moments — sommes-nous contraints d'y recourir?

Quand, seuls au milieu des mots, nous sommes hors d'état de leur communiquer la moindre vibration, et qu'ils nous paraissent aussi secs, aussi dégradés que nous, quand le silence de l'esprit est plus pesant que celui des objets, nous descendons jusqu'au point où l'effroi de notre inhumanité nous

saisit. Désancrés, loin de nos évidences, nous connaissons soudain cette horreur du langage qui nous précipite dans le mutisme, — moment de vertige où la poésie seule vient nous consoler de la perte momentanée de nos certitudes et de nos doutes. Aussi est-elle l'absolu de nos heures négatives, non point de toutes, mais de celles-là seules qui dérivent de notre malaise dans l'univers verbal. Puisque le poète est un monstre qui tente son salut par le mot, et qu'il supplée au vide de l'univers par le symbole même du vide (car le mot est-il autre chose?), pourquoi ne le suivrions-nous pas dans son exceptionnelle illusion? Il devient notre recours toutes les fois que nous désertons les fictions du langage courant pour nous en chercher d'autres, insolites, sinon rigoureuses. Ne semble-t-il pas alors que toute autre irréalité est préférable à la nôtre, et qu'il y a plus de substance dans un vers que dans tous ces mots trivialisés par nos conversations ou nos prières? Que la poésie doive être accessible ou hermétique, efficace ou gratuite, c'est là un problème secondaire. Exercice ou révélation, qu'importe. Nous lui demandons, nous autres, qu'elle nous délivre de l'oppression, des affres du discours. Si elle y réussit, elle fait, pour un instant, notre salut.

Pour des motifs opposés, le langage n'est profitable qu'au vulgaire et au poète ; si l'on gagne à s'endormir sur les mots ou à combattre avec eux, on court en revanche quelque risque à les sonder pour en découvrir le mensonge. Celui qui s'y emploie, qui se penche sur eux et les analyse, en vient à les exténuer, à les métamorphoser en ombres. Il en sera châtié puisqu'il partagera leur sort. Prenez n'importe quel vocable, répétez-le nombre de fois, examinez-le : il s'évanouira et, par voie de conséquence, quelque chose s'évanouira en vous. Prenez-en d'autres ensuite et continuez l'opération. Par degrés vous arriverez au point fulgurant de votre stérilité, à l'antipode de la démiurgie verbale.

On ne retire pas sa confiance aux mots, ni on n'attente à leur sécurité, sans avoir un pied dans l'abîme. Leur néant procède du nôtre. Ne faisant plus corps avec notre esprit, ils sont comme s'ils ne nous avaient jamais servi. Existent-ils? Nous concevons leur existence sans la sentir. Quelle solitude que celle où ils nous quittent et où nous les quittons! Nous sommes libres, il est vrai, mais nous regrettons leur despotisme. Ils étaient là avec les choses; maintenant qu'ils disparaissent, elles s'apprêtent à les suivre et s'amenuisent sous nos regards. Tout diminue, tout se résorbe. Où fuir, par où échapper à l'infime? La matière se ratatine, abdique ses dimensions, vide les lieux... Cependant notre peur se dilate, et, occupant la place, fait office d'univers.

URGENCE DU PIRE

Tout laisse présager que l'histoire passera et, avec elle, l'être, au détriment duquel elle s'est édifiée; il reposait en soi, elle l'a entraîné hors de lui-même et l'a associé à ses convulsions; aussi représente-t-elle le terrain où il n'a cessé de s'effriter, de s'avilir. Ce drame qui devait rejaillir sur elle dès le début, comment ne la marquerait-il pas maintenant qu'elle approche de son terme? et comment ne nous marquerait-il pas nous-mêmes, témoins que nous sommes d'une fièvre de dernier acte qui, avouons-le, ne nous déplaît pas autrement? En quoi nous ressemblons aux premiers chrétiens, friands du pire. À leur vive déception, le pire n'arriva pas, en dépit des vaticinations dont regorgeaient les écrits de l'époque. Plus elles se multipliaient comme pour presser Dieu et lui forcer la main, plus ce dernier, ravagé, indécis, s'enferrait dans ses scrupules. En plein désarroi, les fidèles durent se rendre à l'évidence: le nouvel avènement n'aurait pas lieu, la parousie était différée; ni salut ni damnation à l'horizon. Dans ces conditions, que leur restait-il à faire, sinon attendre, entre la résignation et l'espoir, des temps meilleurs, les temps de la fin? Mieux lotis qu'eux, nous la tenons, nous, notre fin, elle est à notre portée, et, pour en précipiter la venue, nous n'avons nullement besoin du concours d'en haut. Une telle aubaine, pour gâcheurs que nous soyons, il est cependant douteux que nous n'en tirions aucun profit. Comment en sommes-nous venus là? par quel processus, après des siècles rassurants, nous trouvons-nous au seuil d'une réalité que le sarcasme seul rend tolérable? Depuis la Renaissance, l'humanité n'a fait qu'esquiver le sens ultime de son cheminement, le principe nocif qui s'y manifeste. L'âge des Lumières, en particulier, devait apporter une contribution non négligeable à cette entreprise d'obnubilation. L'idolâtrie de l'Avenir vint, au siècle suivant, confirmer les illusions du précédent. À une époque aussi détrompée que la nôtre, elle s'obstine à étaler ses promesses, bien que soient rares ceux qui y croient encore. Non que ladite idolâtrie soit à bout; mais nous sommes forcés de la minimiser, de la dédaigner — par prudence, par peur. C'est que nous savons maintenant qu'elle est compatible avec l'atroce, qu'elle y conduit même ou, tout au moins, qu'elle suscite avec une égale aisance la prospérité et l'horreur. Comme avec toute théorie, et toute découverte, nous nous enfonçons un peu plus, qu'avons-nous encore de commun avec l'engeance « éclairée », avec les maniaques du Possible? Les contemporains de Newton s'étonnèrent qu'un esprit de sa trempe s'abaissât à commenter les visions de l'Apôtre. Tout au rebours, pour nous il serait incompréhensible

qu'on ne le fît pas, et le savant qui y répugnerait s'attirerait notre mépris. Du reste, il n'a même pas besoin de s'appesantir sur les révélations incriminées; il les vit à sa façon, et en prépare une version nouvelle, plus convaincante et plus efficace que l'ancienne, car dépouillée de pompe et de poésie. À force d'y travailler et de la perfectionner, il en distingue si nettement les contours qu'il éprouve quelque embarras à en parler. La conclusion des temps lui apparaissant comme un lieu commun, l'étrange à ses yeux n'est pas qu'elle soit concevable mais qu'elle tarde à se produire. Il fait de son mieux pour la parachever, pour en accélérer l'irruption: en quoi est-il coupable si elle hésite, si elle tergiverse? Non moins impatients, nous voudrions, nous aussi, qu'elle vînt nous délivrer de cette curiosité qui nous oppresse. Selon nos humeurs, nous en avançons ou en reculons la date, cependant que, respirant en fonction de l'irrespirable, nous dilatant dans ce qui nous étouffe, par toutes nos pensées, si lumineuses soient-elles, nous participons déjà de la nuit où elles vont sombrer.

Peut-être est-il proche le jour où, hors d'état de supporter encore cette masse de peur que nous avons accumulée, nous fléchirons sous le poids dont elle nous accable. Le feu du ciel sera cette fois-ci *notre* feu, et, pour le fuir, nous nous précipiterons vers les profondeurs de la terre, loin d'un monde défiguré et spolié par nous. Et nous séjournerons *au-dessous* des morts, et nous jalouserons leur repos et leur béatitude, ces crânes insoucieux, pour toujours en vacances, ces squelettes apaisés et modestes, émancipés enfin de l'impertinence du sang et des revendications de la chair. Grouillant dans le noir, nous connaîtrons du moins la satisfaction de n'avoir plus à nous regarder en face, le bonheur de perdre nos visages. Exposés aux mêmes tribulations et aux mêmes dangers, nous serons tous pareils, et plus étrangers pourtant les uns aux autres que nous ne le fûmes jamais.

Éluder notre sort, à quoi bon nous y appliquer? Non qu'il faille désespérer de trouver une fin de rechange. Encore faudrait-il qu'elle fût vraisemblable et qu'elle eût quelque chance de se réaliser. L'homme étant ce qu'il est, peut-on admettre qu'il lui soit donné de s'éteindre dans le calme du délabrement, au milieu des bienfaits de la caducité? Sans doute ploie-t-il déjà sous le fardeau des millénaires mais il semble improbable qu'il lui revienne d'en porter la charge jusqu'au bout, jusqu'à l'épuisement de sés forces. Au contraire, tout permet de prévoir que le luxe du gâtisme lui sera interdit, ne fût-ce qu'en raison du rythme où il vit el de son penchant à la démesure. Infatué de ses dons, il bafoue la nature, en bouleverse le marasme, y crée une pagaille tour à tour immonde et tragique qui devient pour elle proprement insoutenable. Qu'il déguerpisse au plus tôt, tel est le vœu qu'elle forme, et

que l'homme, s'il le voulait, pourrait exaucer sur-le-champ. Ainsi serait-elle débarrassée de ce séditieux dont le sourire même est subversif, de ce contre-vivant qu'elle abrite de force, de cet usurpateur qui lui a volé ses secrets pour l'asservir, pour la déshonorer. Mais lui-même devait par ses forfaits tomber dans l'esclavage et l'ignominie. Ayant franchi tant par ses connaissances que par ses actes les limites assignées à la créature, il a attenté aux sources mêmes de son être, à son fond originel. Ses conquêtes sont le fait d'un traître à la vie et à lui-même. D'où ses airs de coupable, ses allures troubles, d'où son remords qu'il tente de dissimuler par l'insolence et l'affairement. S'il s'intoxique de bruit, c'est pour s'éviter, pour escamoter le réquisitoire que le moindre retour sur soi ne manquerait pas de lui faire entendre. La création reposait dans une stupeur sacrée, dans un admirable et inaudible gémissement; à la secouer par sa frénésie, par ses vociférations de monstre traqué, il l'a rendue méconnaissable et en a compromis la paix pour toujours. La disparition du silence doit être comptée parmi les indices annonciateurs de la fin. Ce n'est plus à cause de son impudicité ni de ses débauches qu'aujourd'hui Babylone la Grande mérite de s'écrouler, mais à cause de son tintamarre et de son tapage, des stridences de sa ferraille et des forcenés qui n'arrivent pas à s'en rassasier. Acharnée contre les solitaires, ces derniers martyrs en date, elle les poursuit, elle les torture, en interrompt à chaque instant les ruminations, s'infiltre comme un virus sonore dans leurs pensées pour les miner, pour les désagréger. Comment, dans leur exaspération, ne souhaiteraient-ils pas la voir s'effondrer sans délai? Elle contamine l'espace, elle souille, nouvelle prostituée, êtres et paysages, elle chasse de partout la pureté et le recueillement. Où aller, où demeurer? et que chercher encore dans le brouhaha d'une planète babylonisée? Avant qu'elle ne vole en éclats, ceux qui y ont le plus souffert, ceux qu'elle a tourmentés, auront enfin leur revanche: ils seront les seuls à bénir le dénouement, les seuls à savourer cette suspension du vacarme, ce bref et décisif silence qui précède les grandes catastrophes.

Plus l'homme acquiert de la puissance, plus il devient vulnérable. Ce qu'il doit le plus redouter, c'est le moment où, la création entièrement jugulée, il fêtera son triomphe, apothéose fatale, victoire à laquelle il ne survivra pas. Le plus probable est qu'il disparaîtra avant d'avoir réalisé toutes ses ambitions. Il est déjà si puissant que l'on se demande pourquoi il aspire à l'être davantage. Tant d'insatiabilité trahit une misère sans recours, une déchéance magistrale. Plantes et bêtes portent sur elles les marques du salut, comme l'homme celles de la perdition. Cela est vrai de chacun de nous, de l'Espèce tout entière, éblouie et terrassée par l'éclat de l'Incurable. Elle se perpétue à tra-

vers les nations promises comme elle à la servitude, par le simple automatisme du devenir. Toutes ensemble elles ne sont au fond qu'autant de détours que l'histoire emprunte pour aboutir à l'établissement d'une tyrannie d'envergure, d'un empire qui englobera les continents. Plus de frontières, plus d'ailleurs..., donc plus de liberté ni d'illusions. Il est significatif que le Livre de la Fin fut conçu à un moment où les hommes, et les dieux mêmes, devaient s'incliner devant le bon plaisir de Rome. L'arbitraire dégénéré en terreur, il ne restait aux opprimés que l'espoir d'en être délivrés un jour par un événement aux dimensions cosmiques, dont ils se mirent à imaginer les grandes lignes, voire les détails. Dans l'empire à venir, les déshérités procéderont de même; le genre visionnaire, volontiers sinistre, supplantera pour eux tous les autres genres; mais, au rebours des chrétiens primitifs, ils ne détesteront pas le nouveau Néron, ou plutôt ils se détesteront en lui, ils en feront un idéal abhorré, le premier des damnés, aucun d'eux n'ayant le front de s'ériger en élu.

Point de nouveau ciel ni de nouvelle terre, ni non plus d'ange pour ouvrir le « puits de l'abîme ». N'en avons-nous pas d'ailleurs la clef nous-mêmes? L'abîme est en nous et hors de nous, il est le pressentiment d'hier, l'interrogation d'aujourd'hui, la certitude de demain. L'instauration, comme la dislocation, de l'empire futur s'effectuera au milieu de bouleversements sans analogues dans le passé. Au stade où nous sommes parvenus, lors même que nous le voudrions, il nous serait impossible de nous amender, et, dans un soubresaut de sagesse, de revenir sur nos pas. Si virulente est notre perversité, qu'au lieu de l'atténuer, nos réflexions sur elle, comme nos efforts pour la surmonter, l'affermissent et l'aggravent. Prédestinés à l'engloutissement, nous représentons, dans le drame de la création, l'épisode le plus spectaculaire et le plus pitoyable. Comme en nous s'est réveillé le mal qui sommeillait dans le reste des vivants, il nous appartenait de nous perdre pour qu'ils puissent être sauvés. Les virtualités de déchirure et de conflit qu'ils contenaient se sont actualisées et concentrées en nous, et c'est à nos dépens que nous avons libéré les plantes et les bêtes des éléments funestes qui gisaient assoupis en elles. Acte de générosité, sacrifice auquel nous n'avons consenti que pour le regretter et nous aigrir. Jaloux de leur inconscience, fondement de leur salut, nous voudrions être comme elles et, furieux de n'y pas arriver, nous méditons leur ruine, nous nous efforçons de les intéresser à nos malheurs pour nous en décharger sur elles. C'est aux animaux que nous en voulons surtout : que ne donnerions-nous pas pour les dépouiller de leur mutisme, pour les convertir au verbe, pour leur infliger l'abjection de la parole! Le charme de l'existence irréfléchie, de l'existence comme telle, nous

étant défendu, nous ne saurions tolérer que d'autres en jouissent. Déserteurs de l'innocence, nous nous acharnons contre quiconque y demeure encore, contre tous les êtres qui, indifférents à notre aventure, se prélassent dans leur bienheureuse torpeur. Et les dieux, ne nous sommes-nous pas déchaînés contre eux par rage de voir qu'ils étaient conscients sans en souffrir, tandis que pour nous conscience et naufrage se confondent? Si nous avons pénétré le secret de leur puissance, nous n'avons pu en revanche percer celui de leur sérénité. La vengeance était inévitable: comment leur pardonner de posséder le savoir sans encourir la malédiction qui y est inhérente? Eux disparus, nous n'avons pas renoncé pour autant à la quête du bonheur: nous l'avons cherché et le cherchons toujours dans ce qui précisément nous en éloigne, dans la conjonction de la connaissance et de l'arrogance. Plus ces deux termes se rapprochent au point de s'identifier, plus s'effacent les vestiges que nous conservions de nos origines. La passivité, où nous résidions, où nous étions chez nous, dès que nous en fûmes déchus, nous nous engouffrâmes dans l'acte, sans possibilité de nous en arracher ni de recouvrer notre véritable patrie. Si l'acte nous a corrompus, nous avons corrompu à notre tour l'acte: de cette dégradation réciproque devait résulter ce défi à la contemplation qu'est l'histoire, défi coextensif aux événements et aussi lamentable qu'eux. Ce qu'on vit en esprit à Patmos, nous le verrons en fait un jour, nous percevrons distinctement ce soleil « noir comme un sac de crin », cette lune de sang, ces étoiles tombant comme des figues, ce soleil se retirant « comme un livre que l'on roule ». Notre anxiété fait écho à celle du Voyant, dont nous sommes plus près que ne le furent nos devanciers, y compris ceux qui écrivirent sur lui, singulièrement l'auteur des *Origines du christianisme*, lequel eut l'imprudence d'affirmer: « Nous savons que la fin du monde n'est pas aussi proche que le croyaient les illuminés du premier siècle, et que cette fin ne sera pas une catastrophe subite. Elle aura lieu par le froid, dans des milliers de siècles... » L'Évangéliste demi-lettré a vu plus loin que son savant commentateur, inféodé aux superstitions modernes. Point ne faut s'en étonner: à mesure que nous remontons vers la haute Antiquité, nous rencontrons des inquiétudes semblables aux nôtres. La philosophie, à ses débuts, eut, mieux que le pressentiment, l'intuition exacte de l'achèvement, de l'expiration du devenir. Héraclite, notre contemporain idéal, savait déjà que le feu « jugera » tout; il envisageait même un embrasement général au bout de chaque période cosmique, un cataclysme à répétition, corollaire de toute conception cyclique du temps. Moins audacieux et moins exigeants, nous nous contentons, nous autres, d'une *seule* fin, la vigueur qui nous permettrait d'en concevoir plusieurs et de les supporter nous faisant défaut.

Nous admettons, il est vrai, une pluralité de civilisations, autant de mondes qui naissent et meurent; mais qui, parmi nous, consentirait au recommencement indéfini de l'histoire dans sa totalité? Avec chaque événement qui s'y produit, et qui nous apparaît nécessairement irréversible, nous avançons d'un pas vers un dénouement unique, selon le rythme du progrès dont nous adoptons le schéma et refusons, bien entendu, les balivernes. Nous progressons, oui, nous galopons même, vers un désastre précis, et non vers quelque mirifique perfection. Plus nous répugnons aux fables de nos prédécesseurs immédiats, plus nous nous sentons proches des Orphiques, qui plaçaient la Nuit à l'origine des choses, ou d'un Empédocle qui conférait à la Haine des vertus cosmogoniques. Mais c'est encore avec le philosophe d'Éphèse que nous nous accordons le mieux, quand il nous assure que l'univers est gouverné par la foudre. La liaison ne nous aveuglant plus, nous découvrons enfin l'autre face du monde, les ténèbres qui y résident, et s'il faut à tout prix qu'une lumière nous en détourne, elle sera, n'en doutons pas, celle dequelque éclair définitif. Un autre trait qui nous rapproche des présocratiques est la passion de l'inéluctable, qu'ils conçurent, eux, à l'aube de notre civilisation, au premier contact avec les éléments et les êtres dont le spectacle dut les plonger dans un effarement émerveillé. Au terme des âges, nous la concevons, nous, cette passion, comme la seule modalité de nous réconcilier avec l'homme, avec l'horreur qu'il nous inspire. Résignés ou envoûtés, nous le regardons courir vers ce qui le nie, trembler dans l'ivresse de son anéantissement. La panique — son vice, sa raison d'être, le principe de son expansion, de sa prospérité malsaine — s'est tellement emparée de lui, elle le définit si intimement, qu'il périrait sur le coup si on la lui enlevait. Pour subtils que fussent les premiers philosophes, ils ne pouvaient deviner que l'univers moral poserait des problèmes aussi insolubles et aussi terrifiants que l'univers physique: l'homme, à l'époque où ils « florissaient », n'avait pas encore fait ses preuves... L'avantage que nous avons sur eux est de savoir de quoi il est capable, ou, plus exactement, de quoi nous sommes capables nous-mêmes. Car cette panique tout ensemble stimulante et destructrice, nous la portons tous en nous, elle se marque sur nos physionomies, éclate dans nos gestes, traverse nos os et soulève notre sang. Nos contorsions, visibles ou secrètes, nous les communiquons à la planète; elle tremble déjà tout comme nous, elle subit la contagion de nos crises, et, tandis que le haut mal la gagne, elle nous vomit, elle nous maudit.

Il est sans doute fâcheux que nous ayons à affronter la phase finale du processus historique au moment où, pour avoir liquidé nos vieilles croyances, nous manquons de disponibilités métaphysiques, de réserves subs-

tantielles d'absolu. Surpris par l'agonie, nous côtoyons, dépossédés de tout, ce cauchemar flatteur, ressenti par tous ceux qui eurent le privilège de se trouver au cœur d'um insigne débâcle. Si, avec le courage de regarder les choses en face, nous avions celui de suspendre notre course, ne fût-ce qu'un instant, ce répit, cette pause à l'échelle du globe, suffirait à nous révéler l'ampleur du précipice qui nous guette, et l'effroi qui en résulterait se convertirait vite en prière ou en lamentation, en une convulsion salutaire. Mais nous ne pouvons nous arrêter. Et si l'idée de l'inexorable nous séduit, et nous soutient, c'est qu'elle contient malgré tout un résidu métaphysique, et qu'elle represente la seule ouverture dont nous disposions encore sur un semblant d'absolu, faute duquel nul ne saurait subsister. Un jour, qui sait? ce recours même pourrait nous faire défaut. À l'apogée de notre vide, nous serions voués alors à l'indignité d'une usure complète, pire qu'une catastrophe soudaine, honorable somme toute, et même prestigieuse. Soyons confiants, misons sur la catastrophe, plus conforme à notre génie et à nos goûts. Faisons un pas de plus, supposons-la survenue, traitons-la comme un fait accompli. Selon toute vraisemblance, elle comportera des rescapés, quelques veinards qui auront eu la bonne fortune d'en contempler le déroulement et d'en tirer la leçon. Leur premier souci sera très certainement d'abolir le souvenir de l'ancienne humanité, de toutes les entreprises qui l'ont discréditée et perdue. S'acharnant contre les cités, ils voudront en achever la ruine, en effacer la trace. Un arbre rachitique vaudra mieux à leurs yeux qu'un musée ou un temple. Plus d'écoles; en revanche des cours d'oubli et de désapprentissage où l'on célébrera les vertus de l'inattention et les délices de l'amnésie. Le dégoût inspiré par la vue de n'importe quel livre, frivole ou grave, s'étendra à l'ensemble du Savoir dont on parlera avec embarras ou frayeur comme s'il s'agissait d'une obscénité ou d'un fléau. Se mêler de philosophie, élaborer un système, s'y attacher et y croire, apparaîtra comme une impiété, une provocation et une trahison, comme une complicité criminelle avec le passé. Les outils, exécrés tous, personne ne songera à s'en servir, sinon pour balayer les débris du monde écroulé. Chacun essaiera de se modeler sur le végétal au détriment des bêtes auxquelles on reprochera d'évoquer par certains côtés la figure ou les exploits de l'homme ; pour la même raison, on s'abstiendra de ressusciter les dieux, et encore moins les idoles. Si radical sera le refus de l'histoire, qu'on la condamnera en bloc, sans pitié, sans nuance. Ainsi en sera-t-il du temps, assimilé à un lapsus ou à un dérèglement.

Revenus du délire de l'acte, les survivants, tournés vers la monotonie, s'efforceront de s'y plaire, de s'y vautrer, pour se dérober aux sollicitations

du nouveau. Chaque matin, recueillis, discrets, ils murmureront des anathèmes contre les générations antérieures; mais, entre eux, nul sentiment suspect ou sordide, nulle rancœur ni désir d'humilier ou d'éclipser qui que ce soit. Libres et égaux, ils mettront cependant au-dessus d'eux celui qui, dans sa vie ni dans sa pensée, ne gardera aucun des vices de l'humanité engloutie. Ils le vénéreront tous et n'auront de cesse qu'ils ne lui ressemblent.

Coupons court à ces divagations, car il ne sert à rien d'inventer un « intermède consolant », procédé fastidieux des eschatologies. Non point que nous n'ayons le droit d'imaginer cette nouvelle humanité, transfigurée au sortir de l'horrible; qui nous dit pourtant que, son but atteint, elle ne retomberait pas dans les misères de l'ancienne? et comment croire qu'elle ne se lasserait pas du bonheur ou qu'elle échapperait à l'attirance de la dégringolade, à la tentation de jouer, elle aussi, un rôle? L'ennui au milieu du paradis fit naître chez notre premier ancêtre un appétit d'abîme qui nous a valu ce défilé de siècles dont nous entrevoyons maintenant le terme. Cet appétit, véritable nostalgie de l'enfer, ne manquerait pas de ravager la race qui nous succéderait et d'en faire la digne héritière de nos travers. Renonçons donc aux prophéties, hypothèses frénétiques, cessons de nous laisser leurrer par l'image d'un avenir lointain et improbable, tenons-nous-en à nos certitudes, à nos indubitables gouffres.

A URGÊNCIA DE ESCREVER

"O abismo está em nós e fora de nós, é o pressentimento de ontem, a interrogação de hoje, a certeza de amanhã."

EMIL CIORAN

DEMIURGIA VERBAL

Se me perguntassem qual é o ser que mais invejo, responderia sem hesitar: aquele que, repousando em meio às palavras, vive ingenuamente nelas por um consentimento espontâneo[1], sem questioná-las nem assimilá-las a signos, como se correspondessem à própria realidade ou fossem o absoluto esparramado no cotidiano. Não teria, em contrapartida, nenhum motivo para invejar quem as perfura com clarividência, quem discerne seu fundo e seu nada. Este já não mantém trocas espontâneas com o real; isolado de seus utensílios, acuado a uma perigosa autonomia, alcança um si mesmo que o apavora. As palavras lhe escapam: não podendo apanhá-las, persegue-as com um ódio nostálgico, e nunca as profere sem debochar ou suspirar. Se não comunga mais com as palavras, não pode, contudo, passar sem elas, e é precisamente no momento em que estão mais longe que se agarra a elas.

O mal-estar que a linguagem nos suscita não difere muito daquele que nos inspira o real; o vazio que entrevemos no fundo das palavras evoca o vazio que apreendemos no fundo das coisas: duas percepções, duas experiências em que se opera a disjunção entre os objetos e os símbolos, entre a realidade e os signos. No ato poético, essa disjunção assume o aspecto de uma ruptura. Apartando-se instintivamente das significações convencionais,

[1] Do francês, *par consentement reflèxe*, ou seja, um consentimento que é instintivo, involuntário, espontâneo, como o reflexo do joelho. Uma vez que o adjetivo "reflexo" não é muito usual em português (tal como é empregado por Cioran), e que a fórmula "consentimento reflexo" soa demasiado estranho (tende-se, inevitavelmente, a perceber dois substantivos seguidos), optamos por "espontâneo", que exprime a mesma ideia. (n.t.)

do universo herdado e das palavras transmitidas, o poeta, em busca de uma ordem outra, lança um desafio ao nada da evidência, à ótica enquanto tal. Dedica-se à demiurgia verbal.

Imaginemos um mundo em que a Verdade, descoberta enfim, se imporia a todos, onde, triunfante, esmagaria o charme da aproximação e do possível. A poesia seria aí inconcebível. Mas como, para sua felicidade, nossas verdades mal se distinguem das ficções, a poesia não tem nenhuma obrigação em relação a esse mundo; formará para si, então, um universo próprio, tão verdadeiro e tão falso quanto o nosso. Mas não tão extenso, nem tão potente. O número está do nosso lado: somos legião e nossas convenções possuem essa força que apenas a estatística garante. A essas vantagens, acrescenta-se outra, e não das menores: aquela de possuir o monopólio das palavras desgastadas. A superioridade numérica de nossas mentiras fará com que prevaleçamos sempre sobre os poetas, e que nunca se encerre o debate entre a ortodoxia do discurso e a heresia do verso.

Por menos que se sofra a tentação do ceticismo, a exasperação experimentada a respeito da linguagem utilitária se atenua e se converte, a longo prazo, em aceitação: a ela nos resignamos e a admitimos. Por não haver mais substância nas coisas que nas palavras, acomoda-se em sua improbabilidade e, por maturidade ou por lassidão, renuncia-se a intervir na vida do Verbo: para quê conferir-lhe um suplemento de sentido, violentá-lo ou renová-lo, quando se descobriu seu nada? O ceticismo: sorriso que paira em cima das palavras... Após tê-las sopesado uma após a outra e terminada a operação, não se pensa mais nisso. E quanto ao "estilo", se se sacrifica ainda a ele, a ociosidade ou a impostura são as únicas responsáveis.

O poeta, por sua vez, julga diferentemente: leva a sério a linguagem, cria para si uma ao seu modo. Todas suas singularidades procedem de sua intolerância às palavras enquanto tais. Incapaz de suportar sua banalidade e seu desgaste, ele está predestinado a sofrer por causa delas e por elas; e, contudo, é por elas que tenta se salvar, é de sua regeneração que espera sua salvação. Por mais cheia de caretas que seja sua visão das coisas, não é nunca um verdadeiro negador. Querer revigorar as palavras, infundir-lhes uma vida nova, supõe um fanatismo, uma obnubilação sem igual: inventar — poeticamente — é ser um cúmplice e um fervoroso do Verbo, um falso niilista: toda demiurgia verbal se desenvolve à custa da lucidez...

Não é o caso de pedir à poesia uma resposta a nossas interrogações ou alguma revelação essencial. Seu "mistério" vale o mesmo que qualquer outro.

Por que então apelamos a ela? Por que — em certos momentos — somos forçados a recorrer a ela?

Quando, sozinhos em meio às palavras, somos incapazes de lhes comunicar a menor vibração, quando nos parecem tão secas e tão degradadas quanto nós mesmos, quando o silêncio do espírito é mais pesado que o dos objetos, descemos até o ponto em que o pavor de nossa inumanidade se nos apodera. Desancorados, longe de nossas evidências, conhecemos subitamente esse horror à linguagem que nos precipita no mutismo — momento de vertigem em que só a poesia vem nos consolar da perda momentânea de nossas certezas e de nossas dúvidas. Por isso, é o absoluto de nossas *horas negativas*, mas não de todas, apenas daquelas que derivam de nosso mal-estar no universo verbal. Já que o poeta é um monstro que tenta sua salvação pela palavra, que supre o vazio do universo pelo próprio símbolo do vazio (afinal, seria a palavra outra coisa que isso?), por que não o seguiríamos em sua excepcional ilusão? Ele se torna nosso recurso todas as vezes que desertamos as ficções da linguagem corrente para arranjar-nos outras, insólitas, mesmo que não rigorosas. Não parece, então, que qualquer outra irrealidade é preferível à nossa, e que há mais substância em um verso do que em todas essas palavras trivializadas por nossas conversas ou nossas preces? Que a poesia deva ser acessível ou hermética, eficaz ou gratuita, eis um problema secundário. Exercício ou revelação, pouco importa. Apenas lhe pedimos que nos liberte da opressão, dos tormentos do discurso. Se o consegue, ela realiza, *por um instante*, nossa salvação.

Por motivos opostos, a linguagem só é aproveitável ao vulgo e ao poeta; se se tira proveito adormecendo em cima das palavras ou lutando com elas, em compensação, corre-se certo risco ao sondá-las para descobrir sua mentira. Aquele que a isso se dedica, que sobre elas se debruça para analisá-las, termina por extenuá-las, por metamorfoseá-las em sombras. Será, por isso, castigado uma vez que compartilhará a mesma sorte. Tomai qualquer vocábulo, repeti-o inúmeras vezes, examinai-lo: desaparecerá e, por consequência, alguma coisa desaparecerá *em vós*. Tomai outros e continuai a operação. De grau em grau, chegareis ao ponto fulgurante de vossa esterilidade, às antípodas da demiurgia verbal.

Não se retira a confiança nas palavras, nem se atenta contra sua segurança sem colocar um pé no abismo. Seu nada procede do nosso. Não mais estando conosco, é como se nunca nos tivessem servido. Existem? Concebemos sua existência sem senti-la. Que solidão é essa em que nos deixam e em que as deixamos! Somos livres, é verdade, mas sentimos falta de seu despotismo. Estavam aí com as coisas; agora que desapareceram, as coisas seguem seu ca-

minho e se diminuem diante de nossos olhos. Tudo diminui, tudo some. Aonde fugir, por onde escapar ao ínfimo? A matéria se encolhe, abdica de suas dimensões, evacua os espaços... No entanto, nosso medo se dilata e, tomando o lugar, assume o papel de universo.

Tradução de Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes

URGÊNCIA DO PIOR

Tudo permite pressagiar que a história passará e, com ela, o ser, em detrimento do qual é construída. Ele repousava em si, ela o arrastou para fora de si mesmo e o agregou a suas convulsões; a história representa o território onde o ser não cessa de se pulverizar, de se aviltar. Esse drama, que recairia sobre ela desde o início, como não a marcaria agora que se aproxima de seu fim? E como não nos marcaria a nós mesmos, testemunhas que somos de uma agitação febril de último momento que, admitamos, não nos desagrada tanto? Eis em que nos assemelhamos aos primeiros cristãos, ávidos pelo pior. Para sua grande decepção, o pior não chegou, a despeito das abundantes profecias nos escritos da época: quanto mais elas se multiplicavam, para pressionar Deus e forçar-lhe a mão, mais ele, devassado, indeciso, se enredava em seus escrúpulos. Em pleno desamparo, os obstinados fiéis precisaram render-se à evidência: o novo advento não teria lugar, a parúsia estava adiada; nem salvação nem condenação no horizonte. Nessas condições, o que lhes restaria fazer senão esperar, entre a resignação e a esperança, por tempos melhores, os tempos do fim? Mais afortunados do que eles, temos nosso fim na palma da mão, ele está ao nosso alcance, e, para antecipar sua chegada, não precisamos absolutamente do concurso de uma autoridade superior. Diante de tal oportunidade, é duvidoso que não tiremos nenhuma vantagem, por mais desajeitados que sejamos. Como chegamos a esse ponto? Por qual processo, ao cabo de séculos tranquilizadores, nos descobrimos no limiar de uma realidade que apenas o sarcasmo torna tolerável? A partir do Renascimento, a humanidade não fez senão se esquivar do sentido último de seu caminho, do princípio nocivo que nele se exibe. A Idade das Luzes, em particular, ofereceu uma contribuição nada desprezível a esse projeto obsedante. A idolatria do Porvir veio, no século seguinte, confirmar as ilusões do anterior. Época tão desenganada quanto a nossa, ela se obstina em estender suas promessas, se bem que sejam raros os que nelas ainda creem. Não é que a dita idolatria esteja exaurida, mas somos forçados a diminuí-la, a menosprezá-la — por prudência, por medo. É que agora sabemos que ela é compatível com o abominável, que inclusive conduz a ele, ou, ao menos, que suscita, com igual naturalidade, a prosperidade e o horror. Uma vez que, a cada teoria e a cada descoberta, nos afundamos um pouco mais, o que temos ainda em comum com a canalha "esclarecida", com os maníacos do Possível? Os contemporâneos de Newton se admiravam com o fato de que um espírito de sua envergadura se rebaixasse ao comentar as

visões dos Apóstolos. Precisamente ao contrário, para nós, seria incompreensível que não o fizesse, e o sabichão que o recusasse só atrairia nossa indiferença. De resto, ele não precisa mesmo se deter nas revelações incriminadas: ele as vive ao seu próprio modo, e prepara uma nova versão, mais convincente e mais eficaz do que a antiga, pois desprovida de pompa e de poesia; por trabalhá-la e aperfeiçoá-la, discerne-lhe tão nitidamente os contornos que, ao falar dela, experimenta certo embaraço. Como o fim dos tempos lhe parece um lugar-comum, o estranho a seus olhos não é que ele seja concebível, mas que tarde a acontecer. Ele faz o seu melhor para torná-lo mais próximo da perfeição, para acelerar sua irrupção: se o fim hesita e tergiversa, de que ele é culpado? Não menos impacientes, nós também gostaríamos que o fim viesse nos livrar dessa curiosidade que nos oprime. Segundo nossos humores, antecipamos ou adiamos sua data; enquanto isso, respirando em função do irrespirável, dilatamo-nos naquilo que nos sufoca, participamos, desde já, por todos nossos pensamentos, por mais luminosos que sejam, da noite em que mergulharão.

Talvez esteja próximo o dia em que, sem poder mais suportar essa massa de medo que acumulamos, curvaremos sob o peso com que ela nos abate. O fogo do céu será, dessa vez, *nosso* fogo, e, para fazê-lo jorrar, nos precipitaremos nas profundezas da terra, para longe de um mundo por nós desfigurado e espoliado. E habitaremos *sob* os mortos, e invejaremos seu repouso e sua beatitude, aqueles crânios despreocupados, para sempre de férias, aqueles esqueletos pacificados e modestos, emancipados, enfim, da impertinência do sangue e das reivindicações da carne. Agitando-nos na escuridão, conheceremos ao menos a satisfação de não ter mais que nos olhar de frente, a alegria de perder nossos rostos. Expostos às mesmas tribulações e aos mesmos perigos, seremos todos iguais e, no entanto, mais estranhos uns aos outros como jamais fomos.

Em que nos serviria escamotear nosso destino? Não que percamos a esperança de encontrar um final provisório. Contudo, ele deveria ser verossímil e ter alguma chance de se realizar. Sendo o homem o que é, pode-se admitir que ele se extinga na calma da deterioração, em meio aos favores da caducidade? Sem dúvida já se curva sob o fardo dos milênios, mas parece improvável que venha a sustentar a carga até o fim, até o esgotamento de suas forças. Ao contrário, tudo permite prever que o luxo da decrepitude lhe será interditado, ainda que apenas em razão do ritmo em que ele vive e de sua inclinação à desmedida. Orgulhoso de seus dons, ele ridiculariza a natureza, perturba-lhe o marasmo, criando-lhe uma desordem, ora imunda, ora trágica, que termina por ser-lhe literalmente insuportável. Que ele fuja o quanto

antes, eis o desejo da natureza, que o homem poderia satisfazer prontamente, se o quisesse. Assim seria ela libertada desse sedicioso, cujo próprio sorriso é subversivo, desse contravivente[2] que ela abriga a contragosto, desse usurpador que lhe rouba os segredos para escravizá-la, para desonrá-la. Mas ele mesmo devia cair, por seus crimes, na escravidão e na ignomínia. Tendo rompido, por seus conhecimentos e por seus atos, os limites traçados à criatura, atenta contra as próprias fontes de seu ser, contra seu fundo original. Suas conquistas são obras de um traidor da vida e de si mesmo. Daí seu ar de culpado, seu andar suspeito, daí seu remorso, que ele tenta dissimular pela insolência e pelos negócios. É para evitar-se que o homem se intoxica de ruído, para escamotear a acusação que a menor reflexão sobre si mesmo o faria ouvir. A criação repousava em um estupor sagrado, em um admirável e inaudível gemido; ao agitá-la com seu frenesi, com suas vociferações de monstro acuado, o homem tornou-a irreconhecível, comprometendo para sempre sua paz. A desaparição do silêncio deve ser enumerada entre os sinais anunciadores do fim. Não é mais por causa de sua obscenidade nem de suas depravações que Babilônia, a Grande[3], merece hoje desmoronar, mas por causa de seu tumulto e de sua agitação, por causa das estridências de sua sucata e dos insanos que dela não se fartam. Lançando-se contra os solitários, estes últimos mártires, ela os persegue e os tortura, interrompendo-lhes a cada instante as ruminações, infiltrando-se como um vírus sonoro em seus pensamentos, para miná-los, para desagregá-los. Como, em sua exasperação, não desejariam vê-la desmoronar sem mais delongas? Ela contamina o espaço, emporcalha — nova prostituta — seres e paisagens, caçando por toda parte a pureza e o recolhimento. Aonde ir? Onde ficar? E o que ainda procurar, no alarido de um planeta babilonizado? Mas antes que ele se faça em pedaços, aqueles que nele têm mais sofrido, os mais atormentados por ele, terão, enfim, sua vingança: serão os únicos a dar graças ao desenlace, os únicos a saborear a suspensão da balbúrdia, esse breve e decisivo silêncio que precede as grandes catástrofes.

Quanto mais o homem adquire poder, mais vulnerável se torna. O que mais deve temer é o momento em que, estando a criação inteiramente estrangulada, ele celebrará seu triunfo, apoteose fatal, vitória à qual não sobreviverá. O mais provável é que desapareça antes de ter realizado todas as suas ambições. Ele já é tão poderoso que nos perguntamos por que deseja ser

---

[2] No original, *contre-vivant.* (n.t.)

[3] Referência à personagem bíblica da prostituta contida no *Apocalipse* de São João. Babilônia, a Grande Prostituta (ou Meretriz), é uma alegoria do *Livro do Apocalipse* para representar, metaforicamente, uma tentação que não é sexual, mas política, e sobretudo espiritual: Roma, na figura da prostituta, simbolizaria algo análogo à atitude fáustica de "vender a alma ao diabo" em nome do poder político ou outros bens terrenos. (n.t.)

ainda mais. Tanta insaciabilidade trai uma miséria inapelável, uma decadência magistral. Plantas e animais carregam as marcas da saúde, assim como o homem carrega as da perdição. Essa é a verdade de cada um de nós, de toda a Espécie, maravilhada e abatida pelo espetáculo do Incurável. Ela se perpetua através das nações prometidas, como ela, à servidão, pelo mero automatismo do devir. Todas juntas não são, no fundo, senão atalhos emprestados pela história para conduzir ao estabelecimento de uma imensa tirania, de um império que englobará os continentes. Não mais fronteiras, não mais alhures..., logo, nenhuma liberdade mais, nenhuma ilusão. É significativo que o Livro do Fim tenha sido concebido no momento em que os homens, e os próprios deuses, deviam se inclinar aos caprichos de Roma. Arbitrário degenerado em terror, só restava aos oprimidos a esperança de, um dia, serem libertados por um acontecimento de dimensões cósmicas, cujas grandes linhas, inclusive detalhes, se dispunham a imaginar. No império por vir, os deserdados se comportarão do mesmo modo; o estilo visionário, deliberadamente sinistro, suplantará todos os outros estilos; mas, ao contrário dos cristãos primitivos, eles não odiarão o novo Nero, antes odiarão a si mesmos nele, torná-lo-ão um ideal abominável, o primeiro dos malditos, e nenhum deles terá a audácia de se erigir em eleito.

Nem novo céu, nem nova terra, nem mais o anjo para abrir o "poço do abismo": aliás, não possuímos, nós mesmos, a chave? O abismo está em nós e fora de nós, é o pressentimento de ontem, a interrogação de hoje, a certeza de amanhã. A instauração do império futuro, assim como sua desarticulação, acontecerá em meio a comoções sem precedentes. Na condição a que chegamos, nos seria impossível, em um sobressalto de sabedoria, retornar sobre nossos passos e corrigir-nos, mesmo que o quiséssemos. Nossa perversidade é tão virulenta que, em lugar de atenuá-la, nossas reflexões sobre ela e nossos esforços para submetê-la consolidam-na e agravam-na. Predestinados à soçobra, representamos, no drama da criação, o episódio mais espetacular e mais lamentável. Como foi em nós que despertou o mal adormecido nos demais seres vivos, nos cabia perder-nos para que eles fossem salvos. As virtualidades de dilaceramento e de conflito que possuem se atualizaram e se concentraram em nós, e foi à nossa custa que liberamos as plantas e os animais dos elementos funestos que jaziam neles adormecidos. Ato de generosidade, sacrifício ao qual só consentimos para lamentá-lo e para amargurar-nos. Invejosos de sua inconsciência, fundamento de sua salvação, desejaríamos ser como eles e, furiosos por não podê-lo, meditamos sobre sua ruína, nos esforçamos em fazê-los interessar-se por nossas desgraças e em descarregá-las sobre eles. É aos animais, sobretudo, que visamos: o que não

daríamos para despojá-los de seu mutismo, para convertê-los ao verbo, para infligir-lhes a abjeção da palavra! Sendo-nos interditado o charme da existência irrefletida, da existência enquanto tal, não poderíamos tolerar que outros gozassem dele. Desertores da inocência, encarniçamo-nos contra todo aquele que ainda permaneça nela, contra todos os seres que, indiferentes à nossa aventura, se regozijam em seu bem-aventurado torpor. E quanto aos deuses, não nos encolerizamos contra eles pela raiva de perceber que são conscientes sem sofrer, enquanto que, para nós, consciência e naufrágio se confundem? Se penetramos o segredo de sua potência, não pudemos, por outro lado, penetrar aquele de sua serenidade. A vingança era inevitável: como perdoá-los por possuírem o saber sem incorrer na maldição que lhe é inerente? Uma vez desaparecidos, nem por isso renunciamos à busca da felicidade: nós a buscamos, sempre a buscamos, precisamente naquilo que dela nos distancia: a combinação de conhecimento e de arrogância. Quanto mais se aproximam estes dois termos, ao ponto de se identificarem, mais desaparecem os vestígios que conservávamos de nossas origens. Desde que caímos da passividade na qual repousávamos, em que estávamos em casa, precipitamo-nos no ato, sem poder livrar-nos dele e nem recuperar nossa verdadeira pátria. Se o ato nos corrompeu, nós, por nossa vez, corrompemos o ato: dessa degradação recíproca devia resultar esse desafio à contemplação que é a história, desafio coextensivo aos acontecimentos e tão lamentável quanto eles. O que em Patmos foi uma visão espiritual, veremos, de fato, um dia, perceberemos com nitidez esse sol "negro como um saco de crina", essa lua de sangue, essas estrelas que caem como figos, esse sol que se retira "como um pergaminho que se enrola". Nossa ansiedade faz ecoar aquela do Vidente[4], do qual somos mais próximos que nossos precursores, mesmo aqueles que escreveram sobre ele, em particular o autor das *Origens do cristianismo*[5], o qual teve a imprudência de afirmar: "Nós sabemos que o fim do mundo não está tão próximo como o acreditavam os iluminados do primeiro século, e que esse fim não será uma catástrofe súbita. Ele se dará pelo frio, em milhares de séculos..." O evangelista semiletrado enxergou mais longe que seu sábio comentador, entregue às superstições modernas. Não há porque se espantar: à medida que

---

[4] Cioran se refere a São João, autor do mencionado *Apocalipse*, e conhecido como o "Vidente de Patmos" (ilha grega onde o texto teria sido redigido). É digno de nota que a palavra "apocalipse", do grego ἀποκάλυψις, *apokálypsis*, significa "revelação". É formada por *apo*, "de", e *kalypto*, "cobrir, velar". Um "apocalipse" é a revelação divina de coisas que, até então, permaneciam ocultas. Não por acaso o título do livro em inglês é *The Book of Revelation* (ou simplesmente *Revelation*).(n.t.)

[5] Referência à *História das origens do cristianismo*, do francês Ernest Renan (1823-1892), com quem Nietzsche polemizou, em seu *Anticristo* (Cf. seções 17, 29, 31, 32), acerca da atribuição a Jesus (por Renan) das categorias psicológicas do "herói" e do "gênio". Há ainda uma importante seção dedicada a Renan em outra obra, escrita também em 1888: *Crepúsculo dos ídolos*, IX, 2. (n.t.)

nos voltamos à alta Antiguidade, encontramos inquietudes semelhantes às nossas. A filosofia teve, em seus começos, mais do que o pressentimento, a intuição exata da consumação, da expiração do devir. Heráclito, nosso contemporâneo ideal, já sabia que o fogo "julgará" tudo; ele imaginava inclusive uma conflagração geral ao final de cada período cósmico, um repetido cataclisma, corolário de toda concepção cíclica do tempo. Menos audaciosos e menos exigentes, nos contentamos, de nossa parte, com um *único* fim, carecendo do vigor que nos permitiria conceber e suportar muitos deles. É verdade que admitimos uma pluralidade de civilizações, tantos mundos que nascem e morrem; mas quem, dentre nós, consentiria com o recomeço indefinido da história em sua totalidade? Com cada acontecimento que nela se produz, e que nos parece necessariamente irreversível, avançamos passo a passo em direção a um desfecho único, de acordo com o ritmo do progresso cujo esquema adotamos, e cujo papo furado, evidentemente, recusamos. Sim, progredimos, galopamos mesmo, em direção a um desastre preciso e não a alguma maravilhosa perfeição. Quanto mais nos repugnam as fábulas de nossos predecessores imediatos, mais nos sentimos próximos dos Órficos, que viam na noite a origem das coisas, ou de um Empédocles, que atribuía ao Ódio virtudes cosmogônicas. Mas é ainda com o filósofo de Éfeso que estamos mais de acordo, conforme nos garante que o universo é governado pelo raio. Uma vez que a Razão não nos cega mais, descobrimos, enfim, a outra face do mundo, as trevas que aí residem, e caso se faça preciso, a todo custo, que uma luz nos desvie delas, esta será, não duvidemos, a de algum relâmpago definitivo. Outro traço que nos aproxima dos pré-socráticos é a paixão do inelutável, que eles conceberam na aurora de nossa civilização, em seu primeiro contato com os elementos e os seres, cujo espetáculo deveria submergi-los em um espanto maravilhado. Ao cabo das eras, concebemos essa paixão como a única modalidade de nos reconciliar com o homem, com o horror que nos inspira. Resignados ou enfeitiçados, nós o assistimos correr na direção que o nega, estremecer na embriaguez de seu aniquilamento. O pânico — seu vício, sua razão de ser, o princípio de sua expansão, de sua prosperidade malsã — apoderou-se dele de tal maneira, tão intimamente o define que, caso lhe fosse retirado, pereceria no ato. Por mais sutis que fossem os primeiros filósofos, não podiam adivinhar que o universo moral colocaria problemas tão insolúveis e tão terrificantes quanto aqueles do universo físico: na época em que "floresciam", o homem não tinha ainda sido posto à prova... Nossa vantagem sobre eles é saber do que ele é capaz, ou, para ser exato, do que nós mesmos somos capazes. Pois todos carregamos esse pânico, a uma vez estimulante e destrutivo, que marca nossas fisio-

nomias, que explode em nossos gestos, que atravessa nossos ossos e agita nosso sangue. Comunicamos nossas contorções, visíveis ou secretas, ao planeta; como nós, ele já estremece, sofre o contágio de nossas crises e, conforme o *grand mal* o domina, nos vomita e amaldiçoa.

É, sem dúvida, uma pena que tenhamos de enfrentar a fase final do processo histórico no momento em que, por haver liquidado nossas velhas crenças, carecemos de disponibilidades metafísicas, de reservas substanciais de absoluto. Surpreendidos pela agonia, destituídos de tudo, beiramos esse pesadelo lisonjeiro, sentido por todos os que tiveram o privilégio de se encontrar no coração de uma derrocada insigne. Se, com a coragem de olhar as coisas de frente, também tivéssemos a de suspender nosso curso, ainda que por um instante apenas, esse repouso, essa pausa em escala global, bastaria para revelar-nos a amplidão do precipício que nos aguarda, e o pavor resultante disso, se converteria rapidamente em prece ou em lamento, em uma convulsão salutar. Mas não podemos nos deter. E se a ideia do inexorável nos seduz, se ela nos sustenta, é porque contém, apesar de tudo, um resíduo metafísico, e porque representa a única abertura de que ainda disporíamos sobre uma aparência de absoluto em cuja falta ninguém poderia subsistir. Um dia, quem sabe, mesmo esse recurso poderia nos faltar. No apogeu de nosso vazio, estaríamos fadados à indignidade de uma usura completa, pior que uma catástrofe repentina, honrável afinal de contas, e inclusive prestigiosa. Sejamos confiantes, apostemos na catástrofe, mais de acordo com nosso gênio e nossos gostos. Demos um passo a mais, suponhamo-la sobrevinda, tratemo-la como um fato consumado. É verossímil que deixará sobreviventes, alguns felizardos que terão tido a sorte de contemplar seu desenrolar e tirar dele a lição. Sua primeira preocupação será, muito certamente, a de abolir a lembrança da antiga humanidade, de todas as empreitadas que a desacreditaram e a arruinaram. Obstinando-se contra as cidades, desejarão consumar sua ruína, apagar seus vestígios. Uma árvore raquítica valerá mais a seus olhos que um museu ou um templo. Não mais escolas: em contrapartida, cursos de esquecimento e de desaprendizagem em que serão celebradas as virtudes da desatenção e as delícias da amnésia. O desgosto inspirado pela visão de qualquer livro, frívolo ou grave, se estenderá ao conjunto do Saber, do qual se falará com embaraço ou espanto, como se se tratasse de uma obscenidade ou de um flagelo. Meter-se com filosofia, elaborar um sistema, a ele apegar-se e nele crer, aparecerá como uma impiedade, uma provocação e uma traição, como uma cumplicidade criminosa com o passado. Os utensílios serão execrados por todos e ninguém pensará em servir-se deles, a não ser para varrer os escombros do mundo desmoronado.

Todos tentarão encontrar seu modelo no vegetal em detrimento das bestas, que serão repreendidas por evocarem, em alguns aspectos, a figura ou as façanhas do homem; pela mesma razão, abster-se-ão de ressuscitar os deuses, e mais ainda os ídolos. A recusa da história será tão radical que ela será condenada em bloco, sem piedade, sem nuança. O mesmo se dará em relação ao tempo, assimilado a um lapso ou a um desregramento.

Retornados do delírio do ato, de volta à monotonia, os sobreviventes se esforçarão para comprazer-se com ela, para nela chafurdar, para furtar-se às solicitações da novidade. A cada manhã, recolhidos e discretos, murmurarão anátemas contra as gerações anteriores; mas, dentre eles, nenhum sentimento suspeito ou sórdido, nenhum rancor nem desejo de humilhar ou de eclipsar o que quer que seja. Livres e iguais, colocarão, no entanto, acima deles, aquele que não guardar, nem em sua vida, nem em seu pensamento, nenhum dos vícios da humanidade engolfada. Todos o venerarão e não o cessarão até que se pareçam com ele.

Mas paremos com essas divagações, pois de nada serve inventar um "intermédio consolador", esse procedimento fastidioso das escatologias. Não é que não tenhamos o direito de imaginar essa nova humanidade, transfigurada ao sair do horrível; mas quem nos garante que, alcançado seu objetivo, ela não recairia nas misérias da antiga? E como acreditar que não se cansaria da felicidade ou que escaparia à atração da degringolada, à tentação de desempenhar, ela também, um papel? O tédio em meio ao paraíso gerou, em nosso primeiro ancestral, um apetite de abismo que nos valeu esse desfile de séculos cujo término agora entrevemos. Esse apetite, verdadeira nostalgia do inferno, não deixará de assolar a raça que nos sucederá, fazendo dela a digna herdeira de nossos defeitos. Renunciemos, portanto, às profecias, hipóteses frenéticas, cessemos de nos deixar enganar pela imagem de um futuro distante e improvável, atenhamo-nos a nossas certezas, a nossos abismos indubitáveis.

Tradução de Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes e Luiz Cláudio Gonçalves

ensaios

(n.t.)|Nasca

O TREVO DE QUATRO FOLHAS

EUGEN IONESCU

O TEXTO: Assim como o de outros monstros sagrados da literatura francesa – Tristan Tzara, Gherasim Luca, Emil Cioran, etc. – o destino do romeno Eugen Ionescu foi o de ser de-glutido pela cultura da França e transformado em Eugène Ionesco. Poucos sabem que, durante sua existência em solo romeno, o jovem Ionescu foi um influente crítico literário que já se aventurava a escrever sua própria ficção. O texto aqui selecionado está incluído na obra *Nu* (Não), coletânea de ensaios de 1934 premiada num concurso de jovens talentos literários, e que revela desde cedo o gosto do autor pelo absurdo, marca pela qual ficará para sempre conhecido.

Texto traduzido: Ionescu, Eugen. *Nu*. Bucureşti: Humanitas, 1991.

O AUTOR: Considerado o pai do teatro do absurdo, o romeno Eugen Ionescu (1909-1994), que ocupou a cadeira número seis da Academia Francesa, se tornou sinônimo de Absurdo graças a suas antológicas peças teatrais. Bebendo da tradição romena, que começou a dar seus primeiros sinais com o surgimento dos textos tresloucados assinados pelo funcionário de repartição pública Urmuz − um deles já publicado na (n.t.) −, foi capaz de criar uma obra dramatúrgica inédita e uma prosa de uma franqueza vertiginosa.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, morou 16 anos na Romênia. Além de já ter traduzido textos dos Irmãos Grimm, Arthur Koestler, Robert Graves, Georg Trakl e outros, tem procurado difundir no Brasil obras representativas do pensamento e da cultura romenos. Nesse contexto, traduziu *As seis doenças do espírito contemporâneo* (Record), de Constantin Noica, *Senhorita Christina* (Tordesilhas), de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero* (Hedra) de Emil Cioran, *Acontecimentos na irrealidade imediata* (Cosac Naify) de Max Blecher e *A Barca de Caronte* (É Realizações) de Lucian Blaga. Para a (n.t.) já traduziu Max Blecher, George Bacovia, Urmuz e Ciprian Vălcan.

TRIFOIUL CU PATRU FOI

"Trifoiul cu patru foi nu este posibil
logic; e posibil în viață."

EUGEN IONESCU

INTERMEZZO NR. 3
(Trifoiul cu patru foi)

Savantul Berembest, pe baza unor cercetări şi observații îndelungate, a stabilit că se găsesc trei trifoiuri cu patru foi față de nouăzeci şi şapte trifoiuri cu trei foi. Italianul Micoromegassini a stabilit însă procentul de două trifoiuri cu patru foi la sută. Iar germanul Glumenblatt, de şase la sută: aceste statistici contradictorii au suscitat vii, aprinse şi pătimaşe controverse, polemici, dueluri, asasinate şi sinucideri.

Cei trei savanți mondiali s-au întrunit atunci într-o localitate misterioasă, situată la confluența unor fluvii spaniole, şi au căutat, pe bază documentară extrem de serioasă, să stabilească un adevăr eclectic. Deoarece, însă, niciunul nu vroia să cedeze ori să dea de la sine o singură foaie de trifoi măcar, situația era foarte încordată. Dar s-a agravat şi mai mult în clipa în care un al patrulea savant, polonezul Asmatzukievitz a afirmat că la suta de trifoiuri nu se găseşte niciunul cu patru foi.

Asertiunea acestuia părea întărită solid de temeinice dovezi, aşa încât opinia ştiințifică mondială atârna greu de partea lui. În sprijinul convingerilor sale aducea şi un argument de ordin teoretic: trifoi înseamnează, prin definiție, trei foi; şi trifoiul cu patru foi este, deci, o flagrantă contradicție în termeni.

Ceilalți trei savanți, deşi adversari, s-au unit împotriva adversarului comun, polonezul Asmatzukievitz. Au scris împreună o carte groasă prin care combăteau aprig teoriile polonezului. Ei susțineau teza interesantă că realitatea

trifoiului este irațională, ilogică. De vreme ce este ilogică, sau propriu-zis chiar alogică, nu i se pot aplica criteriile logicei.

Trifoiul cu patru foi nu este posibil logic; e posibil în viață. Şi cea mai bună dovadă nu este aceea că se găsesc două, patru sau şase la sută?

Polonezul a răspuns ironic printr-un eseu, scris spiritual şi degajat. El conținea, în esență, următoarele: o apărare a spiritului logic; realitatea este supusă principiilor logicei; numai capetelor celor trei savanți le lipseşte logica şi generalizează cazul lor particular şi patologic. Dacă ar fi să-i credem, atunci cei trei savanți ar fi patru, aşa cum patru ar fi cele trei foi ale trifoiului. Aplicând însă metoda însăşi a celor trei savanți, metoda empirică, şi numărându-i, vedem că cei trei savanți sunt numai trei. Pe urmă, presupunând chiar că există, la o sută de trifoiuri cu trei foi, două, trei sau şase trifoiuri cu patru foi, orice trifoi ar trebui să fie 2 sutimi sau 4 sutimi sau 6 sutimi cu patru foi. Dar trifoiul cu trei foi nu are nici măcar o sutime dintr-o a patra foaie.

Savantul Berembest, drept replică, a fotografiat un trifoi cu patru foi (e drept cam veştejit) şi a reprodus fotografia în ziarul Times. Dar Asmatzukievitz nu s-a lăsat deloc intimidat. El a susținut că esența trifoiului este să aibă trei foi. Că trifoiul cu patru foi este neadevărat, inautentic, patologic şi aberație. Or ştiința nu se ocupă decât de adevăr; cazul trifoiului cu patru foi nu poate fi generalizat, pentru că nu e o caracteristică esențială a trifoiului; şi chiar dacă există, e ca şi cum nu ar exista. De altfel, polonezul crede că nici prin eroare nu există asemenea trifoi; şi că se îndoieşte la culme de autenticitatea fotografiei lui Berembest. A reprodus el însuşi un trifoi cu trei foi, un trifoi frumos şi verde, pe care l-a opus trifoiului veştejit al lui Berembest. A declarat că lasă opinia mondială să tragă consecințele.

Toți intelectualii din lume au luat parte activă şi vehementă la controversă. S-au deschis anchete. Au căzut guverne. S-au întâmplat revoluții. Numai o babă se pieptăna în tot timpul acesta. A fost surprinsă în flagrant delict. Condamnată. Arsă de vie. Şi în toate statele s-a pornit atunci o prigoană împotriva fabricanților de piepteni. S-au închis fabricile. S-au confiscat pieptenii pe motivul că e un lux criminal să te piepteni în acele grave momente, în care se va hotărî pacea sau războiul lumii. Situația planetară era extrem de complicată şi de încordată.

Un chinez Pep-Te-Ne a pus untdelemn peste foc erijându-se cu o teorie nouă opusă celei a polonezului: a afirmat, anume, că trifoii cu patru foi se află în număr de cincizeci la sută; deci cei cu trei foi (după calcule minuțioase) tot cincizeci la sută.

Europenii au făcut atunci un protest la Liga Națiunilor, argumentând că „Ce se bagă chinezul?", „Ce se pricepe chinezul?" Pe urmă numele lui, care aminteşte un ustensil reprobat de când cu baba, constituia o obrăznicie sfruntată. Degeaba

s-a apărat, pe de o parte jurându-se că e însufleţit de dorinţe obiective de cercetare ştiinţifică; pe de altă parte, pretextând că i, care-i esenţial cuvântului Pieptene, nu e cuprins în numele lui, care este Pep-Te-Ne, iar nu Piep-Te-Ne. Că în cazul acesta ar trebui eliminat din dicţionar şi cuvântul francez pied, care începe ca „pieptene".

Francezii, simţindu-se direct ofensaţi, s-au plâns, pe cale diplomatică, guvernului chinez care însă nu a vrut să ştie de nimic, de parcă era turc.

Un atentat a fost încercat asupra lui Pep-Te-Ne, la care chinezii au răspuns printr-o tentativă de incendiere a consulatului francez din Shangai. Franţa a decretat mobilizarea. Războiul ar fi izbucnit cu siguranţă, dacă un fapt nou nu ar fi adus o destindere:

Cinci copilaşi (unul japonez, altul bengalez, altul olandez, altul sud-american şi altul antisemit) au făcut fiecare o colecţie de o sută de trifoiuri.

Primul copil avea trei trifoiuri cu patru foi; al doilea − două; al treilea − şase; al patrulea — niciunul; al cincilea — cincizeci. Îndată întreaga vină a căzut, cum se cuvenea, pe capetele responsabile ale celor cinci savanţi. Aceştia au dreptate fiecare în parte şi nu au dreptate împreună; faptele vorbesc. Ei îşi bat capul şi nu mai înţeleg nimic şi încearcă, nedumeriţi, să soluţioneze intriganta problemă.

Stau ascunşi undeva, [unde] nu creşte trifoiul, aşa că îşi urmează cercetările în mod pur teoretic. Au fiecare partizanii lor puţini. De atunci însă ştiinţa este desconsiderată şi pacea lumii asigurată, în mod provizoriu.

Dar povestea nu s-a sfârşit. Nici nu se poate.

O TREVO DE QUATRO FOLHAS

"O trevo de quatro folhas não é possível
do ponto de vista lógico, mas é possível na vida."

EUGEN IONESCU

INTERMEZZO nº 3
(O trevo de quatro folhas)

O sábio Berembest constatou, baseando-se em demoradas pesquisas e observações, que, para cada noventa e sete trevos com três folhas, há três trevos com quatro folhas. O italiano Micoromegassini constatou, entretanto, a porcentagem de dois trevos com quatro folhas por cento. E o alemão Glumenblatt[1], de seis por cento. Tais estatísticas contraditórias suscitaram vívidas, calorosas e apaixonadas controvérsias, polêmicas, duelos, assassinatos e suicídios.

Os três sábios mundiais reuniram-se, então, numa localidade misteriosa, situada na confluência de dois rios espanhóis e procuraram, baseando-se em documentação extremamente séria, constatar uma verdade eclética. Mas como nenhum deles queria ceder ou renunciar a uma só folha de trevo, a situação ficou muito tensa. Esta, porém, se agravou ainda mais no momento em que um quarto sábio, o polonês Asmatzukievitz, afirmou que, de cem trevos, não há *nenhum com quatro folhas*.

Sua asserção parecia solidamente fortalecida por provas bem fundamentadas, de maneira que a opinião científica mundial passou a pender sensivelmente para o lado dele. Para apoiar suas convicções, ele apresentou

[1] Nome criado pelo autor usando a palavra romena "gluma" (piada) e a alemã "Blatt" (folha). (n.t.)

ainda um argumento de ordem teórica: o trevo significa, por definição, três folhas; logo, o trevo de quatro folhas constitui uma contradição flagrante.

Os outros três sábios, embora adversários, uniram-se contra o adversário comum, o polonês Asmatzukievitz. Redigiram juntos um calhamaço, por meio do qual combatiam com ardor as teorias do polonês. Eles defendiam a interessante tese conforme a qual a realidade do trevo é irracional e ilógica. Por ser ilógica, ou propriamente dito até mesmo alógica, não se lhe podem aplicar critérios lógicos.

O trevo de quatro folhas não é possível do ponto de vista lógico, mas é possível na vida. E a melhor prova disso não seria o fato de que existem dois, quatro ou seis por cento?

O polonês respondeu ironicamente por meio de um ensaio, escrito num tom espirituoso e sossegado. Essencialmente, seu conteúdo era o seguinte: uma defesa do espírito lógico; a realidade encontra-se submetida aos princípios da lógica; só às cabeças dos três sábios falta lógica, generalizando o seu caso particular e patológico. Se acreditássemos neles, então, os três sábios seriam quatro, assim como quatro seriam as quatro folhas do trevo. Aplicando, contudo, o próprio método dos três sábios, o método empírico, contamo-los e percebemos que os três sábios são apenas três. Por conseguinte, presumindo que realmente existiriam, dentre cem trevos de três folhas, dois, três ou seis trevos de quatro folhas, todo trevo deveria ser 2 centésimos ou 4 centésimos ou 6 centésimos de quatro folhas. Mas o trevo de três folhas não possui nem mesmo um centésimo da quarta folha.

O sábio Berembest, como réplica, fotografou um trevo de quatro folhas (meio murcho, é verdade) e reproduziu a fotografia no jornal *Times*. Mas Asmatzukievitz não se deixou intimidar de maneira alguma. Ele afirmou que a essência do trevo é a de possuir três folhas. Que o trevo de quatro folhas é inverdadeiro, inautêntico, patológico, uma aberração. Ora, a ciência trata apenas da verdade; o caso do trevo de quatro folhas não pode ser generalizado, pois não é uma característica essencial do trevo; e mesmo que exista, é como se não existisse. Aliás, o polonês acredita que nem salvo engano não existe tal trevo; e que duvida extremamente da autenticidade da fotografia de Berembest. Ele mesmo reproduziu um trevo de três folhas, um trevo verde e viçoso, que contrapôs ao trevo murcho de Berembest. Declarou deixar a opinião mundial tirar suas próprias conclusões.

Todos os intelectuais do mundo participaram ativa e veementemente da controvérsia. Abriram-se inquéritos. Caíram governos. Eclodiram revolu-

ções. Só uma velha se penteava enquanto tudo isso acontecia[2]. Foi surpreendida em flagrante delito. Condenada. Queimada viva. E em todos os países iniciou-se então uma caça aos fabricantes de pentes. Fecharam-se fábricas. Confiscaram-se pentes por ser considerado um luxo criminoso pentear-se em momentos tão graves, em que a paz ou a guerra no mundo seriam decididas. A situação planetária tornou-se extremamente tensa e complicada.

Um chinês chamado Pein-Te-A-Do pôs lenha na fogueira ao aparecer com uma nova teoria inspirada nos trevos do polonês, afirmando que o trevo de quatro folhas existe na quantidade de cinquenta por cento; os de três folhas, portanto — após minuciosíssimos cálculos — também cinquenta por cento.

Os europeus protestaram, então, junto à Liga das Nações, querendo saber por que "o chinês está se metendo", "o chinês entende do quê?" Ademais, o nome dele, que recorda um utensílio reprovado desde o tempo da velha, constituía uma insolência descarada. Em vão se defendeu, por um lado jurando ser movido por desejos objetivos de pesquisa científica; por outro, alegando que o *i*, essencialmente inútil na palavra *Penteado*, está incluído no nome daquele que se chama Pein-Te-A-Do e não Pen-Te-A-Do. Pois, nesse caso, deveria ser também eliminada do dicionário a palavra francesa *peinture*, que não começa como "penteado".

Os franceses, sentindo-se diretamente ofendidos, queixaram-se por via diplomática junto ao governo chinês, que contudo não quis saber de nada, como se estivessem falando grego.

Pein-Te-A-Do foi alvo de uma tentativa de atentado, à qual os chineses responderam com uma tentativa de incêndio do consulado francês de Xangai. A França decretou mobilização geral. Uma guerra com certeza teria eclodido não fosse um novo evento que abrandou um pouco as tensões:

Cinco criancinhas (uma japonesa, outra bengali, outra holandesa, outra sul-americana e outra antissemita) reuniram cada uma uma coleção de cem trevos.

A primeira criança tinha três trevos de quatro folhas; a segunda, dois; a terceira, seis; a quarta, nenhum; a quinta, cinquenta.

Imediatamente, toda a culpa devidamente caiu sobre a responsabilidade dos cinco sábios. Cada um deles tinha razão separadamente, mas não juntos;

---

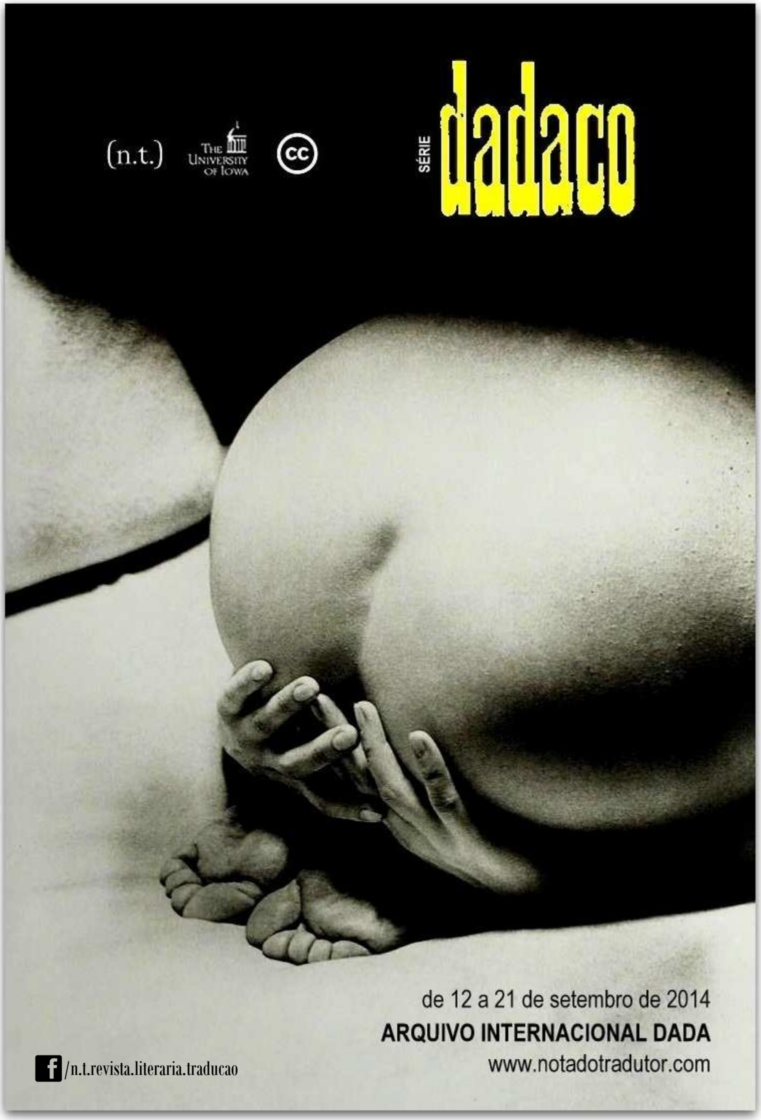
2 Ionesco brinca aqui com um conhecido provérbio romeno, "Țara arde și baba se piaptănă" (O país está pegando fogo enquanto a velha se penteia), usado para designar uma pessoa que não compreende a importância de agir conforme uma situação de emergência. (n.t.)

os fatos falam por si. Eles continuam quebrando a cabeça sem nada entender, tentando, perplexos, solucionar o intrigante problema.

Permanecem escondidos em algum lugar onde não crescem trevos, prosseguindo assim suas pesquisas de maneira puramente teórica. Cada um deles tem um punhado de partidários.

Desde então, contudo, a ciência foi desconsiderada e a paz no mundo, provisoriamente garantida.

Mas a história não terminou. Isso nem seria possível.


(n.t.)
The University of Iowa
série
dadaco
de 12 a 21 de setembro de 2014
ARQUIVO INTERNACIONAL DADA
www.notadotradutor.com
/n.t.revista.literaria.traducao

contos

(n.t.)|Tulipe

A LOTERIA
SHIRLEY JACKSON

O TEXTO: O conto "The Lottery", publicado na revista *The New Yorker*, em 26 de junho de 1948, foi o responsável pela fama repentina de Shirley Jackson, tendo despertado reações diversas entre os leitores (ainda hoje o número de cartas recebido por ocasião de sua publicação é considerado um recorde). Mesmo após tantos anos, ainda é um dos contos mais controversos da literatura norte-americana e mereceu inúmeras publicações nas antologias da autora. Em 1952, o conto teve sua primeira adaptação para a televisão.

Texto traduzido: Jackson, Shirley. *The Lottery and Other Stories*. New York: The Noonday Press/Farrar, Straus and Giroux, 1976.

A AUTORA: Shirley Jackson (1916-1965) nasceu em 14 de dezembro, em São Francisco, Estados Unidos, e é considerada uma das mais brilhantes e influentes autoras do século XX. Em 8 de agosto de 1965, aos 48 anos, faleceu de ataque cardíaco durante o cochilo da tarde.

A TRADUTORA: Ana Resende é bacharel em filosofia (UFRJ) e mestre em filosofia (PUC/Rio). É tradutora de literatura infanto-juvenil e ficção especulativa em geral, e especialista em contos de fadas. É colaboradora do Märchen-Stiftung Walter Kahn, entre outras instituições.

THE LOTTERY

"The lottery was conducted – as were the square dances, the teen-age club, the Halloween program – by Mr. Summers."

SHIRLEY JACKSON

The morning of June 27th was clear and sunny, with the fresh warmth of a full-summer day; the flowers were blossoming profusely and the grass was richly green. The people of the village began to gather in the square, between the post office and the bank, around ten o'clock; in some towns there were so many people that the lottery took two days and had to be started on June 26th, but in this village, where there were only about three hundred people, the whole lottery took less than two hours, so it could begin at ten o'clock in the morning and still be through in time to allow the villagers to get home for noon dinner.

The children assembled first, of course. School was recently over for the summer, and the feeling of liberty sat uneasily on most of them; they tended to gather together quietly for a while before they broke into boisterous play, and their talk was still of the classroom and the teacher, of books and reprimands.

Bobby Martin had already stuffed his pockets full of stones, and the other boys soon followed his example, selecting the smoothest and roundest stones; Bobby and Harry Jones and Dickie Delacroix — the villagers pronounced this name "Dellacroy, — eventually made a great pile of stones in one corner of the square and guarded it against the raids of the other boys. The girls stood aside, talking among themselves, looking over their shoulders at the boys, and the very small children rolled in the dust or clung to the hands of their older brothers or sisters.

Soon the men began to gather, surveying their own children, speaking of planting and rain, tractors and taxes. They stood together, away from the pile of stones in the corner, and their jokes were quiet and they smiled rather than laughed. The women, wearing faded house dresses and sweaters, came shortly after their menfolk. They greeted one another and exchanged bits of gossip as they went to join their husbands. Soon the women, standing by their husbands, began to call to their children, and the children came reluctantly, having to be called four or five times. Bobby Martin ducked under his mother's grasping hand and ran, laughing, back to the pile of stones. His father spoke up sharply, and Bobby came quickly and took his place between his father and his oldest brother.

The lottery was conducted — as were the square dances, the teen-age club, the Halloween program — by Mr. Summers, who had time and energy to devote to civic activities. He was a round-faced, jovial man and he ran the coal business, and people were sorry for him, because he had no children and his wife was a scold. When he arrived in the square, carrying the black wooden box, there was a murmur of conversation among the villagers, and he waved and called, "Little late today, folks."

The postmaster, Mr. Graves, followed him, carrying a three-legged stool, and the stool was put in the center of the square and Mr. Summers set the black box down on it. The villagers kept their distance, leaving a space between themselves and the stool, and when Mr. Summers said, "Some of you fellows want to give me a hand?" there was a hesitation before two men, Mr. Martin and his oldest son, Baxter, came forward to hold the box steady on the stool while Mr. Summers stirred up the papers inside it.

The original paraphernalia for the lottery had been lost long ago, and the black box now resting on the stool had been put into use even before Old Man Warner, the oldest man in town, was born. Mr. Summers spoke frequently to the villagers about making a new box, but no one liked to upset even as much tradition as was represented by the black box. There was a story that the present box had been made with some pieces of the box that had preceded it, the one that had been constructed when the first people settled down to make a village here. Every year, after the lottery, Mr. Summers began talking again about a new box, but every year the subject was allowed to fade off without anything's being done. The black box grew shabbier each year; by now it was no longer completely black but splintered badly along one side to show the original wood color, and in some places faded or stained.

Mr. Martin and his oldest son, Baxter, held the black box securely on the stool until Mr. Summers had stirred the papers thoroughly with his hand. Because so much of the ritual had been forgotten or discarded, Mr. Summers had been successful in having slips of paper substituted for the chips of wood that had been used for generations. Chips of wood, Mr. Summers had argued, had been all very well when the village was tiny, but now that the population was more than three hundred and likely to keep on growing, it was necessary to use something that would fit more easily into the black box. The night before the lottery, Mr. Summers and Mr. Graves made up the slips of paper and put them in the box, and it was then taken to the safe of Mr. Summers' coal company and locked up until Mr. Summers was ready to take it to the square next morning. The rest of the year, the box was put away, sometimes one place, sometimes another; it had spent one year in Mr. Graves's barn and another year underfoot in the post office, and sometimes it was set on a shelf in the Martin grocery and left there.

There was a great deal of fussing to be done before Mr. Summers declared the lottery open. There were the lists to make up — of heads of families, heads of households in each family, members of each household in each family. There was the proper swearing-in of Mr. Summers by the postmaster, as the official of the lottery; at one time, some people remembered, there had been a recital of some sort, performed by the official of the lottery, a perfunctory, tuneless chant that had been rattled off duly each year; some people believed that the official of the lottery used to stand just so when he said or sang it, others believed that he was supposed to walk among the people, but years and years ago this part of the ritual had been allowed to lapse. There had been, also, a ritual salute, which the official of the lottery had had to use in addressing each person who came up to draw from the box, but this also had changed with time, until now it was felt necessary only for the official to speak to each person approaching. Mr. Summers was very good at all this; in his clean white shirt and blue jeans, with one hand resting carelessly on the black box, he seemed very proper and important as he talked interminably to Mr. Graves and the Martins.

Just as Mr. Summers finally left off talking and turned to the assembled villagers, Mrs. Hutchinson came hurriedly along the path to the square, her sweater thrown over her shoulders, and slid into place in the back of the crowd. "Clean forgot what day it was," she said to Mrs. Delacroix, who stood next to her, and they both laughed softly. "Thought my old man was out back stacking wood," Mrs. Hutchinson went on, "and then I looked out the window and the kids was gone, and then I remembered it was the

twenty-seventh and came a-running." She dried her hands on her apron, and Mrs. Delacroix said, "You're in time, though. They're still talking away up there."

Mrs. Hutchinson craned her neck to see through the crowd and found her husband and children standing near the front. She tapped Mrs. Delacroix on the arm as a farewell and began to make her way through the crowd. The people separated good-humoredly to let her through; two or three people said, in voices just loud enough to be heard across the crowd, "Here comes your Missus Hutchinson," and "Bill, she made it after all."

Mrs. Hutchinson reached her husband, and Mr. Summers, who had been waiting, said cheerfully, "Thought we were going to have to get on without you, Tessie." Mrs. Hutchinson said, grinning, "Wouldn't have me leave m'dishes in the sink, now, would you, Joe?," and soft laughter ran through the crowd as the people stirred back into position after Mrs. Hutchinson's arrival.

"Well, now," Mr. Summers said soberly, "guess we better get started, get this over with, so's we can go back to work. Anybody ain't here?"

"Dunbar," several people said. "Dunbar, Dunbar."

Mr. Summers consulted his list. "Clyde Dunbar," he said.

"That's right. He's broke his leg, hasn't he? Who's drawing for him?"

"Me, I guess," a woman said, and Mr. Summers turned to look at her. "Wife draws for her husband," Mr. Summers said. "Don't you have a grown boy to do it for you, Janey?" Although Mr. Summers and everyone else in the village knew the answer perfectly well, it was the business of the official of the lottery to ask such questions formally. Mr. Summers waited with an expression of polite interest while Mrs. Dunbar answered.

"Horace's not but sixteen yet," Mrs. Dunbar said regretfully. "Guess I gotta fill in for the old man this year."

"Right," Mr. Summers said. He made a note on the list he was holding. Then he asked, "Watson boy drawing this year?"

A tall boy in the crowd raised his hand. "Here," he said. "I'm drawing for m'mother and me." He blinked his eyes nervously and ducked his head as several voices in the crowd said things like "Good fellow, Jack," and "Glad to see your mother's got a man to do it."

"Well," Mr. Summers said, "guess that's everyone. Old Man Warner make it?"

"Here," a voice said, and Mr. Summers nodded.

A sudden hush fell on the crowd as Mr. Summers cleared his throat and looked at the list. "All ready?" he called. "Now, I'll read the names-heads of families first-and the men come up and take a paper out of the box. Keep the paper folded in your hand without looking at it until everyone has had a turn. "Everything clear?"

The people had done it so many times that they only half listened to the directions; most of them were quiet, wetting their lips, not looking around. Then Mr. Summers raised one hand high and said, "Adams." A man disengaged himself from the crowd and came forward. "Hi, Steve," Mr. Summers said, and Mr. Adams said, "Hi, Joe." They grinned at one another humorlessly and nervously. Then Mr. Adams reached into the black box and took out a folded paper. He held it firmly by one corner as he turned and went hastily back to his place in the crowd! where he stood a little apart from his family, not looking down at his hand.

"Allen," Mr. Summers said. "Anderson . . . . Bentham."

"Seems like there's no time at all between lotteries any more," Mrs. Delacroix said to Mrs. Graves in the back row. "Seems like we got through with the last one only last week."

"Time sure goes fast," Mrs. Graves said.

"Clark. . . . Delacroix."

"There goes my old man," Mrs. Delacroix said. She held her breath while her husband went forward.

"Dunbar," Mr. Summers said, and Mrs. Dunbar went steadily to the box while one of the women said, "Go on, Janey," and another said, "There she goes."

"We're next," Mrs. Graves said. She watched while Mr. Graves came around from the side of the box, greeted Mr. Summers gravely, and selected a slip of paper from the box. By now, all through the crowd there were men holding the small folded papers in their large hands, turning them over and over nervously. Mrs. Dunbar and her two sons stood together, Mrs. Dunbar holding the slip of paper.

"Harburt. . . . Hutchinson."

"Get up there, Bill," Mrs. Hutchinson said, and the people near her laughed.

"Jones."

"They do say," Mr. Adams said to Old Man Warner, who stood next to him, "that over in the north village they're talking of giving up the lottery."

Old Man Warner snorted. “Pack of crazy fools,” he said. “Listening to the young folks, nothing’s good enough for them. Next thing you know, they’ll be wanting to go back to living in caves, nobody work any more, live that way for a while. Used to be a saying about “Lottery in June, corn be heavy soon.” First thing you know, we’d all be eating stewed chickweed and acorns. There’s *always* been a lottery,” he added petulantly.

“Bad enough to see young Joe Summers up there joking with everybody.”

“Some places have already quit lotteries,” Mrs. Adams said.

“Nothing but trouble in *that*,” Old Man Warner said stoutly.

“Pack of young fools.”

“Martin.” And Bobby Martin watched his father go forward. “Overdyke. . . . Percy.”

“I wish they’d hurry,” Mrs. Dunbar said to her older son.

“I wish they’d hurry.”

“They’re almost through,” her son said.

“You get ready to run tell Dad,” Mrs. Dunbar said.

Mr. Summers called his own name and then stepped forward precisely and selected a slip from the box. Then he called, “Warner.”

“Seventy-seventh year I been in the lottery,” Old Man Warner said as he went through the crowd. “Seventy-seventh time.”

“Watson.” The tall boy came awkwardly through the crowd.

Someone said, “Don’t be nervous, Jack,” and Mr. Summers said, “Take your time, son.”

“Zanini.”

After that, there was a long pause, a breathless pause, until Mr. Summers, holding his slip of paper in the air, said, “All right, fellows.” For a minute, no one moved, and then all the slips of paper were opened. Suddenly, all the women began to speak at once, saying, “Who is it?,” “Who’s got it?,” “Is it the Dunbars?,” “Is it the Watsons?” Then the voices began to say, “It’s Hutchinson. It’s Bill,” “Bill Hutchinson’s got it.”

“Go tell your father,” Mrs. Dunbar said to her older son.

People began to look around to see the Hutchinsons. Bill Hutchinson was standing quiet, staring down at the paper in his hand. Suddenly, Tessie Hutchinson shouted to Mr. Summers, “You didn’t give him time enough to take any paper he wanted. I saw you. It wasn’t fair!”

“Be a good sport, Tessie,” Mrs. Delacroix called, and Mrs. Graves said, “All of us took the same chance.”

“Shut up, Tessie,” Bill Hutchinson said.

“Well, everyone,” Mr. Summers said, “that was done pretty fast, and now we’ve got to be hurrying a little more to get done in time.” He consulted his next list. “Bill,” he said, “you draw for the Hutchinson family. You got any other households in the Hutchinsons?”

“There’s Don and Eva,” Mrs. Hutchinson yelled. “Make them take their chance!”

“Daughters draw with their husbands’ families, Tessie,” Mr. Summers said gently. “You know that as well as anyone else.”

“lt wasn’t *fair*,” Tessie said.

“I guess not, Joe,” Bill Hutchinson said regretfully. “My daughter draws with her husband’s family, that’s only fair. And I’ve got no other family except the kids.”

“Then, as far as drawing for families is concerned, it’s you,” Mr. Summers said in explanation, “and as far as drawing for households is concerned, that’s you, too. Right?”

“Right,” Bill Hutchinson said.

“How many kids, Bill?” Mr. Summers asked formally.

“Three,” Bill Hutchinson said. “There’s Bill, Jr., and Nancy, and little Dave. And Tessie and me.”

“All right, then,” Mr. Summers said. “Harry, you got their tickets back?”

Mr. Graves nodded and held up the slips of paper. “Put them in the box, then,” Mr. Summers directed. “Take Bill’s and put it in.”

“I think we ought to start over,” Mrs. Hutchinson said, as quietly as she could. “l tell you it wasn’t *fair*. You didn’t give him time enough to choose. *Everybody* saw that.”

Mr. Graves had selected the five slips and put them in the box, and he dropped all the papers but those onto the ground, where the breeze caught them and lifted them off.

“Listen, everybody,” Mrs. Hutchinson was saying to the people around her.

“Ready, Bill?” Mr. Summers asked, and Bill Hutchinson, with one quick glance around at his wife and children, nodded.

“Remember,” Mr. Summers said, “take the slips and keep them folded until each person has taken one. Harry, you help little Dave.” Mr. Graves took the hand of the little boy, who came willingly with him up to the box. “Take a paper out of the box, Davy,” Mr. Summers said. Davy put his hand into the box and laughed. “Take just one paper,” Mr. Summers said.

“Harry, you hold it for him.” Mr. Graves took the child’s hand and removed the folded paper from the tight fist and held it while little Dave stood next to him and looked up at him wonderingly.

“Nancy next,” Mr. Summers said. Nancy was twelve, and her school friends breathed heavily as she went forward, switching her skirt, and took a slip daintily from the box. “Bill, Jr.,” Mr. Summers said, and Billy, his face red and his feet overlarge, nearly knocked the box over as he got a paper out.

“Tessie,” Mr. Summers said. She hesitated for a minute, looking around defiantly, and then set her lips and went up to the box. She snatched a paper out and held it behind her.

“Bill,” Mr. Summers said, and Bill Hutchinson reached into the box and felt around, bringing his hand out at last with the slip of paper in it.

The crowd was quiet. A girl whispered, “I hope it’s not Nancy,” and the sound of the whisper reached the edges of the crowd.

“It’s not the way it used to be,” Old Man Warner said clearly. “People ain’t the way they used to be.”

“All right,” Mr. Summers said. “Open the papers. Harry, you open little Dave’s.”

Mr. Graves opened the slip of paper and there was a general sigh through the crowd as he held it up and everyone could see that it was blank. Nancy and Bill, Jr., opened theirs at the same time, and both beamed and laughed, turning around to the crowd and holding their slips of paper above their heads.

“Tessie,” Mr. Summers said. There was a pause, and then Mr. Summers looked at Bill Hutchinson, and Bill unfolded his paper and showed it. It was blank.

“It’s Tessie,” Mr. Summers said, and his voice was hushed. “Show us her paper, Bill.”

Bill Hutchinson went over to his wife and forced the slip of paper out of her hand. It had a black spot on it, the black spot Mr. Summers had made the night before with the heavy pencil in the coal-company office. Bill Hutchinson held it up, and there was a stir in the crowd.

“All right, folks,” Mr. Summers said. “Let’s finish quickly.”

Although the villagers had forgotten the ritual and lost the original black box, they still remembered to use stones. The pile of stones the boys had made earlier was ready; there were stones on the ground with the blowing scraps of paper that had come out of the box. Mrs. Delacroix selected a stone so large she had to pick it up with both hands and turned to Mrs. Dunbar. “Come on,” she said. “Hurry up.”

Mrs. Dunbar had small stones in both hands, and she said, gasping for breath! “I can’t run at all. You’ll have to go ahead and I’ll catch up with you.”

The children had stones already, and someone gave little Davy Hutchinson a few pebbles.

Tessie Hutchinson was in the center of a cleared space by now, and she held her hands out desperately as the villagers moved in on her. “It isn’t fair,” she said. A stone hit her on the side of the head.

Old Man Warner was saying, “Come on, come on, everyone.” Steve Adams was in the front of the crowd of villagers, with Mrs. Graves beside him.

“lt isn’t fair, it isn’t right,” Mrs. Hutchinson screamed, and then they were upon her.

A Loteria

"A loteria era conduzida – assim como as quadrilhas,
o clube juvenil, o programa do Halloween – pelo Sr. Summers."

SHIRLEY JACKSON

A manhã de 27 de junho estava límpida e ensolarada, com o calor refrescante de um dia em pleno verão; as flores desabrochavam em profusão, e a grama era de um verde vivo. Os habitantes do vilarejo começaram a se reunir na praça, entre os correios e o banco, por volta de dez da manhã; em algumas cidades, havia tantas pessoas que a loteria durava dois dias e tinha que começar em 26 de junho. Neste vilarejo, porém, no qual havia apenas cerca de 300 pessoas, a loteria inteira durava menos de duas horas, por isso, podia começar às dez da manhã e ainda acabar a tempo de permitir que seus habitantes voltassem a casa para fazer a refeição do meio-dia.

Sem dúvida, as crianças foram as primeiras a se reunir. Recentemente, a escola fechara para o verão, e a sensação de liberdade instalara-se inquietamente na maioria; elas tendiam a se juntar em silêncio por um tempo antes que irrompessem numa brincadeira barulhenta. E a conversa ainda era sobre a turma e a professora, os livros e os castigos. Bobby Martin já enchera os bolsos com pedras; os outros garotos logo seguiram seu exemplo e selecionaram as mais lisas e redondas; Bobby, Harry Jones e Dickie Delacroix — os habitantes pronunciavam "Dellacroy" — finalmente fizeram uma grande pilha de pedras em um canto da praça e a protegeram dos ataques-surpresa dos outros garotos. As garotas se mantiveram a distância e conversavam entre si, olhando por cima dos ombros para os meninos; crianças muito pequenas rolavam na terra ou seguravam as mãos de irmãos ou irmãs mais velhos.

Pouco depois, os homens começaram a se reunir. Observando os próprios filhos, falavam sobre plantio e chuva, tratores e impostos. Eles ficavam de pé, juntos, longe da pilha de pedras no canto, suas piadas eram silenciosas, e sorriam em vez de dar risadas. As mulheres vestiam roupas de casa e suéteres desbotados, e chegaram pouco depois dos homens. Elas se cumprimentavam e fofocavam conforme se juntavam aos maridos. Logo, as mulheres, de pé, ao lado dos homens, começaram a chamar seus filhos, e eles vinham, relutantes, tendo que ser chamados quatro ou cinco vezes. Bobby Martin abaixou-se sob a mão da mãe que o apertava e correu, às gargalhadas, de volta para a pilha de pedras. O pai ergueu a voz abruptamente, e Bobby se aproximou rápido, assumindo seu lugar entre o pai e o irmão mais velho.

A loteria era conduzida — assim como as quadrilhas, o clube juvenil, o programa do Halloween — pelo Sr. Summers, que tinha tempo e energia para dedicar às atividades cívicas. Era um homem jovial, de rosto redondo, administrava o negócio de carvão, e as pessoas lamentavam por ele, pois não tinha filhos, e a esposa era uma megera. Quando chegou à praça, carregando a caixa de madeira preta, ouviu-se um murmúrio de conversa entre os habitantes, e ele acenou e falou: "Um pouco atrasado hoje, amigos". O carteiro, o Sr. Graves, o acompanhava e trazia um tamborete com três pernas. O banquinho foi colocado no centro da praça e o Sr. Summers pôs a caixa preta em cima dele. Os habitantes mantinham distância, deixando um espaço entre eles e o tamborete. E quando o Sr. Summers falou: "Algum de vocês, amigos, quer me dar uma ajuda?"; houve uma hesitação antes de dois homens, o Sr. Martin e seu filho mais velho, Baxter, darem um passo a frente e segurarem a caixa equilibrada no banquinho enquanto o Sr. Summers remexia os papéis dentro dela.

A parafernália original para a loteria fora perdida havia muito tempo, e a caixa preta que agora estava apoiada no banco havia sido posta em uso mesmo antes do Velho Warner, o homem mais velho da cidade, nascer. O Sr. Summers conversava com frequência com os habitantes sobre fazer uma nova caixa, mas ninguém gostava de perturbar a tradição representada pelo objeto preto. Havia uma história de que a caixa atual fora feita com alguns pedaços da caixa que a precedera, que fora construída quando as primeiras pessoas se instalaram para criar um vilarejo aqui. Todos os anos, após a loteria, o Sr. Summers começava a falar mais uma vez sobre uma nova caixa, mas todos os anos deixavam que o assunto morresse sem que coisa alguma fosse feita. A cada ano, a caixa preta ficava mais danificada: agora nem era mais totalmente desta cor, mas, muito lascada em um dos lados, mostrava a cor original da madeira e, em alguns locais estava desbotada ou manchada.

O Sr. Martin e o filho mais velho, Baxter, seguraram a caixa preta com firmeza em cima do banco até o Sr. Summers remexer totalmente os papéis com a mão. Como grande parte do ritual fora esquecida ou descartada, o Sr. Summers conseguira substituir as lascas de madeira, usadas durante gerações, por pedacinhos de papel. Lascas de madeira, argumentara ele, tinham servido muito bem quando o vilarejo era minúsculo, mas agora que a população era de mais de 300 habitantes, e provavelmente continuaria a crescer, era necessário usar alguma coisa que coubesse mais facilmente na caixa preta. Na noite anterior à loteria, o Sr. Summers e o Sr. Graves prepararam os pedacinhos de papel e os guardaram na caixa, ela foi então levada para o cofre da companhia de carvão do Sr. Summers e ficou trancada lá até que ele estivesse pronto para levá-la à praça na manhã seguinte. No restante do ano, a caixa ficava guardada; às vezes, em um lugar, outras vezes, em outro; ela passara um ano no celeiro do Sr. Graves e outro ano no chão dos correios. E, algumas vezes, era colocada em uma prateleira na quitanda de Martin e deixada ali.

Ouvia-se um grande burburinho até que o Sr. Summers declarasse a loteria aberta. Havia listas a serem preparadas: com os chefes de família, chefes dos moradores de cada casa, moradores de cada casa em cada família. E o devido juramento feito pelo Sr. Summers ao carteiro, enquanto oficial da loteria; antigamente, como se recordavam algumas pessoas, ocorria um tipo de recital, cantado pelo oficial da loteria: um cântico pouco melódico e monótono, que fora recitado apressadamente, como estava previsto, a cada ano; algumas pessoas acreditavam que o oficial da loteria costumava ficar simplesmente parado quando recitava ou cantava; outros julgavam que ele deveria caminhar entre as pessoas, mas havia muitos anos que esta parte do ritual acabara caducando. Além disso, via-se um ritual de saudação, que o oficial da loteria teria que usar ao se dirigir a cada pessoa que aparecia para sortear da caixa, mas isso também mudara com o tempo, e agora somente era necessário que o oficial cumprimentasse cada pessoa que se aproximava. O Sr. Summers era muito bom nisso tudo; com a camisa branca limpa e a calça jeans azul, uma das mãos apoiada negligentemente sobre a caixa preta, ele parecia muito decente e importante ao conversar interminavelmente com o Sr. Graves e os Martin.

Assim que o Sr. Summers finalmente parou de falar e se voltou para os habitantes reunidos, a Sra. Hutchinson veio apressadamente pelo caminho até a praça, com o suéter jogado sobre os ombros, e se esgueirou até o local no fundo da multidão.

— Esqueci completamente que dia era — falou à Sra. Delacroix, que estava de pé junto a ela, e ambas esboçaram um sorriso. — Pensei que meu velho tivesse saído de novo para empilhar lenha — emendou a Sra. Hutchinson — e então olhei pela janela, os garotos tinham sumido; aí me lembrei de que era dia 27 e vim correndo.

Ela enxugou as mãos no avental, e a Sra. Delacroix falou:

— Mas você chegou a tempo. Eles ainda estão conversando por lá.

A Sra. Hutchinson esticou o pescoço para enxergar através da multidão, e viu o marido e os filhos de pé quase na frente. Ela tocou o braço da Sra. Delacroix para se despedir e começou a caminhar entre a multidão. As pessoas se afastavam de bom humor e a deixavam passar: duas ou três disseram em voz alta o suficiente para serem ouvidas em meio à aglomeração: "Lá vai a sua Sra. Hutchinson" e "Bill, ela conseguiu, no fim das contas". A Sra. Hutchinson se aproximou do marido, e o Sr. Summers, que estivera esperando, falou alegremente:

— Pensei que nós íamos ter que continuar sem você, Tessie.

A mulher retrucou com um sorriso:

— Você não ia querer que eu deixasse a louça na pia, não é, Joe?

E uma risada baixa percorreu a multidão conforme as pessoas voltavam para suas posições após a chegada da Sra. Hutchinson.

— Bem, agora — falou o Sr. Summers gravemente —, acho melhor começar e acabar logo com isso para podermos voltar ao trabalho. Falta alguém aqui?

— Dunbar — responderam algumas pessoas. — Dunbar, Dunbar.

O Sr. Summers consultou a lista.

— Clyde Dunbar — disse ele. — Está certo. Ele quebrou a perna, não foi? Quem vai sortear por ele?

— Eu. Acho — falou uma mulher, e o Sr. Summers virou-se para fitá-la.

— A mulher sorteia pelo marido — respondeu ele. — Você não tem um rapazinho para fazer isso por você, Janey? — Embora o Sr. Summers e todos os outros no vilarejo soubessem a resposta perfeitamente bem, era tarefa do oficial da loteria fazer tais perguntas formalmente. O Sr. Summers aguardou com uma expressão de interesse polido enquanto a Sra. Dunbar respondia:

— Horace tem apenas 16 — respondeu com pesar. — Acho que vou ter que substituir o meu velho este ano.

— Muito bem — disse o Sr. Summers. Ele anotou na lista que estava segurando. Depois, perguntou:

— O garoto dos Watson vai sortear este ano?

Um rapaz alto levantou a mão na multidão.

— Aqui — falou. — Vou sortear pela minha mãe e por mim. — Ele piscou os olhos, nervoso, e abaixou a cabeça quando algumas vozes na multidão disseram coisas como "Bom garoto, o Jack" e "Feliz por ver que sua mãe tem um homem para fazer isso."

— Ora — emendou o Sr. Summers —, acho que estão todos aqui. Será que o Velho Warner conseguiu?

— Aqui — falou uma voz, e o Sr. Summers acenou com a cabeça.

Um silêncio repentino desceu sobre a multidão quando o Sr. Summers limpou a garganta e olhou a lista.

— Todos prontos? — gritou ele. — Agora vou ler os nomes — os chefes de família, primeiro —, e os homens se aproximam e tiram um papel da caixa. Mantenham o papel dobrado na mão sem olhar até que todos tenham tido a vez. Entendido?

As pessoas tinham feito isso tantas vezes que simplesmente nem prestavam atenção às orientações: a maioria estava em silêncio e passava a língua pelos lábios, sem olhar em volta. Depois, o Sr. Summers ergueu uma das mãos e chamou:

— Adams.

Um homem se separou da multidão e deu um passo à frente.

— Olá, Steve — disse o Sr. Summers, e o Sr. Adams respondeu:

— Olá, Joe.

Eles sorriram um para o outro sem senso de humor e com nervosismo. Depois, o Sr. Adams enfiou a mão dentro da caixa e retirou um papel dobrado. Ele o segurou firmemente por um dos cantos enquanto dava meia-volta e caminhava apressado até sua posição na multidão, onde ficou parado a alguma distância da própria família, sem baixar os olhos para a mão.

— Allen — chamou o Sr. Summers. — Anderson... Bentham.

— Parece que não há mais tempo algum entre as loterias — disse a Sra. Delacroix à Sra. Graves, na fila de trás. — Parece que a última foi apenas na semana passada.

— Sem dúvida, o tempo voa — observou a Sra. Graves.

— Clark... Delacroix.

— Lá vai o meu velho — falou a Sra. Delacroix. Ela prendeu a respiração quando o marido seguiu adiante.

— Dunbar — disse o Sr. Summers, e a Sra. Dunbar caminhou com firmeza até a caixa enquanto uma das mulheres dizia "Anda, Janey" e outra emendava: "Lá vai ela."

— Somos os próximos — falou a Sra. Graves. Ela observou enquanto o Sr. Graves se aproximava, vindo da lateral da caixa, cumprimentava o Sr. Summers com ar grave e retirava uma tira de papel. Agora, por toda a multidão, havia homens segurando os pequenos papéis dobrados nas mãos grandes, virando-os e revirando-os, nervosos. A Sra. Dunbar e os dois filhos estavam parados, juntos, e a mulher segurava o pedaço de papel.

— Harburt.... Hutchinson.

— Levante-se e vá até lá, Bill — disse a Sra. Hutchinson, e as pessoas perto dela riram.

— Jones.

— Dizem que, lá no vilarejo ao norte, estão falando em abandonar a loteria — comentou o Sr. Adams com o Velho Warner, que estava a seu lado.

O Velho Warner fez um muxoxo.

— Bando de malucos — disse ele. — Você dá ouvido aos jovens, e nada é bom o bastante para eles. Da próxima vez, sabe, eles vão querer voltar a morar nas cavernas; ninguém trabalha mais e vive desse jeito por um tempo. Costumava haver um ditado: "Loteria feita garante a colheita." Só o que sei é que todos comeríamos ervas daninhas e bolotas. Sempre houve uma loteria — emendou com arrogância. — Já é ruim o bastante ver o jovem Joe Summers ali zombando de todo mundo.

— Em alguns lugares, eles já abandonaram as loterias — observou a Sra. Adams.

— Nada além de confusão com isso — disse o Velho Warner, com teimosa. — Bando de tolos.

— Martin.

E Bobby Martin observou o pai caminhar.

— Overdyke... Percy.

— Eu queria que eles se apressassem — falou a Sra. Dunbar para o filho mais velho. — Eu queria que eles se apressassem.

— Estão quase terminando — disse o filho.

— Você tem que se preparar para correr e contar a seu pai — retrucou a Sra. Dunbar.

O Sr. Summers chamou o próprio nome, então deu um passo a frente com precisão e retirou uma tira de papel da caixa. Depois, chamou:

— Warner.

— É o 77º ano no qual compareço à loteria — disse o Velho Warner ao passar pela multidão. — Septuagésima sétima vez.

— Watson.

O garoto alto se aproximou, constrangido, em meio à multidão. Alguém falou:

— Não fique nervoso, Jack.

E o Sr. Summers emendou:

— Leve o tempo que precisar, filho.

— Zanini.

Depois disso, fez-se uma longa pausa, uma pausa tensa, até que o Sr. Summers segurou a tira de papel no ar e falou:

— Muito bem, amigos.

Por um instante, ninguém se mexeu, e então as tiras de papel foram abertas. Subitamente, todas as mulheres começaram a falar ao mesmo tempo e perguntavam: "Quem foi?", "Quem pegou?", "Foram os Dunbar?", "Foram os Watson?". Depois, as vozes começaram a dizer: "Foi Hutchinson. Foi o Bill", "Foi Bill Hutchinson quem pegou."

— Vá contar ao seu pai — pediu a Sra. Dunbar ao filho mais velho.

As pessoas começaram a olhar ao redor para ver os Hutchinson. Bill Hutchinson estava parado, em silêncio, e fitava o papel em sua mão. No mesmo instante, Tessie Hutchinson gritou para o Sr. Summers:

— Você não deu tempo suficiente para ele tirar o papel que queria. Eu vi você. Não foi justo!

— Leve na esportiva, Tessie — gritou a Sra. Delacroix, e a Sra. Graves falou:

— Todos nós tivemos a mesma chance.

— Cale a boca, Tessie — disse Bill Hutchinson.

— Bem, pessoal — concluiu o Sr. Summers —, isso foi feito bem rápido, e agora temos que nos apressar um pouco mais para terminarmos na hora. — Ele consultou a lista seguinte. — Bill — chamou —, você sorteia pela família Hutchinson. Você tem outros parentes nos Hutchinson?

— Tem Don e Eva — gritou a Sra. Hutchinson. — Dê uma chance a eles!

— As filhas sorteiam com a família dos maridos, Tessie — respondeu o Sr. Summers gentilmente. — Você sabe disso tão bem quanto qualquer um.

— Isso não foi justo — queixou-se a mulher.

— Acho que não, Joe — disse Bill Hutchinson com pesar. — Minha filha sorteia com a família do marido; é justo. E não tenho outros parentes, a não ser as crianças.

— Então, no que diz respeito ao sorteio pelas famílias, é você — explicou o Sr. Summers —, e no que diz respeito aos parentes, é você também. Certo?

— Certo — disse Bill Hutchinson.

— Quantos filhos, Bill? — perguntou formalmente o Sr. Summers.

— Três — respondeu Bill Hutchinson.

— Tem o Bill Jr., a Nancy e o pequeno Dave. E a Tessie e eu.

— Muito bem, então — falou o Sr. Summers. — Harry, você devolveu os papéis deles?

O Sr. Graves acenou com a cabeça e ergueu as tiras de papel.

— Ponha na caixa, então — orientou o Sr. Summers. — Pegue os papéis de Bill e ponha dentro dela.

— Acho que deveríamos recomeçar — disse a Sra. Hutchinson, falando no tom de voz mais baixo que podia. — Fique sabendo que não foi justo. Você não lhe deu tempo suficiente para escolher. Todo mundo viu isso.

O Sr. Graves havia separado as cinco tiras e colocado na caixa, e deixou todos os papéis, à exceção daqueles, caírem no chão, onde a brisa os pegou e ergueu.

— Preste atenção, pessoal. — Era o que a Sra. Hutchinson estava dizendo às pessoas em torno dela.

— Pronto, Bill? — indagou o Sr. Summers, e Bill Hutchinson lançou um olhar rápido à esposa e aos filhos, e acenou com a cabeça.

— Lembre-se — falou o Sr. Summers —, pegue os pedaços de papel e mantenha dobrados até que todos tenham tirado um. Harry, ajude o pequeno Dave.

O Sr. Graves segurou a mão do menininho, que o acompanhou até a caixa com boa vontade.

— Tire um papel da caixa, Davy — falou o Sr. Summers.

Davy pôs a mão na caixa e deu uma risada.

— Pegue apenas um papel — explicou o Sr. Summers. — Harry, segure por ele.

O Sr. Graves pegou a mão da criança, retirou o papel dobrado do punho fechado e o segurou enquanto o pequeno Dave ficava parado ao lado dele e o fitava com ar pensativo.

— A próxima é a Nancy — disse o Sr. Summers.

Nancy tinha 12 anos, e os colegas de escola respiraram fundo quando ela deu um passo para frente, balançando a saia, e retirou delicadamente uma tira da caixa.

— Bill Jr. — falou o Sr. Summers, e Billy, com o rosto vermelho e os pés grandes demais, quase derrubou a caixa ao sortear um papel.

— Tessie — chamou o Sr. Summers. Ela hesitou por um instante e olhou ao redor, atrevida, então estreitou os lábios e caminhou até a caixa. Retirou um dos papéis e o segurou atrás de si.

— Bill — falou o Sr. Summers, e Bill Hutchinson enfiou a mão na caixa, remexeu e finalmente retirou-a com o pedaço de papel dentro dela.

A multidão estava em silêncio. Uma garota murmurou: "Espero que não seja a Nancy", e o som do cochicho alcançou os limites da aglomeração.

— Não é do jeito que costumava ser — observou o Velho Warner distintamente. — As pessoas não são do jeito que costumavam ser.

— Muito bem — falou o Sr. Summers. — Abram os papéis. — Harry, você abre o do pequeno Dave.

O Sr. Graves abriu a tira de papel e ouviu-se um suspiro generalizado em meio à multidão quando ele o ergueu e todos puderam ver que estava em branco. Nancy e Bill Jr. abriram seus papéis ao mesmo tempo. E ambos esboçaram sorrisos, deram risadas, e se viraram para a multidão, segurando os pedaços de papel acima da cabeça.

— Tessie — chamou o Sr. Summers. Fez-se uma pausa, e então o Sr. Summers olhou para Bill Hutchinson, e Bill desdobrou o papel e o mostrou. Estava em branco.

— É a Tessie — falou o Sr. Summers e sua voz era baixa. — Mostre-nos o papel dela, Bill.

Bill Hutchinson se aproximou da esposa e retirou o pedaço de papel da mão da mulher à força. Tinha uma mancha preta nele, a mancha preta de lápis bem forte que o Sr. Summers fizera na noite anterior, no escritório da companhia de carvão. Bill Hutchinson o ergueu, e a multidão se agitou.

Embora os habitantes tivessem se esquecido do ritual e perdido a caixa preta original, ainda se lembravam de usar as pedras. A pilha de pedras que os garotos tinham feito antes estava pronta; havia pedras no chão com os pedaços de papéis soprados, que tinham saído da caixa. Delacroix escolhera uma pedra tão pesada que teve que erguê-la com as duas mãos, e se virou para a Sra. Dunbar.

— Anda — disse ela. — Apresse-se.

O Sr. Dunbar tinha pedras pequenas nas duas mãos, e ela falou com a respiração entrecortada:

— Não consigo correr de jeito nenhum. Você terá que ir na frente, e eu me encontro com você.

As crianças já tinham pedras. E alguém deu uns seixos ao pequeno Davy Hutchinson.

Tessie Hutchinson estava no centro de um espaço vazio agora, e esticava as mãos em desespero enquanto os habitantes se aproximavam dela.

— Não é justo — disse ela.

Uma pedra a atingiu na lateral da cabeça. O Velho Warner dizia:

— Vamos, vamos, pessoal.

Steve Adams estava na frente da multidão, com a Sra. Graves a seu lado.

— Não é justo. Não está certo! — gritou a Sra. Hutchinson, e, em seguida, eles estavam sobre ela.

MEIAS PORÇÕES

EDNA FERBER

O TEXTO: Os dois contos de Edna Ferber aqui traduzidos foram extraídos das coletâneas, *Half Portions* (1920) e *One Basket*, (1947). Em “25 de abril, como de costume”, a autora reconstrói o ontológico conflito entre campo e cidade, utilizando como veículo uma tradicional família da interiorana Winnibago, no estado norte-americano de Wisconsin; já em “Longa distância”, relata a triste e irônica história do viril eletricista Chet Ball.

Textos traduzidos: Ferber, Edna. “April, 25th as Usual”. In. *Half Portions*. New York: Doubleday, Page & Company, 1920. “Long Distance”. In. *One Basket*. New York: Simon and Schuster, 1947.

A AUTORA: De origem judaica, Edna Ferber (1885-1968) nasceu em Kalamazoo, Michigan. Aos 12 anos, mudou-se para Appleton, no estado de Wisconsin, lugar que serviria de pano de fundo para vários de seus contos. Ferber sempre apresenta personagens femininas fortes que, graças à força de seu caráter, superam todas as adversidades que lhes são impostas pela vida, além de brindar o leitor com crônicas acerca dos costumes da época, mediante um tom bastante irônico. Apesar de pouco conhecida ao leitor brasileiro, a escritora forneceu, a partir de seu romance *Giant* (1952), o roteiro para um dos maiores clássicos do cinema, o filme *Assim caminha a humanidade*, de 1956.

A TRADUTORA: Lana Beth Ayres Franco de Araujo é professora de Língua Portuguesa (UFRJ) e bacharel em Letras Inglês (UERJ), com mestrado em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Atualmente, dedica-se à pesquisa acadêmica na área de Literatura Pós-colonial em Língua Inglesa e de Estudos da Tradução.

Half Portions

"The smell of soap and water, and cedar, and moth balls, and dust, and the ghost of a perfumery pervaded the hot attic."

EDNA FERBER

APRIL 25TH, AS USUAL

Mrs. Hosea C. Brewster always cleaned house in September and April. She started with the attic and worked her purifying path down to the cellar in strict accordance with Article I, Section 1, Unwritten Rules for House Cleaning. For twenty-five years she had done it. For twenty-five years she had hated it — being an intelligent woman. For twenty-five years, towel swathed about her head, skirt pinned back, sleeves rolled up — the costume dedicated to house cleaning since the days of What's-Her-Name mother of Lemuel (see Proverbs) — Mrs. Brewster had gone through the ceremony twice a year.

Furniture on the porch, woollens on the line, mattresses in the yard — everything that could be pounded, beaten, whisked, rubbed, flapped, shaken, or aired was dragged out and subjected to one or all of these indignities. After which, completely cowed, they were dragged in again and set in their places. Year after year, in attic and in cellar, things had piled up higher and higher — useless things, sentimental things; things in trunks; things in chests; shelves full of things wrapped up in brown-paper parcels.

And boxes — oh, above all, boxes: pasteboard boxes, long and flat, square and oblong, each bearing weird and cryptic pencillings on one end; cryptic, that is, to any one except Mrs. Brewster and you who have owned an attic. Thus "H's Fshg Tckl" jabberwocked one long, slim box. Another stunned you with "Cur Ted Slpg Pch." A cabalistic third hid its contents

under "Sip Cov Pinky Rm." To say nothing of such curt yet intriguing fragments as "Blk Nt Drs" and "Sun Par Val." Once you had the code key they translated themselves simply enough into such homely items as Hosey's fishing tackle, canvas curtains for Ted's sleeping porch, slip covers for Pinky's room, black net dress, sun-parlour valance.

The contents of those boxes formed a commentary on normal American household life as lived by Mr. and Mrs. Hosea C. Brewster, of Winnebago, Wisconsin. Hosey's rheumatism had prohibited trout fishing these ten years; Ted wrote from Arizona that "the li'l' ol' sky" was his sleeping-porch roof and you didn't have to worry out there about the neighbours seeing you in your pyjamas; Pinky's rose-cretonne room had lacked an occupant since Pinky left the Winnebago High School for the Chicago Art Institute, thence to New York and those amazingly successful magazine covers that stare up at you from your table — young lady, hollow chested (she'd need to be with that dêcolletage), carrying feather fan. You could tell a Brewster cover at sight, without the fan. That leaves the black net dress and the sun-parlour valance. The first had grown too tight under the arms (Mrs. Brewster's arms); the second had faded.

Now, don't gather from this that Mrs. Brewster was an ample, pie-baking, ginghamed old soul who wore black silk and a crushed-looking hat with a palsied rose atop it. Nor that Hosea C. Brewster was spectacled and slippered. Not at all. The Hosea C. Brewsters, of Winnebago, Wisconsin, were the people you've met on the veranda of the Moana Hotel at Honolulu, or at the top of Pike's Peak, or peering into the restless heart of Vesuvius. They were the prosperous Middle-Western type of citizen who runs down to Chicago to see the new plays and buy a hat, and to order a dozen Wedgwood salad plates at Field's.

Mrs. Brewster knew about Dunsany and georgette and alligator pears; and Hosea Brewster was in the habit of dropping around to the Elks' Club, up above Schirmer's furniture store on Elm Street, at about five in the afternoon on his way home from the cold-storage plant. The Brewster place was honeycombed with sleeping porches and sun parlours and linen closets, and laundry chutes and vegetable bins and electric surprises, as your well-to-do Middle-Western house is likely to be.

That house had long ago grown too large for the two of them — physically, that is. But as the big frame house had expanded, so had they — in tolerance and understanding and humanness — until now, as you talked with them, you felt that here was room and to spare of sun-filled mental

chambers, and shelves well stored with experience; and pantries and bins and closets for all your worries and confidences.

But the attic! And the cellar! The attic was the kind of attic every woman longs for who hasn't one and every woman loathes who has. "If I only had some place to put things in!" wails the first. And, "If it weren't for the attic I'd have thrown this stuff away long ago," complains the second. Mrs. Brewster herself had helped plan it. Hardwood floored, spacious, light, the Brewster attic revealed to you the social, aesthetic, educational, and spiritual progress of the entire family as clearly as if a sociologist had charted it.

*****

Take, for example (before we run down to the cellar for a minute), the crayon portraits of Gran'ma and Gran'pa Brewster. When Ted had been a junior and Pinky a freshman at the Winnebago High School the crayon portraits had beamed down upon them from the living-room wall. To each of these worthy old people the artist had given a pair of hectic pink cheeks. Gran'ma Brewster especially, simpering down at you from the labyrinthian scrolls of her sextuple gold frame, was rouged like a soubrette and further embellished with a pair of gentian-blue eyes behind steel-bowed specs. Pinky — and in fact the entire Brewster household — had thought these massive atrocities the last word in artistic ornament. By the time she reached her sophomore year, Pinky had prevailed upon her mother to banish them to the dining room. Then, two years later, when the Chicago decorator did over the living room and the dining room, the crayons were relegated to the upstairs hall.

Ted and Pinky, away at school, began to bring their friends back with them for the vacations. Pinky's room had been done over in cream enamel and rose-flowered cretonne. She said the chromos in the hall spoiled the entire second floor. So the gold frames, glittering undimmed, the cheeks as rosily glowing as ever, found temporary resting place in a nondescript back chamber known as the sewing room. Then the new sleeping porch was built for Ted, and the portraits ended their journeying in the attic.

One paragraph will cover the cellar. Stationary tubs, laundry stove. Behind that, bin for potatoes, bin for carrots, bins for onions, apples, cabbages. Boxed shelves for preserves. And behind that Hosea C. Brewster's *bête noir* and plaything, tyrant and slave — the furnace. "She's

eating up coal this winter," Hosea Brewster would complain. Or: "Give her a little more draft, Fred." Fred, of the furnace and lawn mower, would shake a doleful head. "She ain't drawin' good. I do' know what's got into her."

By noon of this particular September day — a blue-and-gold Wisconsin September day — Mrs. Brewster had reached that stage in the cleaning of the attic when it looked as if it would never be clean and orderly again. Taking into consideration Miz' Merz (Miz' Merz by-the-day, you understand) and Gussie, the girl, and Fred, there was very little necessity for Mrs. Brewster's official house-cleaning uniform. She might have unpinned her skirt, unbound her head, rolled down her sleeves, and left for the day, serene in the knowledge that no corner, no chandelier, no mirror, no curlicue so hidden, so high, so glittering, so ornate that it might hope to escape the rag or brush of one or the other of this relentless and expert crew.

Every year, twice a year, as this box, that trunk or chest was opened and its contents revealed, Miz' Merz would say: "You keepin' this, Miz' Brewster?"

"That? Oh, dear, yes!" Or: "Well — I don't know. You can take that home with you if you want it. It might make over for Minnie."

Yet, why in the name of all that's ridiculous did she treasure the funeral wheat wreath in the walnut frame? Nothing is more *passé* than a last summer's hat, yet the leghorn and pink-cambric-rose thing in the tin trunk was the one Mrs. Brewster had worn when a bride. Then the plaid kilted dress with the black velvet monkey jacket that Pinky had worn when she spoke her first piece at the age of seven — well, these were things that even the rapacious eye of Miz' Merz (by-the-day) passed by unbrightened by covetousness.

The smell of soap and water, and cedar, and moth balls, and dust, and the ghost of a perfumery that Pinky used to use pervaded the hot attic. Mrs. Brewster, head and shoulders in a trunk, was trying not to listen and not to seem not to listen to Miz' Merz's recital of her husband's relations' latest flagrancy.

"'Families is nix,' I says. 'I got my own fam'ly to look out fur,' I says. Like that. 'Well,' s's he, 'w'en it comes to *that*,' s's he, 'I guess I got some —'" Punctuated by thumps, spatterings, swashings, and much heavy breathing, so that the sound of light footsteps along the second-floor hallway, a

young, clear voice calling, then the same footsteps, fleeter now, on the attic stairway, were quite unheard.

*****

Pinky's arms were around her mother's neck and for one awful moment it looked as if both were to be decapitated by the trunk lid, so violent had been Mrs. Brewster's start of surprise.

Incoherent little cries, and sentences unfinished:

"Pinky! Why — my baby! We didn't get your telegram. Did you —"

"No; I didn't. I just thought I — Don't look so dazed, mummy — You're all smudged, too — what in the world!" Pinky straightened her hat and looked about the attic. "Why, mother! You're — you're house cleaning!" There was a stunned sort of look on her face. Pinky's last visit home had been in June, all hammocks, and roses, and especially baked things, and motor trips into the country.

"Of course. This is September. But if I'd known you were coming — Come here to the window. Let mother see you. Is that the kind of hat they're — why, it's a winter one, isn't it? Already! Dear me, I've just got used to the angle of my summer one. You must telephone father."

Miz' Merz, damply calicoed, rose from a corner and came forward, wiping a moist and parboiled hand on her skirt. "Ha' do, Pinky. Ain't forgot your old friends, have you?"

"It's Mrs. Merz!" Pinky put her cool, sweet fingers into the other woman's spongy clasp. "Why, hello, Mrs. Merz! Of course when there's house cleaning — I'd forgotten all about house cleaning — that there was such a thing, I mean."

"It's got to be done," replied Miz' Merz, severely.

Pinky, suddenly looking like one of her own magazine covers (in tailor clothes), turned swiftly to her mother. "Nothing of the kind," she said, crisply. She looked about the hot, dusty, littered room. She included and then banished it all with one sweeping gesture. "Nothing of the kind. This is — this is an anachronism."

"Mebbe so," retorted Miz' Merz with equal crispness. "But it's got to be cleaned just the same. Yessir; it's got to be cleaned."

They smiled at each other then, the mother and daughter. They descended the winding attic stairs happily, talking very fast and interrupting each other.

Mrs. Brewster's skirt was still pinned up. Her hair was bound in the protecting towel. "You must telephone father. No, let's surprise him. You'll hate the dinner — built around Miz Merz; you know — boiled. Well, you know what a despot she is."

It was hot for September, in Wisconsin. As they came out to the porch Pinky saw that there were tiny beads of moisture under her mother's eyes and about her chin. The sight infuriated her somehow. "Well, really, mother!"

Mrs. Brewster unpinned her skirt and smoothed it down; and smiled at Pinky, all unconscious that she looked like a plump, pink Sister of Mercy with that towel bound tightly about her hair. With a swift movement Pinky unpinned the towel, unwound it, dabbed with it tenderly at her mother's chin and brow, rolled it into a vicious wad, and hurled it through the open doorway.

"Now just what does that mean?" said Mrs. Brewster, equably. "Take off your hat and coat, Pinky, but don't treat them that way — unless that's the way they're doing in New York. Everything is so informal since the war." She had a pretty wit of her own, Mrs. Brewster.

Of course Pinky laughed then, and kissed her mother and hugged her hard. "It's just that it seems so idiotic — your digging around in an attic in this day and age! Why, it's — it's —" Pinky could express herself much more clearly in colours than in words. "There is no such thing as an attic. People don't clean them any more. I never realized before — this huge house. It has been wonderful to come back to, of course. But just you and dad." She stopped. She raised two young fists high in impotent anger. "Do you *like* cleaning the attic?"

"Why, no. I hate it."

"Then why in the world —"

"I've always done it, Pinky. And while they may not be wearing attics in New York, we haven't taken them off in Winnebago. Come on up to your room, dear. It looks bare. If I'd known you were coming — the slip covers —"

"Are they in the box in the attic labelled 'Slp Cov Pinky Rm'?" She succeeded in slurring it ludicrously.

It brought an appreciative giggle from Mrs. Brewster. A giggle need not be inconsistent, with fifty years, especially if one's nose wrinkles up delightfully in the act. But no smile curved the daughter's stern young lips. Together they went up to Pinky's old room (the older woman stopped to pick up the crumpled towel on the hall floor). On the way they paused at the door of Mrs. Brewster's bedroom, so cool, so spacious, all soft grays and blues.

Suddenly Pinky's eyes widened with horror. She pointed an accusing forefinger at a large, dark object in a corner near a window. "That's the old walnut desk!" she exclaimed.

"I know it."

The girl turned, half amused, half annoyed. "Oh, mother dear! That's the situation in a nutshell. Without a shadow of doubt there's an eradicable streak of black walnut in your gray-enamel make-up."

"Eradicable! That's a grand word, Pinky. Stylish! I never expected to meet it out of a book. And, fu'thermore, as Miz' Merz would say, I didn't know there was any situation."

"I meant the attic. And it's more than a situation. It's a state of mind."

Mrs. Brewster had disappeared into the depths of her clothes closet. Her voice sounded muffled. "Pinky, you're talking the way they did at that tea you gave for father and me when we visited New York last winter." She emerged with a cool-looking blue kimono. "Here. Put this on. Father'll be home at twelve-thirty, for dinner, you know. You'll want a bath, won't you, dear?"

"Yes. Mummy, is it boiled — honestly? — on a day like this?"

"With onions," said Mrs. Brewster, firmly.

Fifteen minutes later Pinky, splashing in a cool tub, heard the voice of Miz' Merz high-pitched with excitement and a certain awful joy: "Miz' Brewster! Oh, Miz' Brewster! I found a moth in Mr. Brewster's winter flannels!"

"Oh!" in choked accents of fury from Pinky; and she brought a hard young fist down in the water — spat! — so that it splashed ceiling, hair, and floor impartially.

Still, it was a cool and serene young daughter who greeted Hosea Brewster as he came limping up the porch stairs. He placed the flat of the foot down at each step instead of heel and ball. It gave him a queer, hitching gait. The girl felt a sharp little constriction of her throat as she

marked that rheumatic limp. "It's the beastly Wisconsin winters," she told herself. Then, darting out at him from the corner where she had been hiding: "S'prise! S'prise!"

His plump blond face, flushed with the unwonted heat, went darkly red. He dropped his hat. His arms gathered her in. Her fresh young cheek was pressed against his dear prickly one. So they stood for a long minute — close.

"Need a shave, dad."

"Well, gosh, how did I know my best girl was coming!" He held her off. "What's the matter, Pink? Don't they like your covers any more?"

"Not a thing, Hosey. Don't get fresh. They're decorating my studio — you know — plasterers and stuff. I couldn't work. And I was lonesome for you."

Hosea Brewster went to the open doorway and gave a long whistle with a little quirk at the end. Then he came back to Pinky in the wide-seated porch swing. "You know," he said, his voice lowered confidentially, "I thought I'd take mother to New York for ten days or so. See the shows, and run around and eat at the dens of wickedness. She likes it for a change."

Pinky sat up, tense. "For a change? Dad, I want to talk to you about that. Mother needs —"

Mrs. Brewster's light footstep sounded in the hall. She wore an all-enveloping gingham apron. "How did you like your surprise, father?" She came over to him and kissed the top of his head. "I'm getting dinner so that Gussie can go on with the attic. Everything's ready if you want to come in. I didn't want to dish up until you were at the table, so's everything would be hot." She threw a laughing glance at Pinky.

But when they were seated, there appeared a platter of cold, thinly sliced ham for Pinky, and a crisp salad, and a featherweight cheese soufflé, and iced tea, and a dessert coolly capped with whipped cream.

"But, mother, you shouldn't have —" feebly.

"There are always a lot of things in the house. You know that. I just wanted to tease you."

Father Brewster lingered for an unwonted hour after the midday meal. But two o'clock found him back at the cold-storage plant. Pinky watched him go, a speculative look in her eyes.

She visited the attic that afternoon at four, when it was again neat, clean, orderly, smelling of soap and sunshine. Standing there in the centre of the

big room, freshly napped, smartly coifed, blue-serged, trim, the very concentrated essence of modernity, she eyed with stern deliberation the funeral wheat wreath in its walnut frame; the trunks; the chests; the boxes all shelved and neatly inscribed with their "H's Fshg Tckl" and "Blk Nt Drs."

"Barbaric!" she said aloud, though she stood there alone. "Medieval! Mad! It has got to be stopped. Slavery!" After which she went downstairs and picked golden glow for the living-room vases and scarlet salvia for the bowl in the dining room.

Still, as one saw Mrs. Brewster's tired droop at supper that night, there is no denying that there seemed some justification for Pinky's volcanic remarks.

Hosea Brewster announced, after supper, that he and Fred were going to have a session with the furnace; she needed going over in September before they began firing up for the winter.

"I'll go down with you," said Pinky.

"No, you stay up here with mother. You'll get all ashes and coal dust."

But Pinky was firm. "Mother's half dead. She's going straight up to bed, after that darned old attic. I'll come up to tuck you in, mummy."

And though she did not descend to the cellar until the overhauling process was nearly completed she did come down in time for the last of the scene. She perched at the foot of the stairs and watched the two men, overalled, sooty, tobacco-wreathed, and happy. When, finally, Hosea Brewster knocked the ashes out of his stubby black pipe, dusted his sooty hands together briskly, and began to peel his overalls, Pinky came forward.

She put her hand on his arm. "Dad, I want to talk to you."

"Careful there. Better not touch me. I'm all dirt. G'night, Fred."

"Listen, dad. Mother isn't well."

He stopped then, with one overall leg off and the other on, and looked at her. "Huh? What d'you mean — isn't well? Mother." His mouth was open. His eyes looked suddenly strained.

"This house — it's killing her. She could hardly keep her eyes open at supper. It's too much for her. She ought to be enjoying herself — like other women. She's a slave to the attic and all those huge rooms. And you're another."

"Me?" feebly.

“Yes. A slave to this furnace. You said yourself to Fred, just now, that it was all worn out, and needed new pipes or something — I don’t know what. And that coal was so high it would be cheaper using dollar bills for fuel. Oh, I know you were just being funny. But it was partly true. Wasn’t it? Wasn’t it?”

“Yeh, but listen here, Paula.” He never called her Paula unless he was terribly disturbed, “About mother — you said —”

“You and she ought to go away this winter — not just for a trip, but to stay. You” — she drew a long breath and made the plunge —” you ought to give up the house.”

“Give up —”

“Permanently. Mother and you are buried alive here. You ought to come to New York to live. Both of you will love it when you are there for a few days. I don’t mean to come to a hotel. I mean to take a little apartment, a furnished apartment at first, to see how you like it — two rooms and kitchenette, like a playhouse.”

Hosey Brewster looked down at his own big bulk, then around the great furnace room. “Oh, but listen —”

“No, I want you to listen first. Mother’s worn out, I tell you. It isn’t as if she were the old-fashioned kind; she isn’t. She loves the theatres, and pretty hats, and shoes with buckles, and lobster, and concerts.”

He broke in again: “Sure; she likes ‘em for a change. But for a steady diet — Besides, I’ve got a business to ‘tend to. My gosh! I’ve got a business to —”

“You know perfectly well that Wetzler practically runs the whole thing — or could, if you’d let him.” Youth is cruel like that, when it wants its way.

He did not even deny it. He seemed suddenly old. Pinky’s heart smote her a little. “It’s just that you’ve got so used to this great barracks you don’t know how unhappy it’s making you. Why, mother said to-day that she hated it. I asked about the attic — the cleaning and all — and she said she hated it.”

“Did she say that, Paula?”

“Yes.”

He dusted his hands together, slowly, spiritlessly. His eyes looked pained and dull. “She did, h’m? You say she did?” He was talking to himself, and thinking, thinking.

Pinky, sensing victory, left him. She ran lightly up the cellar stairs, through the first-floor rooms, and up to the second floor. Her mother's bedroom door was open.

A little mauve lamp shed its glow upon the tired woman in one of the plump, gray-enamel beds. "No, I'm not sleeping. Come here, dear. What in the world have you been doing in the cellar all this time?"

"Talking to dad." She came over and perched herself on the side of the bed. She looked down at her mother. Then she bent and kissed her. Mrs. Brewster looked incredibly girlish with the lamp's rosy glow on her face and her hair, warmly brown and profuse, rippling out over the pillow. Scarcely a thread of gray in it. "You know, mother, I think dad isn't well. He ought to go away."

As if by magic the youth and glow faded out of the face on the pillow. As she sat up, clutching her nightgown to her breast, she looked suddenly pinched and old. "What do you mean, Pinky! Father — but he isn't sick. He —"

"Not sick. I don't mean sick exactly. But sort of worn out. That furnace. He's sick and tired of the thing; that's what he said to Fred. He needs a change. He ought to retire and enjoy life. He could. This house is killing both of you. Why in the world don't you close it up, or sell it, and come to New York?"

"But we do. We did. Last winter —"

"I don't mean just for a little trip. I mean to live. Take a little two-room apartment in one of the new buildings — near my studio — and relax. Enjoy yourselves. Meet new men and women. Live! You're in a rut — both of you. Besides, dad needs it. That rheumatism of his, with these Wisconsin winters —"

"But California — we could go to California for —"

"That's only a stop-gap. Get your little place in New York all settled, and then run away whenever you like, without feeling that this great hulk of a house is waiting for you. Father hates it; I know it."

"Did he ever say so?"

"Well, practically. He thinks you're fond of it. He —"

Slow steps ascending the stairs — heavy, painful steps. The two women listened in silence. Every footfall seemed to emphasize Pinky's words. The older woman turned her face toward the sound, her lips parted, her eyes anxious, tender.

“How tired he sounds,” said Pinky; “and old. And he’s only — why, dad’s only fifty-eight.”

“Fifty-seven,” snapped Mrs. Brewster, sharply, protectingly.

Pinky leaned forward and kissed her. “Good-night, mummy dear. You’re so tired, aren’t you?”

Her father stood in the doorway.

“Good-night, dear. I ought to be tucking you into bed. It’s all turned around, isn’t it? Biscuits and honey for breakfast, remember.”

So Pinky went off to her own room (*sans* slp cov) and slept soundly, dreamlessly, as does one whose work is well done.

*****

Three days later Pinky left. She waved a good-bye from the car platform, a radiant, electric, confident Pinky, her work well done.

“*Au ’voir!* The first of November! Everything begins then. You’ll love it. You’ll be real New Yorkers by Christmas. Now, no changing your minds, remember.”

And by Christmas, somehow, miraculously, there were they, real New Yorkers; or as real and as New York as any one can be who is living in a studio apartment (duplex) that has been rented (furnished) from a lady who turned out to be from Des Moines.

When they arrived, Pinky had four apartments waiting for their inspection. She told them this in triumph, and well she might, it being the winter after the war, when New York apartments were as scarce as black diamonds and twice as costly.

Father Brewster, on hearing the price, emitted a long, low whistle and said: “How many rooms did you say?”

“Two — and a kitchenette, of course.”

“Well, then, all I can say is the furniture ought to be solid gold for that; inlaid with rubies and picked out with platinum.”

But it wasn’t. In fact, it wasn’t solid anything, being mostly of a very impermanent structure and style. Pinky explained that she had kept the best for the last. The thing that worried Father Brewster was that, no matter at what hour of the day they might happen to call on the

prospective lessor, that person was always feminine and hatted. Once it was eleven in the morning. Once five in the afternoon.

"Do these New York women wear hats in the house all the time?" demanded Hosea Brewster, worriedly. "I think they sleep in 'em. It's a wonder they ain't bald. Maybe they are. Maybe that's why. Anyway, it makes you feel like a book agent."

He sounded excited and tired, "Now, father!" said Mrs. Brewster, soothingly.

They were in the elevator that was taking them up to the fourth and (according to Pinky) choicest apartment. The building was what is known as a studio apartment, in the West Sixties. The corridors were done in red flagstones, with gray-tone walls. The metal doors were painted gray.

Pinky was snickering. "Now she'll say: 'Well, *we've* been very comfortable here.' They always do. Don't look too eager."

"No fear," put in Hosey Brewster.

"It's really lovely. And a real fireplace. Everything new and good. She's asking two hundred and twenty-five. Offer her one seventy-five. She'll take two hundred."

"You bet she will," growled Hosea.

She answered the door — hatted; hatted in henna, that being the season's chosen colour. A small, dark foyer, overcrowded with furniture; a studio living room, bright, high-ceilinged, smallish; one entire side was window. There were Japanese prints, and a baby grand piano, and a lot of tables, and a davenport placed the way they do it on the stage, with its back to the room and its arms to the fireplace, and a long table just behind it, with a lamp on it, and books, and a dull jar thing, just as you've seen it in the second-act library.

Hosea Brewster twisted his head around and up to gaze at the lofty ceiling. "Feel's if I was standing at the bottom of a well," he remarked.

But the hatted one did not hear him. "No; no dining room," she was saying, briskly. "No, indeed. I always use this gate-legged table. You see? It pulls out like this. You can easily seat six — eight, in fact."

"Heaven forbid!" in fervent *sotto voce* from Father Brewster.

"It's an enormous saving in time and labour."

"The — kitchen!" inquired Mrs. Brewster.

The hat waxed playful. “You’ll never guess where the kitchen is!” She skipped across the room. “You see this screen?” They saw it. A really handsome affair, and so placed at one end of the room that it looked a part of it. “Come here.” They came. The reverse side of the screen was dotted with hooks, and on each hook hung a pot, a pan, a ladle, a spoon. And there was the tiny gas range, the infinitesimal ice chest, the miniature sink. The whole would have been lost in one corner of the Brewster’s Winnebago china closet.

“Why, how — how wonderful!” breathed Mrs. Brewster.

“Isn’t it? So complete — and so convenient. I’ve cooked roasts, steaks, chops, everything right here. It’s just play.”

A terrible fear seized upon Father Brewster. He eyed the sink and the tiny range with a suspicious eye. “The beds,” he demanded, “where are the beds?”

She opened the little oven door and his heart sank. But, “They’re upstairs,” she said. “This is a duplex, you know.”

A little flight of winding stairs ended in a balcony. The rail was hung with a gay mandarin robe. Two more steps and you were in the bedroom — a rather breathless little bedroom, profusely rose-coloured, and with whole battalions of photographs in flat silver frames standing about on dressing table, shelf, desk. The one window faced a gray brick wall.

They took the apartment. And thus began a life of ease and gayety for Mr. and Mrs. Hosea C. Brewster, of Winnebago, Wisconsin.

*****

Pinky had dinner with them the first night, and they laughed a great deal, what with one thing and another. She sprang up to the balcony, and let down her bright hair, and leaned over the railing, *a la* Juliet, having first decked Hosey out in a sketchy but effective Romeo costume consisting of a hastily snatched up scarf over one shoulder, Pinky’s little turban, and a frying pan for a lute. Mother Brewster did the Nurse, and by the time Hosea began his limping climb up the balcony, the turban over one eye and the scarf winding itself about his stocky legs, they ended by tumbling in a heap of tearful laughter.

After Pinky left there came upon them, in that cozy little two-room apartment, a feeling of desolation and vastness, and a terrible loneliness

such as they had never dreamed of in the great twelve-room house in Winnebago. They kept close to each other. They toiled up the winding stairs together and stood a moment on the balcony, feigning a light-heartedness that neither of them felt.

They lay very still in the little stuffy rose-coloured room, and the street noises of New York came up to them — a loose chain flapping against the mud guard of a taxi; the jolt of a flat-wheeled Eighth Avenue street car; the roar of an L train; laughter; the bleat of a motor horn; a piano in the apartment next door, or upstairs, or down.

She thought, as she lay there, choking, of the great, gracious gray-and-blue room at home, many-windowed, sweet-smelling, quiet. Quiet!

He thought, as he lay there, choking, of the gracious gray-blue room at home, many-windowed, sweet-smelling, quiet. Quiet!

Then, as he had said that night in September: "Sleeping, mother?"

"N-no. Not yet. Just dozing off."

"It's the strange beds, I guess. This is going to be great, though. Great!"

"My, yes!" agreed Mrs. Brewster, heartily.

They awoke next morning unrefreshed. Pa Brewster, back home in Winnebago, always whistled mournfully, off key, when he shaved. The more doleful his tune the happier his wife knew him to be. Also, she had learned to mark his progress by this or that passage in a refrain. Sometimes he sang, too (also off key), and you heard his genial roar all over the house. The louder he roared, and the more doleful the tune, the happier his frame of mind. Milly Brewster knew this. She had never known that she knew it. Neither had he. It was just one of those subconscious bits of marital knowledge that make for happiness and understanding.

When he sang "The Dying Cowboy's Lament" and came to the passage, "Oh, take me to the churchyard and lay the sod o-o-over me," Mrs. Brewster used to say: "Gussie, Mr. Brewster'll be down in ten minutes. You can start the eggs.

*****

In the months of their gay life in Sixty-Seventh Street Hosey Brewster never once sang "The Dying Cowboy's Lament," nor whistled "In the Sweet By-and-By." No; he whistled not at all, or when he did, gay bits of jazz heard at the theatre or in a restaurant the night before. He deceived no

one, least of all himself. Sometimes his voice would trail off into nothingness, but he would catch the tune and toss it up again, heavily, as though it were a physical weight.

Theatres! Music! Restaurants! Teas! Shopping! The gay life!

"Enjoying yourself, Milly?" he would say.

"Time of my life, father."

She had her hair dressed in those geometrical undulations without which no New York audience feels itself clothed. They saw Pinky less frequently as time went on and her feeling of responsibility lessened. Besides, the magazine covers took most of her day. She gave a tea for her father and mother at her own studio, and Mrs. Brewster's hat, slippers, gown, and manner equalled in line, style, cut, and texture those of any other woman present, which rather surprised her until she had talked to five or six of them.

She and Hosey drifted together and compared notes. "Say, Milly," he confided, "they're all from Wisconsin — or approximately; Michigan, and Minnesota, and Iowa, and around. Far's I can make out there's only one New Yorker, really, in the whole caboodle of 'em."

"Which one?"

"That kind of plain little one over there — sensible looking, with the blue suit. I was talking to her. She was born right here in New York, but she doesn't live here — that is, not in the city. Lives in some place in the country, in a house."

A sort of look came into Mrs. Brewster's eyes. "Is that so? I'd like to talk to her, Hosey. Take me over."

She did talk to the quiet little woman in the plain blue suit. And the quiet little woman said: "Oh, dear, yes!" She ignored her r's fascinatingly, as New Yorkers do. "We live in Connecticut. You see, you Wisconsin people have crowded us out of New York; no breathing space. Besides, how can one live here? I mean to say — live. And then the children — it's no place for children, grown up or otherwise. I love it — oh, yes, indeed. I love it. But it's too difficult."

Mrs. Brewster defended it like a true Westerner. "But if you have just a tiny apartment, with a kitchenette —"

The New York woman laughed. There was nothing malicious about her. But she laughed. "I tried it. There's one corner of my soul that's still

wrinkled from the crushing. Everything in a heap. Not to speak of the slavery of it. That — that deceitful, lying kitchenette."

This was the first woman who Mrs. Brewster had talked to — really talked to — since leaving Winnebago. And she liked women. She missed them. At first she had eyed wonderingly, speculatively, the women she saw on Fifth Avenue. Swathed luxuriously in precious pelts, marvellously coifed and hatted, wearing the frailest of boots and hose, exhaling a mysterious, heady scent, they were more like strange, exotic birds than women.

The clerks in the shops, too — they were so remote, so contemptuous. When she went into Gerretson's, back home, Nellie Monahan was likely to say: "You've certainly had a lot of wear out of that blue, Mrs. Brewster. Let's see, you've had it two — three years this spring? My land! Let me show you our new taupes."

*****

Pa Brewster had taken to conversing with the doorman. That adamantine individual, unaccustomed to being addressed as a human being, was startled at first, surly and distrustful. But he mellowed under Hosey's simple and friendly advances. They became quite pals, these two — perhaps two as lonely men as you could find in all lonely New York.

"I guess you ain't a New Yorker, huh?" Mike said.

"Me? No."

"Th' most of the folks in th' buildin' ain't."

"Ain't!" Hosea Brewster was startled into it. "They're artists, aren't they? Most of 'em?"

"No! Out-of-town folks, mostly, like you. West — Iowa an' Californy an' around there. Livin' here, though. Seem t' like it better'n where they come from. I dunno."

Hosey Brewster took to eying them as Mrs. Brewster had eyed the women. He wondered about them, these tight, trim men, rather short of breath, buttoned so snugly into their shining shoes and their tailored clothes, with their necks bulging in a fold of fat above the back of their white linen collars. He knew that he would never be like them. It wasn't his square-toed shoes that made the difference, or his gray hat, or his baggy trousers. It was something inside him — something he lacked, he thought.

It never occurred to him that it was something he possessed that they did not.

"Enjoying yourself, Milly?"

"I should say I am, father."

"That's good. No housework and responsibility to this, is there?"

"It's play."

She hated the toy gas stove, and the tiny ice chest, and the screen pantry. All her married life she had kept house in a big, bounteous way: apples in barrels; butter in firkins; flour in sacks; eggs in boxes; sugar in bins; cream in crocks. Sometimes she told herself, bitterly, that it was easier to keep twelve rooms tidy and habitable than one combination kitchen-dining-and-living room.

"Chops taste good, Hosey?"

"Grand. But you oughtn't to be cooking around like this. We'll eat out to-morrow night somewhere, and go to a show."

"You're enjoying it, aren't you, Hosey, h'm?"

"It's the life, mother! It's the life!"

*****

His ruddy colour began to fade. He took to haunting department store kitchenware sections. He would come home with a new kind of cream whipper, or a patent device for the bathroom. He would tinker happily with this, driving a nail, adjusting a screw. At such times he was even known to begin to whistle some scrap of a doleful tune such as he used to hum. But he would change, quickly, into something lively. The price of butter, eggs, milk, cream, and the like horrified his Wisconsin cold-storage sensibilities. He used often to go down to Fulton Market before daylight and walk about among the stalls and shops, piled with tons of food of all kinds. He would talk to the marketmen, and the buyers and grocers, and come away feeling almost happy for a time.

Then, one day, with a sort of shock, he remembered a farmer he had known back home in Winnebago. He knew the farmers for miles around, naturally, in his business. This man had been a steady butter-and-egg acquaintance, one of the wealthy farmers in that prosperous Wisconsin farming community. For his family's sake he had moved into town, a ruddy, rufous-bearded, clumping fellow, intelligent, kindly. They had sold the

farm with a fine profit and had taken a box-like house on Franklin Street. He had nothing to do but enjoy himself. You saw him out on the porch early, very early summer mornings.

You saw him ambling about the yard, poking at a weed here, a plant there. A terrible loneliness was upon him; a loneliness for the soil he had deserted. And slowly, resistlessly, the soil pulled at him with its black strength and its green tendrils down, down, until he ceased to struggle and lay there clasped gently to her breast, the mistress he had thought to desert and who had him again at last, and forever.

"I don't know what ailed him," his widow had said, weeping. "He just seemed to kind of pine away."

*****

It was one morning in April — one soft, golden April morning — when this memory had struck Hosey Brewster. He had been down at Fulton Market. Something about the place — the dewy fresh vegetables, the crates of eggs, the butter, the cheese — had brought such a surge of homesickness over him as to amount to an actual nausea. Riding uptown in the Subway he had caught a glimpse of himself in a slot-machine mirror. His face was pale and somehow shrunken. He looked at his hands. The skin hung loose where the little pads of fat had plumped them out.

"Gosh!" he said. "Gosh, I —"

He thought, then, of the red-faced farmer who used to come clumping into the cold-storage warehouse in his big boots and his buffalo coat. A great fear swept over him and left him weak and sick.

The chill grandeur of the studio-building foyer stabbed him. The glittering lift made him dizzy, somehow, this morning. He shouldn't have gone out without some breakfast perhaps. He walked down the flagged corridor softly; turned the key ever so cautiously. She might still be sleeping. He turned the knob gently, gently; tiptoed in and, turning, fell over a heavy wooden object that lay directly in his path in the dim little hall.

A barked shin. A good, round oath.

"Hosey! What's the matter? What —" She came running to him. She led him into the bright front room.

“What was that thing? A box or something, right there in front of the door. What the —”

“Oh, I’m so sorry, Hosey. You sometimes have breakfast downtown. I didn’t know —”

Something in her voice — he stopped rubbing the injured shin to look up at her. Then he straightened slowly, his mouth ludicrously open. Her head was bound in a white towel. Her skirt was pinned back. Her sleeves were rolled up. Chairs, tables, rugs, ornaments, were huddled in a promiscuous heap. Mrs. Hosea C. Brewster was cleaning house.

“Milly!” he began, sternly. “And that’s just the thing you came here to get away from. If Pinky —”

“I didn’t mean to, father. But when I got up this morning there was a letter — a letter from the woman who owns this apartment, you know. She asked if I’d go to the hall closet — the one she reserved for her own things, you know — and unlock it, and get out a box she told me about, and have the hall boy express it to her. And I did, and — look!”

Limping a little he followed her. She turned on the light that hung in the closet. Boxes — pasteboard boxes — each one bearing a cryptic pencilling on the end that stared out at you. “Drp Stud Win,” said one; “Sum Slp Cov Bedrm,” another; “Toil. Set & Pic Frms.”

Mrs. Brewster turned to her husband, almost shamefacedly, and yet with a little air of defiance. “It — I don’t know — it made me — not homesick, Hosey. Not homesick, exactly; but — well, I guess I’m not the only woman with a walnut streak in her modern make-up. Here’s the woman — she came to the door with her hat on, and yet —”

Truth — blinding, white-hot truth — burst in upon him. “Mother,” he said — and he stood up, suddenly robust, virile, alert —” mother, let’s go home.”

Mechanically she began to unpin the looped-back skirt. “When?”

“Now.”

“But, Hosey! Pinky — this flat — until June —”

“Now! Unless you want to stay. Unless you like it here in this — this make-believe, double-barrelled, duplex do-funny of a studio thing. Let’s go home, mother. Let’s go home — and breathe.”

In Wisconsin you are likely to find snow in April — snow or slush. The Brewsters found both. Yet on their way up from the station in ‘Gene Buck’s flivver taxi they beamed out at it as if it were a carpet of daisies.

At the corner of Elm and Jackson streets Hosey Brewster stuck his head out of the window. "Stop here a minute, will you, 'Gene?"

They stopped in front of Hengel's meat market, and Hosey went in. Mrs. Brewster leaned back without comment.

Inside the shop. "Well, I see you're back from the East," said Aug Hengel.

"Yep."

"We thought you'd given us the go-by, you stayed away so long."

"No, sir-ree! Say, Aug, give me that piece of bacon — the big piece. And send me up some corned beef to-morrow for corned beef and cabbage. I'll take a steak along for to-night. Oh, about four pounds. That's right."

It seemed to him that nothing less than a side of beef could take out of his mouth the taste of those fiddling little lamb chops and the restaurant fare of the past six months.

*****

All through the winter Fred had kept up a little heat in the house, with an eye to frozen water pipes. But there was a chill upon the place as they opened the door now. It was late afternoon. The house was very still, with the stillness of a dwelling that has long been uninhabited. The two stood there a moment, peering into the darkened rooms. Then Hosea Brewster strode forward, jerked up this curtain, that curtain with a sharp snap, flap! He stamped his feet to rid them of slush. He took off his hat and threw it high in the air and opened his arms wide and emitted a whoop of sheer joy and relief.

"Welcome home! Home!"

She clung to him. "Oh, Hosey, isn't it wonderful? How big it looks! Huge!"

"Land, yes." He strode from hall to dining room, from kitchen to library. "I know how a jack-in-the-box feels when the lid's opened. No wonder it grins and throws out its arms."

They did little talking after that. By five o'clock he was down in the cellar. She heard him making a great sound of rattling and bumping and shaking and pounding and shovelling. She smelled the acrid odour of his stubby black pipe.

"Hosey!" — from the top of the cellar stairs. "Hosey, bring up a can of preserves when you come."

"What?"

"Can of preserves."

"What kind?"

"Any kind you like."

"Can I have two kinds?"

He brought up quince marmalade and her choicest damson plums. He put them down on the kitchen table and looked around, spatting his hands together briskly to rid them of dust. "Sh's burning pretty good now. That Fred! Don't any more know how to handle a boiler than a baby does. Is the house getting warmer?"

He clumped into the dining room, through the butler's pantry, but he was back again in a wink, his eyes round. "Why, say, mother! You've got out the best dishes, and the silver, and the candles, and all. And the tablecloth with the do-dads on it. Why —"

"I know it." She opened the oven door, took out a pan of biscuits and slid it deftly to one side. "It seems as if I can't spread enough. I'm going to use the biggest platters, and I've put two extra boards in the table. It's big enough to seat ten. I want everything big, somehow. I've cooked enough potatoes for a regiment, and I know it's wasteful, and I don't care. I'll eat in my kitchen apron, if you'll keep on your overalls. Come on."

He cut into the steak — a great, thick slice. He knew she could never eat it, and she knew she could never eat it. But she did eat it all, ecstatically. And in a sort of ecstatic Nirvana the quiet and vastness and peace of the big old frame house settled down upon them.

The telephone in the hall rang startlingly, unexpectedly.

"Let me go, Milly."

"But who in the world! Nobody knows we're —"

He was at the telephone. "Who? Who? Oh." He turned: "It's Miz' Merz. She says her little Minnie went by at six and saw a light in the house. She — Hello! What?... She says she wants to know if she's to save time for you at the end of the month for the April cleaning."

Mrs. Brewster took the receiver from him: "The twenty-fifth, as usual, Miz' Merz. The twenty-fifth, as usual. The attic must be a sight."

LONG DISTANCE

Chet Ball was painting a wooden chicken yellow. The wooden chicken was mounted on a six-by-twelve board. The board was mounted on four tiny wheels. The whole would eventually be pulled on a string guided by the plump, moist hand of some blissful five-year-old.

You got the incongruity of it the instant your eye fell upon Chet Ball. Chet's shoulders alone would have loomed large in contrast with any wooden toy ever devised, including the Trojan horse. Everything about him, from the big, blunt-fingered hands that held the ridiculous chick to the great muscular pillar of his neck, was in direct opposition to his task, his surroundings, and his attitude.

Chet's proper milieu was Chicago, Illinois (the West Side); his job that of lineman for the Gas, Light & Power Company; his normal working position astride the top of a telegraph pole, supported in his perilous perch by a lineman's leather belt and the kindly fates, both of which are likely to trick you in an emergency.

Yet now he lolled back among his pillows, dabbing complacently at the absurd yellow toy. A description of his surroundings would sound like pages 3 to 17 of a novel by Mrs. Humphry Ward. The place was all greensward, and terraces, and sundials, and beeches, and even those rhododendrons without which no English novel or country estate is complete. The presence of Chet Ball among his pillows and some hundreds similarly disposed revealed to you at once the fact that this particular English estate was now transformed into Reconstruction Hospital No. 9.

The painting of the chicken quite finished (including two beady black paint eyes), Chet was momentarily at a loss. Miss Kate had not told him to stop painting when the chicken was completed. Miss Kate was at the other end of the sunny garden walk, bending over a wheel chair. So Chet went on painting, placidly. One by one, with meticulous nicety, he painted all his fingernails a bright and cheery yellow. Then he did the whole of his left thumb and was starting on the second joint of the index finger when Miss Kate came up behind him and took the brush gently from his strong hands.

"You shouldn't have painted your fingers," she said.

Chet surveyed them with pride. "They look swell."

Miss Kate did not argue the point. She put the freshly painted wooden chicken on the table to dry in the sun. Her eyes fell upon a letter bearing an

American postmark and addressed to Sergeant Chester Ball, with a lot of cryptic figures and letters strung out after it, such as A.E.F. and Co. 11.

"Here's a letter for you!" She infused a lot of Glad into her voice. But Chet only cast a languid eye upon it and said, "Yeh?"

"I'll read it to you, shall I? It's a nice fat one."

Chet sat back, indifferent, negatively acquiescent. And Miss Kate began to read in her clear young voice, there in the sunshine and scent of the centuries-old English garden.

It marked an epoch in Chet's life — that letter. It reached out across the Atlantic Ocean from the Chester Ball of his Chicago days, before he had even heard of English gardens.

Your true lineman has a daredevil way with the women, as have all men whose calling is a hazardous one. Chet was a crack workman. He could shinny up a pole, strap his emergency belt, open his tool kit, wield his pliers with expert deftness, and climb down again in record time. It was his pleasure — and seemingly the pleasure and privilege of all lineman's gangs the world over — to whistle blithely and to call impudently to any passing petticoat that caught his fancy.

Perched three feet from the top of the high pole he would cling protected, seemingly, by some force working in direct defiance of the law of gravity. And now and then, by way of brightening the tedium of their job, he and his gang would call to a girl passing in the street below, "Hoo-hoo! Hello, sweetheart!"

There was nothing vicious in it. Chet would have come to the aid of beauty in distress as quickly as Don Quixote. Any man with a blue shirt as clean and a shave as smooth and a haircut as round as Chet Ball's has no meanness in him. A certain daredeviltry went hand in hand with his work — a calling in which a careless load dispatcher, a cut wire, or a faulty strap may mean instant death. Usually the girls laughed and called back to them or went on more quickly, the color in their cheeks a little higher.

But not Anastasia Rourke. Early the first morning of a two-week job on the new plant of the Western Castings Company, Chet Ball, glancing down from his dizzy perch atop an electric-light pole, espied Miss Anastasia Rourke going to work. He didn't know her name or anything about her, except that she was pretty. You could see that from a distance even more remote than Chet's. But you couldn't know that Stasia was a lady not to be trifled with. We know her name was Rourke, but he didn't.

So then: “Hoo-hoo!” he had called. “Hello, sweetheart! Wait for me and I’ll be down.”

Stasia Rourke had lifted her face to where he perched so high above the streets. Her cheeks were five shades pinker than was their wont, which would make them border on the red.

“You big ape, you!” she called, in her clear, crisp voice. “If you had your foot on the ground you wouldn’t dast call to a decent girl like that. If you were down here I’d slap the face of you. You know you’re safe up there.”

The words were scarcely out of her mouth before Chet Ball’s sturdy legs were twinkling down the pole. His spurred heels dug into the soft pine of the pole with little ripe, tearing sounds. He walked up to Stasia and stood squarely in front of her, six feet of brawn and brazen nerve. One ruddy cheek he presented to her astonished gaze. “Hello, sweetheart,” he said. And waited. The Rourke girl hesitated just a second. All the Irish heart in her was melting at the boyish impudence of the man before her. Then she lifted one hand and slapped his smooth cheek. It was a ringing slap. You saw the four marks of her fingers upon his face. Chet straightened, his blue eyes bluer. Stasia looked up at him, her eyes wide. Then down at her own hand, as if it belonged to somebody else. Her hand came up to her own face. She burst into tears, turned, and ran. And as she ran, and as she wept, she saw that Chet was still standing there, looking after her.

Next morning, when Stasia Rourke went by to work, Chet Ball was standing at the foot of the pole, waiting.

They were to have been married that next June. But that next June Chet Ball, perched perilously on the branch of a tree in a small woodsy spot somewhere in France, was one reason why the American artillery in that same woodsy spot was getting such a deadly range on the enemy. Chet’s costume was so devised that even through field glasses (made in Germany) you couldn’t tell where tree left off and Chet began.

Then, quite suddenly, the Germans got the range. The tree in which Chet was hidden came down with a crash, and Chet lay there, more than ever indiscernible among its tender foliage.

Which brings us back to the English garden, the yellow chicken, Miss Kate, and the letter.

His shattered leg was mended by one of those miracles of modern war surgery, though he never again would dig his spurred heels into the pine of a G. L. & P. Company pole. But the other thing — they put it down under

the broad general head of shock. In the lovely English garden they set him to weaving and painting as a means of soothing the shattered nerves. He had made everything from pottery jars to bead chains, from baskets to rugs. Slowly the tortured nerves healed. But the doctors, when they stopped at Chet's cot or chair, talked always of "the memory center." Chet seemed satisfied to go on placidly painting toys or weaving chains with his great, square-tipped fingers — the fingers that had wielded the pliers so cleverly in his pole-climbing days.

"It's just something that only luck or an accident can mend," said the nerve specialist. "Time may do it — but I doubt it. Sometimes just a word — the right word — will set the thing in motion again. Does he get any letters?"

"His girl writes to him. Fine letters. But she doesn't know yet about — about this. I've written his letters for him. She knows now that his leg is healed and she wonders —"

That had been a month ago. Today Miss Kate slit the envelope post-marked Chicago. Chet was fingering the yellow wooden chicken, pride in his eyes. In Miss Kate's eyes there was a troubled, baffled look as she began to read:

> Chet, dear, it's raining in Chicago. And you know when it rains in Chicago it's wetter, and muddier, and rainier than any place in the world. Except maybe this Flanders we're reading so much about. They say for rain and mud that place takes the prize.

I don't know what I'm going on about rain and mud for, Chet darling, when it's you I'm thinking of. Nothing else and nobody else. Chet, I got a funny feeling there's something you're keeping back from me. You're hurt worse than just the leg. Boy, dear, don't you know it won't make any difference with me how you look, or feel, or anything? I don't care how bad you're smashed up. I'd rather have you without any features at all than any other man with two sets. Whatever's happened to the outside of you, they can't change your insides. And you're the same man that called out to me that day, "Hoo-hoo! Hello, sweetheart!" and when I gave you a piece of my mind, climbed down off the pole, and put your face up to be slapped, God bless the boy in you —

A sharp little sound from him. Miss Kate looked up, quickly. Chet Ball was staring at the beady-eyed yellow chicken in his hand.

"What's this thing?" he demanded in a strange voice.

Miss Kate answered him very quietly, trying to keep her own voice easy and natural. “That’s a toy chicken, cut out of wood.”

“What’m I doin’ with it?”

“You’ve just finished painting it.”

Chet Ball held it in his great hand and stared at it for a brief moment, struggling between anger and amusement. And between anger and amusement he put it down on the table none too gently and stood up, yawning a little.

“That’s a hell of a job for a he-man!” Then in utter contrition: “Oh, beggin’ your pardon! That was fierce! I didn’t —”

But there was nothing shocked about the expression on Miss Kate’s face. She was registering joy — pure joy.

Meias porções

"O cheiro de sabão e água, de cedro, de naftalina, de poeira e do espectro de perfumes permeavam o sótão quente."

EDNA FERBER

NO DIA 25 DE ABRIL, COMO DE COSTUME

A Sra. Hosea C. Brewster sempre limpava a casa em setembro e em abril. Começava pelo sótão e continuava seu roteiro de purificação até o porão, seguindo estritamente o que dizia o artigo 1º, seção I, do Regulamento Tácito da Faxina. Foi o que fez durante vinte e cinco anos. Foi o que odiou fazer durante vinte e cinco anos — sendo ela uma mulher inteligente. Durante vinte e cinco anos, toalha enrolada na cabeça, saia presa na parte de trás, mangas arregaçadas — o traje reservado para a faxina desde os tempos da mãe de Lemuel — sabe-se lá o nome — (vide "Provérbios") — a Sra. Brewster cumpria o ritual duas vezes por ano.

Móveis na varanda, peças de lã no varal, colchões no quintal — tudo o que pudesse ser socado, batido, mexido, esfregado, sacudido, chacoalhado ou posto para arejar era arrastado para o lado de fora e sujeito a uma ou a todas essas indignidades. Depois disso, completamente intimidados, eram arrastados de volta para dentro e reconduzidos aos seus devidos lugares. Ano após ano, no sótão ou no porão, coisas se amontoavam, formando pilhas cada vez mais altas — coisas inúteis, coisas sentimentais; coisas em baús; coisas em cômodas; prateleiras cheias de coisas acondicionadas em pacotes de papel pardo.

E as caixas — ah, antes de tudo, as caixas: caixas de papelão, compridas e chatas, quadradas e oblongas, cada uma delas contendo de um lado identificações secretas escritas a lápis; quer dizer, secreta para qualquer um à

exceção da Sra Brewster e de você, que tem um sotão. Dessa forma, “Cx Psc de H” aplicava a uma caixa longa e estreita um rótulo sem sentido. Outro rótulo deixaria qualquer um estupefato com “Cort Ted Dor Var”. Uma terceira, cabalística, escondia o conteúdo sob a inscrição “Cps Qrt Pinky”. Isso sem falar nos concisos e intrigantes “Vst Prt Gupr” e “Bd Jn Ar Ex”. Uma vez descoberta a chave do código, as inscrições facilmente se traduzem por itens domésticos como “caixa de pesca de Hosey”, “cortina de lona para Ted dormir na varanda”, “capas para os móveis do quarto da Pinky”, “vestido preto de *guipure*”, “toldo do terraço”.

O conteúdo daquelas caixas constituíam um ensaio sobre a vida doméstica comum nos Estados Unidos como a que levavam o Sr. e a Sra. Brewster, de Winnebago, Wisconsin. O reumatismo de Hosey o havia afastado da pesca de truta durante os últimos dez anos; Ted mandou uma carta do Arizona, dizendo que “o *véi* céu *zulzin*” era a cobertura de sua varanda e que não precisava se preocupar se os vizinhos iam vê-lo de pijama. O quarto forrado de cretone floral de Pinky havia perdido uma ocupante, desde que ela trocou a Winnibago High School pelo Chicago Art Institute e este por Nova York e as capas daquelas revistas famosas que ficam ali, na mesa, a nos encarar — uma jovem, de seios planos (ela precisaria estar com aquele decote), com um leque de plumas na mão. Era possível distinguir no ato a capa de uma Brewster, só que sem o leque. Assim, restavam o vestido preto de *guipure* e o toldo do terraço. O primeiro ficou apertado demais debaixo dos braços (os braços da Sra. Brewster); o segundo tinha desbotado.

Agora, não conclua daí que a Sra. Brewster era uma velha gorda, que passava os dias fazendo torta, metida num vestido de algodão ou de seda preta e com um chapéu amarfanhado com uma rosa murcha em cima. Nem que Hosea C. Brester usava óculos e andava de chinelo. Não mesmo. Os Hosea C. Brewster, de Winnibago, Winsconsin, eram do tipo com quem você topa na varanda do Hotel Moana em Honolulu, lá no alto de Pike Peak, ou olhando o coração inquieto do Vesúvio. Eles se encaixam no perfil do próspero cidadão do Meio Oeste que vai a Chicago assistir às estreias do teatro, comprar um chapéu ou pedir uma dúzia de saladas Wedgwood no Field’s.

A Sra. Brewster conhecia Dunsany, crepe georgette e abacate[1]; Hosea Brewster ainda tinha o hábito de dar uma passada no Elk’s Club, na Elm Street, depois da Schimer’s, a loja de móveis, por volta das cinco da tarde,

[1] Típica de regiões tropicais, o abacate era um produto exótico – e consequentemente caro – em países do hemisfério norte. (n.t.)

quando volta do frigorífico. A casa dos Brewster era repleta de varandas, terraços, armários para roupa de cama e banho, roupeiros para roupa suja, estufas e novidades elétricas, como uma próspera casa do Meio Oeste deve ser.

A casa tinha, havia muito tempo, ficado grande demais para os dois — fisicamente, quer dizer. No entanto, à medida que a estrutura da casa havia expandido, da mesma forma, os Brewster haviam crescido — em tolerância, compreensão e humanidade. Até hoje, ao conversar com eles, sentia-se que havia espaço, aposentos imaginários inundados pelo sol e prateleiras repletas de experiência, além de despensas, estufas e armários para todas as preocupações e confidências.

E o sótão! E o porão! O sótão era o tipo que toda mulher que não tem um deseja e que toda mulher que tem odeia. "Ah, se eu tivesse um lugar para guardar as coisas", choraminga a primeira. E "se não fosse pelo sótão, eu já teria jogado essas traquitanas fora há muito tempo", queixa-se a outra. A própria Sra. Brewster tinha ajudado a planejá-lo. Com assoalho de madeira de lei, espaçoso, iluminado, o sótão dos Brewster revelava o progresso social, estético, educacional e espiritual da família inteira de forma tão clara como se um sociólogo o tivesse mapeado.

*****

Veja, por exemplo (antes de darmos um pulinho até o porão), os retratos em pastel de vovó e vovô Brewster. Quando Ted estava no terceiro e Pinky, no primeiro ano da Winnebago High School, os retratos em pastel sorriam para eles da parede da sala. Cada um desses notáveis idosos o artista presenteou com um par de vívidas bochechas coradas. A vovó Brewster em especial, dando aquele sorriso ingênuo de dentro da moldura sextavada com sinuoso entalhe e em tom de ouro, teve o rosto carregado de ruge; parecia uma *soubrette*, sendo, em seguida, embelezada com olhos azul violeta, escondidos atrás de um par de óculos de armação de metal. Pinky — e, na verdade, toda a família Brewster — considerava todas aquelas imensas atrocidades a última palavra em termos de adorno artístico. Ao entrar no segundo ano, porém, Pinky persuadiu a mãe a bani-los da sala de jantar. Assim, dois anos depois, quando o decorador de Chicago redecorou a sala de estar e a de jantar, os quadros em pastel foram relegados ao *hall* do segundo andar.

Ted e Pinky, longe de casa por conta dos estudos, começaram a trazer os amigos para passar as férias em casa. O quarto de Pinky ganhou novos tons

de creme em tinta plástica e recebeu novas cortinas em cretone florido. Ela disse que as cromolitografias no *hall* enfeavam todo o segundo andar. Então, as molduras douradas de brilho reluzente e as bochechas coradas que luziam como nunca, encontraram descanso temporário num cômodo dos fundos, sem a menor personalidade, conhecido como quarto de costura. Uma nova varanda foi construída para Ted dormir, e os retratos acabaram sua jornada no sótão.

Um parágrafo cobre o porão. Armários para banheiro, fogão a carvão. Atrás, um caixote para batatas, um caixote para cenouras, caixotes para cebolas, maçãs, repolhos. Prateleiras repletas de caixas para vidros de conserva. Atrás disso tudo, o "inimigo", o brinquedo, tirano e escravo — o calefator. "Está devorando carvão neste inverno", Hosea Brewster reclamava. Ou: "bombeie um pouco mais de ar nele, Fred". Fred, do calefator e do cortador de grama em sinal de lamento. "Não *tá* funcionando direito. Não sei o que deu nele".

Por volta do meio-dia daquele peculiar dia de setembro — um dia de setembro, em azul e ouro, tão típico do Wisconsin — a Sra Brewster chegou a um estágio da limpeza do sótão que, ao que parecia, nunca mais voltaria a ser limpo e organizado. Levando-se em consideração D. Merz (D. Merz, a faxineira, sabe?) e Gussie, a garota, e Fred, praticamente não havia necessidade para o uniforme oficial de faxina da Sra. Brewster. Ela deveria ter soltado a saia, tirado a toalha da cabeça, desenrolado as mangas e saído para passear, tranquila por saber que nenhum canto, nenhum candelabro, nenhum espelho, nenhum arabesco por mais escondido, por mais alto, por mais brilhoso, por mais reentrâncias que tivesse, poderia ter a esperança de escapar do pano ou escova de algum membro dessa incansável equipe de especialistas.

Todo ano, duas vezes por ano, quando essa caixa, aquele baú ou cômoda eram abertos e seu conteúdo, revelado. "A senhora vai guardar isto, D. Brewster?", perguntava D. Merz.

"Isso? Oh, minha cara, vou, sim". Ou "Bem, não sei. Se quiser pode ficar para você. Pode reformar para Minnie."

Agora, por que será que ela guarda como se fosse um tesouro a coroa de flores dentro da moldura em nogueira? É o cúmulo do absurdo! Nada mais — antiquado — do que o chapéu na moda no último verão, que dirá aquela coisa rosa de palha com cambraia cor de rosa dentro do baú de latão que a Sra. Brewster usou no dia do casamento. E também o vestido xadrez pregueado com uma jaqueta de veludo preto que Pinky usou quando declamou

pela primeira vez aos sete anos de idade — bem, eram coisas que não enchiam os olhos da cobiçosa D. Merz (faxineira).

O cheiro de sabão e água, de cedro, de naftalina, de poeira e do espectro de perfumes que Pinky costumava usar permeavam o sótão quente. A Sra. Brewster, de cabeça e ombros enfiados num baú, tentava não ouvir e não parecer não estar ouvindo a ladainha de D. Merz sobre o último escândalo em que se envolveram os parentes do marido.

— "Família não é nada, é o que eu digo. Eu tenho a minha própria família *pra cuidá*, é o que eu digo. Bem... ele... quando se trata de... ele... acho que peguei uns..." Pontuado por baques, respingos, ruídos de líquido derramando e respirações ofegantes, o som de passos leves pelo assoalho do corredor do segundo andar, uma voz jovem e clara, depois os mesmos passos, agora mais rápidos, na escada que leva ao sótão, quase não se faziam ouvir.

*****

Pinky colocou os braços ao redor do pescoço da mãe e, por um terrível momento, pareceu que as duas estavam prestes a serem decapitadas pela tampa do baú tão violenta foi a reação de espanto da Sra. Brewster.

Incoerentes choramingos e frases inacabadas:

— Pinky! Vejam só ... meu bebê! Não recebemos seu telegrama. Você?

— Não, não mandei. Só pensei que eu... não fique com essa cara de aparvalhada, mamãe... está todo mundo sujo... que diabos! — disse Pinky ajeitando o chapéu e olhando ao redor do sótão. — Por quê, mãe? A senhora... a senhora está limpando a casa! Havia um quê de espanto em sua expressão facial. A última visita de Pinky tinha sido em junho, repleta de redes, rosas, assados e viagens de carro para o interior.

— É claro! Estamos em setembro! Se eu soubesse que você viria... venha para perto da janela. Deixe a mamãe olhar você. É esse o modelo de chapéu que estão... é para o inverno, não é? Já?! Minha nossa, eu acabei de me acostumar com o de verão. Você precisa ligar para o seu pai.

D. Merz, coberta de respingos d'água, levantou-se de um canto e caminhou, esfregando a mão úmida e agitada na saia.

— Como vai, Pinky? *Num* esqueceu dos velhos amigos, *né*?

— É a Sra. Merz! — exclamou Pinky colocando os dedos frios e delicados na palma esponjosa da outra mulher. — Olá, Sra. Merz! Claro, quando é dia

de faxina... eu tinha me esquecido completamente da faxina, que existiam coisas do tipo, quero dizer.

— Mas tem que ser feito. — respondeu a D. Merz em tom austero.

Pinky, parecendo repentinamente uma de suas próprias capas de revista (vestindo roupa de alfaiate), virou-se rápido em direção à mãe.

— Nada do tipo. — repetiu, de modo direto e impessoal.

Pinky olhou ao redor do cômodo quente, empoeirado e repleto de tralhas. Ela as recolheu todas e, logo em seguida, descartou-as com um único gesto de mão.

— Nada do tipo. É.. é anacrônico.

— *Tarvez*. — retrucou a dona Merz de modo igualmente direto e impessoal. — Mas tem que ser feito de qualquer maneira. Sim, *sinhô*, tem que ser limpo.

Elas, então, trocaram sorrisos, mãe e filha. Desceram felizes os degraus em espiral do sótão, numa conversa em ritmo veloz e interrompendo-se mutuamente.

A saia da Sra. Brewster ainda estava presa na parte traseira. O cabelo, protegido pela toalha que o prendia.

— Você precisa ligar para o seu pai. Não, vamos fazer uma surpresa a ele. Você vai odiar o jantar — feito conforme o gosto da dona Merz; cozido, você sabe. Você sabe o quanto ela é despótica.

Estava bastante quente para setembro em Wisconsin. Ao saírem em direção à varanda, Pinky notou gotículas de suor sob os olhos e ao redor do queixo da mãe. De alguma forma, aquela visão a enfureceu.

— Ora, mamãe, francamente!

A Sra. Brewster soltou a saia e alisou-a com as mãos; sorriu para Pinky sem se dar conta de que mais parecia uma gorda e rosada Irmã da Divina Misericórdia com aquela toalha presa à cabeça. Com um rápido movimento, Pinky soltou a toalha, removeu-a e, com ela, secou o queixo e a fronte da mãe; em seguida, enrolou-a formando um chumaço, que arremessou em direção à porta.

— O que significa isso? — perguntou a Sra. Brewster, sem perder a compostura. — Tire o chapéu e o casaco, Pinky, mas não os trate assim... a não ser que seja assim que se faz em Nova York. Tudo passou a ser tão informal depois da guerra. — comentou de forma espirituosa a Sra. Brewster.

É claro que Pinky riu, beijando e abraçando a mãe em seguida.

— É que parece tão descabido... a senhora escarafunchando pelo sótão nos dias de hoje e com a sua idade! Ora, é... é. — Pinky sabia se expressar com muito mais clareza através das cores do que das palavras. — É que esse negócio de sótão não se usa mais. Ninguém mais limpa sótão. Eu nunca percebi... esta casa imensa. Tem sido maravilhoso voltar aqui, é claro, mas... só a senhora e o papai.

Pinky parou. Num inútil rompante de ódio, ela ergueu dois punhos fechados.

— A senhora... gosta... de limpar o sótão?

— Ora, não. Odeio.

— Então por que diabos...

— Eu sempre limpei o sótão, Pinky. Se não existem mais sótãos em Nova York, eles não foram retirados das casas em Winnibago. Vamos até o seu quarto, querida. Parece vazio. Se eu soubesse que você viria... as capas dos móveis...

— Ainda estão dentro da caixa no sótão com a etiqueta “Cps Qrt Pinky”.? — perguntou Pinky, conseguindo pronunciar a abreviatura de modo engraçado.

Aquilo arrancou da Sra. Brewster uma risada apreciativa. Uma risada não precisa ser inconsistente, aos cinquenta anos, principalmente se, no ato, o nariz enruga de felicidade. Entretanto, nenhum sorriso curvou os lábios severos da filha. Juntas, as duas subiram até o antigo quarto de Pinky (a mais velha parou para pegar a toalha amarfanhada no chão do *hall*). No caminho, pararam à porta do quarto da Sra. Brewster, tão espaçoso, em cores frias, todo em discretos tons de cinza e azul.

De repente, os olhos de Pinky se arregalaram aterrorizados. Ela, então, apontou um acusativo dedo indicador na direção de um objeto grande e escuro que estava num canto próximo à janela.

— É a velha escrivaninha de nogueira! — exclamou.

— Eu sei.

A garota se virou, um tanto satisfeita, um tanto aborrecida.

— Olhe, mamãe. Ali está um resumo do problema. Sem sombra de dúvida, há um risco preto erradicável em sua maquiagem cinza reluzente.

— Erradicável! Que palavra requintada, Pinky! Elegante! Nunca pensei em me deparar com ela fora de um livro. Além do mais, como diria dona Merz, eu não sabia que havia algum problema.

— Eu me referia ao sótão. É mais do que um problema. É uma questão de estado de espírito.

A Sra. Brewster tinha desaparecido nas profundezas do guarda-roupa. A voz soava abafada.

— Pinky, você está falando do mesmo jeito com que as pessoas falavam naquele chá que você ofereceu a mim e a seu pai, quando visitamos você em Nova York no inverno passado. — disse ela, emergindo com um belo quimono azul na mão. — Tome. Vista isto aqui. Seu pai estará em casa ao meio-dia para o almoço. Você vai querer tomar um banho, não vai?

— Vou, sim. Mamãe, é cozido? Mesmo? Num dia como o de hoje?

— Com cebola. — acrescentou com firmeza a Sra. Brewster.

Quinze minutos depois, enquanto chapinhava na banheira fria, Pinky ouviu a voz aguda da dona Merz, eufórica e com uma alegria um tanto desagradável.

— D. Brewster! Ô, D. Brewster! Achei uma traça no pijama de flanela do Seu Brewster!

Pink deixou escapar um "ah" sufocado por entre arroubos de fúria. Enfiou o punho cerrado dentro da água — *splash* — respingando imparcialmente no teto, no cabelo e no chão.

Entretanto, era uma filha afável e pacífica, que cumprimentou Hosea Brewster, enquanto ele subia mancando os degraus que levavam até a varanda. Ele firmava o arco plantar em cada degrau em vez do calcanhar e do metatarso, o que conferia ao seu andar um quê de estranho e claudicante. A garota sentiu uma pequena constrição na garganta ao perceber o mancar reumático. "São os invernos rigorosos de Wisconsin", disse a si mesma. Depois, saiu correndo de onde estava escondida:

— Surpresaaaaaaaaa!!!!

O rosto bolachudo e louro do pai, levemente ruborizado com o inesperado calor, ficou completamente vermelho. Ele largou o chapéu. Seus braços, então, envolveram-na. Ela pressionou a face jovem e macia contra aquele rosto querido, de pele áspera. E eles ficaram ali por um longo minuto... próximos.

— Precisa se barbear, papai.

— Ai, meu Deus, como eu haveria de saber que minha garota favorita estava para chegar?

Ele, então, disse, interrompendo-a:

— Qual é o problema, Pink? Eles não gostam mais das suas capas?

— Nada disso, Hosey! Não exagere! Estão decorando o meu ateliê... estucadores, essas coisas, sabe? Eu não podia trabalhar. E, aí, senti saudades de vocês.

Hosea Brewster passou pela entrada e deu um longo assovio, arrematando com umas firulas. Em seguida, virou-se para Pinky, que estava sentada no balanço da varanda.

— Sabe... — sussurrou ele em tom confidencial. — ... pensei em levar sua mãe para passar uns dez dias em Nova York. Assistir a uns shows, dar uma volta e comer naqueles "templos da perdição gastronômica". Ela adora dar uma variada.

Pinky se ajeitou no balanço, tensa.

— Dar uma variada? Papai, eu preciso falar com o senhor sobre isso. Mamãe está precisando...

Ouviram-se os passos leves da Sra. Brewster no rol. Ela vestia um avental inteiriço de algodão.

— Gostou da surpresa, papai? — perguntou ela, indo em direção ao marido e beijando-lhe o topo da cabeça.

— Estou preparando o almoço para que Gussie possa continuar a faxina do sótão. Está tudo pronto, se vocês quiserem entrar. Eu não quis servir antes que estivessem à mesa, para deixar tudo quentinho. — disse ela, lançando um olhar de felicidade para Pinky.

Enquanto estavam à mesa, porém, surgiram uma travessa com presunto frio cortado em fatias finas, uma salada crocante, um levíssimo suflê de queijo, chá gelado e uma sobremesa com cobertura de creme batido.

— Mas, mamãe, a senhora não deveria... — comentou quase que inaudível.

— Sempre há muita coisa em casa. Você sabe disso. Eu só quis provocá-la.

Papai Brewster ainda ficou em casa por uma hora depois do almoço, o que não era de hábito. Às duas da tarde, porém, já estava de volta ao frigorífico. Pinky o observou partir, com um olhar especulativo.

Ela foi ao sótão naquela tarde, às quatro, quando já estava arrumado, limpo, organizado, cheirando a sabão e a raio de sol. De pé, bem no centro do espaçoso cômodo, descansada após um cochilo, cuidadosamente penteada, vestida de sarja azul, esbelta, a verdadeira essência da modernidade, ela

observou com severa deliberação a coroa de flores dentro da moldura de nogueira; os baús; as cômodas; as caixas todas sobre as prateleiras e cuidadosamente etiquetadas com "Cx Psc de H" e "Vst Prt Gupr",

— Que barbaridade! — exclamou em voz alta, embora estivesse sozinha. — Medieval! Uma loucura! Alguém precisar pôr um ponto final nisto. É escravidão!

Em seguida, desceu as escadas e colheu margaridas silvestres para os vasos da sala de estar e sálvia escarlate para os da sala de jantar.

No entanto, levando-se em conta o semblante cansado da Sra Brewster, não havia como negar que os comentários intempestivos de Pinky encontravam alguma justificativa.

Hosea Brewster avisou, depois do jantar, que ele e Fred fariam uma hora extra com o calefator; a engenhoca precisava de ser testada em setembro antes de começar a aquecer de fato no inverno.

— Vou descer com o senhor. — disse Pinky.

— Não. Você vai ficar aqui com sua mãe. Vocês recolherão as cinzas e o pó do carvão.

Pinky, porém, foi firme.

— Mamãe está morta de cansaço. Ela vai direto para cama depois daquele sótão velho. Já vou subir para colocá-la na cama, mamãe.

Embora não tenha descido ao porão até que o trabalho de reparo estivesse quase que terminado, Pinky chegou ao recinto a tempo de presenciar a última cena. Ela se postou ao pé da escada, observando os dois homens de macacão, cobertos de fuligem e tabaco, mas felizes. Quando finalmente Hosea Brewster sacudiu as cinzas do cano preto e curto, retirou a fuligem das mãos esfregando uma contra a outra vigorosamente e começou a retirar o macacão, Pinky se aproximou. Ela, então, colocou a mão sobre o braço do pai.

— Papai, preciso falar com o senhor.

— Cuidado. Melhor não encostar em mim. Estou que é sujeira só. Boa noite, Fred.

— Ouça, papai. Mamãe não está bem.

Ele parou, com uma perna fora do macacão e a outra dentro, e olhou para a filha.

— Como? O que você quer dizer com "não está bem"? — perguntou, deixando a boca aberta e o olhar, tenso.

— Esta casa... a está matando. Ela mal conseguia manter os olhos abertos durante o jantar. É demais para ela. Ela deveria estar aproveitando a vida, como outras mulheres. É uma escrava daquele sótão e de todos estes cômodos enormes. E o senhor é outro.

— Eu? — perguntou o pai quase sem forças.

— Sim. Um escravo desse calefator. O senhor mesmo acabou de dizer a Fred que o calefator está todo danificado e que precisa de encanamento novo ou algo assim... ou sei lá sei o quê. E que o carvão está tão caro que seria mais barato se pusesse notas de dólar como combustível. Sei que estava de brincadeira, mas, em parte, é verdade. Não é? Não é?

— É, mas escute aqui, Paula.

Ele nunca a chamava de Paula, a não ser quando estava realmente muito perturbado.

— A respeito de sua mãe... você disse...

— O senhor e a mamãe precisam sair daqui no inverno, não apenas para passear, mas em definitivo. Vocês... — interrompeu ela, para dar um longo suspiro e falar o que pensava. — vocês precisam sair desta casa.

— Sair...

— Em definitivo. A mamãe e o senhor estão enterrados vivos aqui. Vocês precisam vir para Nova York para morar e viver. Vocês dois vão adorar depois de passarem uns dias lá. Não digo ir para um hotel. Eu me refiro a comprar um pequeno apartamento, um apartamento mobiliado, a princípio, a título de experiência — dois quartos e uma pequena cozinha, como numa casa de boneca.

Hosea Brewster olhou para baixo, na direção do próprio corpo volumoso, e depois para o local onde ficava o calefator.

— Mas, ouça...

— Não. Ouça o senhor primeiro. Mamãe está exausta, pode crer no que estou dizendo. Não que ela seja antiquada; não é. Ela adora teatro, chapéu bonito, sapato com fivela, lagosta, concerto.

Ele a interrompeu mais uma vez.

— Claro! Ela gosta de dar uma variada, mas a título de "dieta permanente"... Além do mais, tenho negócios a tratar aqui. Minha nossa! Tenho negócios...

— O senhor sabe perfeitamente bem que Wetzler praticamente administra tudo sozinho... ou poderia, se o senhor permitisse.

Os jovens são cruéis, quando querem que as coisas saiam do seu jeito.

Ele sequer negou. De repente, ele se sentiu velho. O coração de Pinky amoleceu um pouco.

— É que vocês estão tão habituados com este quartel todo que não percebem o quanto isso tudo os faz infelizes. Mamãe hoje disse que odiava. Eu perguntei sobre o sótão, sobre a faxina e tudo mais... e ela disse que odiava.

— Ela disse isso, Paula?

— Disse.

Ele retirou a sujeira das mãos devagar, desanimado. Havia mágoa e abatimento em seu olhar.

— Ela disse, é? Você está dizendo que ela disse? — falou pensativo, como se conversasse consigo mesmo.

Pinky, sentindo-se vitoriosa, deixou o pai a sós. Subiu rápido a escada do porão, passou pelo primeiro andar e seguiu para o segundo. A porta do quarto da mãe estava aberta.

Um pequeno abajur roxo direcionava a luminosidade sobre a mulher cansada numa das camas espaçosas e em tom cinza brilhoso.

— Não, não estou dormindo. Venha aqui, querida. Que diabos você estava fazendo no porão até esta hora?

— Conversando com o papai.

Pinky se aproximou e sentou-se na lateral da cama. Olhou para a mãe e, em seguida, curvou-se e beijou-a. Era incrível como a Sra Brewster parecia uma menina com aquela luz rosada sobre o rosto e o cabelo, farto e de um tom castanho envolvente, espalhado por sobre o travesseiro. Eram raros os fios grisalhos.

— Sabe, mamãe, acho que papai não está bem. Ele precisa sair daqui.

Como que por encanto, a juventude e o brilho se esvaíram do rosto sobre o travesseiro. Ao sentar-se, agarrando a camisola na altura do peito, pareceu velha e abatida.

— O que você quer dizer, Pinky? Seu pai... mas ele não está doente. Ele...

— Doente, não. Não quero dizer doente, na verdade, mas um tanto cansado. Aquele calefator. Ele já está farto daquela coisa; foi o que ele disse a Fred. Ele precisa de uma renovada. Ele deveria se aposentar e aproveitar a vida. Ele bem que poderia. Esta casa está matando vocês dois. Por que não a fecham, ou não a vendem, e vão para Nova York?

— Mas nós vamos. Fomos. No inverno passado.

— Não falo de uma breve viagem. Falo de morar. Peguem um apartamento pequeno de dois quartos num dos novos edifícios... perto do meu ateliê... e descansem. Divirtam-se. Conheçam outras pessoas. Vivam! Vocês estão nesta pasmaceira... os dois. Além do mais, papai precisa. Aquele reumatismo dele, com estes invernos de Wisconsin...

— E a Califórnia... poderíamos ir para a Califórnia.

— Seria apenas um paliativo. Comprem seu cantinho definitivo em Nova York e viajem sempre que quiserem, sem sentir que esta imensidão de casa está à espera de vocês. Papai odeia esta casa. Eu sei disso.

— Ele já disse isso algum dia?

— Bem, praticamente. Ele pensa que a senhora a adora. Ele...

Passos lentos subiram a escada — passos pesados e penosos. As duas mulheres ouviram em silêncio. Cada pisada parecia enfatizar as palavras de Pinky. A mais velha voltou o rosto em direção do som, os lábios separados, os olhos ansiosos, mas ternos.

— Como ele soa cansado... — disse Pinky. — e velho. E ele só tem ... Nossa! Papai só tem cinquenta e oito.

— Cinquenta e sete! — corrigiu aborrecida a Sra. Brewster, numa atitude protetora.

Pinky curvou-se em direção à mãe e beijou-a.

— Boa noite, mamãe querida. Você está tão cansada, não está?

O pai estava parado à porta.

— Boa noite, querida. Eu deveria pô-la na cama. A coisa se inverteu, não é? Biscoito e mel no café da manhã, lembra?

Pinky então se dirigiu ao seu próprio quarto (s/ masc. p/ dorm) e dormiu um sono pesado, sem sonhos, como alguém que tivesse feito um bom trabalho.

*****

Três dias depois, Pinky partiu. Ela acenou da plataforma da estação, uma Pinky radiante, esfuziante, confiante, o trabalho bem feito.

— *Au'voir!* Primeiro de novembro! Vai ser um novo começo. Vão adorar! Até o Natal, vocês serão legítimos nova-iorquinos. Bem, não vão mudar de ideia, hein?

E por volta do Natal, de algum modo, como um milagre, lá estavam eles, verdadeiros nova-iorquinos, ou tão verdadeiros e tão Nova York como qualquer um pode ser, morando num "estúdio" (apartamento duplex) que foi alugado (e mobiliado) de uma senhora que vinha a ser de Des Moines.

Ao chegarem, Pinky tinha quatro apartamentos aguardando a inspeção dos pais, o que ela lhes comunicou de forma triunfante. Como era de se esperar, sendo o primeiro inverno depois da guerra, os apartamentos em Nova York estavam mais raros do que diamante negro e tão caros quanto.

Papai Brewster, ao ouvir o preço, soltou discretamente um longo assovio e perguntou:

— Quantos quartos você disse?

— Dois e uma pequena cozinha, claro.

— Bem, só digo que a mobília tem que ser de ouro maciço para custar isso tudo... e cravejado de rubis e com detalhes em platina.

No entanto, não era assim. Na verdade, não tinha nada de sólido, de estrutura e estilo instáveis. Pinky explicou que havia reservado o melhor para o final. O que preocupava Papai Brewster era que, independente da hora em que se encontravam com o potencial senhorio, a pessoa em questão era sempre uma mulher e de chapéu. Fosse às onze da manhã, fosse às cinco da tarde.

— Essas nova-iorquinas usam chapéu dentro de casa o tempo todo? — indagou Hosea Brewster preocupado. — Acho que até dormem com eles. É de admirar que não *estejam* carecas. Talvez até estejam mesmo. Talvez seja por isso. De qualquer modo, é uma situação que faz a gente se sentir como um vendedor de livros.

— Tudo bem, papai! — confortou-o a Sra. Brewster.

Estavam no elevador que os levava até o quarto e (de acordo com Pinky) mais selecionado apartamento. Era o que se chama de "estúdio", localizado no West Sixties. O chão dos corredores era revestido de pedra vermelha e as paredes tinham um tom cinza. As portas de metal, também pintadas de cinza.

— Aí ela vai dizer "vivemos com bastante conforto aqui". Elas sempre dizem isso. Não demonstre ansiedade. — aconselhou Pinky disfarçando o riso.

— E nem medo! — acrescentou Hosea Brewster.

— É lindo mesmo! E ainda tem uma lareira de verdade. Tudo novo e de boa qualidade. Ela está pedindo duzentos e vinte e cinco. Ofereça cento e setenta e cinco e ela faz por duzentos.

— Pode apostar que vai. — resmungou Hosea.

Ela atendeu à porta... de chapéu; de chapéu em tom de hena, a cor da estação. Um vestíbulo pequeno, escuro e entulhado de móveis; uma sala de estar típica de um estúdio, clara e com pé direito alto, um tanto pequena; uma janela ocupava por completo uma das laterais. Havia ideogramas japoneses, um piano de um quarto de cauda, várias mesas, um sofá localizado como num palco de teatro, com as costas viradas para a sala e os braços, para a lareira; logo atrás, uma longa mesa com um abajur, livros e uma coisa semelhante a um pote, sem nenhum atrativo estético, como se estivesse vendo a biblioteca do segundo ato.

Hosea Brewster olhou ao redor e na direção do teto altíssimo.

— Parece que estou no fundo de um poço. — observou.

A senhora enchapelada, no entanto, não o ouviu.

— Não há sala de jantar. — apressou-se em informar. — Realmente, não há. Sempre uso esta mesa ninho. Está vendo? Puxamos assim. Cabem tranquilamente seis, oito, na verdade.

— Deus me livre! — exclamou Papai Brewster em fervilhante voz baixa.

— É uma enorme economia de tempo e trabalho.

— A... cozinha? — perguntou a Sra. Brewster.

A enchapelada ganhou ares de brincalhona.

— Vocês nem adivinham onde está a cozinha.

Ela atravessou a sala aos pulinhos.

— Estão vendo esta tela?

Eles viram, sim. Uma coisa bonita mesmo e tão bem colocada num canto da sala que parecia parte dela.

— Venham aqui.

E lá foram eles. O outro lado da tela era equipado de ganchos e, penduradas em cada um deles uma vasilha, uma panela, uma concha, uma colher. Havia também o pequeno fogão a gás, o infinitesimal refrigerador, a pia em miniatura. Tudo aquilo se perderia num canto da cristaleira dos Brewster em Winnibago.

— Nossa! Que... que maravilha!

— Não é? Completo... e prático. Já fiz assado, bife, costelinha, tudo aqui. É muito fácil.

Papai Brewster foi tomado por um enorme temor. Desconfiado, observou a pia e o minúsculo fogão.

— E as camas? — perguntou ele. — Onde estão as camas?

Ela abriu a porta do pequeno forno e ele sentiu um aperto no coração.

— Lá em cima. — respondeu ela. — É um duplex.

Um pequeno lance de escada em espiral levava até um balcão. O corrimão era preso ao teto por um simpático robe chinês. Mais dois degraus e já se chegava ao quarto... um pequeno quarto abafado, pintado em tom de rosa, com um exército de fotografias dentro de molduras prateadas sobre a mesinha de cabeceira, a prateleira, a escrivaninha. A única janela dava para uma parede de tijolos cinza.

E ficaram com o apartamento. Então, deu-se início a uma vida feliz e tranquila para o Sr. e a Sra. Brewster, de Winnibago, Wisconsin.

*****

Pinky jantou com eles na primeira noite. Riram bastante sobre uma ou outra coisa. Ela foi até a sacada, soltou o cabelo claro e debruçou-se sobre o gradil, *à la* Julieta, primeiro vestindo Hosey num traje de Romeu improvisado, mas eficiente, que consistia numa echarpe jogada sobre um dos ombros, o pequeno turbante de Pinky e uma frigideira para fingir de alaúde. Mamãe Brewster fez o papel da ama e na hora em que Hosea começou sua claudicante subida à sacada, o turbante sobre o olho e a echarpe se enrolando por sobre as pernas roliças, caíram na gargalhada.

Depois que Pinky foi embora, naquele pequeno e aconchegante apartamento de dois quartos, o casal foi tomado por uma profunda tristeza, um grande vazio e uma terrível solidão que eles jamais sonharam sentir na casa de doze quartos em Winnibago. Ficaram juntos um ao outro. Subiram com dificuldade a escada em espiral e ficaram por um momento na sacada, fingindo uma felicidade que nenhum dos dois sentia.

Ficaram deitados, imóveis, no pequeno quarto abafado cor de rosa e os sons das ruas de Nova York chegaram até eles: uma corrente solta batendo contra o para-lama de um táxi; o solavanco do bonde da Oitava Avenida; o ronco do metrô; gargalhada; o gemido de uma buzina; um piano no apartamento ao lado, no de cima, ou no de baixo.

Enquanto estava deitada, sufocada, ela pensou no quarto em cinza e azul, espaçoso, agradável, cheio de janelas, de cheiro doce, silencioso. Silencioso!

Enquanto estava deitado, sufocado, ele pensou no quarto em cinza e azul, agradável, cheio de janelas, de cheiro doce, silencioso. Silencioso!

Então, como havia perguntado naquela noite de setembro:

— Dormindo, mãe?

— N... não. Ainda não. Só cochilando.

— São as camas esquisitas, acho, mas vai ser ótimo. Ótimo!

— Ah, sim! — concordou entusiasmada a Sra. Brewster.

Acordaram cansados no dia seguinte. Papai Brewster, em Winnibago, sempre assoviava desafinado uma música triste, quando se barbeava. Quanto mais melancólica a melodia, mais feliz a esposa sabia que ele estava. Ela também aprendeu a marcar em que estágio do barbear ele se encontrava por esse ou aquele pedaço do refrão. Às vezes, ele cantava (também desafinado), e ouvia-se seu urro animador por toda a casa. Quanto mais alto urrava e mais triste a melodia, melhor estava seu estado de espírito. Milly Brewster sabia disso. Ela nunca soube que sabia daquilo. Nem ele. Era só um exemplo de experiência conjugal subconsciente que contribui para a felicidade e a compreensão.

Quando ele cantava *The Dying Cowboy's Lament*[2] e chegava ao trecho "*Oh, take me to the chuchyard and lay the sod o-o-ver me*[3]*!*", a Sra. Brewster costumava dizer "Gussie, o Sr. Brewster vai descer em dez minutos. Pode fazer os ovos".

*****

Nos felizes meses que passaram na Rua Sessenta e Sete, Hosey Brewster não cantou *The Dying Cowboy's Lament* nem assoviou *In the Sweet By-and-By*[4]. Não; ele não assoviou mesmo, ou quando o fez, eram trechos de jazz ouvidos no teatro ou num restaurante na noite anterior. Ele não enganava ninguém, muito menos a si próprio. Por vezes, a voz se perdia dentro do nada, mas ele recuperava a melodia e erguia-a, num esforço hercúleo, como se fosse um peso físico.

Teatro! Música! Restaurantes! Chás! Compras! A vida prazerosa!

— Você está se divertindo, Milly?" — perguntava ele.

---

[2] O lamento do caubói moribundo. (n.t.)
[3] "Oh, leve-me para o cemitério e jogue a terra sobre mim". (n.t.)
[4] No doce depois. (n.t.)

— Como nunca, pai.

O cabelo da Sra Brewster fora penteado com aquelas ondulações geométricas que, sem as quais, nenhuma plateia de Nova York se sente devidamente vestida. Com o passar do tempo, passaram a ver Pinky com menos frequência, o que fez diminuir o senso de responsabilidade da filha. Além do mais, as capas das revistas tomavam boa parte do seu dia. Ela ofereceu um chá ao pai e à mãe no seu próprio apartamento e o chapéu, os chinelos, o vestido e os modos da Sra. Brewster se igualaram em estilo, corte e textura aos de qualquer outra mulher presente, fato que a surpreendeu bastante até conversar com cinco ou seis delas.

Ela e Hosey vagueavam juntos e comparavam observações.

— Milly... — confidenciou ele. — ... elas são todas de Wisconsin... ou de algum lugar próximo: Michigan, Minnesota, Iowa, por ali. Pelo que posso perceber, só existe uma nova-iorquina naquele monte.

— Qual delas?

— Aquela baixinha lá, de roupa simples... de semblante sensato e tailleur azul. Eu estava conversando com ela. Nasceu aqui em Nova York, mas não mora aqui... quer dizer, não na cidade. Mora longe do centro, numa casa.

O olhar da Sra. Brewster adquiriu uma certa expressão.

— É mesmo? Eu gostaria de conversar com ela, Hosey. Leve-me até lá.

Ela realmente conversou com a mulher no sóbrio tailleur azul. E a discreta mulher lhe disse:

— Ah, querida, é verdade.

Ela ignorou de forma fascinante os “erres” da Sra. Brewster, como os nova-iorquinos fazem.

— Moramos em Connecticut. Sabe, vocês de Wisconsin, lotaram tanto Nova York que acabaram por nos expulsar; não se pode nem respirar. Como se pode viver[5] aqui? Quero dizer... viver mesmo. E as crianças? Não há lugar para crianças, adultos ou seja lá quem for. Adoro! É verdade. Adoro, mas é muito difícil.

A Sra. Brewster defendeu seu ponto de vista como uma verdadeira natural do oeste dos Estados Unidos.

[5] No original em inglês há uma ambiguidade aqui, dada a polissemia do verbo *live*, que tanto significa viver como morar. Na tradução, essa ambiguidade se perde por haver em português dois verbos distintos para cada um significado. (n.t.)

— Mas se você tiver um pequeno apartamento com uma pequena cozinha...

A nova-iorquina riu. Não havia nada de malicioso nela, mas ela riu.

— Eu tentei. Ainda há um pedaço da minha alma que está amassado por causa do aperto. É tudo amontoado. Isso sem falar que nos escraviza. Ah... aquela pequena cozinha enganadora, mentirosa.

Aquela foi a única mulher com quem a Sra. Brewster havia conversado — mesmo — desde que saiu de Winnibago. Ela gostava das mulheres. Sentia falta. No começo, ficava observando inquisitiva e especulativamente as que via na Quinta Avenida. Luxuosamente envoltas em peles raras, com penteados e chapéus maravilhosos, calçando as mais delicadas botas e meias, exalando um perfume misterioso e inebriante, pareciam mais estranhos pássaros exóticos do que mulheres.

As atendentes nas lojas também — eram tão distantes, tão esnobes. Ao entrar na Gerretson's em Winnibago, Nellie Monahan provavelmente lhe diria:

— Certamente, a senhora tem um bocado de roupa que foge do azul, Sra. Brewster. Vejamos, a senhora comprou umas duas ou três peças nesta primavera? Minha nossa! Deixe-lhe mostrar nossa nova gama de cinza amarronzado.

*****

Papai Brewster passara a conversar com o porteiro. Aquele indivíduo inflexível, sem o costume de ser abordado como um ser humano, a princípio se espantou, mostrando-se carrancudo e desconfiado. No entanto, acabou cedendo às amistosas e diretas investidas de Hosey. Tornaram-se bons amigos os dois — dois homens solitários, fáceis de se encontrar na solitária Nova York.

— Acho que o senhor *num* é de Nova York, é? — disse Mike.

— Eu? Não.

— A maioria do pessoal no edifício num é.

— *Num* é. — confirmou impressionado Hosea Brewster. — São artistas, não são? A maioria?

— Não. Gente de fora da cidade, a maioria, como o senhor. Do oeste, Iowa, Califórnia, por ali. Só que moram aqui. Deve ser melhor do que o lugar de onde vêm. *Num* sei.

Hosey Brewster passou a observá-los assim como a Sra. Brewster observava as mulheres. Ele também se questionava sobre aqueles homens asseados, empertigados, esbaforidos, confortavelmente abotoados dentro dos reluzentes sapatos e das roupas feitas sob medida, o pescoço avolumado por uma dobra de gordura por sobre a parte de trás do colarinho de linho branco. Ele sabia que jamais seria como eles. Não era o sapato de bico quadrado que ele usava que fazia a diferença, ou o chapéu cinza, ou as calças largas. Era algo dentro dele... algo que ele não tinha, imaginou. Nunca lhe ocorreu que era algo que ele possuía e que eles não.

— Está gostando, Milly?

— Eu diria que sim, papai.

— Que bom! Sem tarefas domésticas e responsabilidades, certo?

— Só diversão!

Ela odiava o fogãozinho a gás, o minúsculo refrigerador e a despensa com porta de telinha. Durante toda a sua vida de casada, teve uma vida doméstica farta, generosa: tonéis de maçãs, barris de manteiga, sacas de farinha, caixas de ovos, caixas de açúcar, potes de creme. Às vezes, dizia a si mesma, em tom amargurado, que era mais fácil cuidar de doze cômodos arrumados e habitáveis do que de uma combinação de cozinha, sala de jantar e sala de estar.

— As costeletas estão boas, Hosey?

— Divinas! Mas você não deveria passar seu tempo na cozinha. Amanhã vamos todos comer fora, em algum lugar, e depois vamos assistir a um espetáculo.

— Você está gostando daqui, não está, Hosey?

— Isto é que é vida, mamãe. Isto é que é vida!

*****

Ele foi perdendo o tom corado da pele. Passou a caçar seções de utensílios de cozinha em lojas de departamento. Voltava para casa com um novo modelo de batedor de creme ou um aparelho patenteado para o banheiro. Satisfeito, futucava o tal dispositivo, colocando um prego, ajustando um parafuso. Nessas ocasiões, era famoso por começar a assoviar um trecho de alguma canção melancólica do mesmo jeito que costumava cantarolar. Ele, porém, mudava rápido para algo mais animado. O preço da manteiga, dos ovos, do leite, do creme e similares deixou horrorizada sua "sensibilidade de frigorífico" de Wisconsin. Com frequência, costumava ir até o Fulton

Market antes do raiar do dia e caminhava por entre as barracas e as lojas abarrotadas de comida de todo tipo. Conversava com comerciantes, fregueses e barraqueiros e saía se sentindo quase feliz, pelo menos por um tempo.

Foi então que, um dia, chocado, de certa forma, ele se lembrou de um fazendeiro de Winnibago. Conhecia os fazendeiros das redondezas, naturalmente, em razão de sua atividade comercial. Era um velho conhecido, um dos fazendeiros mais prósperos da comunidade rural de Wisconsin. Por causa da família, mudou-se para a cidade, um amigo de pisar firme, inteligente, gentil, o rosto corado e emoldurado por uma barba ruiva. Venderam a fazenda por um ótimo preço e compraram uma casa em formato de caixote na Rua Franklin. Não fazia outra coisa a não ser aproveitar a vida. Era comum vê-lo na varanda cedo, bem cedo, nas manhãs de verão.

Era comum vê-lo perambulando pelo jardim, tirando um matinho aqui, uma plantinha ali. Então, uma solidão terrível o acometeu; uma solidão causada pela terra que deixou. Aos poucos, sem resistência, o solo o tragou e tragou com sua força negra e seus elos verdes até que ele desistisse de lutar e lá deitasse agarrado gentilmente ao seu seio, a amante que ele pensou em abandonar e que o recuperou final e eternamente.

— Não sei o que o abateu. — disse a viúva chorando. — Parece que simplesmente se deixou consumir pela tristeza.

*****

Foi numa manhã de abril — uma manhã tranquila e dourada de abril — quando a lembrança desse episódio tomou Hosey Brewster de assalto. Estar no Fulton Market o tinha deprimido. Algo naquele lugar — as hortaliças frescas e cobertas de orvalho, os caixotes com ovos, a manteiga, o queijo — fez com que sentisse uma saudade de casa que chegou a lhe dar vontade de vomitar. Dentro da estação do metrô, quando rumava em direção à área residencial da cidade, ele viu sua imagem refletida no espelho de um caça-níquel. O rosto pálido e um tanto encolhido. Olhou para as mãos. A pele pendia flácida, onde outrora placas de gordura a mantinham esticada.

— Minha nossa! — exclamou. — Minha nossa, eu...

Ele então pensou no fazendeiro de rosto vermelho que costumava entrar no frigorífico fincando ruidosamente as botas no chão, vestindo um casaco de couro de búfalo. Um temor tomou conta de Hosey Brewster, deixando-o fraco, vulnerável.

A gélida grandiosidade da entrada do edifício cravou-lhe o peito, como uma punhalada. Hoje pela manhã, o reluzente elevador causou-lhe uma espécie de tontura. Talvez ele não devesse ter saído sem fazer o desjejum. Desceu vagarosamente o corredor revestido de pedras, virou a chave com todo o cuidado. Talvez ela ainda estivesse dormindo. Girou a maçaneta bem devagar. Entrou pé ante pé e, ao virar-se, tropeçou num objeto de madeira que estava bem no meio do caminho no pequeno *hall* mal iluminado.

Uma canela contundida. Um senhor palavrão, de fazer corar.

— Hosey! O que foi? O que... — exclamou ela vindo ao encontro do marido, conduzindo-o até o iluminado cômodo da frente.

— O que era aquilo? Uma caixa ou algo do tipo, bem em frente à porta. Que diabo...

— Oh, mil desculpas, Hosey. Às vezes, você toma o café da manhã no centro. Eu não sabia...

Algo na voz dela... ele parou de esfregar a canela machucada para olhar para a esposa. Em seguida, ele foi se endireitando devagar, com a boca aberta de um jeito cômico. A cabeça da mulher estava envolta numa toalha branca. A saia, presa na parte traseira. As mangas, enroladas. Cadeiras, mesas, tapetes, enfeites estavam amontoados numa promíscua pilha. A Sra Hosea C. Brewster limpava a casa.

— Milly! Não foi justamente para fugir disso que você veio para cá? Se Pinky...

— Não foi minha intenção, papai, mas, quando acordei hoje de manhã, encontrei uma carta... uma carta da proprietária do apartamento. Ela me pedia que eu fosse até o armário do *hall* — que ela reservou para guardar as próprias coisas — destrancasse-o, retirasse uma caixa e pedisse que o criado a despachasse para ela. Foi o que eu fiz. Veja!

Claudicando discretamente, ele a seguiu. Ela acendeu a lâmpada que pendia do teto dentro do closet. Caixas — caixas de papelão — cada uma exibindo uma identificação misteriosa escrita a lápis que encarava quem a visse. "Crt Ap Inv" dizia uma; "Cap. Ver. Qu", informava uma outra, "Conj. Ban & Prt-Rets".

A Sra. Brewster virou-se para o marido, meio envergonhada, e, ao mesmo tempo, em tom desafiador:

— Não sei, mas me fez sentir não saudades de casa, Hosey. Não saudade de casa exatamente, mas... bem, acho que não sou a única mulher a ter um

traço marrom na maquiagem moderna. Essa mulher também... abriu a porta de chapéu e, mesmo assim...

A verdade — a mais pura e cristalina verdade — tomou conta dele.

— Mamãe... — disse ele, levantando-se e assumindo de repente uma robustez, uma virilidade, uma vivacidade. — ... mamãe, vamos para casa.

Automaticamente, ela começou a desprender a saia que havia amarrado na parte de trás.

— Quando?

— Agora.

— Mas, Hosey... Pinky... este apartamento... até junho.

— Agora! A não ser que você queira ficar. A não ser que você goste deste... deste troço esquisito, duplex que chamam de "estúdio" que mais parece de brinquedo. Vamos para casa, mamãe. Vamos para casa e... respirar.

Em Wisconsin, é possível ver neve em abril — neve integral ou parcialmente derretida. Os Brewster viram os dois. Apesar disso, quando voltavam da estação de táxi, na charanga de Gene Buck, sorriram para o chão coberto de neve como se fosse um tapete de margaridas.

Na esquina das ruas Elm e Jackson, Hosey Brewster colocou a cabeça para fora da janela:

— Poderia parar aqui, Gene, por favor?

Pararam em frente ao açougue de Hengel e Hosey entrou. A Sra. Brewster recostou no banco sem tecer comentários.

Dentro da loja:

— Vejo que já voltaram do leste. — comentou Aug Hengel.

— É.

— Achei que vocês tivessem ido de vez. Ficaram por lá tanto tempo.

— Não, senhor! Aug, quero aquele pedaço de bacon, aquele grande. Amanhã, mande entregar também carne enlatada para preparar carne com repolho. Vou levar bife para hoje. Uns dois quilos mais ou menos. Está bom.

Ele achava que só uma costela de boi para tirar de sua boca o gosto daquelas insignificantes costelinhas de cordeiro e da conta do restaurante dos últimos seis meses.

*****

Durante todo o inverno, Fred manteve a casa relativamente aquecida, sempre atento à água que congelava no encanamento. Uma certa frieza pairava pela casa no momento em que abriram a porta. Já era fim de tarde. A casa estava em profundo silêncio, o silêncio de uma residência há muito desabitada. Os dois ficaram ali por um instante, olhando para o interior dos cômodos escuros. Foi quando Hosea Brewster caminhou a passos largos, abriu as cortinas, uma a uma, com um rápido movimento, pá! Bateu os pés para remover a neve derretida. Retirou o chapéu, jogou-o para o ar, abriu os braços e soltou um grito de alegria e alívio.

— Que bom voltar para casa! Casa!

Ela se agarrou ao marido.

— Oh, Hosey! Não é uma maravilha? Quanto espaço! Imensa!

— Terreno! — exclamou ele, indo do corredor para a sala de jantar, da cozinha para a biblioteca. — Agora eu sei como se sente um boneco de mola quando a tampa da caixa se abre. Não é de admirar que sorria e balance os braços.

Conversaram pouco depois disso. Por volta das cinco, já estava no porão. Ela o ouviu chacoalhar, bater, sacudir, martelar, cavar. Sentia o odor ácido do largo encanamento preto.

— Hosey! — gritou ela do topo da escada que levava ao porão. — Hosey, traga uma lata de conserva, quando subir.

— O quê?

— Lata de conserva.

— De que tipo?

— Do que você quiser.

— Posso levar dois tipos?

Ele levou geleia de marmelo e ameixas selecionadas. Colocou os potes sobre a mesa da cozinha e olhou ao redor, batendo as mãos uma contra a outra para retirar a poeira.

— Agora o calefator está funcionando que é uma beleza! Ah, esse Fred! Entende tanto de aquecedor quanto um bebê. A casa está ficando aquecida?

Entrou na sala de jantar com passos firmes e sonoros, passou pela despensa, mas retornou numa piscadela, com os olhos arregalados.

— Admita, mamãe! A senhora tem a melhor louça, a melhor prataria, as melhores velas, o melhor tudo! E a toalha de mesa com uns troços estampados? Nossa!

— Eu sei disso!

Ela abriu a porta do forno, retirou um tabuleiro de biscoitos e, com habilidade, deslizou-o pela lateral.

— Parece que nunca ponho o suficiente na assadeira. Vou usar as travessas maiores e coloquei as extensões extras na mesa. Cabem dez com folga. Quero tudo exagerado. Fiz batata para um batalhão. Sei que é um desperdício, mas não me importo. Não vou tirar o avental para comer, se você ficar de macacão. Vamos.

Ele cortou a carne. Uma fatia enorme, grossa. Ele sabia que ela não conseguiria comer e ela sabia que não conseguiria comer. No entanto, comeu tudo extasiada. Numa espécie de Nirvana enlevado, a quietude, a vastidão e a paz daquela casa enorme invadiram os dois.

Inesperadamente, o telefone do corredor tocou.

— Deixe que eu atendo, Milly.

— Ué! Quem será? Ninguém sabe que estamos...

Ele ao telefone:

— Quem, quem? Ah.

Ao retornar:

— Era a D. Merz. Ela disse que Minnie passou por aqui às seis e viu a luz acesa. Ela... Alô? Como?... Ela quer saber se é para ela reservar um dia no fim do mês para a faxina de abril.

A Sra. Brewster tomou o fone da mão do marido.

— No dia vinte e cinco, como de costume, D. Merz. No dia vinte e cinco, como de costume. O sótão tem que ficar um brinco!

LONGA DISTÂNCIA

Chet Ball pintava de amarelo uma galinha de madeira. A galinha de madeira estava montada sobre uma tábua seis por doze. A tábua, por sua vez, montada sobre quatro rodízios. O conjunto seria, por fim, puxado por uma corda guiada pela mão gordinha e suada de alguma abençoada criança de cinco anos.

Percebe-se a incongruência da ideia no instante em que o olhar recai sobre Chet Ball. Só os ombros pareciam bem mais largos, se comparados a qualquer brinquedo de madeira jamais concebido, incluindo o Cavalo de Troia. Tudo nele, das enormes mãos de dedos toscos que seguravam a galinha ridícula até a pilastra de músculos que lhe constituíam o pescoço, estava na razão inversa à do seu ofício, do seu ambiente e de sua atitude.

Chet era natural de Chicago, Illinois (costa oeste); era eletricista da Gas, Light & Power Company; trabalhava no topo de um poste, seguro no perigoso poleiro por um cinturão de couro e por pura sorte que podem deixar qualquer um na mão em caso de emergência.

Naquele exato momento, ele se recostou no travesseiro, acariciando satisfeito o absurdo brinquedo amarelo. Uma descrição do ambiente pareceria as páginas de 3 a 17 de um romance da Sra. Humphry Ward[6]. Era repleto de gramados, varandas, relógios de sol, praias e rododendros, sem os quais nenhum romance inglês ou propriedade rural estaria completa. A figura de Chet Ball em meio aos travesseiros e mais centenas similarmente dispostos, a princípio, dava a impressão de que aquela construção inglesa em particular havia sido transformada no Hospital de Reabilitação número 9.

Com a pintura da galinha concluída (incluindo os dois olhos pretos, redondos como duas contas), Chet estava momentaneamente perdido. A Srta. Kate não lhe havia dito para parar de pintar quando a galinha estivesse terminada. A Srta. Kate estava do outro lado da ensolarada alameda do jardim, curvada por sobre uma cadeira de rodas. Assim, Chet continuou a pintar tranquilamente. Uma a uma, com meticulosa precisão, pintou as próprias unhas de um reluzente amarelo vivo. Em seguida, pintou toda a unha do polegar esquerdo e já estava começando a segunda junta do indicador, quando a Srta. Kate veio por trás e gentilmente tirou o pincel da mão forte de Chet.

---

[6] Mary Augusta Ward, escritora, embora australiana de nascimento, passou boa parte da vida na Inglaterra. Boa parte da sua obra versava sobre questões religiosas. (n.t.)

— Você não deveria ter pintado os dedos. — disse ela.

Chet os inspecionou com orgulho.

— Estão lindos.

A Srta. Kate não entrou no mérito da questão. Colocou a galinha de madeira recentemente pintada sobre a mesa para secar ao sol. Seus olhos se fixaram sobre uma carta com um carimbo postal americano e endereçada ao Sargento Chester Ball, com várias letras e números enigmáticos que vinham logo após o nome, como A.E.F e Co. 11.

— Uma carta para você! — disse ela, adicionando bastante alegria ao tom de voz. Chet, porém, dirigiu um olhar lânguido ao envelope e disse:

— É?

— Vou ler para você. Posso? É bem longa!

Chet recostou-se indiferente, aquiescendo negativamente. Então, a Srta Kate começou a ler com sua voz clara e jovem, sob o sol e envolta pelo perfume do centenário jardim inglês.

Marcou uma época na vida de Chet... aquela carta. Atravessou o Oceano Atlântico, lá dos tempos de Chicago de Chester Ball, antes mesmo de ele ouvir falar de jardins ingleses.

O verdadeiro eletricista tem um jeito intrépido com as mulheres, assim como todo homem de profissão arriscada. Chet era um profissional brilhante. Escalava um poste, amarrava o cinturão de segurança, abria a caixa de ferramenta, manuseava o alicate destreza de especialista e tornava a descer em tempo recorde. Era um prazer para ele — e, ao que parece, era um prazer e um privilégio para todas as equipes de eletricistas no mundo todo — assoviar todo alegre e mexer impudentemente com alguma moça que lhe chamasse a atenção.

Empoleirado a menos de um metro do alto do gigantesco poste, ele se agarrava protegido, ao que parece, por uma alguma força que desafiava intrepidamente a lei da gravidade. De quando em vez, para amenizar o tédio do ofício, ele e a equipe mexiam com alguma moça que passava pela rua: "Ei! Ei! Oi, boneca!".

Não havia maldade. Chet então vinha logo em socorro da belezura em perigo tão rápido quanto Dom Quixote. Qualquer homem com um blusão azul tão limpo, com um rosto tão bem barbeado e com um corte de cabelo tão bem feito quanto os de Chet Ball não possui nem um traço de maldade. Um certo destemor adveio da profissão — um ofício em que um controlador descuidado, o cortar de um fio ou um cinturão de segurança mal colocado

pode significar morte instantânea. Normalmente, as moças riam e respondiam aos gracejos ou então apertavam o passo, as bochechas levemente mais coradas.

Não foi o caso de Anastasia Rourke. Na manhã do primeiro dia de um serviço que durou duas semanas na nova fábrica da Western Castings Company, Chet Ball, olhando tonto empoleirado no alto de um poste, observou a Srta. Anastasia Rourke indo para o trabalho. Ele não sabia o nome dela ou qualquer coisa a seu respeito, a não ser o fato de que era bonita. Era visível, até mesmo a uma distância maior do que a que estava Chet. Só não se sabia, porém, que Stasia não era uma senhora a quem se pudessem dirigir gracejos. Nós sabemos que nome dela era Rourke, mas ele, não.

Foi então que:

— Ei! Ei! — gritou ele. — Oi, boneca! Aguarde que eu já desço.

Stasia Rourke ergueu o rosto em direção às alturas, onde ele estava empoleirado, bem distante da rua cá embaixo. As bochechas estavam mais rosadas do que de costume, fazendo-as beirar o vermelho.

— Ei! Ô macacão! — gritou ela em alto e bom som. — Se você estivesse aqui em baixo, você não teria a coragem de mexer com uma moça decente. Se você estivesse aqui em baixo, eu lhe daria um tapa na cara! Você sabe que está em segurança aí em cima.

Mal aquelas palavras lhe saíram da boca, as pernas musculosas de Chet Ball já estavam descendo rápido o poste. Os calcanhares munidos de espora de Chet fincaram o pinho de que era feito o poste, provocando intermitentes ruídos rascantes. Caminhou em direção a Stasia e ficou parado bem à sua frente, quase dois metros de vigor físico e atrevimento. Um rosto vermelho foi o que se apresentou ao seu semblante surpreso.

— Olá, boneca! — disse Chet.

E aguardou. A garota Rourke hesitou apenas por um segundo. Seu coração irlandês se derretia diante da audácia pueril daquele homem. Ela, então, ergueu a mão e esbofeteou o rosto macio de Chet. Foi uma bofetada retumbante. Os quatro dedos ficaram marcados no rosto dele. Chet se endireitou, os olhos ainda mais azuis. Stasia ergueu o olhar em direção a ele, os olhos arregalados. Em seguida, olhou para baixo, na direção da própria mão, como se fosse de outra pessoa. Moveu-a em direção ao próprio rosto. Aos prantos, virou-se e correu. Enquanto corria e chorava, viu que Chet ainda estava no mesmo lugar, olhando para ela.

Na manhã seguinte, quando Stasia Rourke ia para o trabalho, Chet Ball estava de pé, perto do poste, aguardando.

Era para os dois terem se casado no mês de junho daquele ano. No entanto, naquele mês de junho, Chet Ball, perigosamente empoleirado no galho de uma árvore em alguma floresta na França, foi uma das razões por que a artilharia norte-americana, naquela mesma floresta, estava chegando a uma perigosa distância do inimigo. O uniforme de Chet foi tão bem projetado que, mesmo usando binóculos (produzidos na Alemanha), não se poderia identificar onde terminava a árvore e onde começava Chet.

Foi quando, inesperadamente, os alemães acertaram o alvo. A árvore em que Chet estava escondido foi derrubada com um estrondo. Chet ficou deitado, mais do que nunca indistinguível em meio à tenra folhagem.

É aí que voltamos ao jardim inglês, à galinha amarela, à Srta. Kate e à carta.

A perna fraturada havia sido reconstituída graças a um desses milagres da moderna cirurgia de guerra, embora nunca mais ele voltasse a fincar os calcanhares munidos de espora no pinho de que era feito o poste da G.L. & P. E ainda há uma outra coisa: classificaram toda a situação sob o genérico termo "choque". No lindo jardim inglês, puseram-no para tecer e pintar a título de acalmar os nervos abalados. Tinha produzido de tudo: de potes de barro a cordões de conta, de cestos a tapetes. Aos poucos, foi acalmando o sistema nervoso afetado. Os médicos, porém, quando paravam à beira da cama ou da cadeira de Chet, falavam sempre do "centro de memória". Chet parecia satisfeito em continuar a pintar brinquedos ou confeccionar cordões com os enormes dedos de ponta quadrada — os dedos que haviam manuseado alicates com tanta destreza durante os seus tempos de escalar poste.

— É algo que só a sorte ou um acidente poderá curar. — disse o especialista em sistema nervoso. — Só com o tempo, mas eu não creio. Às vezes uma palavra... a palavra certa... vá detonar o processo. Ele recebe cartas?

— Da namorada. Cartas bonitas. Só que ela ainda não sabe sobre... sobre isso. Eu tenho escrito as cartas por ele. Ela já sabe que a perna foi recuperada e quer saber...

Isso foi há um mês. Hoje a Srta. Kate abriu o envelope com o carimbo postal de Chicago. Chet passava os dedos pela galinha de madeira amarela com orgulho nos olhos. Nos da Srta. Kate, havia perplexidade e inquietação quando começou a ler:

> "Querido Chet, está chovendo em Chicago. E você sabe que, quando chove em Chicago, fica mais úmido, mais lamacento, mais chuvoso do que em qualquer outro lugar do mundo. A não ser, talvez, por esse tal de Flandres sobre o qual temos lido tanto. Dizem que o lugar é famoso por ter chuva e lama."

Não sei por que continuo a falar de chuva e lama, querido Chet, se é em você que estou pensando. Nada mais e ninguém mais. Chet, sinto que há alguma coisa que o está afastando de mim. É algo mais grave do que a perna. Caramba, você não sabe que não faz diferença para mim como você está, como se sente, ou seja lá o que for? Não me importa a gravidade dos seus ferimentos. Eu preferiria ter você sem olho, sem nariz, sem boca do que outro homem com dois rostos. O que quer que tenha acontecido com a sua aparência física não poderá ter mudado o seu interior. E você é o mesmo homem que mexeu comigo naquele dia: "Ei, ei! Olá, boneca!" e, quando eu resolvi lhe dar atenção, você desceu do poste e deu a cara ao tapa. Que Deus abençoe o menino que existe dentro de você...

Um discreto som agudo veio dele. A Srta. Kate ergueu os olhos rápido. Chet Ball estava com o olhar fixo na galinha amarela de olhos em formato de conta que tinha nas mãos.

— O que é isto? — indagou ele com um tom de voz estranho.

A Srta Kate respondeu bem devagar, tentando fazer a voz soar tranquila e natural.

— É uma galinha de brinquedo, feita de madeira.

— E o que estou fazendo com ela na mão?

— Você acabou de pintá-la.

Chet Ball a segurou com a imensa mão e olhou fixamente para ela por um breve momento, lutando entre a raiva e o prazer. E entre a raiva e o prazer, ele a pôs sobre a mesa sem muita delicadeza e levantou-se, dando um pequeno bocejo.

— Que trabalho mais desgraçado para um macho!

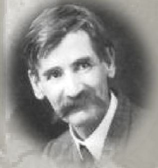
Em seguida, profundamente arrependido, disse:

— Oh, peço suas desculpas. Foi grosseiro da minha parte. Eu não...

Não havia nenhum espanto na fisionomia da Srta Kate. Ela transparecia felicidade... pura felicidade.

Contos breves

Henry Lawson



O texto: Os contos "Rats" (1893), "Remailed" (1894) e "In a Dry Season"(1892) foram publicados originalmente em periódicos australianos destinados ao público operário, como o *Bulletin* e o *Worker*, e receberam sua primeira edição somente em 1896, com a publicação da coletânea *While the Billy Boils*. A prosa de Lawson ficou célebre por retratar a vida do interior da Austrália com um realismo, ao mesmo tempo, melancólico e cômico. Seus contos, destinados ao vasto público alfabetizado de trabalhadores rurais e desempregados, vítimas da depressão econômica dos anos 1890, ajudaram a definir uma identidade nacional a partir do interior, lançando, assim, muitos mitos para o imaginário nacional.

Texto traduzido: Lawson, Henry. *Prose Works*. Sydney: Angus and Robertson, 1948.

O autor: Escritor e poeta australiano, Henry Lawson (1867-1922), nasceu no seio de uma família humilde, trabalhando, desde tenra idade, para ajudar seu pai, que era carpinteiro. Em 1883, mudou-se para Sidney, onde se juntou à mãe, Louisa Lawson, famosa sufragista e feminista australiana, na edição do periódico *The Republican*, ofício que exercia paralelamente a seu trabalho como pintor de paredes. Na década de 1890, produziu grande parte de sua obra e teve seus contos reunidos pela primeira vez em livro em 1896. Para muitos críticos do século XX, Lawson é a personificação da literatura australiana.

O tradutor: Gustavo A. Matte, mestrando em Teoria da Literatura pela PUC/RS, é bacharel em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde desenvolveu projeto de pesquisa sobre tradução de literatura australiana, em colaboração com o prof. Ian Alexander (UFRGS).

Short Stories

"His thoughts are far away in the back years — faint and far, far and faint."

HENRY LAWSON

RATS

"Why, there's two of them, and they're having a fight! Come on."'

It seemed a strange place for a fight — that hot, lonely, cotton-bush plain. And yet not more than half a mile ahead there were apparently two men struggling together on the track.

The three travellers postponed their smoke-ho and hurried on. They were shearers — a little man and a big man, known respectively as "Sunlight" and "Macquarie," and a tall, thin, young jackaroo whom they called "Milky."

"I wonder where the other man sprang from? I didn't see him before," said Sunlight.

"He muster bin layin' down in the bushes," said Macquarie. "They're goin' at it proper, too. Come on! Hurry up and see the fun!"

They hurried on.

"It's a funny-lookin' feller, the other feller," panted Milky. "He don't seem to have no head. Look! he's down — they're both down! They must ha' clinched on the ground. No! they're up an' at it again.... Why, good Lord! I think the other's a woman!"

"My oath! so it is!" yelled Sunlight. "Look! the brute's got her down again! He's kickin' her. Come on, chaps; come on, or he'll do for her!"

They dropped swags, water-bags and all, and raced forward; but presently Sunlight, who had the best eyes, slackened his pace and dropped behind. His

mates glanced back at his face, saw a peculiar expression there, looked ahead again, and then dropped into a walk.

They reached the scene of the trouble, and there stood a little withered old man by the track, with his arms folded close up under his chin; he was dressed mostly in calico patches; and half a dozen corks, suspended on bits of string from the brim of his hat, dangled before his bleared optics to scare away the flies. He was scowling malignantly at a stout, dumpy swag which lay in the middle of the track.

"Well, old Rats, what's the trouble?" asked Sunlight.

"Oh, nothing, nothing," answered the old man, without looking round. "I fell out with my swag, that's all. He knocked me down, but I've settled him."

"But look here," said Sunlight, winking at his mates, "we saw you jump on him when he was down. That ain't fair, you know."

"But you didn't see it all," cried Rats, getting excited. "He hit *me* down first! And look here, I'll fight him again for nothing, and you can see fair play."

They talked awhile; then Sunlight proposed to second the swag, while his mate supported the old man, and after some persuasion, Milky agreed, for the sake of the lark, to act as time-keeper and referee.

Rats entered into the spirit of the thing; he stripped to the waist, and while he was getting ready the travellers pretended to bet on the result.

Macquarie took his place behind the old man, and Sunlight up-ended the swag. Rats shaped and danced round; then he rushed, feinted, ducked, retreated, darted in once more, and suddenly went down like a shot on the broad of his back. No actor could have done it better; he went down from that imaginary blow as if a cannon-ball had struck him in the forehead.

Milky called time, and the old man came up, looking shaky. However, he got in a tremendous blow which knocked the swag into the bushes.

Several rounds followed with varying success.

The men pretended to get more and more excited, and betted freely; and Rats did his best. At last they got tired of the fun, Sunlight let the swag lie after Milky called time, and the jackaroo awarded the fight to Rats. They pretended to hand over the stakes, and then went back for their swags, while the old man put on his shirt.

Then he calmed down, carried his swag to the side of the track, sat down on it and talked rationally about bush matters for a while; but presently he grew silent and began to feel his muscles and smile idiotically.

"Can you len' us a bit o' meat?" said he suddenly.

They spared him half a pound; but he said he didn't want it all, and cut off about an ounce, which he laid on the end of his swag. Then he took the lid off his billy and produced a fishing-line. He baited the hook, threw the line across the track, and waited for a bite. Soon he got deeply interested in the line, jerked it once or twice, and drew it in rapidly. The bait had been rubbed off in the grass. The old man regarded the hook disgustedly.

"Look at that!" he cried. "I had him, only I was in such a hurry. I should ha' played him a little more."

Next time he was more careful. He drew the line in warily, grabbed an imaginary fish and laid it down on the grass. Sunlight and Co. were greatly interested by this time.

"Wot yer think o' that?" asked Rats. "It weighs thirty pound if it weighs an ounce! Wot yer think o' that for a cod? The hook's half-way down his blessed gullet!"

He caught several cod and a bream while they were there, and invited them to camp and have tea with him. But they wished to reach a certain shed next day, so — after the ancient had borrowed about a pound of meat for bait — they went on, and left him fishing contentedly.

But first Sunlight went down into his pocket and came up with half a crown, which he gave to the old man, along with some tucker. "You'd best push on to the water before dark, old chap," he said, kindly.

When they turned their heads again, Rats was still fishing but when they looked back for the last time before entering the timber, he was having another row with his swag; and Sunlight reckoned that the trouble arose out of some lies which the swag had been telling about the bigger fish it caught.

REMAILED

There is an old custom prevalent in Australasia — and other parts, too, perhaps, for that matter — which, we think, deserves to be written up. It might not be an "honoured" custom from a newspaper manager's or proprietor's point of view, or from the point of view (if any) occupied by the shareholders on the subject; but, nevertheless, it is a time-honoured and a good old custom. Perhaps, for several reasons, it was more prevalent among diggers than with the comparatively settled bushmen of to-day — the poor, hopeless, wandering swaggy doesn't count in the matter, for he has neither the wherewithal nor the opportunity to honour the old custom; also his movements are too sadly uncertain to permit of his being honoured by it. We refer to the remailing of newspapers and journals from one mate to another.

Bill gets his paper and reads it through conscientiously from beginning to end by candle or slush-lamp as he lies on his back in the hut or tent with his pipe in his mouth; or, better still, on a Sunday afternoon as he reclines on the grass in the shade, in all the glory and comfort of a clean pair of moleskins and socks and a clean shirt. And when he has finished reading the paper — if it is not immediately bespoke — he turns it right side out, folds it, and puts it away where he'll know where to find it. The paper is generally bespoke in the following manner:

"Let's have a look at that paper after you, Bill, when yer done with it," says Jack.

And Bill says:

"I just promised it to Bob. You can get it after him."

And, when it is finally lent, Bill says:

"Don't forget to give that paper back to me when yer done with it. Don't let any of those other blanks get holt of it, or the chances are I won't set eyes on it again."

But the other blanks get it in their turn after being referred to Bill. "You must ask Bill," says Jack to the next blank, "I got it from him." And when Bill gets his paper back finally — which is often only after much bush grumbling, accusation, recrimination, and denial — he severely and carefully re-arranges the pages, folds the paper, and sticks it away up over a rafter, or behind a post or batten, or under his pillow where it will be safe. He wants that paper to send to Jim.

Bill is but an indifferent hand at folding, and knows little or nothing about wrappers. He folds and re-folds the paper several times and in various ways, but the first result is often the best, and is finally adopted. The parcel looks more ugly than neat; but Bill puts a weight upon it so that it won't fly open, and looks round for a piece of string to tie it with. Sometimes he ties it firmly round the middle, sometimes at both ends; at other times he runs the string down inside the folds and ties it that way, or both ways, or all the ways, so as to be sure it won't come undone — which it doesn't as a rule. If he can't find a piece of string long enough, he ties two bits together, and submits the result to a rather severe test; and if the string is too thin, or he has to use thread, he doubles it. Then he worries round to find out who has got the ink, or whether anyone has seen anything of the pen; and when he gets them, he writes the address with painful exactitude on the margin of the paper, sometimes in two or three places. He has to think a moment before he writes; and perhaps he'll scratch the back of his head afterwards with an inky finger, and regard the address with a sort of mild, passive surprise. His old mate Jim was always plain Jim to him, and nothing else; but, in order to reach Jim, this paper has to be addressed to —

MR JAMES MITCHELL,

c/o J. W. Dowell, Esq.,

Munnigrub Station —

and so on. "Mitchell" seems strange — Bill couldn't think of it for the moment — and so does "James."

And, a week or so later, over on Coolgardie, or away up in northern Queensland, or bush-felling down in Maoriland, Jim takes a stroll up to the post office after tea on mail night. He doesn't expect any letters, but there might be a paper from Bill. Bill generally sends him a newspaper. They seldom write to each other, these old mates.

There were points, of course, upon which Bill and Jim couldn't agree — subjects upon which they argued long and loud and often in the old days; and it sometimes happens that Bill comes across an article or a paragraph which agrees with and, so to speak, barracks for a pet theory of his as against one held by Jim; and Bill marks it with a chuckle and four crosses at the corners — and an extra one at each side perhaps — and sends it on to Jim; he reckons it'll rather corner old Jim. The crosses are not over ornamental nor artistic, but very distinct; Jim sees them from the reverse side of the sheet first, maybe, and turns it over with interest to see what it is. He grins a good-humoured grin as he reads — poor old Bill is just as thick-headed and

obstinate as ever — just as far gone on his old fad. It's rather rough on Jim, because he's too far off to argue; but, if he's very earnest on the subject, he'll sit down and write, using all his old arguments to prove that the man who wrote that rot was a fool. This is one of the few things that will make them write to each other. Or else Jim will wait till he comes across a paragraph in another paper which barracks for his side of the argument, and, in his opinion; rather knocks the stuffing out of Bill's man; then he marks it with more and bigger crosses and a grin, and sends it along to Bill. They are both democrats — these old mates generally are — and at times one comes across a stirring article or poem, and marks it with approval and sends it along. Or it may be a good joke, or the notice of the death of an old mate. What a wave of feeling and memories a little par can take through the land!

Jim is a sinner and a scoffer, and Bill is an earnest, thorough, respectable old freethinker, and consequently they often get a *War Cry* or a tract sent inside their exchanges — somebody puts it in for a joke.

Long years ago — long years ago Bill and Jim were sweet on a rose of the bush — or a lily of the goldfields — call her Lily King. Both courted her at the same time, and quarrelled over her — fought over her, perhaps — and were parted by her for years. But that's all bygones. Perhaps she loved Bill, perhaps she loved Jim — perhaps both; or, maybe, she wasn't sure which. Perhaps she loved neither, and was only stringing them on. Anyway, she didn't marry either the one or the other. She married another man — call him Jim Smith. And so, in after years, Bill comes across a paragraph in a local paper, something like the following:

On July 10th, at her residence, Eureka Cottage, Ballarat-street, Tally Town, the wife of James Smith of twins (boy and girl); all three doing well.

And Bill marks it with a loud chuckle and big crosses, and sends it along to Jim. Then Bill sits and thinks and smokes, and thinks till the fire goes out, and quite forgets all about putting that necessary patch on his pants.

And away down on Auckland gum-fields, perhaps, Jim reads the par with a grin; then grows serious, and sits and scrapes his gum by the flickering firelight in a mechanical manner, and — thinks. His thoughts are far away in the back years — faint and far, far and faint. For the old, lingering, banished pain returns and hurts a man's heart like the false wife who comes back again, falls on her knees before him, and holds up her trembling arms and pleads with swimming, upturned eyes, which are eloquent with the love she felt too late.

It is supposed to be something to have your work published in an English magazine, to have it published in book form, to be flattered by critics and reprinted throughout the country press, or even to be cut up well and severely. But, after all, now we come to think of it, we would almost as soon see a piece of ours marked with big inky crosses in the soiled and crumpled rag that Bill or Jim gets sent him by an old mate of his — the paper that goes thousands of miles scrawled all over with smudgy addresses and tied with a piece of string.

IN A DRY SEASON

Draw a wire fence and a few ragged gums, and add some scattered sheep running away from the train. Then you'll have the bush all along the New South Wales western line from Bathurst on.

The railway towns consist of a public house and a general store, with a square tank and a school-house on piles in the nearer distance. The tank stands at the end of the school and is not many times smaller than the building itself. It is safe to call the pub "The Railway Hotel," and the store "The Railway Stores," with an "s." A couple of patient, ungroomed hacks are probably standing outside the pub, while their masters are inside having a drink — several drinks. Also it's safe to draw a sundowner sitting listlessly on a bench on the veranda, reading the *Bulletin*. The Railway Stores seem to exist only in the shadow of the pub, and it is impossible to conceive either as being independent of the other. There is sometimes a small, oblong weatherboard building — unpainted, and generally leaning in one of the eight possible directions, and perhaps with a twist in another — which, from its half-obliterated sign, seems to have started as a rival to the Railway Stores; but the shutters are up and the place empty.

The only town I saw that differed much from the above consisted of a box-bark humpy with a clay chimney, and a woman standing at the door throwing out the wash-up water.

By way of variety, the artist might make a water-colour sketch of a fettler's tent on the line, with a billy hanging over the fire in front, and three fettlers standing round filling their pipes.

Slop sac suits, red faces, and old-fashioned, flat-brimmed hats, with wire round the brims, begin to drop into the train on the other side of Bathurst; and here and there a hat with three inches of crape round the crown, which perhaps signifies death in the family at some remote date, and perhaps doesn't. Sometimes, I believe, it only means grease under the band. I notice that when a bushman puts crape round his hat he generally leaves it there till the hat wears out, or another friend dies. In the latter case, he buys a new piece of crape. This outward sign of bereavement usually has a jolly red face beneath it. Death is about the only cheerful thing in the bush.

We crossed the Macquarie — a narrow, muddy gutter with a dog swimming across, and three goats interested.

A little farther on we saw the first sundowner. He carried a Royal Alfred, and had a billy in one hand and a stick in the other. He was dressed in a tail-coat turned yellow, a print shirt, and a pair of moleskin trousers, with big square calico patches on the knees; and his old straw hat was covered with calico. Suddenly he slipped his swag, dropped his billy, and ran forward, boldly flourishing the stick. I thought that he was mad, and was about to attack the train, but he wasn't; he was only killing a snake. I didn't have time to see whether he cooked the snake or not — perhaps he only thought of Adam.

Somebody told me that the country was very dry on the other side of Nevertire. It is. I wouldn't like to sit down on it any where. The least horrible spot in the bush, in a dry season, is where the bush isn't — where it has been cleared away and a green crop is trying to grow. They talk of settling people on the land! Better settle in it. I'd rather settle on the water; at least, until some gigantic system of irrigation is perfected in the West.

Along about Byrock we saw the first shearers. They dress like the unemployed, but differ from that body in their looks of independence. They sat on trucks and wool-bales and the fence, watching the train, and hailed Bill, and Jim, and Tom, and asked how those individuals were getting on.

Here we came across soft felt hats with straps round the crowns, and full-bearded faces under them. Also a splendid-looking black tracker in a masher uniform and a pair of Wellington boots.

One or two square-cuts and stand-up collars struggle dismally through to the bitter end. Often a member of the unemployed starts cheerfully out, with a letter from the Government Labour Bureau in his pocket, and nothing else. He has an idea that the station where he has the job will be within easy walking distance of Bourke. Perhaps he thinks there'll be a cart or a buggy waiting for him. He travels for a night and day without a bite to eat, and, on arrival, he finds that the station is eighty or a hundred miles away. Then he has to explain matters to a publican and a coach-driver. God bless the publican and the coach-driver! God forgive our social system!

Native industry was represented at one place along the line by three tiles, a chimney-pot, and a length of piping on a slab.

Somebody said to me, "Yer wanter go out back, young man, if yer wanter see the country. Yer wanter get away from the line." I don't wanter; I've been there.

You could go to the brink of eternity so far as Australia is concerned and yet meet an animated mummy of a swagman who will talk of going "out back." Out upon the out-back fiend!

About Byrock we met the bush liar in all his glory. He was dressed like — like a bush larrikin. His name was Jim. He had been to a ball where some blank had "touched" his blanky overcoat. The overcoat had a cheque for ten "quid" in the pocket. He didn't seem to feel the loss much. "Wot's ten quid?" He'd been everywhere, including the Gulf country. He still had three or four sheds to go to. He had telegrams in his pocket from half a dozen squatters and supers offering him pens on any terms. He didn't give a blank whether he took them or no. He thought at first he had the telegrams on him but found that he had left them in the pocket of the overcoat aforesaid. He had learned butchering in a day. He was a bit of a scrapper himself and talked a lot about the ring. At the last station where he shore he gave the super the father of a hiding. The super was a big chap, about six-foot-three, and had knocked out Paddy Somebody in one round. He worked with a man who shore four hundred sheep in nine hours.

Here a quiet-looking bushman in a corner of the carriage grew restless, and presently he opened his mouth and took the liar down in about three minutes.

At 5.30 we saw a long line of camels moving out across the sunset. There's something snaky about camels. They remind me of turtles and goannas.

Somebody said, "Here's Bourke."

CONTOS BREVES

"Seus pensamentos estão longe, nos anos passados – desbotados, longínquos."

HENRY LAWSON

RATS

"Vejam só, tem dois, e estão brigando! Vamos lá!

Era um lugar estranho para uma briga — aquela planície quente, deserta, de pasto pobre. Ainda assim, menos de meia milha adiante, parecia que havia dois homens lutando no meio da estrada.

Os três viajantes adiaram o descanso e seguiram em frente. Eram tosquiadores de ovelhas — um pequeno e um grandão, conhecidos por "Sunlight" e "Macquarie", respectivamente; e o outro, um aprendiz alto e magro, que chamavam de "Milky".

— De onde será que apareceu o segundo? Eu não tinha visto ele antes... — disse Sunlight.

— Ele devia tá deitado nos arbustos — disse Macquarie. O negócio parece sério! Vamos logo, pra não perder a ação!

Eles apressaram o passo.

— É um tipinho engraçado, aquele outro — disse Milky, ofegante. Parece que não tem cabeça. Olhem! Ele caiu, os dois caíram! Devem estar rolando no chão. Não! Agora estão em pé, continuam brigando. Mas, meu Deus! Parece que o outro é mulher!

— É mesmo! — gritou Sunlight. Vejam, o brutamontes derrubou ela de novo! Está chutando ela. Vamos, amigos. Vamos lá, ou ele vai acabar com ela.

Largaram suas trouxas, com cantis e tudo, e começaram a correr. Mas, pouco depois, Sunlight — que tinha a visão mais aguçada — afrouxou o passo e ficou para trás. Seus colegas olharam para o rosto dele e viram uma expressão peculiar. Olharam de novo para a frente, e também pararam de correr.

Chegaram ao local da confusão e lá estava um velhinho na estrada, enrugado, com os braços cruzados bem perto do queixo. Vestia-se quase todo em remendos de chita. Na aba de seu chapéu, penduradas por pedaços de barbante, meia dúzia de rolhas balançavam diante de seus olhos turvos, para espantar as moscas. Encarava, com uma carranca enfurecida, uma trouxa corpulenta e volumosa que jazia no meio da estrada.

— E então, meu velho Rats, qual é o problema? — perguntou Sunlight.

— Oh, não é nada — respondeu o velho, sem virar o pescoço. Eu discuti com a minha trouxa, só isso. Ela me derrubou, mas eu botei ela em seu lugar.

— Mas, olha só — disse Sunlight, piscando para os amigos — a gente viu você batendo nela quando ela estava caída. Isso não é justo, entendeu!?

— Vocês não viram tudo! — exclamou Rats, ficando animado. Ela me derrubou primeiro. E tem mais! Luto com ela de novo e vocês vão ver como eu jogo limpo.

Eles conversaram por um tempo; então, Sunlight se candidatou para ser o padrinho da trouxa, enquanto seu colega auxiliaria o velho. Após alguma persuasão, Milky concordou, pelo bem da brincadeira, em arbitrar e marcar o tempo.

Rats entrou no espírito da coisa. Tirou a camisa e, enquanto se preparava, os viajantes fingiam apostar no resultado.

Macquarie se posicionou atrás do velho, enquanto Sunlight pôs a trouxa em pé. Rats ficou em guarda e começou a gingar. Aí, atacou, fintou, esquivou, recuou, arremeteu de novo e, de repente, caiu em cheio de costas no chão. Ator algum teria feito melhor: aquele golpe imaginário o derrubou como se uma bola de canhão o tivesse acertado na testa.

Milky parou o round, e então o velho levantou, um tanto aturdido. Mesmo assim, conseguiu encaixar um golpe tremendo, que lançou a trouxa aos arbustos.

Seguiram-se outros rounds, com resultados variados.

Os três fingiam animar-se cada vez mais, e apostavam à vontade; Rats dava o melhor de si. Por fim, cansaram da brincadeira. Quando Milky decretou o fim do round, Sunlight deixou a trouxa caída, e o velho foi decla-

rado vencedor. Eles fingiram pagar as apostas entre si, e então voltaram para buscar suas trouxas, enquanto o velho vestia a camisa.

Então, ele se acalmou, levou a trouxa para a beira da estrada, sentou sobre ela, e passou a falar racionalmente sobre coisas da vida no interior. Depois, calou-se, começou a apalpar os músculos, e abriu um sorriso besta.

— Cês podem emprestar um pouco de carne pra nós? — disse, de repente.

Eles ofereceram meia libra, mas ele disse que não queria aquilo tudo. Cortou mais ou menos uma onça e colocou sobre a trouxa. Então, abriu a tampa de seu *billy*[1] e tirou de lá uma linha de pesca. Pôs a isca no anzol, atirou a linha para o outro lado da estrada, e esperou por uma fisgada. Pouco depois, a linha chamou sua atenção. Ele deu algumas puxadinhas de leve, e então a recolheu com um golpe. A isca ficara presa na grama. O velho olhou para o anzol, aborrecido.

— Mas que coisa! — exclamou. Ele já era meu, mas eu fui muito apressado. Devia ter cansado ele um pouquinho mais.

Na segunda vez, Rats foi mais prudente. Recolheu a linha com cuidado, agarrou um peixe imaginário e o colocou na grama. A essa altura, o interesse de Sunlight e companhia já estava desperto.

— O que acharam? — perguntou Rats. Não pesa menos que trinta libras! O que vocês acham de um peixe assim? O safado quase engoliu o anzol!

O velho pescou ainda vários peixes e convidou os três para acampar e jantar. Mas, como queriam chegar ainda no dia seguinte para trabalhar numa certa propriedade, decidiram seguir em frente. O velho pegou mais uma libra de carne emprestada para usar como isca, e o deixaram pescando, contente.

Mas, antes de partirem, Sunlight enfiou a mão no bolso e de lá tirou uma moeda de prata, que entregou para Rats, além de alguma comida.

— É melhor você seguir até o rio antes de anoitecer, meu velho — disse ele, gentilmente.

Quando olharam para trás, Rats ainda estava pescando. Mas, quando olharam pela última vez, antes de chegarem nas árvores, ele estava brigando

---

[1] *Billy*: lata cilíndrica que o andarilho ou o trabalhador itinerante carregam consigo em sua jornada, e que possui dupla utilidade: durante a caminhada, serve de recipiente para armazenar alguns pertences; e, no acampamento, é usada para ferver água, como uma chaleira. (n.t.)

com a trouxa de novo. E Sunlight concluiu que o problema surgira de umas mentiras que a trouxa andara contando sobre ter pescado peixes maiores.

REENVIADO

Há um antigo costume que prevalece na Australásia — e talvez, quem sabe, também em outras partes — que, a nosso ver, merece ser relatado. Pode até não ser um costume "aceitável" do ponto de vista de um gerente ou proprietário de um jornal, ou do ponto de vista (se houver) dos acionistas. É, no entanto, um bom e velho costume cuja própria antiguidade lhe confere aceitação. Talvez, por várias razões, prevalecesse mais entre os mineradores do que entre os interioranos de hoje em dia, comparativamente menos itinerantes — o pobre andarilho não conta, pois esses homens sem destino não possuem nem os meios e nem a oportunidade de honrar o velho costume; e, também, seus caminhos são incertos demais para permitir que sejam honrados por ele. Estamos falando do reenvio de jornais entre dois amigos.

Bill pega seu jornal e o lê escrupulosamente do início ao fim, à luz de vela ou lamparina, deitado na cabana ou tenda, com o cachimbo na boca. Ou, melhor ainda: num domingo à tarde, repousando à sombra na grama, em toda a glória e conforto de sua roupa limpa: calças, meias, e camisa. E, quando termina de ler o jornal — se alguém já não o tiver pedido emprestado — ele ajeita as páginas, dobra tudo, e coloca em algum lugar onde possa encontrá-lo depois. Geralmente, o pedido é feito da seguinte maneira:

— Me dá uma olhada nesse jornal depois, Bill, quando você terminar — diz Jack.

E Bill responde:

— Eu já prometi pro Bob. Você pode pegar depois.

E, quando o jornal é finalmente emprestado, Bill diz:

— Não esquece de me devolver quando você terminar. Não deixa nenhum desses (palavrão) botar a mão nele, ou não vou ver esse jornal nunca mais.

Só que os outros (palavrão) também pegam o jornal por sua vez — mas só depois de serem remetidos a Bill. "Você tem que pedir pro Bill", diz Jack ao próximo (palavrão), "peguei emprestado com ele". E quando Bill finalmente recupera o jornal — o que geralmente só acontece após muitos resmungos, acusações, recriminações e desmentidos — ele, severa e cuidadosamente, reorganiza as páginas, dobra o jornal, e o guarda atrás de uma viga do teto ou da parede, ou embaixo do travesseiro, onde ninguém mais vai mexer. Ele quer aquele jornal pra mandar pro Jim.

Bill não é muito habilidoso com dobraduras e sabe pouco ou quase nada sobre embrulhos. Ele dobra e redobra o jornal várias vezes e de várias maneiras, mas o primeiro resultado é geralmente o melhor, e acaba sendo adotado. O pacote fica mais pra feio do que pra arrumado; mas Bill põe um peso sobre ele, para que não se desfaça, e procura em volta por um barbante para amarrá-lo. Às vezes ele o amarra firme no meio, outras vezes nas extremidades; e em outras ainda ele passa o barbante por entre as folhas e o amarra desse jeito, ou de ambos os jeitos, ou de todos os jeitos, para ter certeza de que não vai desatar — o que, via de regra, não acontece. Se não puder encontrar um barbante longo o suficiente, emenda então dois pedaços, e submete o resultado a um teste rigoroso; se o barbante for muito fino, ou se for usar uma linha, ele a duplica. Então, sai em volta para ver quem é que está com a tinta, ou se alguém viu onde raios está a caneta. E, quando as encontra, escreve o endereço na margem do jornal, com um cuidado sofrido, às vezes em dois ou três locais diferentes. Precisa pensar um pouco antes de escrever; e talvez coce a cabeça com o dedo sujo de tinta, e olhe para o endereço com uma espécie de surpresa branda e passiva. Seu velho amigo Jim era simplesmente Jim para ele, nada mais; mas, para chegar até Jim, esse jornal precisa ser endereçado a:

JAMES MITCHELL,

A/C senhor J. W. Dowell,

Munnigrub Station

e por aí vai. O nome "Mitchell" lhe parece estranho — Bill demorou pra lembrar — e "James" também.

E, mais ou menos uma semana depois — lá no oeste, em Coolgardie, ou no norte de Queensland, ou abrindo o mato virgem em Maoriland, no sul —, Jim passa no correio, após o chá, na noite em que chega o malote. Carta, ele não espera, mas pode ser que Bill tenha mandado um jornal. Bill geralmente lhe manda jornais, mas cartas são raras entre esses velhos amigos.

Havia alguns pontos, é claro, sobre os quais Bill e Jim não concordavam — assuntos que, nos velhos tempos, os faziam levantar as vozes em longas e frequentes discussões; e, às vezes, acontece de Bill encontrar um artigo ou um parágrafo que concorde com alguma de suas ideias fixas e, por assim dizer, que torça a favor dela contra outra de Jim. Bill dá um risinho irônico e marca o texto com quatro cruzes nos cantos — e, quem sabe, mais uma em cada um dos lados — e manda para Jim; dessa ele não escapa, o velho Jim. As cruzes não são tão ornamentadas ou artísticas, mas muito nítidas; Jim as enxerga pelo outro lado da folha, talvez, e vira a página com interesse para

ver do que se trata. Ele abre um sorriso bem-humorado enquanto lê — o pobre Bill continua tão tolo e obstinado como sempre, tão apegado àquela bossa velha. É bem difícil para Jim, porque está longe demais para discutir; mas, se for um assunto o qual leve muito a sério, vai sentar e escrever, usando todos os seus velhos argumentos para provar que o homem que escreveu aquelas asneiras era um besta. Esta é uma das poucas coisas que os motiva a escrever um ao outro. Ou então, Jim vai esperar até encontrar um parágrafo em outro jornal que torça por seu lado na discussão e que, em sua opinião, rebata em cheio Bill e seu autor; então, ele marca o parágrafo com mais cruzes, ainda maiores, dá um sorriso amplo, e envia o jornal para Bill. Ambos são democratas — esse pessoal mais velho geralmente é — e às vezes um deles se depara com um artigo ou um poema empolgante, marca-o com aprovação, e o envia para o outro. Pode até ser uma boa piada, ou ainda a notícia da morte de um velho amigo. Que onda de sentimentos e memórias um pequeno parágrafo pode carregar consigo!

Jim é descrente e zombador, e Bill é um livre-pensador, sério, meticuloso e respeitável, e por isso acabam recebendo jornais e panfletos evangélicos junto com a correspondência — alguém os enfia ali por pura piada.

Muitos anos atrás — muitos anos atrás, Bill e Jim estavam caidinhos por uma rosa, uma flor do cerrado — ou um lírio dos campos de ouro — vamos chamá-la de Lily King. Ambos cortejaram-na ao mesmo tempo, e discutiram por ela — talvez tenham até brigado por causa dela — e, por conta dela, ficaram afastados durante muitos anos. Mas isso tudo é passado. Talvez ela amasse Bill, talvez ela amasse Jim — ou talvez ela amasse ambos; ou, quem sabe, nem tinha certeza de quem amava. Talvez não amasse nenhum, e estava apenas dando corda para os dois. De qualquer maneira, não casou nem com um nem com outro. Casou com um terceiro — chamem-no Jim Smith. E então, anos depois, Bill se depara com um parágrafo em um jornal local que é mais ou menos assim:

Em 10 de julho, em sua residência, a Casa Eureka, na rua Ballarat, Tally Town, esposa de James Smith: gêmeos (menino e menina); os três passam bem.

E Bill assinala o local com cruzes grandes enquanto gargalha alto, e envia para Jim. Então Bill senta, e pensa, e fuma, e pensa até a brasa da lareira apagar, e até esquece de fazer o remendo que suas calças tanto precisavam.

E, lá no sul, talvez nos campos de eucalipto em Auckland, Jim lê o parágrafo com um sorriso; então começa a ficar sério, senta e aplaina a madeira mecanicamente, à luz tremulante do fogo, e... pensa. Seus pensa-

mentos estão longe, nos anos passados — desbotados, longínquos. Pois aquela antiga dor, banida mas persistente, retorna e machuca o coração de um homem como a mulher desleal que regressa, ajoelha-se diante dele, e ergue os braços trêmulos, implorando, olhando-o com os olhos encharcados, eloquentes com o amor que ela sentiu tarde demais.

Dizem que é uma grande coisa ter o próprio trabalho publicado em uma revista inglesa, ou em forma de livro, ser lisonjeado e reimpresso por todo país — ou até mesmo ser despedaçado pelos críticos. Mas, no fim das contas, agora que tocamos no assunto, seria quase tão bom ver um texto nosso marcado com grandes cruzes pretas naquele farrapo amarrotado e sujo que Bill ou Jim recebem de um velho amigo — o jornal que percorre milhares de milhas, todo rabiscado de endereços borrados e amarrado com um pedaço de barbante.

NUM PERÍODO DE SECA

Desenhe uma cerca de arame e alguns eucaliptos descascando, mais algumas ovelhas esparsas fugindo do trem. Essa é a paisagem que se vê a partir de Bathurst, ao longo da Ferrovia Oeste de New South Wales.

As cidades ferroviárias consistem em um pub e um armazém, com um reservatório de água quadrado e uma escola mais ao fundo, construída sobre estacas. O reservatório fica na extremidade da escola, e não é muito menor que ela. Podemos tranquilamente chamar o pub de "Hotel Ferroviário" e o armazém de "Lojas Ferroviárias", com um "s". É provável que uma ou outra montaria, paciente e não muito asseada, esteja esperando do lado de fora do pub, enquanto seus donos estão lá dentro tomando um copo — vários copos. Também podemos, sem medo de errar, desenhar um trabalhador rural trambiqueiro sentado preguiçosamente em um banco na varanda, lendo o *Bulletin*. As Lojas Ferroviárias parecem existir somente à sombra do pub, e é impossível conceber qualquer um deles como independente do outro. Às vezes há uma pequena construção de madeira, retangular — sem pintura, geralmente inclinada em uma das oito direções possíveis, e talvez até em duas — que, de seu letreiro parcialmente apagado, parece ter começado como uma rival das Lojas Ferroviárias; mas as venezianas estão fechadas e o lugar está vazio.

A única cidade que vi muito diferente do descrito acima consistia em um casebre de casca de eucalipto com uma chaminé de argila e uma mulher na porta jogando fora a água da louça suja.

Para dar uma diversificada, o artista poderia fazer um esboço em aquarela de uma tenda com um *billy* pendurado sobre o fogo à frente e três operários ferroviários ao redor, enchendo seus cachimbos.

Para o oeste de Bathurst, começam a embarcar no trem rostos vermelhos, ternos baratos e chapéus à moda antiga, de abas planas e borda de arame; aqui e ali se vê um chapéu com um pano de crepe de uns quatro dedos ao redor da coroa, o que talvez signifique morte na família em alguma data remota, talvez não. Às vezes, creio eu, significa apenas que há uma mancha escondida. Noto que, quando um interiorano põe crepe ao redor do chapéu, ele geralmente deixa lá até que o chapéu se desgaste ou que outro amigo morra. No último caso, ele compra um pedaço de crepe novo. Este sinal externo de luto tem, em geral, um rosto alegre e vermelho debaixo dele. A morte é quase a única coisa alegre no interior.

Cruzamos o rio Macquarie — uma valeta estreita e lamacenta, com um cachorro atravessando a nado, e três cabras interessadas.

Mais adiante, vimos o primeiro andarilho. Carregava uma trouxa tão grande que poderia ser a do Príncipe Alfred, e tinha um *billy* numa mão e uma vara na outra. Estava vestindo um fraque amarelado, uma camisa estampada e calças de molesquim, com grandes remendos quadrados nos joelhos; e seu velho chapéu de palha estava coberto com um tecido de algodão. De repente, ele tirou sua trouxa, deixou cair seu *billy* e correu para a frente, brandindo a vara com audácia. Pensei que ele estivesse louco e prestes a atacar o trem, mas não; estava apenas matando uma cobra. Não deu tempo para ver se ia assá-la — talvez tenha apenas lembrado de Adão.

Alguém me contou que o interior é muito seco para além de Nevertire. E é. Eu não gostaria de sentar em lugar algum por ali. Em um período de seca, o local menos horrível do interior é onde já se tenha tirado a vegetação e uma colheita verdejante esteja tentando crescer. Falam em assentar as pessoas na terra! Melhor assentá-las *dentro* da terra. Eu ia preferir me assentar perto da água; pelo menos até que se instale algum sistema gigantesco de irrigação no oeste.

Nos arredores de Byrock, vimos os primeiros tosquiadores de ovelhas. Vestem-se como os desempregados, mas diferem desses por seus ares de independência. Estavam sentados em carroças e em fardos de lã e na cerca, olhando o trem, e saudaram Bill, e Jim, e Tom, e perguntam se aqueles indivíduos estavam bem.

Aqui, cruzamos com chapéus de feltro com tiras de couro em volta da coroa e rostos barbudos debaixo deles. Também um batedor aborígene de aparência esplêndida num uniforme de polícia e botas de borracha.

Um ou outro casaco formal e gola alta sobrevivem até o fim. Frequentemente, um desempregado embarca alegremente na viagem, com uma carta da Agência Estatal de Empregos no bolso e nada mais. Ele acredita que a propriedade onde conseguiu o emprego fica a uma pequena caminhada de Bourke. Talvez ele pense que haverá uma carroça ou uma charrete esperando por ele. Ele viaja por uma noite e um dia sem sequer uma migalha para comer e, na chegada, descobre que a propriedade fica a cem, cento e cinquenta quilômetros de distância. Então ele precisa explicar a situação para o dono do pub e para o cocheiro. Deus abençoe o dono do pub e o cocheiro! Deus perdoe o nosso sistema social!

O desenvolvimento local era representado, em um certo lugar ao longo da linha, por três azulejos, uma campânula de chaminé e um pedaço de cano numa laje.

Alguém me disse: "Se você quer ver a Austrália, meu jovem, então você quer ir mais pro interior. Você quer se afastar dos trilhos". Eu não quero; eu já estive lá.

No que concerne à Austrália, você poderia ir até o fim do mundo e ainda assim encontrar uma múmia animada de um andarilho que iria falar em ir "mais pro interior". Fora com o maldito "mais pro interior"!

Perto de Byrock, encontramos o mentiroso australiano em toda sua glória. Estava vestido como — como um jovem valentão. Seu nome era Jim. Estivera em um baile onde algum (palavrão) tinha "levado" o (palavrão) de seu sobretudo. O sobretudo tinha um cheque de dez "mangos" no bolso. Ele não parecia ter sentido muito a perda. "O que são dez mangos"? Estivera por todos os lugares, inclusive bem ao norte, nas criações de gado. Ele ainda tinha três ou quatro propriedades para ir, tinha no bolso telegramas de meia dúzia de pecuaristas e capatazes oferecendo-lhe vagas de tosquiador sob quaisquer condições. Não lhe importava (palavrona) nenhuma se ia aceitá-las ou não. A princípio, pensou que tinha os telegramas consigo, mas depois descobriu que tinha deixado no bolso do sobretudo supracitado. Aprendera a carnear em um dia. Tinha também seus dotes de lutador e falou bastante sobre o ringue. Na último lugar onde ele tosou, aplicou no capataz a senhora de uma surra. O capataz era um cara grande, media mais ou menos um metro e noventa, e tinha nocauteado um tal de Patty qualquer coisa em apenas um *round*. Trabalhou com um homem que tosou quatrocentas ovelhas em nove horas.

Aí um interiorano de aparência quietinha, num canto do vagão, começou a ficar impaciente, até que abriu a boca e botou o mentiroso no seu lugar em menos de três minutos.

Às 5 e 30 vimos uma longa linha de camelos deslocando-se pelo pôr do sol. Há algo de reptílico nos camelos. Eles me lembram tartarugas e lagartos.

Alguém disse: "chegamos em Bourke".

Contos do folclore britânico

Joseph Jacobs

O texto: Seleção de cinco contos do folclore britânico coletados por Joseph Jacobs e publicados entre 1892 e 1894: "The Well of the World's End" é o clássico conto da donzela em perigo que encontra um sapo falante próximo a um poço que, em vez de um beijo, pede para ser decapitado; "Gold-tree and Silver-tree" é um misto de Branca de Neve e bigamia; "The Old Witch" lembra que a bondade é sempre recompensada; "The buried Moon" narra a luta entre o bem e o mal; e "The Stars in the Sky" as andanças de uma garota em busca das estrelas. Todos os contos fogem dos clássicos contos de fadas, com desfechos próprios da era medieval. Compilados por Joseph Jacobs, são de autoria desconhecida.

Textos traduzidos: "The Well of the World's End". In. *English Fairy Tales*. New York/London: G.P. Putnam's Sons, 1892. "Gold-tree and Silver-tree". In. *Celtic Folk and Fairy Tales*. New York/London: G.P. Putnam's Sons, 1892. "The Old Witch"; "The buried Moon"; "The Stars in the Sky". In. *More English Fairy Tales*. New York/London: G. P. Putnam's Sons, 1894.

O autor: Joseph Jacobs (1854-1916) foi um folclorista, crítico literário e historiador. Nascido na Austrália, mudou-se para a Inglaterra aos 18 anos, sendo aceito em Cambridge. Em 1900, mudou-se para os Estados Unidos, trabalhando como revisor-editor da *Jewish Encyclopedia*. Entre seus trabalhos estão o registro dos folclores inglês, celta, indiano, europeu e estudos da arqueologia bíblica. Estabeleceu o cânone britânico de contos infantis como "João e o Pé de Feijão" e "A História dos Três Porquinhos". Ganhou notoriedade a partir de uma série de artigos sobre a perseguição russa aos judeus e sobre a história judaica.

A tradutora: Luciana Kaross possui PhD em Translation and Intercultutal Studies pela The University of Manchester. Seus interesses de pesquisa recaem sobre a tradução de humor, de textos para performance e cultura popular. No momento, pesquisa o humor em letras de música e tradução de histórias sobrenaturais. Como tradutora, trabalha nas áreas da tradução científica, especialmente em odontologia, e literária, com destaque para livros infantis e letras de música. Faz trabalho voluntário como tradutora para uma biblioteca infantil sediada nos Estados Unidos.

BRITISH FOLK TALES

"Once upon a time, and a very good time it was, though it wasn't in my time, nor in your time, nor anyone else's time."

JOSEPH JACOBS

THE WELL OF THE WORLD'S END

Once upon a time, and a very good time it was, though it wasn't in my time, nor in your time, nor anyone else's time, there was a girl whose mother had died, and her father married again. And her stepmother hated her because she was more beautiful than herself, and she was very cruel to her. She used to make her do all the servant's work, and never let her have any peace. At last, one day, the stepmother thought to get rid of her altogether; so she handed her a sieve and said to her: 'Go, fill it at the Well of the World's End and bring it home to me full, or woe betide you.' For she thought she would never be able to find the Well of the World' s End, and, if she did, how could she bring home a sieve full of water?

Well, the girl started off, and asked everyone she met to tell her where was the Well of the World's End. But nobody knew, and she didn't know what to do, when a queer little old woman, all bent double, told her where it was, and how she could get to it. So she did what the old woman told her, and at last arrived at the Well of the World's End. But when she dipped the sieve in the cold, cold water, it all ran out again. She tried and tried again, but every time it was the same; and at last she sate down and cried as if her heart would break.

Suddenly she heard a croaking voice, and she looked up and saw a great frog with goggle eyes looking at her and speaking to her.

'What's the matter, dearie?' it said.

‘Oh, dear, oh dear,’ she said, ‘my stepmother has sent me all this long way to fill this sieve with water from the Well of the World’s End, and I can’t fill it no how at all.’

‘Well,’ said the frog, ‘if you promise me to do whatever I bid you for a whole night long, I’ll tell you how to fill it.’

So the girl agreed, and the frog said:

‘Stop it with moss and daub it with clay,
And then it will carry the water away’;

and then it gave a hop, skip, and jump, and went flop into the Well of the World’s End.

So the girl looked about for some moss, and lined the bottom of the sieve with it, and over that she put some clay, and then she dipped it once again into the Well of the World’s End; and this time, the water didn’t run out, and she turned to go away.

Just then the frog popped up its head out of the Well of the World’s End, and said: ‘Remember your promise.’

‘All right,’ said the girl; for thought she, ‘What harm can a frog do me?’

So she went back to her stepmother, and brought the sieve full of water from the Well of the World’s End. The stepmother was angry as angry, but she said nothing at all.

That very evening they heard something tap-tapping at the door low down, and a voice cried out:

‘Open the door, my hinny, my heart,
Open the door, my own darling;
Mind you the words that you and I spoke,
Down in the meadow, at the World’s End Well.’

‘Whatever can that be?’ cried out the stepmother, and the girl had to tell her about it, and what she had promised the frog.

‘Girls must keep their promises,’ said the stepmother. ‘Go and open the door this instant.’ For she was glad the girl would have to obey a nasty frog.

So the girl went and opened the door, and there was the frog from the Well of the World’s End. And it hopped, and it hopped, and it jumped, till it reached the girl, and then it said:

'Lift me to your knee, my hinny, my heart;
Lift me to your knee, my own darling;
Remember the words you and I spake,
Down in the meadow, by the World's End Well.'

But the girl didn't like to, till her stepmother said: 'Lift it up this instant, you hussy! Girls must keep their promises!'

So at last she lifted the frog up on to her lap, and it lay there for a time, till at last it said:

'Give me some supper, my hinny, my heart,
Give me some supper, my darling;
Remember the words you and I spake,
In the meadow, by the Well of the World's End.'

Well, she didn't mind doing that, so she got it a bowl of milk and bread, and fed it well. And when the frog had finished, it said:

'Go with me to bed, my hinny, my heart,
Go with me to bed, my own darling;
Mind you the words you spake to me,
Down by the cold well, so weary.'

But that the girl wouldn't do, till her stepmother said: 'Do what you promised, girl; girls must keep their promises. Do what you're bid, or out you go, you and your froggie.'

So the girl took the frog with her to bed, and kept it as far away from her as she could. Well, just as the day was beginning to break what should the frog say but:

'Chop off my head, my hinny, my heart,
Chop off my head, my own darling;
Remember the promise you made to me,
Down by the cold well, so weary.'

At first the girl wouldn't, for she thought of what the frog had done for her at the Well of the World's End. But when the frog said the words over again she went and took an axe and chopped off its head, and lo! and behold, there stood before her a handsome young prince, who told her that he had been enchanted by a wicked magician, and he could never be unspelled till

some girl would do his bidding for a whole night, and chop off his head at the end of it.

The stepmother was surprised indeed when she found the young prince instead of the nasty frog, and she wasn't best pleased, you may be sure, when the prince told her that he was going to marry her stepdaughter because she had unspelled him. But married they were, and went away to live in the castle of the king, his father, and all the stepmother had to console her was that it was all through her that her stepdaughter was married to a prince.

GOLD-TREE AND SILVER-TREE

Once upon a time there was a king who had a wife, whose name was Silver-tree, and a daughter, whose name was Gold-tree. On a certain day of the days, Gold-tree and Silver-tree went to a glen, where there was a well, and in it there was a trout.

Said Silver-tree, "Troutie, bonny little fellow, am not I the most beautiful queen in the world?"

"Oh indeed you are not."

"Who then?"

"Why, Gold-tree, your daughter."

Silver-tree went home, blind with rage. She lay down on the bed, and vowed she would never be well until she could get the heart and the liver of Gold-tree, her daughter, to eat.

At nightfall the king came home, and it was told him that Silver-tree, his wife, was very ill. He went where she was, and asked her what was wrong with her.

"Oh! only a thing which you may heal if you like."

"Oh! indeed there is nothing at all which I could do for you that I would not do."

"If I get the heart and the liver of Gold-tree, my daughter, to eat, I shall be well.''

Now it happened about this time that the son of a great king had come from abroad to ask Gold-tree for marrying. The King now agreed to this, and they went abroad.

The king then went and sent his lads to the hunting-hill for a he-goat, and he gave its heart and its liver to his wife to eat; and she rose well and healthy.

A year after this Silver-tree went to the glen, where there was the well in which there was the trout.

"Troutie, bonny little fellow," said she, " am not I the most beautiful queen in the world?"

"Oh! indeed you are not."

"Who then?"

"Why, Gold-tree, your daughter."

"Oh! well, it is long since she was living. It is a year since I ate her heart and liver."

"Oh! indeed she is not dead. She is married to a great prince abroad."

Silver-tree went home, and begged the king to put the long-ship in order, and said, "I am going to see my dear Gold-tree, for it is so long since I saw her." The long-ship was put in order, and they went away.

It was Silver-tree herself that was at the helm, and she steered the ship so well that they were not long at all hefore they arrived.

The prince was out hunting on the hills. Gold-tree knew the long-ship of her father coming.

"Oh!" said she to the servants, "my mother is coming, and she will kill me."

"She shall not kill you at all; we will lock you in a room where she cannot get near you."

This is how it was done; and when Silver-tree came ashore, she began to cry out: "Come to meet your own mother, when she comes to see you," Gold-tree said that she could not, that she was locked in the room, and that she could not get out of it.

"Will you not put out," said Silver-tree, "your little finger through the keyhole, so that your own mother may give a kiss to it?"

She put out her little finger, and Silver-tree went and put a poisoned stab in it, and Gold-tree fell dead.

When the prince came home, and found Gold-tree dead, he was in great sorrow, and when he saw how beautiful she was, he did not bury her at all, but he locked her in a room where nobody would get near her.

In the course of time he married again, and the whole house was under the hand of this wife but one room, and he himself always kept the key of that room. On a certain day of the days he forgot to take the key with him, and the second wife got into the room. What did she see there but the most beautiful woman that she ever saw.

She began to turn and try to wake her, and she noticed the poisoned stab in her finger. She took the stab out, and Gold-tree rose alive, as beautiful as she was ever.

At the fall of night the prince came home from the hunting-hill, looking very downcast.

"What gift," said his wife, "would you give me that I could make you laugh?"

"Oh! indeed, nothing could make me laugh, except Gold-tree were to come alive again."

"Well, you'll find her alive down there in the room."

When the prince saw Gold-tree alive he made great rejoicings, and he began to kiss her, and kiss her, and kiss her. Said the second wife, "Since she is the first one you had it is better for you to stick to her, and I will go away."

"Oh! indeed you shall not go away, but I shall have both of you."

At the end of the year, Silver-tree went to the glen, where there was the well, in which there was the trout.

"Troutie, bonny little fellow," said she, "am not I the most beautiful queen in the world?"

"Oh! indeed you are not."

"Who then?"

"Why, Gold-tree, your daughter."

"Oh! well, she is not alive. It is a year since I put the poisoned stab into her finger."

"Oh! indeed she is not dead at all, at all."

Silver-tree went home, and begged the king to put the long-ship in order, for that she was going to see her dear Gold-tree, as it was so long since she saw her. The long-ship was put in order, and they went away. It was Silver-tree herself that was at the helm, and she steered the ship so well that they were not long at all before they arrived.

The prince was out hunting on the hills. Gold-tree knew her father's ship coming.

"Oh!" said she, "my mother is coming, and she will kill me."

"Not at all," said the second wife; "we will go down to meet her."

Silver-tree came ashore. "Come down, Gold-tree, love," said she, "for your own mother has come to you with a precious drink."

"It is a custom in this country," said the second wife, "that the person who offers a drink takes a draught out of it first."

Silver-tree put her mouth to it, and the second wife went and struck it so that some of it went down her throat, and she fell dead. They had only to carry her home a dead corpse and bury her.

The prince and his two wives were long alive after this, pleased and peaceful.

I left them there.

THE OLD WITCH

Once upon a time there were two girls who lived with their mother and father. Their father had no work, and the girls wanted to go away and seek their fortunes. Now one girl wanted to go to service, and her mother said she might if she could find a place. So she started for the town. Well, she went all about the town, but no one wanted a girl like her. So she went on farther into the country, and she came to the place where there was an oven where there was lots of bread baking. And the bread said, 'Little girl, little girl, take us out, take us out. We have been baking seven years, and no one has come to take us out.' So the girl took out the bread, laid it on the ground and went on her way. Then she met a cow, and the cow said, 'Little girl, little girl, milk me, milk me! Seven years have I been waiting, and no one has come to milk me.' The girl milked the cow into the pails that stood by. As she was thirsty she drank some, and left the rest in the pails by the cow. Then she went on a little farther, and came to an apple-tree, so loaded with fruit that its branches were breaking down, and the tree said, 'Little girl, little girl, help me shake my fruit. My branches are breaking, it is so heavy.' And the girl said, 'Of course I will, you poor tree.' So she shook the fruit all off, propped up the branches, and left the fruit on the ground under the tree. Then she went on again till she came to a house. Now in this house there lived a witch, and this witch took girls into her house as servants. And when she heard that this girl had left her home to seek service, she said that she would try her, and give her good wages. The witch told the girl what work she was to do. 'You must keep the house clean and tidy, sweep the floor and the fireplace; but there is one thing you must never do. You must never look up the chimney, or something bad will befall you.'

So the girl promised to do as she was told, but one morning as she was cleaning, and the witch was out, she forgot what the witch said, and looked up the chimney. When she did this a great bag of money fell down in her lap. This happened again and again. So the girl started to go off home.

When she had gone some way she heard the witch coming after her. So she ran to the apple-tree and cried:

'Apple-tree, apple-tree, hide me,
So the old witch can't find me;
If she does she'll pick my bones,
And bury me under the marble stones.'

So the apple-tree hid her. When the witch came up she said:

'Tree of mine, tree of mine,
Have you seen a girl
With a willy-willy wag, and a long-tailed bag,
Who's stole my money, all I had?'

And the apple-tree said, 'No, mother; not for seven year.'

When the witch had gone down another way, the girl went on again, and just as she got to the cow heard the witch coming after her again, so she ran to the cow and cried:

'Cow, cow, hide me,
So the old witch can't find me;
If she does she'll pick my bones,
And bury me under the marble stones.'

So the cow hid her.

When the old witch came up, she looked about and said to the cow:

'Cow of mine, cow of mine,
Have you seen a girl
With a willy-willy wag, and a long-tailed bag,
Who's stole my money, all I had?'

And the cow said, 'No, mother, not for seven year.'

When the witch had gone off another way, the little girl went on again, and when she was near the oven she heard the witch coming after her again, so she ran to the oven and cried:

'Oven, oven, hide me,
So the old witch can't find me;
If she does she'll pick my bones,
And bury me under the marble stones.'

And the oven said, 'I've no room, ask the baker,' and the baker hid her behind the oven.

When the witch came up she looked here and there and everywhere, and then said to the baker:

'Man of mine, man of mine,
Have you seen a girl,
With a willy-willy wag, and a long-tailed bag,
Who's stole my money, all I had?'

So the baker said, 'Look in the oven.' The old witch went to look, and the oven said, 'Get in and look in the furthest corner.' The witch did so, and when she was inside the oven shut her door, and the witch was kept there for a very long time.

The girl then went off again, and reached her home with her money bags, married a rich man, and lived happy ever afterwards.

The other sister then thought she would go and do the same. And she went the same way. But when she reached the oven, and the bread said, 'Little girl, little girl, take us out. Seven years have we been baking, and no one has come to take us out', the girl said, 'No, I don't want to burn my fingers.' So she went on till she met the cow, and the cow said, 'Little girl, little girl, milk me, milk me, do. Seven years have I been waiting, and no one has come to milk me.' But the girl said, 'No, I can't milk you, I'm in a hurry,' and went on faster. Then she came to the apple-tree, and the apple-tree asked her to help shake the fruit. 'No, I can't; another day p'raps I may,' and went on till she came to the witch's house. Well, it happened to her just the same as to the other girl — she forgot what she was told, and, one day when the witch was out, looked up the chimney, and down fell a bag of money. Well, she thought she would be off at once. When she reached the apple-tree, she heard the witch coming after her, and she cried:

'Apple-tree, apple-tree, hide me,
So the old witch can't find me;
If she does she'll pick my bones,
And bury me under the marble stones.'

But the tree didn't answer, and she ran on further. Presently the witch came up and said:

'Tree of mine, tree of mine,
Have you seen a girl,
With a willy-willy wag, and a long-tailed bag,
Who's stole my money, all I had?'

The tree said, ‘Yes, mother; she’s gone down that way.’

So the old witch went after her and caught her; she took all the money away from her, beat her, and sent her off home just as she was.

THE BURIED MOON

Long ago, in my grandmother's time, the Carland was all in bogs, great pools of black water, and creeping trickles of green water, and squishy mools which squirted when you stepped on them.

Well, granny used to say how long before her time the Moon herself was once dead and buried in the marshes, and as she used to tell me, I'll tell you all about it.

The Moon up yonder shone and shone, just as she does now, and when she shone she lighted up the bog-pools, so that one could walk about almost as safe as in the day.

But when she didn't shine, out came the Things that dwelt in the darkness and went about seeking to do evil and harm; Bogies and Crawling Horrors, all came out when the Moon didn't shine.

Well, the Moon heard of this, and being kind and good — as she surely is, shining for us in the night instead of taking her natural rest — she was main troubled. 'I'll see for myself, I will,' said she, 'maybe it's not so bad as folks make out.'

Sure enough, at the month's end down she stept, wrapped up in a black cloak, and a black hood over her yellow shining hair. Straight she went to the bog edge and looked about her. Water here and water there; waving tussocks and trembling mools, and great black snags all twisted and bent. Before her all was dark — dark but for the glimmer of the stars in the pools, and the light that came from her own white feet, stealing out of her black cloak.

The Moon drew her cloak faster about and trembled, but she wouldn't go back without seeing all there was to be seen; so on she went, stepping as light as the wind in summer from tuft to tuft between the greedy gurgling water-holes. Just as she came near a big black pool her foot slipped and she was nigh tumbling in. She grabbed with both hands at a snag near by to steady herself with, but as she touched it, it twined itself round her wrists, like a pair of handcuffs, and gript her so that she couldn't move. She pulled and twisted and fought, but it was no good. She was fast, and must stay fast.

Presently as she stood trembling in the dark, wondering if help would come, she heard something calling in the distance, calling, calling, and then dying away with a sob, till the marshes were full of this pitiful crying sound; then she heard steps floundering along, squishing in the mud and slipping on

the tufts, and through the darkness she saw a white face with great feared eyes.

'Twas a man strayed in the bogs. Mazed with fear, he struggled on towards the flickering light that looked like help and safety. And when the poor Moon saw that he was coming nigher and nigher to the deep hole, further and further from the path, she was so mad and so sorry that she struggled and fought and pulled harder than ever. And though she couldn't get loose, she twisted and turned, till her black hood fell back off her shining yellow hair, and the beautiful light that came from it drove away the darkness.

Oh, but the man cried with joy to see the light again. And at once all evil things fled back into the dark corners, for they cannot abide the light. So he could see where he was, and where the path was, and how he could get out of the marsh. And he was in such haste to get away from the Quicks, and Bogles, and Things that dwelt there, that he scarce looked at the brave light that came from the beautiful shining yellow hair, streaming out over the black cloak and falling to the water at his feet. And the Moon herself was so taken up with saving him, and with rejoicing that he was back on the right path, that she clean forgot that she needed help herself, and that she was held fast by the Black Snag.

So off he went; spent and gasping, and stumbling and sobbing with joy, flying for his life out of the terrible bogs. Then it came over the Moon she would main like to go with him. So she pulled and fought as if she were mad, till she fell on her knees, spent with tugging, at the foot of the snag. And as she lay there, gasping for breath, the black hood fell forward over her head. So out went the blessed light and back came the darkness, with all its Evil Things, with a screech and a howl. They came crowding round her, mocking and snatching and beating; shrieking with rage and spite, and swearing and snarling, for they knew her for their old enemy, that drove them back into the corners, and kept them from working their wicked wills.

'Drat thee!' yelled the witch-bodies, 'thou'st spoiled our spells this year agone!'

'And us thou sent'st to brood in the corners!' howled the Bogles.

And all the Things joined in with a great 'Ho, ho!' till the very tussocks shook and the water gurgled. And they began again.

'We'll poison her — poison her!' shrieked the witches.

And 'Ho-ho!' howled the Things again.

‘We’ll smother her — smother her!’ whispered the Crawling Horrors, and twined themselves round her knees.

And ‘Ho, ho!’ mocked the rest of them.

And again they all shouted with spite and ill will. And the poor Moon crouched down, and wished she was dead and done with.

And they fought and squabbled what they should do with her, till a pale grey light began to come in the sky; and it drew nigh the dawning. And when they saw that, they were feared lest they shouldn’t have time to work their will; and they caught hold of her, with horrid bony fingers, and laid her deep in the water at the foot of the snag. And the Bogles fetched a strange big stone and rolled it on top of her, to keep her from rising. And they told two of the Will-o-the-wykes to take turns in watching on the black snag, to see that she lay safe and still, and couldn’t get out to spoil their sport.

And there lay the poor Moon, dead and buried in the bog, till someone would set her loose, and who’d know where to look for her.

Well, the days passed, and ‘twas the time for the new moon’s coming, and the folk put pennies in their pockets and straws in their caps so as to be ready for her, and looked about, for the Moon was a good friend to the marsh folk, and they were main glad when the dark time was gone, and the paths were safe again, and the Evil Things were driven back by the blessed Light into the darkness and the water-holes.

But days and days passed, and the new Moon never came, and the nights were aye dark, and the Evil Things were worse than ever. And still the days went on, and the new Moon never came. Naturally the poor folk were strangely feared and mazed, and a lot of them went to the Wise Woman who dwelt in the old mill, and asked if so be she could find out where the Moon was gone.

‘Well,’ said she, after looking in the brewpot, and in the mirror, and in the Book, ‘it be main queer, but I can’t rightly tell ye what’s happened to her. If ye hear of aught, come and tell me.’

So they went their ways; and as days went by, and never a Moon came, naturally they talked — my word! I reckon they did talk! Their tongues wagged at home, and at the inn, and in the garth. But so came one day, as they sat on the great settle in the inn, a man from the far end of the bog lands was smoking and listening, when all at once he sat up and slapped his knee. ‘My faicks!’ says he, ‘I’d clean forgot, but I reckon I kens where the Moon be!’ and he told them of how he was lost in the bogs, and how, when

he was nigh dead with fright, the light shone out, and he found the path and got home safe.

So off they all went to the Wise Woman, and told her about it, and she looked long in the pot and the Book again, and then she nodded her head.

'It's dark still, childer, dark!' says she, 'and I can't rightly see, but do as I tell ye, and ye'll find out for yourselves. Go all of ye, just afore the night gathers, put a stone in your mouth, and take a hazel-twig in your hands, and say never a word till you're safe home again. Then walk on and fear not, far into the midst of the marsh, till ye find a coffin, a candle, and a cross. Then ye'll not be far from your Moon; look, and m'appen ye'll find her.'

So came the next night in the darklings, out they went all together, every man with a stone in his mouth, and a hazel-twig in his hand, and feeling, thou may'st reckon, main feared and creepy. And they stumbled and stottered along the paths into the midst of the bogs; they saw naught, though they heard sighings and flutterings in their ears, and felt cold wet fingers touching them; but all at once, looking around for the coffin, the candle, and the cross, while they came nigh to the pool beside the great snag, where the Moon lay buried. And all at once they stopped, quaking and mazed and skeery, for there was the great stone, half in, half out of the water, for all the world like a strange big coffin; and at the head was the black snag, stretching out its two arms in a dark gruesome cross, and on it a tiddy light flickered, like a dying candle. And they all knelt down in the mud, and said, 'Our Lord', first forward, because of the cross, and then backward, to keep off the Bogles; but without speaking out, for they knew that the Evil Things would catch them if they didn't do as the Wise Woman told them.

Then they went nigher, and took hold of the big stone, and shoved it up, and afterwards they said that for one tiddy minute they saw a strange and beautiful face looking up at them glad-like out of the black water; but the Light came so quick and so white and shining, that they stept back mazed with it, and the very next minute, when they could see again, there was the full Moon in the sky, bright and beautiful and kind as ever, shining and smiling down at them, and making the bogs and the paths as clear as day, and stealing into the very corners, as though she'd have driven the darkness and the Bogles clean away if she could.

THE STARS IN THE SKY

Once on a time and twice on a time, and all times together as ever I heard tell of, there was a tiny lassie who would weep all day to have the stars in the sky to play with; she wouldn't have this, and she wouldn't have that, but it was always the stars she would have. So one fine day off she went to find them. And she walked and she walked and she walked, till by and by she came to a mill-dam.

'Goode' en to ye,' says she, 'I'm seeking the stars in the sky to play with. Have you seen any?'

'Oh, yes, my bonnie lassie,' said the mill-dam. 'They shine in my own face o' nights till I can't sleep for them. Jump in and perhaps you'll find one.'

So she jumped in, and swam about and swam about and swam about, but ne'er a one could she see. So she went on till she came to a brooklet.

'Goode'en to ye, Brooklet, Brooklet,' says she; 'I'm seeking the stars in the sky to play with. Have you seen any?'

'Yes, indeed, my bonny lassie,' said the Brooklet. 'They glint on my banks at night. Paddle about, and maybe you'll find one.'

So she paddled and she paddled and she paddled, but ne'er a one did she find. So on she went till she came to the Good Folk.

'Goode'en to ye, Good Folk,' says she; 'I'm looking for the stars in the sky to play with. Have ye seen e'er a one?'

'Why, yes, my bonnie lassie,' said the Good Folk. 'They shine on the grass here o' night. Dance with us, and maybe you'll find one.'

And she danced and she danced and she danced, but ne'er a one did she see. So down she sate; I suppose she wept.

'Oh dearie me, oh dearie me,' says she, 'I've swam and I've paddled and I've danced, and if ye'll not help me I shall never find the stars in the sky to play with.'

But the Good Folk whispered together, and one of them came up to her and took her by the hand and said, 'If you won't go home to your mother, go forward, go forward; mind you take the right road. Ask Four Feet to carry you to No Feet at all, and tell No Feet at all to carry you to the stairs without steps, and if you can climb that —'

'Oh, shall I be among the stars in the sky then?' cried the lassie.

‘If you’ll not be, then you’ll be elsewhere,’ said the Good Folk, and set to dancing again.

So on she went again with a light heart, and by and by she came to a saddled horse, tied to a tree.

‘Goode’en to ye, Beast,’ said she; ‘I’m seeking the stars in the sky to play with. Will you give me a lift, for all my bones are an-aching.’

‘Nay,’ said the horse, ‘I know naught of the stars in the sky, and I’m here to do the bidding of the Good Folk, and not my own will.’

‘Well,’ said she, ‘it’s from the Good Folk I come, and they bade me tell Four Feet to carry me to No Feet at all.’

‘That’s another story,’ said he; ‘jump up and ride with me.’

So they rode and they rode and they rode, till they got out of the forest and found themselves at the edge of the sea. And on the water in front of them was a wide glistening path running straight out towards a beautiful thing that rose out of the water and went up into the sky, and was all the colours in the world, blue and red and green, and wonderful to look at.

‘Now get you down,’ said the horse; ‘I’ve brought ye to the end of the land, and that’s as much as Four Feet can do. I must away home to my own folk.’

‘But,’ said the lassie, ‘where’s No Feet at all, and where’s the stair without steps?’

‘I know not,’ said the horse; ‘it’s none of my business neither. So goode’en to ye, my bonny lassie’; and off he went.

So the lassie stood still and looked at the water, till a strange kind of fish came swimming up to her feet.

‘Goode’en to ye, big Fish,’ says she; ‘I’m looking for the stars in the sky, and for the stairs that climb up to them. Will ye show me the way?’

‘Nay,’ said the Fish, ‘I can’t unless you bring me word from the Good Folk.’

‘Yes, indeed,’ said she. ‘They said Four Feet would bring me to No Feet at all, and No Feet at all would carry me to the stairs without steps.’

‘Ah, well,’ said the Fish; ‘that’s all right then. Get on my back and hold fast.’

And off he went — Kerplash! — into the water, along the silver path, towards the bright arch. And the nearer they came the brighter the sheen of it, till she had to shade her eyes from the light of it.

And as they came to the foot of it, she saw it was a broad bright road, sloping up and away into the sky, and at the far, far end of it she could see wee shining things dancing about.

'Now,' said the Fish, 'here you are, and yon's the stair; climb up, if you can, but hold on fast. I'll warrant you find the stair easier at home than by such a way; 'twas ne'er meant for lassies' feet to travel'; and off he splashed through the water.

So she clomb and she clomb and she clomb, but ne'er a step higher did she get: the light was before her and around her, and the water behind her, and the more she struggled the more she was forced down into the dark and the cold, and the more she clomb the deeper she fell.

But she clomb and she clomb, till she got dizzy in the light and shivered with the cold, and dazed with the fear; but still she clomb, till at last, quite amazed and silly-like, she let clean go, and sank down — down — down.

And bang she came on to the hard boards, and found herself sitting, weeping and wailing, by the bedside at home all alone.

Contos do folclore britânico

"Era uma vez, e que tempo bom era aquele, embora não fosse no meu tempo, nem no seu, nem no de ninguém."

JOSEPH JACOBS

O POÇO DO FIM DO MUNDO

Era uma vez, e que tempo bom era aquele, embora não fosse no meu tempo, nem no seu, nem no de ninguém, uma garota cuja mãe havia morrido e seu pai casado de novo. Sua madrasta a odiava porque ela era mais bonita. E a madrasta era cruel. Ela a obrigava a fazer todo o trabalho das serviçais e nunca a deixava em paz. Finalmente, um dia, a madrasta pensou em se livrar dela de uma vez por todas; então, lhe deu uma peneira e disse:

— Vai, enche-a no Poço do Fim do Mundo e me traga ela cheia, ou, ai de ti.

Pois ela pensou que a garota nunca seria capaz de encontrar o Poço do Fim do Mundo, e, mesmo se o encontrasse, como poderia trazer para casa uma peneira cheia de água?

Bem, a garota partiu e perguntou a todo mundo que encontrava onde ficava o Poço do Fim do Mundo. Mas ninguém sabia, e ela não sabia o que fazer, até que uma velhinha estranha, toda curvada, lhe disse como chegar até ele. Então, ela fez o que a velha disse e finalmente chegou ao Poço do Fim do Mundo. Mas quando mergulhou a peneira na água congelante, toda ela escorria de volta. Ela tentou e tentou de novo, mas era sempre a mesma coisa; ao final, sentou e chorou como se seu coração fosse partir.

De repente, ouviu uma voz lamuriosa. Olhou para cima e viu um sapão de olhos esbugalhados mirando-a e falando com ela.

— Qual é o problema, queridinha? — Ele disse.

— Ah, meu Deus, meu Deus — ela disse — minha madrasta me mandou até esse fim de mundo para encher essa peneira com a água do Poço do Fim do Mundo, mas eu não consigo enchê-la de jeito nenhum.

— Bom — disse o sapo — se me prometer fazer o que eu ordenar por uma noite inteira, eu digo como encher a peneira.

Então, a garota concordou e o sapo disse:

— Forre com musgo e emplaste com argila,
Daí a peneira carrega a água tranquila;

Então, ele saltou, pulou e saltitou, e caiu dentro do Poço do Fim do Mundo.

Assim, a garota procurou um pouco de musgo e forrou o fundo da peneira. E, sobre ele, colocou um pouco de argila. Então, ela a mergulhou de novo no Poço do Fim do Mundo, mas dessa vez, a água não escoou e ela se virou para ir embora.

Bem nessa hora, o sapo colocou sua cabeça para fora do Poço do Fim do Mundo e disse:

— Lembre-se de sua promessa.

— Tudo bem — disse a garota, pois ela pensou — Que mal um sapo pode me fazer?

Então, ela voltou para sua madrasta levando a peneira cheia de água do Poço do Fim do Mundo. A madrasta estava furiosa que só ela, mas não disse uma palavra.

Naquela mesma noite, elas ouviram algo batendo de leve ao pé da porta, e uma voz gritou:

— Abra a porta, meu docinho, meu coração,
Abra a porta, minha querida;
Tenha em mente as palavras que trocamos,
Lá no campo, no Poço do Fim do Mundo.

— Mas quem é esse? — gritou a madrasta.

E a garota teve que contar sobre o que aconteceu e o que prometeu ao sapo.

— Garotas devem manter suas promessas — disse a madrasta. Vá abrir a porta agora mesmo — pois ela estava feliz que a garota teria que obedecer a um sapo nojento.

Então, a garota abriu a porta e lá estava o sapo do Poço do Fim do Mundo. Ele pulou e pulou, e saltou até chegar à garota, quando disse:

— Ponha-me em seus joelhos, meu docinho, meu coração;
Ponha-me em seus joelhos, minha querida;
Tenha em mente as palavras que trocamos,
Lá no campo, no Poço do Fim do Mundo.

Mas a garota não queria fazer isso, até que sua madrasta disse:

— Pegue o sapo de uma vez, sua levada! Garotas devem manter suas promessas!

Por fim, ela colocou o sapo no colo, e ele ficou ali por um tempo, até que disse:

— Me dê o jantar, meu docinho, meu coração,
Me dê o jantar, minha querida;
Tenha em mente as palavras que trocamos,
Lá no campo, perto do Poço do Fim do Mundo.

Bom, ela não se importava em fazer aquilo, então pegou uma tigela de leite e pão, e o alimentou bem. Quando terminou, o sapo disse:

— Me leve para sua cama, meu docinho, meu coração,
Me leve para sua cama, minha querida
Tenha em mente as palavras que me disse,
Lá perto do poço frio, tão exausta.

Mas isso a garota não faria, até que sua madrasta disse:

— Faça o que prometeu; garotas devem manter suas promessas. Faça o que lhe é devido, ou vá-se embora, você e seu sapinho.

Então, a garota levou o sapo para a cama e o manteve tão longe de si o quanto pôde. Bom, assim que o dia começava a despontar, o sapo nada mais disse além de:

— Corte fora minha cabeça, meu docinho, meu coração,
Corte fora minha cabeça, minha querida;
Lembre-se da promessa que me fez,
Lá perto do poço frio, tão exausta.

A princípio, a garota não queria cortar, pois ela pensou em tudo o que o sapo havia feito por ela no Poço do Fim do Mundo. Mas quando o sapo repetiu as palavras, ela pegou um machado, cortou a cabeça e *voilá*! À sua frente estava um belo príncipe que lhe disse ter sido encantado por uma bruxa malvada, e que o encanto nunca se quebraria até que alguma garota fizesse o que ele ordenasse por uma noite inteira e cortasse sua cabeça ao fim dela.

A madrasta ficou realmente surpresa quando encontrou o príncipe no lugar do sapo nojento. E ela não ficou muito feliz, você pode apostar, quando o príncipe lhe disse que se casaria com sua enteada porque ela havia quebrado o encanto. Mas casados eles estavam e foram morar no castelo do rei, seu pai. E tudo o que a madrasta tinha para se consolar era que, por sua causa, a enteada estava casada com um príncipe.

BROTO-DOURADO E BROTO-PRATEADO

Era uma vez um rei que tinha uma esposa cujo nome era Broto-prateado, e uma filha cujo nome era Broto-dourado. Certo dia, Broto-dourado e Broto-prateado foram até um vale onde havia um poço, e nele havia uma truta.

— Trutinha, meu belo amiguinho, não sou a rainha mais bonita do mundo? — disse Broto-prateado.

— Ah, na verdade, não é.

— Então, quem é?

— Ué, Broto-dourado, sua filha.

Broto-prateado foi para casa cega de fúria. Deitou-se na cama e jurou que nunca descansaria até que tivesse o coração e o fígado de Broto-dourado, sua filha, como jantar.

À noite, o rei voltou para casa e lhe foi dito que Broto-prateado, sua esposa, estava doente. Ele foi vê-la e perguntou o que havia de errado com ela.

— Ah, é uma coisa que você pode curar, se quiser.

— Ah, na verdade, não há nada que eu possa fazer por você que eu não faria.

— Se eu comer o coração e o fígado de Broto-dourado, minha filha, ficarei bem.

Acontece que, por volta dessa época, o filho de um grande rei veio do exterior para pedir Broto-dourado em casamento. O rei concordou com isso e eles foram para o exterior.

O rei, então, enviou seus homens para a colina-da-caça atrás de um bode. Ele deu o coração e o fígado do bode para sua esposa comer; e ela levantou-se bem e saudável.

Um ano depois disso, Broto-prateado foi ao vale onde havia o poço no qual encontrou a truta.

— Trutinha, meu belo amiguinho, — disse ela — não sou a rainha mais bonita do mundo?

— Ah, na verdade, não é.

— Então, quem é?

— Ué, Broto-dourado, sua filha.

— Ah, bom, faz tempo que ela não vive mais. Faz um ano que comi seu coração e fígado.

— Ah, na verdade, ela não está morta. Está casada com um grande príncipe no exterior.

Broto-prateado foi para casa e implorou ao rei que preparasse um navio dizendo:

— Vou ver minha querida Broto-dourado, pois faz muito tempo que não a vejo.

O navio foi posto em ordem e eles partiram.

Foi a própria Broto-prateado quem esteve no leme e conduziu o navio tão bem que não demorou nadinha para que eles chegassem ao destino.

O príncipe estava caçando nas colinas. Broto-dourado soube que o grande navio de seu pai estava chegando.

— Ah! — ela disse a seus servos — minha mãe está chegando, e ela vai me matar.

— Ela não vai matar você de forma alguma. Nós te trancaremos em uma sala de onde não poderá chegar perto.

E assim foi feito. Quando Broto-prateado chegou à costa, ela começou a gritar:

— Venha encontrar sua mãe quando ela vem te ver.

Broto-dourado disse que não podia, que estava trancada na sala e que não podia sair dela.

— Você não vai colocar — disse Broto-prateado — seu dedinho pela fechadura de modo que sua mãe possa beijá-lo?

Ela colocou o dedinho para fora e Broto-prateado colocou uma farpa envenenada nele. Broto-dourado caiu morta.

Quando o príncipe chegou a casa e encontrou Broto-dourado morta, sofreu um grande pesar. Quando viu quão bela ela era, não quis enterrá-la, mas a trancou em um quarto onde ninguém se aproximaria dela.

Com o passar do tempo, ele casou de novo e a casa ficou sob o comando de sua esposa, menos um quarto; e ele mantinha a chave do quarto consigo. Certo dia, ele se esqueceu de levar a chave consigo, e a segunda esposa entrou no quarto. Lá, ela viu nada menos do que a mulher mais linda que já tinha visto.

Ela começou a virá-la e tentar acordá-la; e notou a farpa envenenada em seu dedo. Ela tirou a farpa e Broto-dourado voltou à vida tão linda quanto sempre foi.

Com o cair da noite, o príncipe voltou para casa da colina-da-caça, parecendo muito deprimido.

— Que presente — disse a esposa — você me dá se eu te fizer sorrir?

— Ah, na verdade, nada pode me fazer sorrir, a não ser que Broto-dourado voltasse à vida.

— Bom, você a encontrará viva lá no quarto.

Quando o príncipe viu Broto-dourado viva, ele fez uma grande comemoração, e começou a beijá-la, e beijá-la e beijá-la. A segunda esposa disse:

— Uma vez que ela é a primeira com quem você se casou, é melhor você ficar com ela e eu vou embora.

— Ah, na verdade você não vai embora, eu vou ficar com as duas.

No final do ano, Broto-prateado foi até o vale onde estava o poço no qual havia a truta.

—Trutinha, meu belo amiguinho — disse ela — não sou a rainha mais bonita do mundo?

— Ah, na verdade, não é.

— Então, quem é?

— Ué, Broto-dourado, sua filha.

— Ah, bom, ela não está viva. Faz um ano que eu coloquei uma farpa envenenada em seu dedo.

— Ah, na verdade ela não está morta, não mesmo.

Broto-prateado foi para casa e implorou ao rei para preparar o navio, pois ela estava indo visitar sua querida Broto-dourado, já que fazia muito tempo que não a via. O grande navio foi preparado e ela partiu. Foi a própria Broto-prateado quem esteve no leme e conduziu o navio tão bem que não demorou nadinha para que chegassem.

O príncipe estava caçando nas colinas. Broto-dourado soube que o navio de seu pai estava chegando.

— Ah — ela disse — minha mãe está chegando e ela vai me matar.

— Não mesmo — disse a segunda esposa — nós vamos descer para encontrá-la.

Broto-prateado chegou à costa.

— Venha aqui, Broto-dourado, meu amor — disse ela — pois sua mãe chegou para vê-la com uma bebida preciosa.

— É um costume deste país — disse a segunda esposa — que a pessoa que oferece a bebida tome um gole dela primeiro.

Quando Broto-prateado colocou sua boca na bebida, a segunda esposa bateu nela, de forma que um pouco descesse pela garganta, e Broto-prateado caiu morta. Eles tiveram apenas de carregar seu cadáver de volta e enterrá-la.

O príncipe e suas duas esposas viveram por muito tempo depois disso, felizes e em paz.

Eu os deixo por lá.

A BRUXA VELHA

Era uma vez duas garotas que moravam com sua mãe e seu pai. O pai estava desocupado, e as garotas queriam ir embora e tentar a sorte. Uma garota queria trabalhar como serviçal, e a mãe disse que ela poderia partir se encontrasse um lugar. Então, ela começou a procurar pela cidade. Bom, ela percorreu toda a cidade, mas ninguém queria uma garota como ela. Então, ela foi mais além, até o campo, e chegou ao lugar onde havia um forno no qual havia muitos pães assando. E o pão disse:

— Garotinha, garotinha, nos tire daqui, nos tire daqui. Estamos assando por sete anos e ninguém veio nos tirar daqui.

Ela retirou os pães, deitou-os no chão e seguiu seu caminho. Então, ela encontrou uma vaca, e a vaca disse:

— Garotinha, garotinha, me ordenhe, me ordenhe! Faz sete anos que tenho esperado e ninguém veio me ordenhar.

A garota ordenhou a vaca nos baldes que estavam próximos. Como ela estava com sede, bebeu um pouco e deixou o resto nos baldes próximos à vaca. Então, ela seguiu adiante e chegou até uma macieira tão cheia de frutas que seus galhos estavam quebrando. A árvore disse:

— Garotinha, garotinha, me ajude, balance minhas frutas. Meus galhos estão quebrando, está tão pesado.

E a garota disse:

— Claro que sim, pobre árvore.

Então, ela sacudiu todas as frutas, escorou os galhos e deixou as frutas no chão sob a árvore. Daí ela seguiu caminho até chegar a uma casa. Agora, nessa casa, morava uma bruxa, que aceitava garotas em sua casa como serviçais. E quando ela ouviu que a garota tinha saído de casa em busca de serviço, disse que ia testar seus serviços e lhe pagaria um bom salário. A bruxa disse à garota que trabalho ela deveria realizar:

— Você deve manter a casa limpa e arrumada, varrer o chão e a lareira; mas há uma coisa que você nunca deve fazer. Você nunca deve olhar pela chaminé ou algo ruim pode lhe acontecer.

Então, a garota prometeu fazer como lhe foi dito, mas, uma manhã, enquanto limpava, e a bruxa estava fora, ela esqueceu o que a bruxa havia lhe dito e olhou pela chaminé. Quando fez isso, uma grande bolsa de dinheiro

caiu em seu colo. Isso aconteceu de novo e de novo. Então, a garota decidiu ir para casa.

Quando ela havia percorrido um bom caminho, ouviu a bruxa vindo atrás dela. Então, correu até a macieira e implorou:

— Macieira, macieira, me encubra,
Para que a bruxa velha não me descubra
Se ela me achar, vai juntar meus ossos,
E me enterrar no fundo de um fosso.

Então, a macieira a escondeu. Quando a bruxa apareceu, ela disse:

— Minha árvore, minha árvore,
Você viu uma garota
Com um balançar abobalhado e uma bolsa fundinha,
Que roubou meu dinheiro, todo que eu tinha?

E a macieira disse:

— Não, mãe, não vi por sete anos.

Quando a bruxa foi para o outro lado, a garota continuou. E tinha acabado de chegar à vaca quando ouviu a bruxa vindo atrás dela de novo. Então, correu até a vaca e implorou:

— Vaca, vaca, me encubra,
Para que a bruxa não me descubra;
Se ela me achar, vai juntar meus ossos,
E me enterrar no fundo de um fosso.

Então, a vaca a escondeu.

Quando a bruxa chegou, procurou em volta e disse para a vaca:

— Minha vaca, minha vaca,
Você viu uma garota
Com um balançar abobalhado e uma bolsa fundinha,
Que roubou meu dinheiro, todo que eu tinha?

E a vaca disse:

— Não, mãe, não vi por sete anos.

Quando a bruxa foi para o outro lado, a garotinha continuou de novo. E quando ela estava perto do forno, ouviu a bruxa vindo atrás dela de novo. Então, ela correu até o forno e implorou:

— Forno, forno, me encubra,
Para que a bruxa velha não me descubra;
Se ela me achar, vai juntar meus ossos,
E me enterrar no fundo de um fosso.

E o forno disse:

— Não tenho espaço, peça ao padeiro.

E o padeiro a escondeu atrás do forno.

Quando a bruxa apareceu, procurou aqui, ali e acolá, e então disse ao padeiro:

— Meu bom homem, meu bom homem,
Você viu uma garota,
Com um balançar abobalhado e uma bolsa fundinha,
Que roubou meu dinheiro, todo que eu tinha?

Então, o padeiro disse:

— Olha no forno.

A bruxa velha foi olhar e o forno disse:

— Entre e olhe no cantinho mais ao fundo.

A bruxa assim o fez, e quando ela estava lá dentro, o forno fechou a porta e a bruxa foi mantida ali por muito tempo.

A garota, então, saiu de novo e chegou em casa com suas bolsas de dinheiro, casou com um homem rico e viveu feliz para todo o sempre.

A outra irmã pensou em partir e fazer o mesmo. E ela fez o mesmo caminho. Mas quando ela chegou ao forno, o pão disse:

— Garotinha, garotinha, nos tire daqui. Estamos assando por sete anos, e ninguém veio nos tirar daqui.

A garota disse:

— Não, eu não quero queimar meus dedos.

Então ela continuou até encontrar a vaca. E a vaca disse:

— Garotinha, garotinha, me ordenhe, me ordenhe. Faz sete anos que tenho esperado, e ninguém veio me ordenhar.

Mas a garota disse:

— Não, não posso ordenhá-la, estou com pressa.

E continuou mais rapidamente. Então, ela chegou à macieira, e a macieira pediu que ela lhe ajudasse a sacudir as frutas.

— Não, não posso, outro dia talvez eu possa.

E continuou até que chegou à casa da bruxa. Bom, aconteceu com ela exatamente o mesmo que à outra garota — ela esqueceu o que lhe tinha sido dito, e, um dia quando a bruxa saiu, olhou pela chaminé, e caiu uma bolsa de dinheiro. Bom, ela pensou em sair de uma vez. Quando ela alcançou a macieira, ouviu a bruxa vindo atrás dela e implorou:

— Macieira, macieira, me encubra,
Para que a bruxa velha não me descubra;
Se ela me achar, vai juntar meus ossos,
E me enterrar no fundo de um fosso.

Mas a árvore não respondeu, e ela correu adiante. Logo, a bruxa apareceu e disse:

— Minha árvore, minha árvore,
Você viu uma garota,
Com um balançar abobalhado e uma bolsa fundinha,
Que roubou meu dinheiro, todo que eu tinha?

— Sim, mãe, ela foi para aquele lado — a árvore disse.

Então, a bruxa velha foi atrás dela e a alcançou. Ela lhe tirou todo o dinheiro, espancou-a e expulsou-a de casa do jeito que estava.

A LUA ENTERRADA

Há muito tempo, na época da minha avó, Carland estava um pântano: grandes poças de água preta, e gotas rastejantes de água verde, e barro mole que esguichava quando pisávamos nele.

Bom, vovozinha costumava contar que muito antes do tempo dela, a própria Lua estava morta e enterrada nos pântanos. E como ela costumava me contar, eu vou contar a vocês tudo sobre o caso.

A Lua lá em cima brilhava e brilhava, assim como faz agora. E quando ela brilhava, iluminava as poças pantanosas, de modo que era possível caminhar quase tão seguro à noite quanto de dia.

Mas quando ela não brilhava, saíam as Coisas que habitavam a escuridão, e saíam procurando fazer o mal e machucar; Diabretes e Pragas Rastejantes, todos saíam quando a Lua não brilhava.

Bom, a Lua ouviu falar disso e, sendo boa e gentil — o que ela com certeza é, pois brilha para nós à noite em vez de tirar seu descanso natural —, ela ficou muito preocupada.

— Vou ver por mim mesma — disse — talvez não seja tão ruim quanto o povo acha.

Como era de se esperar, no fim do mês ela desceu, se enrolou em uma capa preta e colocou um capuz preto sobre seu brilhante cabelo amarelo. Ela foi direto para a beira do pântano e olhou a seu redor. Água aqui e água ali; tufos de vegetação ondulantes, barro trêmulo e grandes árvores pretas completamente retorcidas e curvas. À sua frente, tudo era escuridão — não fosse pelo reflexo das estrelas nas poças e a luz que vinha de seus próprios pés brancos, fugindo da capa preta.

A Lua apertou a capa ao redor de si e tremeu, mas ela não voltaria sem ver tudo que tinha para ser visto; então, continuou, pisando tão leve quanto o vento no verão, de tufo em tufo entre as gananciosas e balbuciantes poças d’água. No momento em que se aproximou de uma grande poça preta, seu pé escorregou e ela caiu na poça. Agarrou-se com as duas mãos a uma árvore próxima para se apoiar, mas quando a tocou, ela se retorceu ao redor de seus pulsos, como um par de algemas e a prendeu de forma que ela não pudesse se mexer. Ela puxou e se torceu e lutou, mas foi inútil. Estava presa, e continuaria presa.

Enquanto ela tremia no escuro, imaginando se viria ajuda, ouviu algo chorando a distância, chorando, chorando, e, então, sumindo com um soluço, até que os pântanos estivessem cheios do som desse choro pesaroso. Então, ela ouviu passos trôpegos, esguichando barro e escorrendo nos tufos. Através da escuridão, ela viu um rosto pálido com grandes olhos cheios de medo.

Era um homem perdido no pântano. Perplexo de medo, ele lutou em direção à luz bruxuleante que parecia ajuda e segurança. E quando a pobre Lua viu que ele se aproximava cada vez mais do poço profundo, afastando-se cada vez mais do caminho, ficou tão louca e tão pesarosa que se esforçou, lutou e puxou com mais força do que nunca. E embora ela não pudesse se soltar, ela se torceu e virou até que seu capuz preto desvelasse seu brilhante cabelo amarelo e a luz bonita que veio dele o afastou da escuridão.

Ah, mas o homem chorou de alegria ao ver a luz de novo. E, rapidamente, todas as Coisas Ruins fugiram de volta para os cantos escuros, pois não poderiam aguentar a luz. Então, ele pôde ver onde estava e onde o caminho estava, e como poderia sair do pântano. E ele estava com tanta pressa de se livrar dos vivos, dos diabretes e das Coisas que lá habitavam, que mal olhou para a luz corajosa que vinha do belo e brilhante cabelo amarelo, fluindo por sobre a capa preta e derramando sobre a água aos seus pés. E a própria Lua estava tão preocupada em salvá-lo e alegre por vê-lo de volta ao caminho certo, que se esqueceu completamente que também precisava de ajuda e que estava presa na árvore preta.

Então, ele se foi, exausto e ofegante; tropeçando e chorando de alegria, correndo por sua vida para fora do pântano terrível. Então, ocorreu à Lua que ela gostaria de ir com ele. Ela puxou e lutou como louca até cair de joelhos, exausta pelo esforço, ao pé da árvore. E enquanto ela estava lá, ofegante por ar, o capuz preto caiu sobre sua cabeça. Foi-se a abençoada luz e voltou a escuridão, com todas as suas Coisas Ruins, com um grito estridente e um uivo. Eles vieram se amontoando ao redor da Lua, zombando, agarrando e batendo; esganiçando-se com raiva e maldade, xingando e rosnando, pois a conheciam como uma inimiga antiga, que os conduzira de volta aos cantos escuros e os impedira de fazer suas maldades.

— Sua maldita! — gritaram as bruxas — Estragaste nossos feitiços no ano passado!

— E nós, tu mandaste pensar no cantinho! — uivaram os Diabretes.

E todas as Coisas se reuniram com um grande "Ho, ho" até que os tufos balançaram e a água gorgolejou. E eles começaram de novo.

—Vamos envenená-la, envenená-la! — Gritaram as bruxas.

E "Ho, ho!" uivaram as Coisas de novo.

— Vamos esmagá-la — esmagá-la! — Sussurraram as Pragas Rastejantes, e se duplicavam ao redor de seu joelho.

E "Ho, ho!" zombaram o resto deles.

E, de novo, gritaram com raiva e má vontade. E a pobre Lua se agachou e desejou estar morta de uma vez.

E eles brigaram e discutiram o que deveriam fazer com ela, até que uma pálida luz cinza começou a descer do céu, e ela trouxe a aurora. Quando eles viram isso, temeram não ter tempo para fazer o que queriam; eles a pegaram com dedos esquálidos horríveis e a deitaram no fundo da água ao pé da árvore. Os Diabretes trouxeram uma enorme pedra estranha e a rolaram para cima dela, impedindo-a de se levantar. E eles pediram a dois dos Fogos Fátuos para se revezar na vigília da árvore negra, para ver se ela ficaria segura e imóvel, e não poderia estragar seu divertimento.

E lá ficou a pobre Lua, morta e enterrada na árvore até que alguém a soltasse; e quem saberia onde procurar por ela?

Bom, os dias passaram e já era hora de a lua nova chegar, e o povo pôs moedas em seus bolsos e palhas em seus chapéus para recebê-la, e a procuraram, pois a Lua era uma boa amiga do povo do pântano e eles estavam felizes que o tempo de escuridão se tinha ido, os caminhos estavam seguros de novo e as Coisas Ruins foram afastados pela Luz Abençoada para a escuridão e poças d'água.

Mas dias e dias passaram, a Lua nova nunca veio e as noites estavam sempre escuras. As Coisas Ruins estavam piores do que nunca. Os dias se seguiram e a Lua nunca vinha. Naturalmente, o pobre povo se sentia estranhamente assustado e confuso. Muitos foram ver a Sábia que morava no velho moinho e perguntaram se, por acaso, ela poderia descobrir aonde a Lua tinha ido.

— Bom — disse ela olhando no bule de chá, no espelho e no Livro — pode parecer esquisito, mas eu não sei dizer ao certo o que aconteceu com ela. Se vocês ouvirem algo, venham me dizer.

Então, eles seguiram seu caminho, os dias passaram e a Lua nunca veio. Naturalmente, eles falavam — meu Deus! E como falavam! Suas línguas se agitavam em casa, na hospedaria e no jardim. Mas veio o dia em que, enquanto eles sentavam no enorme banco da taverna, um homem de para lá do

fim dos pântanos, que estava fumando e ouvindo tudo, de repente sentou e deu um tapa nos joelhos:

— Carambola! — ele disse — Se esqueci, mas acho que sei cadê a Lua!

E lhes contou como estava perdido nos pântanos, e de como, quando ele estava quase morto de medo, a luz brilhou e ele encontrou o caminho e voltou para casa em segurança.

Então, eles foram até a Sábia e contaram a ela. A Sábia olhou longamente no bule e no Livro de novo. Então, sacudiu a cabeça.

— Ainda está obscuro, crianças, obscuro! — ela disse — e não consigo ver direito, mas façam como eu digo e vão encontrá-la vocês mesmos. Vão todos vocês, um pouquinho antes do anoitecer, coloquem uma pedra na boca, segurem um ramo de aveleira nas mãos e não digam uma única palavra até chegarem a casa em segurança. Então, caminhem, e não sintam medo, direto para o meio do pântano até encontrarem um caixão, uma vela e uma cruz. Então, não estarão longe de sua Lua; procurem e talvez vocês a encontrem.

Veio a noite seguinte na escuridão. Eles saíram todos juntos. Cada homem com uma pedra na boca, um ramo de aveleira nas mãos e se sentindo — você pode concluir — muito temerosos e assustados. E eles tropeçaram e vacilaram ao longo do caminho rumo ao meio dos pântanos. Não viam nada, embora ouvissem murmúrios e adivinhassem esvoaços em seus ouvidos, e sentissem dedos frios e úmidos os tocarem, tudo ao mesmo tempo. Procuravam pelo caixão, a vela e a cruz quando se aproximaram da poça ao lado da grande árvore onde a Lua estava enterrada. E, de repente, todos pararam, tremendo, perplexos e assustados, pois havia uma pedra grande, metade dentro e metade fora d'água. Para todos, parecia um grande caixão estranho, e, em seu topo, estava a grande árvore, esticando seus dois braços em uma cruz escura e horrível, e sobre ela uma luzinha bruxuleante como uma vela morrendo. Todos se ajoelharam no barro e disseram:

— Meu Deus — primeiro, por causa da cruz, e depois, para manter os Diabretes a distância, mas sem falar, pois sabiam que as Coisas Ruins os pegariam se não fizessem como a Sábia lhes havia dito.

Então, eles se aproximaram da pedra grande, empurraram-na e, mais tarde, disseram eles, por um minutinho, viram um rosto estranho e bonito olhando feliz para eles de dentro da água preta, mas a Luz veio tão rápida e tão branca e brilhante que eles recuaram confusos. No minuto seguinte, quando puderem enxergar de novo, lá estava a Lua cheia no céu, clara, bonita e gentil como sempre, brilhando e sorrindo para eles; fazendo o pântano e os

caminhos tão claros como o dia, e se infiltrando nos cantinhos, puxando a escuridão e os Diabretes para longe. Como se ela pudesse!

AS ESTRELAS DO CÉU

Era uma vez e eram duas vezes, e todas as vezes juntas como eu sempre ouvi contarem, uma donzela franzina que chorava o dia todo para poder brincar com as estrelas do céu. Ela não queria isso e não queria aquilo, mas sempre queria as estrelas. Então, um belo dia, saiu para encontrá-las. E ela caminhou, caminhou e caminhou até que, dali a pouco, chegou a um moinho de água.

— Boa noite para você — disse ela — estou procurando as estrelas do céu para brincar. Viu alguma?

— Ah, sim, minha bela donzela — disse o moinho de água. Elas brilham na minha face a noite toda e não consigo dormir por causa delas. Entre aí e talvez encontre uma.

Então, ela pulou na água e nadou, nadou e nadou ao redor, mas não viu nenhuma. Então, ela seguiu até que chegou a uma sanga.

— Boa noite para você, sanga. Sanga — disse ela —, estou procurando pelas estrelas do céu para brincar. Viu alguma?

— Sim, certamente, minha bela donzela — disse a sanga — Elas brilham nas minhas margens à noite. Reme por aí e talvez você encontre alguma.

Então, ela remou e remou e remou, mas não encontrou nenhuma. Então, ela seguiu até chegar às fadas.

— Boa noite para vocês, fadas — disse ela — estou procurando pelas estrelas do céu para brincar. Já viram alguma?

— Ué, vimos sim, minha bela donzela — disseram as fadas — elas brilham aqui na grama a noite toda. Dance conosco e talvez você encontre alguma.

E ela dançou e dançou e dançou, mas não viu nenhuma. Então, ela sentou e, suponho eu, chorou.

— Ah, pobre de mim, ah, pobre de mim — disse ela — eu nadei, remei e dancei, e se vocês não me ajudarem, nunca encontrarei as estrelas do céu para brincar.

As fadas cochicharam e uma veio até ela, tomou sua mão e disse:

— Se não for voltar para sua mãe, siga em frente, siga em frente, atente em pegar a estrada certa. Peça a Quatro Pés que a leve até Sem Pés Algum; e

peça a Sem Pés Algum para carregá-la para a escada sem degraus. Se você conseguir subir por ela...

— Ah, estarei entre as estrelas do céu? — exclamou a donzela.

— Se não estiver, então, estará em algum outro lugar — disseram as fadas, e começaram a dançar de novo.

Então, ela seguiu de novo com o coração leve, e logo chegou a um cavalo selado, amarrado a uma árvore.

— Boa noite para você, Animal — disse ela — estou procurando pelas estrelas do céu para brincar. Você me levarai até lá? Pois todos os meus ossos doem.

— Não — disse o cavalo — não sei nada das estrelas do céu. Estou aqui para fazer as vontades das fadas e não as suas.

— Bom — disse ela — é da parte das fadas que eu venho, e elas me mandaram falar para Quatro Pés me levar até Sem Pés Algum.

— Aí é outra história — disse ele — sobe aí e cavalgue comigo.

Então, eles cavalgaram, cavalgaram até que saíram da floresta e se encontraram à beira-mar. E, na água à sua frente havia um caminho largo e luminoso que ia direto para algo bonito que emergia da água e ia até o céu. Tinha todas as cores do mundo: azul e vermelho e verde, uma maravilha de se ver.

— Agora desce — disse o cavalo — Eu a trouxe ao fim da terra, e isso é o máximo que Quatro Pés pode fazer. Preciso voltar para o meu povo.

— Mas — disse a donzela —, onde está Sem Pés Algum e onde está a escada sem degraus?

— Sei lá — disse o cavalo — e também não é problema meu. Então, boa noite para você, minha bela donzela — e se foi.

Então, a donzela ficou parada, olhando para a água até que um tipo estranho de peixe veio nadando aos seus pés.

— Boa noite para você, Peixão — disse ela — estou procurando pelas estrelas do céu e pela escada que leva até elas. Me mostra o caminho?

— Não — disse o Peixe —, não posso, a não ser que me traga uma declaração das fadas.

— Sim, é verdade — disse ela — Elas disseram que Quatro Pés me traria a Sem Pés Algum, e Sem Pés Algum me carregaria até a escada sem degraus.

— Ah, bom — disse o peixe — tudo bem, então. Sobe nas minhas costas e agarre firme.

E lá se foi ele — tchibum — água adentro pelo caminho prateado em direção ao arco brilhante. E quanto mais perto eles chegavam, mais brilhante era o seu resplendor. Até chegar o ponto em que ela teve que proteger seus olhos da luz.

E quando chegara, aos pés da luz, notou que era uma larga estrada brilhante, inclinada em direção do céu, e lá, lá no fim dela, a donzela podia ver coisinhas brilhantes dançando.

— Agora — disse o Peixe — aqui estamos nós, e aí está a escada; suba se puder, mas segure firme. Garanto que vai achar a escada de casa mais fácil do que essa. Ela não foi feita para pés de donzela — e lá se foi ele respingando água.

Então, ela subiu e subiu e subiu, mas nunca um degrau acima de onde estava. A luz estava à sua frente e ao seu redor; e a água estava atrás dela. Quanto mais ela lutava, mas era forçada para a escuridão e o frio. Quanto mais ela subia, maior era a sua queda.

Mas ela subiu e subiu, até que ficou tonta com a luz, tremeu de frio e se atordoou de medo, mas ainda assim ela subiu, até que enfim, bastante confusa e insana, ela se soltou e afundou... afundou... afundou.

E bateu em armações endurecidas, e se achou sentada, chorando e lamentando à cabeceira da cama, em casa, completamente sozinha.

memória

(n.t.) | Sipán

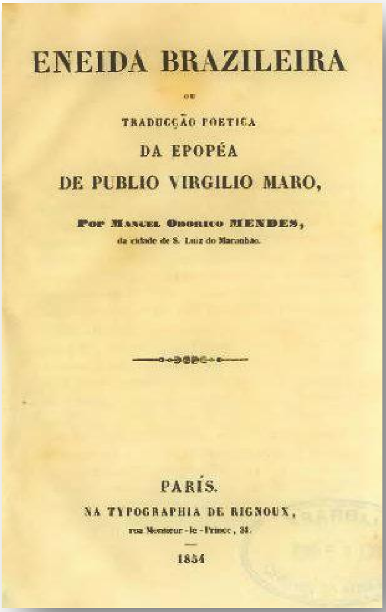
Eneida Brazileira
Públio Virgílio Maro

O texto: Em 1854, Odorico Mendes, durante sua estada em Paris, publicou a primeira edição da *Eneida Brazileira* de Virgílio, pela Tipografia de Rignoux, em uma edição que se esgotaria em quinze dias. Mais de um século depois, a tradução se tornaria um dos marcos na história das traduções no país, ocupando um lugar de destaque, por sua permanência e relevância, ganhando, em 2008, uma segunda edição bilíngue, anotada e comentada pelo grupo de pesquisa "Odorico Mendes" (Unicamp), que se dedica a divulgar a obra do tradutor, sobretudo suas versões dos clássicos gregos e latinos. Celebrando o 160º aniversário da 1ª edição da tradução do clássico latino, reproduz-se, a seguir, o texto integral dos versos que compõem o Livro I (*Liber primus*) da *Eneida*, conforme o português da edição de 1854, ao lado do original em latim, estampado, por sua vez, no livro *Virgilio Brazileiro*, de 1858.

Edições de referência: *Eneida Brazileira*. Paris: Typographia de Rignoux, 1854 (fac-símile). *Virgílio Brazileiro*: Eneida, Bucólicas e Geórgicas. Paris: W. Renquet, 1858 (fac-símile). *Eneida*. São Paulo/Campinas: Ateliê/UNICAMP, 2008.

O autor: Públio Virgílio Maro (70-19 a.C.), conhecido como Virgílio, foi um poeta romano clássico, considerado um dos maiores de seu tempo, autor de grandes obras universais da literatura, entre as quais, as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Estudou filosofia e retórica em Roma, ao lado de grandes mestres, tendo frequentado os círculos eruditos da cidade. Protegido de Mecenas, tornou-se o poeta oficial do imperador Augusto. Sua obra mais conhecida, a *Eneida*, é considerada um épico nacional da Roma Antiga: narra a viagem do troiano Enéas, filho de Vênus, a quem os deuses encarregaram de lançar a pedra fundamental de uma cidade que, mais tarde, seria batizada de Roma. Virgílio exerceu uma notável e ampla influência na literatura ocidental, sobretudo na *Divina Comédia* dantesca, em que ele aparece como guia de Dante pelo Inferno e Purgatório.

O tradutor: Manuel Odorico Mendes (1799-1864), político, publicista e humanista, nascido em São Luís do Maranhão, é um dos mais antigos tradutores do Brasil, conhecido por realizar as primeiras traduções integrais para o português das obras clássicas de Virgílio e Homero. Após traduzir e publicar a *Eneida*, de Virgílio, em 1854, em Paris, editou a obra completa do poeta latino sob o título de *Virgilio Brazileiro*, cuja edição compreendia os textos da *Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*. Depois, lançou-se à tradução dos épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, publicados postumamente, em 1874 e 1928.



ENEIDA BRAZILEIRA

OU

TRADUCÇÃO POETICA

DA EPOPÉA

DE PUBLIO VIRGILIO MARO,

Por Manuel Odorico MENDES,

da cidade de S. Luiz do Maranhão.

PARÍS.

NA TYPOGRAPHIA DE RIGNOUX,

rua Monsieur-le-Prince, 31.

1854

Aeneis

"Ille ego qui quondam gracili modulatus avena carmen."

PUBLIUS VERGILIUS MARO

LIBER PRIMUS

Ille ego qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, et, egressus silvis, vicina coegi
Ut quamvis avido parerent arva colono,
Gratum opus agricolis; at nunc horrentia Martis
Arma virumque cano Trojae qui primus ab oris
Italiam, fato profugus, Lavinaque venit
Littora: multum ille et terris jactatus et alto,
Vi Superum, saevae memorem Junonis ob iram;
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
Inferretque deos Latio: genus unde Latinum,
Albanique patres, atque altae moenia Romae.
Musa, mihi causas memora, quo numine laeso,
Quidve dolens regina deum tot volvere casus
Insignem pietate virum, tot adire labores,
Impulerit. Tantaene animis coelestibus irae!
Urbs antiqua fuit (Tyrii tenuere coloni)
Carthago, Italiam contra, Tiberinaque longe
Ostia, dives opum, studiisque asperrima belli:
Quam Juno fertur terris magis omnibus unam
Posthabita coluisse Samo. Hic illius arma,
Hic currus fuit: hoc regnum Dea gentibus esse,
Si qua fata sinant, jam tum tenditque fovetque.

Progeniem sed enim Trojano a sanguine duci
Audierat, Tyrias olim quae verteret arces,
Hinc populum late regem, belloque superbum,
Venturum excidio Libyae: sic volvere Parcas.
Id metuens, veterisque memor Saturnia belli,
Prima quod ad Trojam pro caris gesserat Argis;
Necdum etiam causae irarum saevique dolores
Exciderant animo: manet alta mente repostum
Judicium Paridis, spretaeque injuria formae,
Et genus invisum, et rapti Ganymedis honores:
His accensa super, jactatos aequore toto
Troas, relliquias Danaum atque immitis Achillei,
Arcebat longe Latio; multosque per annos
Errabant acti fatis maria omnia circum,
Tantae molis erat Romanam condere gentem!
Vix e conspectu Siculae telluris in altum
Vela dabant laeti, et spumas salis aere ruebant,
Cum Juno, aeternum servans sub pectore vulnus,
Haec secum: Mene incepto desistere victam?
Nec posse Italia Teucrorum avertere regem?
Quippe vetor fatis! Pallasne exurere classem
Argivum, atque ipsos potuit submergere ponto,
Unius ob noxam et furias Ajacis Oilei?
Ipsa, Jovis rapidum jaculata e nubibus ignem,
Disjecitque rates, evertitque aequora ventis;
Illum exspirantem transfixo pectore flammas
Turbine corripuit, scopuloque infixit acuto:
Ast ego, quae divum incedo regina, Jovisque
Et soror et conjux, una cum gente tot annos
Bella gero! Et quisquam numen Junonis adoret
Praeterea, aut supplex aris imponat honorem?
Talia flammato secum Dea corde volutans,
Nimborum in patriam, loca feta furentibus Austris,
Aeoliam venit. Hic vasto rex Aeolus antro
Luctantes ventos tempestatesque sonoras
Imperio premit, ac vinclis et carcere frenat.
Illi indignantes magno cum murmure montis
Circum claustra fremunt: Celsa sedet Aeolus arce,
Sceptra tenens; mollitque animos, et temperat iras.

Ni faciat, maria ac terras coelumque profundum
Quippe ferant rapidi secum, verrantque per auras.
Sed pater omnipotens speluncis abdidit atris,
Hoc metuens: molemque et montis insuper altos
Imposuit! regemque dedit, qui foedere certo
Et premere, et laxas sciret dare jussus habenas.
Ad quem tum Juno supplex his vocibus usa est:
Aeole (namque tibi divum pater atque hominum rex
Et mulcere dedit fluctus, et tollere vento),
Gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aequor,
Illium in Italiam portans, victosque Penates:
Incute vim ventis, submersasque obrue puppes;
Aut age diversas, et disjice corpora ponto.
Sunt mihi bis septem praestanti corpore Nymphae,
Quarum, quae forma pulcherrima, Deiopeiam
Conubio jungam stabili, propriamque dicabo;
Omnes ut tecum meritis pro talibus annos
Exigat, et pulchra faciat te prole parentem.
Aeolus haec contra: Tuus, o regina, quid optes
Explorare labor; mihi jussa capessere fas est.
Tu mihi quodcunque hoc regni, tu sceptra Jovemque
Concilias: tu das epulis accumbere divum,
Nimborumque facis tempestatumque potentem.
Haec ubi dicta, cavum conversa cuspide montem
Impulit in latus; ac venti, velut agmine facto,
Qua data porta, ruunt, et terras turbine perflant.
Incubuere mari, totumque a sedibus imis
Una Eurusque Notusque ruunt, creberque procellis
Africus, et vastos volvunt ad littora fluctus.
Insequitur clamorque virum, stridorque rudentum:
Eripiunt subito nubes coelumque diemque
Teucrorum ex oculis: ponto nox incubat atra.
Intonuere poli, et crebris micat ignibus aether;
Praesentemque viris intentant omnia mortem.
Extemplo Aeneae solvuntur frigore membra:
Ingemit, et, duplices tendens ad sidera palmas,
Talia voce refert: O terque quaterque beati
Queis ante ora patrum, Trojae sub moenibus altis,
Contigit oppetere! O Danaum fortissime gentis

Tydide, mene Iliacis occumbere campis
Non potuisse, tuaque animam hanc effundere dextra,
Saevus ubi Aeacidae telo jacet Hector, ubi ingens
Sarpedon; ubi tot Simois correpta sub undis
Scuta virum, galeasque, et fortia corpora volvit!
Talia jactanti stridens Aquilone procella
Velum adversa ferit, fluctusque ad sidera tollit.
Franguntur remi; tum prora avertit, et undis
Dat latus: insequitur cumulo praeruptus aquae mons.
Hi summo in fluctu pendent; his unda dehiscens
Terram inter fluctus aperit: furit aestus arenis.
Tres Notus abreptas in saxa latentia torquet:
Saxa vocant Itali mediis quae in fluctibus, Aras,
Dorsum immane mari summo. Tres Eurus ab alto
In brevia et Syrtes urget, miserabile visu,
Illiditque vadis, atque aggere cingit arenae.
Unam, quae Lycios fidumque vehebat Orontem,
Ipsius ante oculos ingens a vertice pontus
In puppim ferit: excutitur, pronusque magister
Volvitur in caput; ast illam ter fluctus ibidem
Torquet agens circum, et rapidus vorat aequore vortex.
Apparent rari nantes in gurgite vasto:
Arma virum, tabulaeque, et Troja gaza per undas.
Jam validam Ilionei navem, jam fortis Achatae,
Et qua vectus Abas, et qua grandaevus Alethes,
Vicit hiems: laxis laterum compagibus omnes
Accipiunt inimicum imbrem, rimisque fatiscunt.
Interea magno misceri murmure pontum,
Emissamque hiemem sensit Neptunus, et imis
Stagna refusa vadis, graviter commotus; et alto
Prospiciens, summa placidum caput extulit unda.
Disjectam Aeneae toto videt aequore classem,
Fluctibus oppressos Troas coelique ruina.
Nec latuere doli fratrem Junonis et irae.
Eurum ad se Zephyrumque vocat; dehinc talia fatur:
Tantane vos generis tenuit fiducia vestri?
Jam coelum terramque, meo sine numine, venti,
Miscere, et tantas audetis tollere moles?
Quos ego... Sed motos praestat componere fluctus.

Post mihi non simili poena commissa luetis.
Maturate fugam, regique haec dicite vestro:
Non illi imperium pelagi saevumque tridentem,
Sed mihi sorte datum: tenet ille immania saxa,
Vestras, Eure, domos: illa se jactet in aula
Aeolus, et clauso ventorum carcere regnet.
Sic ait, et dicto citius tumida aequora placat,
Collectasque fugat nubes, Solemque reducit.
Cymothoe, simul et Triton adnixus, acuto
Detrudunt naves scopulo: levat ipse tridenti;
Et vastas aperit Syrtes, et temperat aequor;
Atque rotis summas levibus perlabitur undas.
Ac veluti magno in populo cum saepe coorta est
Seditio, saevitque animis ignobile vulgus,
Jamque faces et saxa volant, furor arma ministrat;
Tum, pietate gravem ac meritis si forte virum quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus adstant;
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet:
Sic cunctus pelagi cecidit fragor, aequora postquam
Prospiciens genitor, coeloque invectus aperto,
Flectit equos, curruque volans dat lora secundo.
Defessi Aeneadae, quae proxima, littora cursu
Contendunt petere, et Libyae vertuntur ad oras.
Est in secessu longo locus: insula portum
Efficit objectu laterum, quibus omnis ab alto
Frangitur inque sinus scindit sese unda reductos.
Hinc atque hinc vastae rupes geminique minantur
In coelum scopuli, quorum sub vertice late
Aequora tuta silent; tum silvis scena coruscis
Desuper, horrentique atrum nemus imminet umbra.
Fronte sub adversa scopulis pendentibus antrum:
Intus aquae dulces, vivoque sedilia saxo,
Nympharum domus: hic fessas non vincula naves
Ulla tenent, unco non alligat anchora morsu.
Huc septem Aeneas collectis navibus omni
Ex numero subit; ac, magno telluris amore
Egressi, optata potiuntur Troes arena,
Et sale tabentes artus in littore ponunt.
Ac primum silici scintillam excudit Achates,

Suscepitque ignem foliis, atque arida circum
Nutrimenta dedit, rapuitque in fomite flammam.
Tum Cererem corruptam undis Cerealiaque arma
Expediunt fessi rerum; frugesque receptas
Et torrere parant flammis, et frangere saxo.
Aeneas scopulum interea conscendit, et omnem
Prospectum late pelago petit, Anthea si qua
Jactatum vento videat, Phrygiasque biremes,
Aut Capyn, aut celsis in puppibus arma Caici.
Navem in conspectu nullam, tres littore cervos
Prospicit errantes: hos tota armenta sequuntur
A tergo, et longum per valles pascitur agmen.
Constitit hic, arcumque manu celeresque sagittas
Corripuit, fidus quae tela gerebat Achates;
Ductoresque ipsos primum, capita alta ferentes
Cornibus arboreis, sternit: tum vulgus, et omnem
Miscet agens telis nemora inter frondea turbam.
Nec prius absistit, quam septem ingentia victor
Corpora fundat humi, et numerum cum navibus aequet.
Hinc portum petit, et socios partitur in omnes.
Vina bonus quae deinde cadis onerarat Acestes
Littore Trinacrio, dederatque abeuntibus heros,
Dividit, et dictis moerentia pectora mulcet:
O socii (neque enim ignari sumus ante malorum),
O passi graviora: dabit deus his quoque finem.
Vos et Scyllaeam rabiem penitusque sonantes
Accestis scopulos; vos et Cyclopea saxa
Experti: revocate animos, moestumque timorem
Mittite: forsan et haec olim meminisse juvabit.
Per varios casus, per tot discrimina rerum,
Tendimus in Latium, sedes ubi fata quietas
Ostendunt: illic fas regna resurgere Trojae.
Durate, et vosmet rebus servate secundis.
Talia voce refert; curisque ingentibus aeger
Spem vultu simulat, premit altum corde dolorem.
Illi se praedae accingunt dapibusque futuris;
Tergora diripiunt costis, et viscera nudant.
Pars in frusta secant, verubusque trementia figunt:
Littore ahena locant alii, flammasque ministrant.

Tum victu revocant vires; fusique per herbam
Implentur veteris Bacchi pinguisque ferinae.
Postquam exempta fames epulis, mensaeque remotae,
Amissos longo socios sermone requirunt,
Spemque metumque inter dubii, seu vivere credant,
Sive extrema pati, nec jam exaudire vocatos.
Praecipue pius Aeneas, nunc acris Orontei,
Nunc Amyci casum gemit, et crudelia secum
Fata Lyci, fortemque Gyan, fortemque Cloanthum.
Et jam finis erat, cum Jupiter aethere summo
Despiciens mare velivolum, terrasque jacentes,
Littoraque, et latos populos; sic vertice coeli
Constitit, et Libyae defixit lumina regnis.
Atque illum tales jactantem pectore curas
Tristior, et lacrymis oculos suffusa nitentes,
Alloquitur Venus: O qui res hominumque deumque
Aeternis regis imperiis, et fulmine terres,
Quid meus Aeneas in te committere tantum,
Quid Troes potuere, quibus tot funera passis
Cunctus ob Italiam terrarum clauditur orbis?
Certe hinc Romanos olim volventibus annis,
Hinc fore ductores, revocato a sanguine Teucri,
Qui mare, qui terras omni ditione tenerent,
Pollicitus: quae te, genitor, sententia vertit?
Hoc equidem occasum Trojae tristesque ruinas
Solabar, fatis contraria fata rependens.
Nunc eadem fortuna viros tot casibus actos
Insequitur: quem das finem, rex magne, laborum?
Antenor potuit, mediis elapsus Achivis,
Illyricos penetrare sinus atque intima tutus
Regna Liburnorum, et fontem superare Timavi,
Unde per ora novem vasto cum murmure montis
It mare proruptum, et pelago premit arva sonanti.
Hic tamen ille urbem Patavi sedesque locavit
Teucrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troia: nunc placida compostus pace quiescit.
Nos, tua progenies, coeli quibus annuis arcem,
Navibus (infandum) amissis, unius ob iram
Prodimur, atque Italis longe disjungimur oris.

Hic pietatis honos? Sic nos in sceptra reponis?
Olli subridens hominum sator atque deorum,
Vultu quo coelum tempestatesque serenat,
Oscula libavit natae; dehinc talia fatur:
Parce metu, Cytherea: manent immota tuorum
Fata tibi: cernes urbem et promissa Lavini
Moenia, sublimemque feres ad sidera coeli
Magnanimum Aeneam, neque me sententia vertit.
Hic (tibi fabor enim, quando haec te cura remordet,
Longius et volvens fatorum arcana movebo)
Bellum ingens geret Italia, populosque feroces
Contundet, moresque viris et moenia ponet,
Tertia dum Latio regnantem viderit aestas,
Ternaque transierint Rutulis hiberna subactis.
At puer Ascanius, cui nunc cognomen Iulo
Additur (Ilus erat, dum res stetit Ilia regno),
Triginta magnos volvendis mensibus orbes
Imperio explebit, regnumque ab sede Lavini
Transferet, et longam multa vi muniet Albam.
Hic jam ter centum totos regnabitur annos
Gente sub Hectorea, donec regina sacerdos,
Marte gravis, geminam partu dabit Ilia prolem.
Inde lupae fulvo nutricis tegmine laetus
Romulus excipiet gentem, et Mavortia condet
Moenia, Romanosque suo de nomine dicet.
His ego nec metas rerum nec tempora pono:
Imperium sine fine dedi. Quin aspera Juno,
Quae mare nunc, terrasque metu, coelumque fatigat,
Consilia in melius referet; mecumque fovebit
Romanos rerum dominos gentemque togatam.
Sic placitum. Veniet lustris labentibus aetas,
Cum domus Assaraci Phthiam clarasque Mycenas
Servitio premet, ac victis dominabitur Argis.
Nascetur pulchra Trojanus origine Caesar,
Imperium Oceano, famam qui terminet astris,
Julius, a magno demissum nomen Iulo.
Hunc tu olim coelo, spoliis Orientis onustum,
Accipies secura; vocabitur hic quoque votis.
Aspera tum positis mitescent secula bellis,

Cana Fides, et Vesta, Remo cum fratre Quirinus,
Jura dabunt: dirae ferro et compagibus arctis
Claudentur belli portae: Furor impius intus,
Saeva sedens super arma, et centum vinctus ahenis
Post tergum nodis, fremet horridus ore cruento.
Haec ait, et Maia genitum demittit ab alto,
Ut terrae, utque novae pateant Carthaginis arces
Hospitio Teucris: ne fati nescia Dido
Finibus arceret. Volat ille per aera magnum
Remigio alarum, ac Libyae citus abstitit oris,
Et jam jussa facit; ponuntque ferocia Poeni
Corda, volente deo: in primis regina quietum
Accipit in Teucros animum mentemque benignam.
At pius Aeneas, per noctem plurima volvens,
Ut primum lux alma data est, exire, locosque
Explorare novos; quas vento accesserit oras,
Qui teneant (nam inculta videt) hominesne, feraene,
Quaerere constituit, sociisque exacta referre,
Classem in convexo nemorum, sub rupe cavata,
Arboribus clausam circum atque horrentibus umbris
Occulit: ipse uno graditur comitatus Achate,
Bina manu lato crispans hastilia ferro.
Cui mater media sese tulit obvia silva,
Virginis os habitumque gerens, et virginis arma
Spartanae; vel qualis equos Threissa fatigat
Harpalyce, volucremque fuga praevertitur Eurum.
Namque humeris de more habilem suspenderat arcum
Venatrix, dederatque comam diffundere ventis;
Nuda genu, nodoque sinus collecta fluentes.
Ac prior: Heus, inquit, juvenes, monstrate mearum
Vidistis si quam hic errantem forte sororum,
Succinctam pharetra et maculosae tegmine lyncis,
Aut spumantis apri cursum clamore prementem.
Sic Venus; at Veneris contra sic filius orsus:
Nulla tuarum audita mihi neque visa sororum,
O, quam te memorem? virgo; namque haud tibi vultus
Mortalis, nec vox hominem sonat. O dea, certe:
An Phoebi soror, an nympharum sanguinis una?
Sis felix, nostrumque leves, quaecunque, laborem;

Et quo sub coelo tandem, quibus orbis in oris
Jactemur, doceas. Ignari hominumque locorumque
Erramus, vento huc et vastis fluctibus acti.
Multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra.
Tunc Venus: Haud equidem tali me dignor honore.
Virginibus Tyriis mos est gestare pharetram,
Purpureoque alte suras vincire cothurno.
Punica regna vides, Tyrios, et Agenoris urbem;
Sed fines Libyci, genus intractabile bello.
Imperium Dido Tyria regit urbe profecta,
Germanum fugiens: longa est injuria, longae
Ambages; sed summa sequar fastigia rerum.
Huic conjux Sichaeus erat, ditissimus agri
Phoenicum, et magno miserae dilectus amore:
Cui pater intactam dederat, primisque jugarat
Ominibus. Sed regna Tyri germanus habebat
Pygmalion, scelere ante alios immanior omnes.
Quos inter medius venit furor: ille Sichaeum
Impius ante aras, atque auri caecus amore,
Clam ferro incautum superat, securus amorum
Germanae; factumque diu celavit, et aegram,
Multa malus simulans, vana spe lusit amantem.
Ipsa sed in somnis inhumati venit imago
Conjugis, ora modis attollens pallida miris:
Crudeles aras trajectaque pectora ferro
Nudavit, coecumque domus scelus omne retexit.
Tum celerare fugam patriaque excedere suadet:
Auxiliumque viae veteres tellure recludit
Thesauros, ignotum argenti pondus et auri.
His commota, fugam Dido sociosque parabat.
Conveniunt, quibus aut odium crudele tyranni,
Aut metus acer erat: naves, quae forte paratae,
Corripiunt, onerantque auro: portantur avari
Pygmalionis opes pelago: dux femina facti.
Devenere locos ubi nunc ingentia cernes
Moenia, surgentemque novae Carthaginis arcem;
Mercatique solum, facti de nomine Byrsam,
Taurino quantum possent circumdare tergo.
Sed vos qui tandem? quibus aut venistis ab oris?

Quove tenetis iter? Quaerenti talibus ille
Suspirans, imoque trahens a pectore vocem:
O dea, si prima repetens ab origine pergam,
Et vacet annales nostrorum audire laborum,
Ante diem clauso componet Vesper Olympo.
Nos Troja antiqua (si vestras forte per aures
Trojae nomen iit) diversa per aequora vectos
Forte sua Libycis tempestas appulit oris.
Sum pius Aeneas, raptos qui ex hoste Penates
Classe veho mecum, fama super aethera notus.
Italiam quaero patriam, et genus ab Jove summo.
Bis denis Phrygium conscendi navibus aequor,
Matre dea monstrante viam, data fata secutus;
Vix septem convulsae undis Euroque supersunt.
Ipse ignotus, egens, Libyae deserta peragro,
Europa atque Asia pulsus. Nec plura querentem
Passa Venus, medio sic interfata dolore est:
Quisquis es, haud, credo, invisus coelestibus auras
Vitales carpis, Tyriam qui adveneris urbem.
Perge modo, atque hinc te reginae ad limina perfer,
Namque tibi reduces socios classemque relatam
Nuncio, et in tutum versis Aquilonibus actam;
Ni frustra augurium vani docuere parentes.
Aspice bis senos laetantes agmine cycnos,
Aetherea quos lapsa plaga Iovis ales aperto
Turbabat coelo: nunc terras ordine longo
Aut capere, aut captas jam despectare videntur.
Ut reduces illi ludunt stridentibus alis,
Et coetu cinxere polum, cantusque dedere;
Haud aliter puppesque tuae, pubesque tuorum,
Aut portum tenet, aut pleno subit ostia velo.
Perge modo, et qua te ducit via dirige gressum.
Dixit; et avertens rosea cervice refulsit,
Ambrosiaeque comae divinum vertice odorem
Spiravere: pedes vestis defluxit ad imos,
Et vera incessu patuit dea. Ille, ubi matrem
Agnovit, tali fugientem est voce secutus:
Quid natum toties crudelis tu quoque, falsis
Ludis imaginibus? cur dextrae jungere dextram

Non datur, ac veras audire et reddere voces?
Talibus incusat, gessumque ad moenia tendit.
At Venus obscuro gradientes aere sepsit,
Et multo nebulae circum dea fudit amictu;
Cernere ne quis eos, neu quis contingere posset,
Molirive moram, aut veniendi poscere causas.
Ipsa Paphum sublimis abit, sedesque revisit
Laeta suas, ubi templum illi, centumque Sabaeo
Ture calent arae, sertisque recentibus halant.
Corripuere viam interea, qua semita monstrat.
Jamque ascendebant collem, qui plurimus urbi
Imminet, adversasque aspectat desuper arces.
Miratur molem Aeneas, magalia quondam:
Miratur portas, strepitumque, et strata viarum.
Instant ardentes Tyrii: pars ducere muros,
Molirique arcem, et manibus subvolvere saxa:
Pars optare locum tecto, et concludere sulco.
Jura magistratusque legunt, sanctumque senatum.
Hic portus alii effodiunt: hic alta theatris
Fundamenta locant alii, immanesque columnas
Rupibus excidunt, scenis decora alta futuris.
Qualis apes aestate nova per florea rura
Exercet sub Sole labor, cum gentis adultos
Educunt fetus; aut cum liquentia mella
Stipant, et dulci distendunt nectare cellas;
Aut onera accipiunt venientum; aut, agmine facto,
Ignavum fucos pecus a praesepibus arcent.
Fervet opus, redolentque thymo fragrantia mella.
O fortunati, quorum jam moenia surgunt!
Aeneas ait, et fastigia suspicit urbis.
Infert se septus nebula (mirabile dictu)
Per medios, miscetque viris; neque cernitur ulli.
Lucus in urbe fuit media, laetissimus umbra,
Quo primum jactati undis et turbine Poeni
Effodere loco signum, quod regia Juno
Monstrarat, caput acris equi: sic nam fore bello
Egregiam, et facilem victu per secula gentem.
Hic templum Junoni ingens Sidonia Dido
Condebat, donis opulentum et numine divae:

Aerea cui gradibus surgebant limina, nexaeque
Aere trabes, foribus cardo stridebat ahenis.
Hoc primum in luco nova res oblata timorem
Leniit: hic primum Aeneas sperare salutem
Ausus, et afflictis melius confidere rebus.
Namque, sub ingenti lustrat dum singula templo,
Reginam opperiens, dum, quae fortuna sit urbi,
Artificumque manus inter se, operumque laborem,
Miratur, videt Iliacas ex ordine pugnas,
Bellaque jam fama totum vulgata per orbem;
Atridas, Priamumque, et saevum ambobus Achillem.
Constitit, et lacrymans: Quis jam locus, inquit, Achate,
Quae regio in terris nostri non plena laboris?
En Priamus: sunt hic etiam sua praemia laudi;
Sunt lacrymae rerum, et mentem mortalia tangunt.
Solve metus: feret haec aliquam tibi fama salutem.
Sic ait, atque animum pictura pascit inani,
Multa gemens, largoque humectat flumine vultum.
Namque videbat uti bellantes Pergama circum
Hac fugerent Graii, premeret Trojana juventus;
Hac Phryges, instaret curru cristatus Achilles.
Nec procul hinc Rhesi niveis tentoria velis
Agnoscit lacrymans, primo quae prodita somno
Tydides multa vastabat caede cruentus;
Ardentesque avertit equos in castra, priusquam
Pabula gustassent Trojae, Xanthumque bibissent.
Parte alia fugiens amissis Troilus armis,
Infelix puer, atque impar congressus Achilli,
Fertur equis, curruque haeret resupinus inani,
Lora tenens tamen: huic cervixque comaeque trahuntur
Per terram, et versa pluvis inscribitur hasta.
Interea ad templum non aequae Palladis ibant
Crinibus Iliades passis, peplumque ferebant
Suppliciter tristes, et tunsae pectora palmis.
Diva solo fixos oculos aversa tenebat.
Ter circum Iliacos raptaverat Hectora muros,
Exanimumque auro corpus vendebat Achilles.
Tum vero ingentem gemitum dat pectore ab imo,
Ut spolia, ut currus, utque ipsum corpus amici,

Tendentemque manus Priamum conspexit inermes.
Se quoque principibus permixtum agnovit Achivis,
Eoasque acies, et nigri Memnonis arma.
Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis
Penthesilea furens, mediisque in millibus ardet,
Aurea subnectens exsertae cingula mammae
Bellatrix, audetque viris concurrere virgo.
Haec dum Dardanio Aeneae miranda videntur,
Dum stupet, obtutuque haeret defixus in uno,
Regina ad templum, forma pulcherrima, Dido,
Incessit, magna juvenum stipante caterva.
Qualis in Eurotae ripis aut per juga Cynthi
Exercet Diana choros, quam mille secutae
Hinc atque hinc glomerantur Oreades; illa pharetram
Fert humero, gradiensque deas supereminet omnes;
Latonae tacitum pertentant gaudia pectus:
Talis erat Dido, talem se laeta ferebat
Per medios, instans operi regnisque futuris.
Tum foribus divae, media testudine templi,
Septa armis solioque alte subnixa, resedit.
Jura dabat legesque viris, operumque laborem
Partibus aequabat justis, aut sorte trahebat;
Cum subito Aeneas concursu accedere magno
Anthea Sergestumque videt, fortemque Cloanthum,
Teucrorumque alios, ater quos aequore turbo
Dispulerat, penitusque alias advexerat oras.
Obstupuit simul ipse, simul perculsus Achates
Laetitiaque metuque: avidi conjungere dextras
Ardebant; sed res animos incognita turbat.
Dissimulant; et nube cava speculantur amicti,
Quae fortuna viris, classem quo littore linquant,
Quid veniant: cunctis nam lecti navibus ibant
Orantes veniam, et templum clamore petebant.
Postquam introgressi, et coram data copia fandi,
Maximus Ilioneus placido sic pectore coepit:
O regina, novam cui condere Jupiter urbem,
Justitiaque dedit gentes frenare superbas,
Troes te miseri, ventis maria omnia vecti,
Oramus: prohibe infandos a navibus ignes,

Parce pio generi, et propius res aspice nostras.
Non nos aut ferro Libycos populare Penates
Venimus, aut raptas ad littora vertere praedas;
Non ea vis animo, nec tanta superbia victis.
Est locus, Hesperiam Graii cognomine dicunt,
Terra antiqua, potens armis atque ubere glebae;
Oenotrii coluere viri: nunc fama, minores
Italiam dixisse ducis de nomine gentem.
Huc cursus fuit:
Cum subito assurgens fluctu nimbosus Orion
In vada caeca tulit, penitusque procacibus Austris
Perque undas, superante salo, perque invia saxa
Dispulit: huc pauci vestris adnavimus oris.
Quod genus hoc hominum? quaeve hunc tam barbara morem
Permittit patria? hospitio prohibemur arenae:
Bella cient, primaque vetant consistere terra.
Si genus humanum et mortalia temnitis arma,
At sperate deos memores fandi atque nefandi.
Rex erat Aeneas nobis, quo justior alter
Nec pietate fuit, nec bello major et armis;
Quem si fata virum servant, si vescitur aura
Aetherea, neque adhuc crudelibus occubat umbris,
Non metus, officio nec te certasse priorem
Poeniteat. Sunt et Siculis regionibus urbes,
Armaque, Trojanoque a sanguine clarus Acestes.
Quassatam ventis liceat subducere classem,
Et silvis aptare trabes, et stringere remos;
Si datur Italiam, sociis et rege recepto,
Tendere, ut Italiam laeti Latiumque petamus:
Sin absumpta salus, et te, pater optime Teucrum,
Pontus habet Libyae, nec spes jam restat Iuli;
At freta Sicaniae saltem, sedesque paratas,
Unde huc advecti, regemque petamus Acesten.
Talibus Ilioneus: cuncti simul ore fremebant
Dardanidae.
Tum breviter Dido, vultum demissa, profatur:
Solvite corde metum, Teucri; secludite curas.
Res dura et regni novitas me talia cogunt
Moliri, et late fines custode tueri.

Quis genus Aeneadum, quis Trojae nesciat urbem,
Virtutesque, virosque, et tanti incendia belli?
Non obtusa adeo gestamus pectora Poeni;
Nec tam aversus equos Tyria Sol jungit ab urbe.
Seu vos Hesperiam magnam Saturniaque arva,
Sive Erycis fines regemque optatis Acesten,
Auxilio tutos dimittam, opibusque juvabo.
Vultis et his mecum pariter considere regnis?
Urbem quam statuo, vestra est: subducite naves:
Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.
Atque utinam rex ipse Noto compulsus eodem
Afforet Aeneas! Equidem per littora certos
Dimittam, et Libyae lustrare extrema jubebo,
Si quibus ejectus silvis aut urbibus errat.
His animum arrecti dictis, et fortis Achates,
Et pater Aeneas, jamdudum erumpere nubem
Ardebant. Prior Aenean compellat Achates:
Nate dea, quae nunc animo sententia surgit?
Omnia tuta vides, classem, sociosque receptos.
Unus abest, medio in fluctu quem vidimus ipsi
Submersum: dictis respondent cetera matris.
Vix ea fatus erat, cum circumfusa repente
Scindit se nubes, et in aethera purgat apertum.
Restitit Aeneas, claraque in luce refulsit,
Os humerosque deo similis; namque ipsa decoram
Caesariem nato genetrix, lumenque juventae
Purpureum, et laetos oculis afflarat honores:
Quale manus addunt ebori decus, aut ubi flavo
Argentum Pariusve lapis circumdatur auro.
Tum sic reginam alloquitur, cunctisque repente
Improvisus ait: Coram, quem quaeritis, adsum
Troius Aeneas, Libycis ereptus ab undis.
O sola infandos Trojae miserata labores!
Quae nos, reliquias Danaum, terraeque marisque
Omnibus exhaustos jam casibus, omnium egenos,
Urbe, domo, socias! Grates persolvere dignas
Non opis est nostrae, Dido, nec quidquid ubique est
Gentis Dardaniae, magnum quae sparsa per orbem.
Di tibi (si qua pios respectant numina, si quid

Usquam justitia est, et mens sibi conscia recti)
Praemia digna ferant. Quae te tam laeta tulerunt
Secula? qui tanti talem genuere parentes?
In freta dum fluvii current, dum montibus umbrae
Lustrabunt convexa, polus dum sidera pascet,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt,
Quae me cumque vocant terrae. Sic fatus, amicum
Ilionea petit dextra, laevaque Serestum,
Post, alios, fortemque Gyan, fortemque Cloanthum.
Obstipuit primo aspectu Sidonia Dido,
Casu deinde viri tanto; et sic ore locuta est:
Quis te, nate dea, per tanta pericula casus
Insequitur? quae vis immanibus applicat oris?
Tunc ille Aeneas, quem Dardanio Anchisae
Alma Venus Phrygii genuit Simoentis ad undam?
Atque equidem Teucrum memini Sidona venire,
Finibus expulsum patriis, nova regna petentem
Auxilio Beli: Genitor tum Belus opimam
Vastabat Cyprum, et victor ditione tenebat.
Tempore jam ex illo casus mihi cognitus urbis
Trojanae, nomenque tuum, regesque Pelasgi.
Ipse hostis Teucros insigni laude ferebat,
Seque ortum antiqua Teucrorum a stirpe volebat.
Quare agite, o tectis, juvenes, succedite nostris.
Me quoque per multos similis fortuna labores
Jactatam hac demum voluit consistere terra.
Non ignara mali, miseris succurrere disco.
Sic memorat: simul Aenean in regia ducit
Tecta; simul divum templis indicit honorem.
Nec minus interea sociis ad littora mittit
Viginti tauros, magnorum horrentia centum
Terga suum, pingues centum cum matribus agnos,
Munera, laetitiamque dei.
At domus interior regali splendida luxu
Instruitur, mediisque parant convivia tectis.
Arte laboratae vestes, ostroque superbo:
Ingens argentum mensis, caelataque in auro
Fortia facta patrum, series longissima rerum,
Per tot ducta viros antiqua ab origine gentis.

Aeneas (neque enim patrius consistere mentem
Passus amor) rapidum ad naves praemittit Achaten:
Ascanio ferat haec, ipsumque ad moenia ducat:
Omnis in Ascanio cari stat cura parentis.
Munera praeterea, Iliacis erepta ruinis,
Ferre jubet; pallam signis auroque rigentem,
Et circumtextum croceo velamen acantho,
Ornatus Argivae Helenae, quos illa Mycenis,
Pergama cum peteret inconcessosque Hymenaeos,
Extulerat, matris Ledae mirabile donum:
Praeterea sceptrum, Ilione quod gesserat olim,
Maxima natarum Priami, colloque monile
Baccatum, et duplicem gemmis auroque coronam.
Haec celerans, iter ad naves tendebat Achates.
At Cytherea novas artes, nova pectore versat
Consilia; ut faciem mutatus et ora Cupido
Pro dulci Ascanio veniant, donisque furentem
Incendat reginam, atque ossibus implicet ignem.
Quippe domum timet ambiguam, Tyriosque bilingues.
Urit atrox Juno, et sub noctem cura recursat.
Ergo his aligerum dictis affatur Amorem:
Nate, meae vires, mea magna potentia, solus,
Nate, Patris summi qui tela Typhoea temnis,
Ad te confugio, et supplex tua numina posco.
Frater ut Aeneas pelago tuus omnia circum
Littora jactetur, odiis Junonis iniquae,
Nota tibi; et nostro doluisti saepe dolore.
Hunc Phoenissa tenet Dido, blandisque moratur
Vocibus: et vereor quo se Junonia vertant
Hospitia: haud tanto cessabit cardine rerum.
Quocirca capere ante dolis et cingere flamma
Reginam meditor; ne quo se numine mutet,
Sed magno Aeneae mecum teneatur amore.
Qua facere id possis, nostram nunc accipe mentem.
Regius, accitu cari genitoris, ad urbem
Sidoniam puer ire parat, mea maxima cura,
Dona ferens, pelago et flammis restantia Trojae.
Hunc ego sopitum somno, super alta Cythera,
Aut super Idalium, sacrata sede recondam;

Ne qua scire dolos, mediusve occurrere possit.
Tu faciem illius, noctem non amplius unam,
Falle dolo, et notos pueri puer indue vultus;
Ut, cum te gremio accipiet laetissima Dido,
Regales inter mensas laticemque Lyaeum,
Cum dabit amplexus, atque oscula dulcia figet,
Occultum inspires ignem, fallasque veneno.
    Paret Amor dictis carae genetricis, et alas
Exuit, et gressu gaudens incedit Iuli.
At Venus Ascanio placidam per membra quietem
Irrigat, et fotum gremio dea tollit in altos
Idaliae lucos, ubi mollis amaracus illum,
Floribus et dulci adspirans complectitur umbra.
    Jamque ibat, dicto parens, et dona Cupido
Regia portabat Tyriis, duce laetus Achate.
Cum venit, aulaeis jam se regina superbis
Aurea composuit sponda, mediamque locavit.
Jam pater Aeneas et jam Trojana juventus
Conveniunt, stratoque super discumbitur ostro.
Dant famuli manibus lymphas, Cereremque canistris
Expediunt, tonsisque ferunt mantilia villis.
Quinquaginta intus famulae, quibus ordine longo
Cura penum struere, et flammis adolere Penates.
Centum aliae, totidemque pares aetate ministri,
Qui dapibus mensas onerent, et pocula ponant.
Nec non et Tyrii per limina laeta frequentes
Convenere, toris jussi discumbere pictis.
Mirantur dona Aenea, mirantur Iulum,
Flagrantesque dei vultus; simulataque verba,
Pallamque, et pictum croceo velamen acantho.
Praecipue infelix, pesti devota futurae,
Expleri mentem nequit ardescitque tuendo,
Phoenissa, et puero pariter donisque movetur.
Ille, ubi complexu Aeneae colloque pependit,
Et magnum falsi implevit genitoris amorem,
Reginam petit. Haec oculis, haec pectore toto,
Haeret, et interdum gremio fovet, inscia Dido
Insideat quantus miserae deus: at memor ille
Matris Acidaliae, paulatim abolere Sychaeum

Incipit, et vivo tentat praevertere amore
Jampridem resides animos desuetaque corda.
Postquam prima quies epulis, mensaeque remotae,
Crateras magnos statuunt, et vina coronant.
Fit strepitus tectis, vocemque per ampla volutant
Atria: dependent lychni laquearibus aureis
Incensi, et noctem flammis fumalia vincunt.
Hic regina gravem gemmis auroque poposcit,
Implevitque mero pateram, quam Belus et omnes
A Belo soliti. Tum facta silentia tectis:
Jupiter (hospitibus nam te dare jura loquuntur),
Hunc laetum Tyriisque diem Trojaque profectis
Esse velis, nostrosque huius meminisse minores.
Adsit laetitiae Bacchus dator, et bona Juno:
Et vos, o coetum, Tyrii, celebrate faventes.
Dixit, et in mensam laticum libavit honorem,
Primaque, libato, summo tenus attigit ore.
Tum Bitiae dedit increpitans: ille impiger hausit
Spumantem pateram, et pleno se proluit auro:
Post, alii proceres. Cithara crinitus Iopas
Personat aurata, docuit quae maximus Atlas.
Hic canit errantem Lunam, Solisque labores;
Unde hominum genus, et pecudes; unde imber et ignes:
Arcturum pluviasque Hyadas, geminosque Triones;
Quid tantum Oceano properent se tingere soles
Hiberni, vel quae tardis mora noctibus obstet.
Ingeminant plausum Tyrii, Troesque sequuntur.
Nec non et vario noctem sermone trahebat
Infelix Dido, longumque bibebat amorem;
Multa super Priamo rogitans, super Hectore multa:
Nunc quibus Aurorae venisset filius armis;
Nunc quales Diomedis equi; nunc, quantus Achilles.
Imo age, et a prima dic, hospes, origine nobis
Insidias, inquit, Danaum, casusque tuorum
Erroresque tuos: nam te jam septima portat
Omnibus errantem terris et fluctibus aestas.

ENEIDA BRAZILEIRA

"Eu, que entoava na delgada avena rudes canções."

PÚBLIO VIRGÍLIO MARO

LIVRO I

Eu, que entoava na delgada avena
Rudes canções, e egresso das florestas,
Fiz que as vizinhas lavras contentassem
A avidez do colono, empresa grata
Aos aldeãos; de Marte ora as horriveis
Armas canto, e o varão que, lá de Troia
Prófugo, á Italia e de Lavino ás praias
Trouxe-o primeiro o fado. Em mar e em terra
Muito o agitou violenta mão suprema,
E o lembrado rancor da seva Juno;
Muito em guerras soffreu, na Ausonia quando
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:
Donde a nação latina e albanos padres,
E os muros vem da sublimada Roma.
  Musa, as causas me aponta, o offenso nume,
Ou por que mágoa a soberana déa
Compelliu na piedade o heroe famoso
A lances taes passar, volver taes casos.
Pois tantas iras em celestes peitos!
  Colonia tyria no ultramar, Carthago,
Do ítalo Tibre contraposta ás fozes,
Houve, possante emporio, antigo, asperrimo

N'arte da guerra; ao qual, se conta, Juno
Até pospoz a predilecta Samos:
Lá coche, armas lá teve; e annúa o fado,
No orbe enthronal-a então já traça e tenta.
Porêm de Teucro ouvira que a progenie,
Dos Penos subvertendo as fortalezas,
Viria a ser, desmoronada a Libya,
A' larga rei bellipotente povo:
Que assim no fuso as Parcas o fiavam.
Saturnia o teme, e a pró dos seus Achivos
Recorda as lides que excitara em Troia;
Nem d'alma aggravos risca, dôres cruas:
No íntimo impressa a decisão de Páris,
A injúria da belleza em menoscabo,
E a raça detestada e as honras duram
Do rapto Ganymedes. Nestes odios
Sôbre-accesa, os da Grecia e immite Achilles
Salvos Troas, do Lacio ia alongando,
Por todo o plaino undísono atirados;
E, em derredor vagando annos e annos,
De mar em mar a sorte os repulsava.
Tam grave era plantar de Roma a gente!
   De Sicilia, amarando, mal velejam
Ledos e o cobre rompe a salsa espuma,
Juno, dentro guardada eterna chaga:
«Eu, diz comsigo, desistir vencida!
Nem vedar posso a Italia ao rei dos Teucros!
Ah! tolhe-me o destino. A esquadra argiva
Não queimou Pallas mesma, submergindo-os
Só de um Ajax Oileu por culpa e furias?
Do Tonante o corisco ella das nuvens
Darda, os baixéis desgarra, o ponto assanha;
Ao triste, que varado expira chammas,
N'um torvelinho em rocha aguda o crava:
E eu, que raínha marcho ante as deidades,
Mulher e irmã de Jove, tantos annos
Guerreio um povo! E a Juno ha quem adore,
Ou súpplice inda a incense, a invoque e honre?»

No âmago isto fermenta, e a deusa á patria
De austros furentes, de chuveiros prenhe,
A' Eolia parte. Aqui n'um antro immenso
O rei preme, encarcera, algema, enfreia
Luctantes ventos, roncas tempestades.
Em tôrno aos claustros de indignados fremem
Com gran'rumor do monte. Em celsa roca
Sentado Eolo, arvora o sceptro, e as iras
Tempera e os amacia. Que o não faça,
Varridos mar e terra e o céo profundo
Lá se vam pelos ares. Cauto, em negras
Furnas o omnipotente os aferrolha,
E, um cargo de montanhas sobrepondo,
Lhes deu rei, que mandado a ponto as bridas
Suster saiba ou laxar. Dest'arte Juno
O exora humilde: «Eolo, o pae dos divos
E rei dos homens te concede as ondas
Sublevar e amainal-as; gente imiga
Me sulca as do Tyrrheno, Ilio e os domados
Penates para Italia transportando:
Ventos açula, as pôpas mette a pique,
Ou dispersas no ponto as espedaça.
Quatorze esbeltas nymphas me cortejam,
Das quaes a mais formosa, Deiopeia,
Prometto unir comtigo em jugo estavel;
Que em paga para sempre a ti se vote,
Meiga te procreando egregia prole.»
A quem Eolo: «Que o desejes basta;
Meu, raínha, he servir-te. Quanto valho
Tu m'o grangêas, e este sceptro e Jove;
Tu dás-me á diva mesa o recostar-me,
Ser em tufões potente e em tempestades.»
Dice; e um revez do conto a cava serra
A um lado impelle: em turbilhão, cerrados
N'um grupo os ventos, dada a porta, ruem,
As terras varejando. Ao mar carregam,
E horrísonos revolvem-lhe as entranhas
Nôto mais Euro, e de borrascas fertil
Africo; ás praias vastas ondas rolam.

Homens gritam, zunindo a enxarcia ringe.
Some-se ao nauta o céo, tolda-se o dia;
Pousa no pelago atra noite; os polos
Toam, o ether fuzila em crebros raios:
Tudo ameaça aos varões presente a morte.
Frígido, arripiado, Enéas geme,
E alça as palmas e exclama: «Afortunados
Oh! tres e quatro vezes, d'Ilio ás abas,
Os que aos olhos paternos feneceram!
O' dos Danaos fortissimo Tydides,
A alma em Troia vertendo-me essa dextra,
Não ficar eu nos campos, onde o bravo
Heitor d'Eacide ás lançadas, onde
Sarpédon jaz magnanimo, onde o Simois
Corpos e elmos de heroes e escudos tantos
Arrebatados na corrente volve!»
  Bradava; e a sibilar ponteiro Bóreas
Rasga o panno, e a mareta aos astros joga.
Remos estalam; cruza a proa, e o bórdo
Rende; escarpado fluido monte empina-se.
As naus já no escarcéo pendem, já descem
N'um sorvedouro á terra entre marouços:
Remoínha o esto na revôlta arêa.
Tres rouba Nôto e avexa n'uns abrolhos,
Abrolhos sob o mar, que Italos aras
Nomêam, dorso horrendo ao lume d'agua;
Tres no parcel (que lastima!) Euro esbarra,
Encalha em vaos, de marachões rodêa.
Uma, em que Oronte fido e os Lycios vinham,
Ante Enéas, d'avante humido rôlo,
Do maior pino desabando, em pôpa
Fere-a; do baque o prono mestre vôlto
Cahe de cabeça. O vagalhão tres vezes
Torce-a, revira, um vortice a devora.
Raros no vasto pégo a nadar surdem;
Taboas e armas viris e alfaias troicas,
Prêa das ondas. A tormenta escala
A nau robusta de Ilioneu, de Abante,
As de Alethes grandevo e Achates forte:

Todas, frouxadas as junturas, sorvem
A inimiga torrente, e em fendas gretam.
Mugir seu reino e o temporal desfeito,
Caixões do imo a brotar, sentiu Neptuno,
Torvo, abalado, e acode acima e exalta
A placida cabeça. A frota esparsa
Vê sossobrando, oppressos os Troianos
Da marejada e do ruído ethereo.
De Juno irosa o dolo o irmão percebe;
Euro e Zephyro chama: «Herdastes, ventos,
Tal presumpção, que sem meu nume, ousados,
Terra e céo confundis e equoreas brenhas?
Eu vos... Mas insta abonançar as vagas:
Caro m'o pagareis, guardo o castigo.
Ao rei vosso intimai, já já, que em sorte
Não lhe coube este imperio, que o tridente
Fero he só meu. Tem elle enormes fragas,
Euro, vossas mansões: nessa aula ufano
Sôbre enclaustrados ventos reine Eolo.»
Nem cessa, e o mar se lança, o tempo alimpa
E abre o Sol. Finca a espadoa, e com Cymóthoe
As naus Tritão do escolho dsengasga;
Mesmo o padre as alliva com seu sceptro,
Amplas syrtes afunda, aplaca os mares,
Por cima em rodas se deslisa leves.
Como, enraivado em popular tumulto,
Despara ignobil vulgo, e o facho e o canto
Já voa, as armas o furor ministra;
Mas, se um pio ancião preclaro assoma,
Calam, para escutar o ouvido afiam;
Elle os convence e os animos abranda:
Assim baixa o fragor e o pégo amansa,
Quando olha o deus, que os brutos no ar sereno
Dobra, e dá loros ao ligeiro carro.
Da costa proxima em demanda, á Libya
Os cansados Eneadas aproam.
N'um golpho alli secreto, com seus braços
Faz barra ilha fronteira, onde a mareta
Quebra e se escoa em sinuosas rugas:

Penedia em redondo, e ao céo minazes
Ha dous picos irmãos, a cujo abrigo
Dorme diffuso o mar; de coruscantes
Selvas prolonga-se eminente scena,
Descahe de atra espessura horrida sombra;
No tôpo ha gruta em pêndulos cachopos,
Com doce fonte, e em viva rocha bancos
Das nymphas séde: aqui não prende amarra
Nem mordaz ferro adunco as lassas quilhas.
Com sete naus ao todo arriba Enéas;
E amorosos da terra, alvoroçados
Saltando os seus, do sal tabidos membros
Na arêa espraiam. Lume eis fere Achates,
Toma em folhas, e em roda as accendalhas,
Nutre a faisca, e em lenha a chamma atêa.
Mareados pães e cereaes aprestos
Já desembarca a trabalhada chusma,
E os grãos põe-se a torrar e em pedra os pisa.
  Trepa emtanto um penhasco, e ao largo Enéas
Regyra, a vêr se undívagos alcança
Antheu ou Capys, as biremes phrygias,
Ou armas de Caíco em altas pôpas.
Baixel nenhum; avista só tres cervos
Na praia errantes; segue atrás o armento,
E enfileirado pelos valles pasta.
Retem-se, e o arco aferra e as settas ageis
Que armam Achates fido, e os guias logo,
De arboreas pontas entonados, prostra;
Embrenha a demais turba e acossa a tiros,
Té que derriba sete ingentes corpos,
E iguala as naus. De vólta, elle os divide.
E os barris que, á partida, o heroe trinacrio
Bom de vinho atestara, aos seus larguêa;
Dulcíloquo os mitiga: «Os males, socios,
Nada estranhamos; oh! mais agros foram:
Deus porá termo a estes. Vós de Scylla
De perto a raiva e escolhos resonantes,
Vós cyclopeos rochedos affrontastes:
Animo! esse temor bani tristonho;

Talvez isto com gôsto inda nos lembre.
Por varios casos, transes mil, nos vamos
Ao Lacio onde o repouso os fados mostram:
Resurgir deve alli de Troia o reino.
Tende-vos duros, da bonança á espera.»
   Tal discursa, e affectando um ar seguro,
N'alma inferma suffoca a dôr profunda.
Lestos á presa atiram-se: este esfola,
Aquele desentranha, outro esposteja;
Qual trementes no espeto enrosca os lombos,
Qual fogo atiça aos caldeirões na praia.
Fartos, na relva espalham-se, refeitos
De velho baccho e veação opíma.
   Repleta a fome, e as mesas removidas,
Dubios indagam, sôbre os seus praticam
Entre medo e esperança: estam com vida?
Ou na extrema agonia ao brado surdos?
Mormente o pio rei de Amyco chora
Ou de Lyco o desastre, o ardido Oronte,
E o forte Gyas e Cloantho forte.
   Das alturas, no fim, Jove esguardando
O mar velívolo e as jacentes plagas
E amplas nações, no vertice do Olympo
Quedo, os olhos fitou nos lybios reinos.
Quando o absorviam taes cuidados, Venus
Triste, os gentis luzeiros orvalhando:
«O' tu, queixou-se, que os mortaes e os deuses
Reges eterno e horrísono fulminas,
O que te fez meu filho, o que os Troianos,
Que após tragos lethaes, não só d'Italia,
Do universo os cancellos se lhes fecham?
Roma delles tirar, delles os cabos
Que, eras volvendo, restaurado o sangue
De Teucro, o mar e a terra sofreiassem,
Nos prometteste: quem mudou-te, ó padre?
Do occaso ao menos e desgraças d'Ilio
Isto, uns fados com outros compensando,
Me consolava. Igual fortuna arrasta
Ora os varões a riscos e a trabalhos:

Quando os findas, gran'rei? De Acheus escapo,
Entrar salvo Antenor d'Illyria o seio
E internar-se em Liburnia, e a fonte obteve
De Timavo transpôr, donde por bocas
Nove, a montanha a rimbombar, despenha-se
Ruidoso mar que empola e o campo alaga.
Sentou Patavio aqui, deu casa a Teucros,
Nome á gente, e os brasões fixou de Troia;
Descansa em doce paz. Nós tua estirpe,
Nós da celeste côrte, as naus submersas,
Ah! de uma por furor, victimas somos,
Longe expulsos d'Italia? Deste modo
Se honra a piedade, os sceptros nos reservas?»
  Sorrindo-se o autor de homens e numes,
C'um gesto que a tormenta e o céo serena,
Da filha osculos liba, e assim pondera:
«Poupa esse medo, Cypria; immotos jazem
Dos teus os fados: nas lavinias tôrres
Has de revêr-te, e alar sôbre as estrellas
Teu grande Enéas. Jupiter não muda.
O heroe na Italia (esta ancia te remorde,
Vou rasgar-te os arcanos do futuro)
Guerras tem de mover e amansar povos,
E instituir cidades e costumes,
Ao passo que reinando o vir no Lacio
Terceiro estio, e os Rutulos domados,
Forem-se tres invernos. Posto ao leme
Ascanio, que hoje Iulo cognominam
(Ilo, em quanto florente Ilion se teve),
Cerrando os mezes trinta largos gyros,
Ha-de, a séde lavinia trasladada,
Alba longa munir e abastecel-a.
Os Hectoreos aqui trezentos annos
Já reinarão, quando a vestal princeza
Ilia parir a Marte gemea prole.
Da nutriz loba em fulva pelle ovante,
Romulo ha de erigir mavorcios muros,
E á recebida gente impôr seu nome.
Métas nem tempos aos de Roma assino;

O imperio dei sem fim. Té Juno acerba,
Que o mar ciosa e a terra e o céo fatiga,
Transmudada em melhor, tem de amparar-me
Do orbe os senhores e a nação togada.
Praz-me assim. Manem lustros, que inda a casa
De Assaraco ha de ser de Phthia e de Argos
Senhora, e agrilhoar Mycenas clara.
D'Iulo garfo egregio, em nome e glória
Succedendo, as conquistas no oceano
Cesar teminará, nos céos a fama.
Nos astros sim, de espolios do oriente
Onusto, o acolherás; e humanas preces
Tem de invocal-o. Então, deposta a guerra,
Se amolgue a ferrea idade; a encanecida
Fé com Vesta, os irmãos Quirino e Rhemo
Dictem leis; Jano trave as diras portas
Com trancas e aldrabões; sôbre armas cruas
Dentro o impio Furor sentado, e roxos
Atrás os pulsos em cem nós de bronze,
Hediondo ruja com sanguinea bôca.»
  Não mais; e expede o génito de Maia,
Porque a recem Carthago hospicio aos Teucros
Franquêe, nem, do fado inscia, a raínha
Os extermine. O deus pelo ar patente
De azas remando, em Libya o vôo abate;
Fiel ás ordens, a fereza aos Penos
Despe; e Dido primeira em pró dos Phrygios
Brandos affectos placidos concebe.
  Toda a noite pensoso o heroe velando,
A alma luz mal branqueja, onde arribara
Dispõe sondar; e vendo incultas margens,
Inquirir quem as tem, se homens, se feras,
E aos seus noticial-o. As naus mettidas
N'abra de uns bosques sob cavada penha,
Entre verde espessura e negras sombras,
Elle só, mais Achates, sahe brandindo
Duas hastes que empunha de ancho ferro.
Da selva em meio a mãe se lhe apresenta,
Virgem no trajo e aspecto, em armas virgem

Lacena; ou qual Harpálice a threícia
Cansa os corseis e o Euro vence alífugo:
Pois do hombro o arco destro, á caçadora,
Pendura, e ás auras a madeixa entrega,
Dos joelhos nua e a falda em nó colhida.
Eil-a: «O' jovens, errante aqui topastes
Irmã minha, a gritar quiçá no encalço
De javali sanhudo? A cinta aljava
Tem sobre a pelle de um manchado lynce.»
  Isto Venus; e o filho assim responde:
«Nenhuma ouvi nem vi das irmãs tuas,
O'... quem direi? Não tens mortal semblante
Nem voz de humano som; es deusa, ó virgem:
Irmã de Phebo ou nympha? As nossas penas
Tu, por quem es, minora: e nos ensina,
Pois vagueâmos sem saber por onde,
O paiz, clima ou povo, a que arrojou-nos
Vento e escarcéo medonho. Hostias sem conto
Havemos de immolar nas aras tuas.»
  «Não mereço honras taes, replíca Venus;
Usam de aljava, e ao bucho as virgens tyrias
Atar das pernas borzeguim purpúreo.
Punicos reinos e agenorios muros
Vês, nos confins da indomita e guerreira
Libyca raça. O imperio atêm-se a Dido,
Que, por fugir do irmão, fugiu de Tyro.
He longa a injúria, tem rodeios longos;
Mas traçarei seu curso em breve summa.
  Sicheu, Phenicio em lavras opulento,
Foi da misera espôso, e müito amado:
Com bom presságio o pae lha dera intacta.
Pygmalion, façanhoso entre os malvados,
Barbaro irmão, do estado se empossara.
Interveio o furor: de fome de ouro
Cego, e á paixão fraterna sem respeito,
Perfido, impio, a Sicheu nas aras mata;
O facto encobre, e a credula esperança
Da amante afflicta largo espaço illude
Com mil simulações. Mas do inhumado

Consorte, com esgares espantosos,
Pallida em sonhos lhe apparece a imagem:
Da casa o crime e trama desenleia;
A ara homecida, os retalhados peitos
Desnuda, e á patria intíma-lhe que fuja:
Prata immensa e ouro velho, soterrados,
Para o exilio descobre. Ella, inquieta,
Apressa a fuga, e attrahe os descontentes
Que ou rancor ao tyranno ou medo instiga;
Acaso prestes naus, manda assaltal-as;
Dos thesouros do avaro carregadas
Empégam-se: a mulher conduz a empresa!
Chegam d'alta Carthago onde o castello
Verás medrando agora e ingentes muros:
Mercam solo (do feito o alcunham Byrsa)
Quanto um coiro taurino abranja em tiras.
Mas vós-outros quem sois? donde he que vindes?
Que regiões buscais?» Elle ás perguntas
Esta resposta suspirando arranca:
«Ó déa, se recorro á prima origem,
E annaes de angústias não te pejam, Vesper
No Olympo encerra o dia antesque eu finde.
Da antiga Troia (se has notícia della),
Vagos no equoreo campo, arremessou-nos
Casual tempestade ás libyas costas.
Enéas sou, com fama alèm dos astros,
Que livrei de hostil garra os meus penates,
E piedoso os transporto á patria Ausonia;
Do summo Jove a geração procuro.
Por guia a deusa mãe, submisso aos fados,
Em vinte naus commetto o phrygio ponto;
Rôtas do Euro e das ondas, restam sete.
Pobre, ignoto, percorro africos ermos,
D'Asia e d'Europa excluso...» Nem mais Venus
Lamentos comportou, na dôr o atalha:
«Quem sejas, creio, não do céo malquisto,
Gozas d'aura vital, que a Tyro aportas.
Eia, ao regio palacio te encaminha.
Sem risco os socios, ancorada a frota,

Com o rondar dos áquilos, te auguro,
Se em arte vã meus paes não me instruiram.
Attenta cysnes doze em bando alegres:
No espaço, o ether fendendo, os perseguia
A ave de Jove; n'um cordão agora
Ou tem no pouso a mira, ou vam pousando;
Juntos batendo as estridentes azas,
Brincam cingindo o pólo, a salvo cantam:
Bem como os teus as pôpas atracaram,
Ou de véla enfunada a foz embocam.
Sus, alli te dirige, a estrada he esta.»
  Dá costas, e a cerviz rosada fulge,
De ambrosia odor celeste a coma expira;
A veste escoa aos pés; no andar se ostenta
Vera deusa. Elle atrás da mãe fuginte,
Reconhecendo-a, brada: «Porque o filho
Com taes ficções, cruel, enganas tanto?
Ligar dextra com dextra, ouvir-te ás claras,
Conversar-te em pessoa me he defeso?»
Tal a argúe, e ás muralhas se endereça.
  Ella porêm de ar fusco os viandantes
Tapa e os embuça em nevoa, que enxergal-os
Ou tocar ninguem possa, nem detel-os
Ou da vinda informar-se. A deusa a Paphos
Remonta, a espairecer no sítio ameno
Onde o sabeu perfume arde em cem aras,
E recentes festões seu templo aromam.
  Eis da azinhaga pela trilha cortam,
E um teso galgam já, que olha imminente
A fronteira torrígera cidade.
Palhaes d'antes, a mole admira Enéas,
Admira o estrondo e as portas e as calçadas.
Tyro aferventa-se, a lançar os muros,
A avultar o castello, e a rolar pedras.
Parte com sulcos marca os edificios;
Santo augusto senado, e o foro e a curia,
Se cria e elege: aqui se escavam portos;
Fundam-se alli magnificos theatros,
De marmor collossaes talham columnas,

Pompa e decoro das futuras scenas.
Quaes abelhas ao sol por floreos prados
Lidam na primavera, quando ensaiam
O adulto enxame; ou doce fluido espessam,
Do nectar flavo retesando as cellas;
Ou quando a carga das que vem recebem;
Ou em batalha expulsam da colmêa
Os zangãos, gente ignava. A obra ferve,
E a tomilho recende o mel fragrante.
  «Ditoso quem seus tectos já levanta!»
Exclama o heroe, e os coruchéos contempla.
Na cidade não visto, oh maravilha!
Se mistura ennublado. Em meio havia
Luco umbroso e fresquissimo, onde os Penos,
De ondas jogados e tufões, cavaram
O tésto de um corsel, de Juno régia
Mostra e penhor que o povo, asado á glória,
Pugnaz e duro, insultaria os evos:
Lá punha Dido a Juno insigne templo,
Que dons e a rica effigie realçavam:
No bronzeo limiar da bronzea escada,
Craveja o bronze as traves, e a couceira
Range em portões de bronze. Um novo objeto
N'este bosque a lenir entra os receios;
Aqui primeiro ousou fiar-se Enéas
E prometter-se allívio em seus pezares:
Pois quando, á espera da raínha, o templo
Nota peça por peça, quando o enlevam
De Carthago a fortuna, o gôsto fino,
O artificio, o primor, acha em pintura
A fio as guerras d'Ilion, pelo orbe
Já soadas; o Atrida, o rei troiano,
E terror de ambos sobresahe Achilles.
Pára, e em lagrimas diz: «Que sítio ou clima
Cheio, Achates, não he dos nossos males?
Eis Priamo! o louvor tem cá seus premios,
Doe mágoa alheia, e remanece o pranto.
Coragem! que em teu bem conspira a fama.»
  Dice, e em vãos quadros se apascenta, e as faces

Gemebundo humedece em largo arroio.
Vê de Pérgamo em roda a hoste graia
Do phrygio ardor fugir, fugir a teucra
Do instante carro do emplumado Achilles.
Ai! perto a Rheso por traição Tydides,
No primo somno, arrasa as niveas tendas,
De carnagem cruento; e os acres brutos
Volve ao seu campo, sem gostado haverem
De Troia os pastos, nem bebido o Xantho.
Triste! as armas perdendo, alêm, Troílo,
Que arrostou-se menino ao proprio Achilles,
He dos corséis tirado, e resupino,
Mas tendo os loros, do vazio carro
Pende; e a cerviz no pó, de rojo a coma,
Virada a lança hostil na arêa escreve.
Em cabello, as Iliades afflictas
Ao templo iam tambem da iniqua Pallas,
O peplo humildes offertando, e os peitos
Com punhadas ferindo: aversa a déa
Olhos no chão pregava. A Heitor Pelides
Tres vezes arrastara em tôrno aos muros,
De ouro a pêso vendia-lhe o cadaver.
Do imo um gemido grande Enéas sólta,
No olhar o espólio, o coche, o amigo exanime,
E a Priamo estendendo as mãos inermes.
A si se reconhece entre os mais chefes.
Do negro rei do eôo a turma e as armas
Á testa de milhares de Amazonas
Com lunados broquéis, Penthesiléa
Se abraza em furia, bellicosa atando
Sob a despida mama um cinto de ouro,
E virgem com varões brigar se atreve.
Quando extatico o heroe se embebe e enleia,
Ao templo a formosissima raínha
Marcha, de jovens com loução cortejo.
Qual nas ribas do Eurotas ou do Cyntho
Pelos serros Diana exerce os coros,
E, de infindas Oreadas seguida,
Carcaz ao hombro, em garbo as sobreleva;

Rega-se em gôzo tacito Latona:
Tal era Dido, airosa e prazenteira,
Do seu reino a grandeza apressurando.
No adyto sacro, em meio do zimborio,
De armas cercada, em solio majestoso
Senta-se. Os pleitos julga e leis prescreve,
Regra ou sortêa os publicos trabalhos.
  Subito Enéas no tropel devisa
A Cloantho brioso, Antheu, Sergesto,
E os mais que atra borrasca a longes costas
Remessara dispersos. Elle e Achates
Varados ficam de alegria e susto,
Avidos ardem por travar as dextras;
Fôrça ignota os perturba. Dissimulam;
Qual a sorte dos seus do encêrro espreitam
Nebuloso, e onde surta a frota seja,
E com que fim das naus os mais conspicuos
Clamando, a pedir venia, ao templo acodem.
  Introduzidos, quando a vez tiveram,
Rompe o idoso Ilioneu, facundo e grave:
«Raínha, ó tu que por favor supremo
Ergues nova cidade, e justa enfreias
Suberbas gentes, os Troianos ouve,
Que, dos ventos ludíbrio, os mares cruzam:
Livra do infando incendio a pia armada,
Poupa innocentes, nossa causa attende.
Nem vimos nós talar com ferro e fogo,
Nem saquear os lybicos penates:
A vencidos não cabe audacia tanta.
Paíz antigo existe, em grego Hesperia,
Armipotente e uberrimo, colônia
Já de enotrios varões; agora he fama
Que, de um seu capitão, se diz Italia:
Esta era a nossa róta; eis que em vaos cegos
Deu comnosco de salto Orion chuvoso,
E, em sanha o pelago e os protervos austros,
Nos derramou por ondas e ínvias fragas:
Poucos ganhámos pé nas vossas praias.
Patria e raça feroz! barbara usança!

Pisar em terra mãos hostis vedam;
Da arêa o asylo a náufragos prohibem.
Se as armas desprezais e as leis humanas,
O céo mede as acções, premeia e pune.
Rei nosso Enéas he, que a ninguem cede,
Pio e inteiro, valente e bellicoso:
Se aura ethérea o sustenta e o guarda o fado,
Se os manes o não tem, sem medo somos,
De o penhorar primeira não te pezes.
Cidades em Sicilia e campos temos,
E do sangue troiano o claro Acestes.
Amarrar nos permitte a lassa frota,
Mastros, remos cortar, falcar antenas;
Com que ledos, se Italia nos espera,
Os socios e o rei salvo, ao Lacio vamos:
Mas, se te ha consumido o lybio pégo,
Optimo pae dos Teucros, nem d'Iulo
Nos resta a segurança, ao pôrto embora,
Donde arribámos, a lograr voltemos
A apercebida sicula hospedagem,
E o regio amparo.» O Dárdano termina:
Lavra entre os seus approvador sussurro.
  O rosto abaixa Dido, e foi succinta:
«Sus, Teucros, esforçai. Recente o estado
Ao rigor me constrange, e a defender-nos
Guarnecendo as fronteiras. Quem de Enéas
Desconhece a prosapia, e as guerras d'Ilio,
Seu valor, seus heroes, seu vasto incendio?
Nem somos nós tam broncos, nem de Tyro
Tam desviado o Sol junge os cavallos.
Quer da saturnia Hesperia, quer as margens
D'Erix opteis, em que domina Acestes,
Contai com meu auxílio e salvaguarda.
Folgais de aqui ficar? Esta cidade
Que erijo, he vossa; as naus que se approximem:
Não farei destincção de Phrygio a Peno.
Fôsse o rei vosso á Libya compellido
Do mesmo Nôto! O litoral já mando
E os sertões perlustrar; se he que o naufragio

Em povoado ou brenha o traz perdido.»
  Ambos álerta, o padre e o companheiro
Ha müito almejam por quebrar a nuvem.
A Enéas se antecipa o forte Achates:
«Nado de Venus, que tenção meditas?
Tens a frota em seguro, os teus bemquistos;
Um só que falta, sossobrar o vimos:
Ao que a mãe te esboçou quadra o mais tudo.»
  Mal acabava, a nuvem circumfusa
Se rompe e funde nos delgados ares.
Um deus na espalda e vulto, á claridade
Resplende Enéas; que n'um sôpro a deusa
Ao filho a cabelleira em fulgor banha,
Em luz purpúrea o juvenil semblante,
Em vivo terno agrado os olhos bellos:
Qual, pela indústria, com entalhos de ouro
Pário marmore, ou prata, ou marfim brilha.
  De improviso á raínha e a todos clama:
«Eis quem buscais, dos libyos vaos escapo,
Enéas sou. Ó tu que só tens mágoa
De tanto horror, que a nós de Troia restos,
Da Grecia escarneo, em terra e mar batidos,
Falhos de tudo, exhaustos, em teu reino,
Em casa, nos recolhes e associas!
Nem pagar-te as finezas dignamente
Podêmos, Dido, nem os Phrygios todos
Quantos pelo universo peregrinam.
Se para os bons ha numes, he justiça,
Pague-te o céo e a propria consciencia.
Que seculo feliz, que paes ditosos
Te houveram filha? Em quanto os vagos rios
Forem-se ao mar, em quanto em gyro a sombra
Vier do monte ao valle, em quanto o polo
Pascer os astros, onde quer que eu viva
Vivirá com louvor teu nome e fama.»
  Dice; a dextra offerece ao velho amigo,
A sinistra a Seresto, e uns após outros,
A Gyas, a Cloantho, e aos mais guerreiros.
  Da presença do heroe pasma a Phenissa,

Tal successo a commove, e assim se exprime:
«Que fado te urge, ó filho da alma Venus,
A arduos perigos e a bravias plagas?
Es o Enéas que a deusa ao nobre Anchises
Gerou de Simoente ás phrygias margens?
Bem me lembra que Teucro, expatriado,
Veio a Sidonia, para um novo assento,
Pedir a Belo ajuda: a opima Chypre
Já vencedor meu pae vastara e tinha.
De Troia os casos desde então conheço,
Teu nome, e os rêis pelasgos. Sempre ufano
Da anciã linhagem teucra, elle ofendido
Com enthusiasmo elogiava os Teucros.
Eia, á minha morada, ó moços, vinde.
Por transes mil trazida, iguaes destinos
Cá me fixaram. Não do mal ignara
A socorrer os miseros aprendo.»
  Isto a Enéas memora, e o guia aos paços,
E em solemne festejo occupa as aras.
Nem de enviar aos nautas se descuida
Touros vinte, co'as mães cem gordos anhos,
Cem corpulentos sedeúdos porcos,
E o doce mimo do jocoso Bromio.
  Luxo esplende real no interno alcaçar,
E opiparos banquetes se adereçam:
Primoroso o tapiz, de ostro suberbo;
Nas mesas prataria; em ouro a historia
Patria esculpida, successão longuissima
De uns a outros varões desde alta origem.
  Saudoso, impaciente, o pae de Ascanio
Todo em seu filho está; para informal-o
E o conduzir de bórdo, expede Achates.
De troico exicio as preservadas prendas
Venham tambem: de escamas de ouro um manto
Brocado, um véo com orlas e recamos
De croceo acantho, ornatos peregrinos.
Dons maternos de Leda á bella Argiva,
Que a Pérgamo os trouxera de Mycenas
Á incasta boda; e o sceptro que Ilione,

Filha a maior de Priamo, hastiava,
E engranzado collar de perlas finas,
E aurea coroa de engastadas gemmas.
Executivo ás naus caminha Achates.
Nova traça urde a Cypria, alvitres novos;
Que Amor, no meigo Iulo transformado,
Com os dons nos ossos á raínha infiltre
Insano fogo. A estancia ambigua, os Tyrios
Bilingues teme; Juno atroz a inflamma;
Tresnoitada a pensar, por fim conjura
O alígero Cupido: «Ó filho, esteio
Unico e meu poder, filho, que em pouco
Tens as typhéas soberanas armas,
Es meu refúgio, teu socorro imploro.
Sabes que a teu irmão de praia em praia
Fluctívago arremessa a iniqua Juno,
E doe-te a nossa dôr. Com mil caricias
Tem-no a Sidonia Dido; e o paradeiro
Dos junonios hospicios mal enxergo:
O ensejo he de tental-a. Eu receosa
Previno os dolos, accender projecto
A raínha; que um nume a não trastorne,
Mas firme, quanto eu mesma, a Enéas ame.
Ouve o como ha de ser. O infante regio,
Desvelo meu, do genitor chamado,
Levar a Byrsa as dadivas propõe-se,
Das vagas restos e das teucras chammas.
Sopito em somno o esconderei no idalio
Jardim sacro, ou nos bosques de Cythera,
Porque os ardis não turbe inopinado.
Tu nelle te disfarça uma só noite,
Do menino as feições veste menino;
E, entre o lieu licor e as reaes mesas,
Quando em seu gremio Dido, em cabo leda,
Amplexos te imprimir e doces beijos,
Fogo lhe inspires e subtil veneno.»
Á voz da cara mãe depondo azas,
Finge gozoso Amor de Iulo o porte.
Ella em somno abebera o neto amado;

No collo amima e o sobe ao luco idalio,
Onde molle e suave mangerona,
Entre flores o abraça e fresca sombra.
E obediente os regios dons Cupido
Leva aos Tyrios, folgando após Achates.
  Já d'aurea tela em sumptuoso leito
Acha a Dido, bizarra entre os magnatas.
Com sequito luzido o heroe concorre;
Tomam seu posto em purpura excellente.
Dá-se agua ás mãos, em canistréis vem Ceres,
Toalhas servem de tosada felpa.
Cincoenta moças frutas e viandas
Arrumam dentro, aos divos thurificam;
Cem outras e iguaes moços põem nas mesas
A baixella, a bebida e as iguarias.
Em mó nas salas festivaes, os Tyrios
De ordem recostam-se em coxins lavrados.
O padre, o falso Ascanio, o vulto admiram
Flagrante e a voz do deus; o manto, as joias,
De croceo acantho o véo. Não farta a mente
A misera Phenissa, á mortal peste
Votada, e mais e mais se abraza olhando
O menino e seus dons. Do pae fingido
Elle nos braços, do pescoço appenso,
Mal sacia-lhe o amor, vai-se á raínha.
Com olhos e alma se lhe apega Dido,
No collo o assenta, sem saber, coitada!
Que deus afaga. O alumno de Acidalia
Sicheu aos poucos remover começa,
E intenso ardor insinuar procura
N'um coração já frio e ha müito esquivo.
  A primeira coberta alçada, os vinhos
Bolham, coroados, em bojudas copas.
Retumba o tecto, o estrepito por amplos
Atrios reboa; de aureas architraves
Pendentes lustres e os brandões accesos
A noite vencem. Grave de ouro e gemmas
Pede-a logo a raínha, e do mais puro
Enche a taça, que desde Belo usaram

Seus avós. Nos salões tudo em silencio:
«Jupiter, se he que aos hóspedes legislas,
Tam fausto alegre dia aos meus e aos Phrygios
Faze aos vindouros memoravel: Baccho
Porta-jubilo assista, e a boa Juno;
Vós o convite celebrai-me, ó Tyrios.»
  Em honra então na mesa o vinho entorna,
Com seus labios o toca, e o dá libado
A Bycias provocando: elle aguçoso
Empina a espumea taça, em transbordante
Ouro se ensopa: toda a côrte o imita.
Logo entoa as lições do sabio Atlante
Em aurea cithara o crinito Iopas:
Canta a solar fadiga, a Lua instavel;
Donde homens e animaes, bulcões e raios;
Donde o nimboso Arcturo, e os Triões gemeos
E as Hyadas provêm; como apressados
Se tingem no aceano os soes hybernos,
Ou que demora estorva as tardas noites.
Penos e Troas á porfia o applaudem.
  O serão entretida ia estirando
A infeliz Dido, e longo o amor bebia,
Müito de Priamo, inquirindo müito
De Heitor; que armas da Aurora o filho tinha,
Diomedes que frisões; que jando Achilles.
  «Do princípio antes, hóspede, as insidias
Graias, dice, nos conta, e o patrio excidio,
E errores teus; que já seteno estio
De praia em praia todo o mar voltêas.»

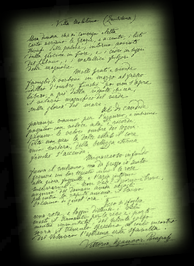
Pagina di Diario

Giorno limpido e triste! Ho dentro l'anima
un'insolita voce che si lagna
d'un male ignoto. Come una sonnambula
io guardo il cielo, guardo la campagna
e il decrepito sole e la decrepita
terra, e qui noto e fermo questa mia
ora di vita: aggiorna; i campi ridono,
ma d'un sorriso di melanconia.

La famiglia dell'erbe e delle piccole
piante, dal gelo mattutin ferita,
china, in atteggiamenti melanconici
par che alle zolle mormori: — «*È finita!*» —
E una foglia, sospesa a un'invisibile
fibra, tentenna senza vento, e dire
sembra al suo triste ramo, con monotono
ritmo: — «*Io non voglio, io non voglio morire!*» —

Molto quest'autunnale ora somiglia
la stanca anima mia, dove se splende
qualche raggio di gioia, è il melanconico
addio d'un vecchio sole che s'arrende
vinto, all'inverno. Ma sospesa al tenue
filo d'un sogno, un'ultima, appassita
speranza, come quella foglia palpita
e protesta se anch'io penso: — «*È finita!*» —

In. **Leggenda eterna.** Torino/Roma:
Casa Editrice Nazionale Roux e Viarengo, 1903.



Página de Diário

Dia claro e triste! Há em minha alma
uma insólita voz que se queixa
de um mal ignoto. Como uma sonâmbula
eu olho para o céu, olho o campo
e o decrépito sol e a decrépita
terra, e percebo e detenho esta minha
hora de vida: vê; os campos riem,
mas de um sorriso melancólico.

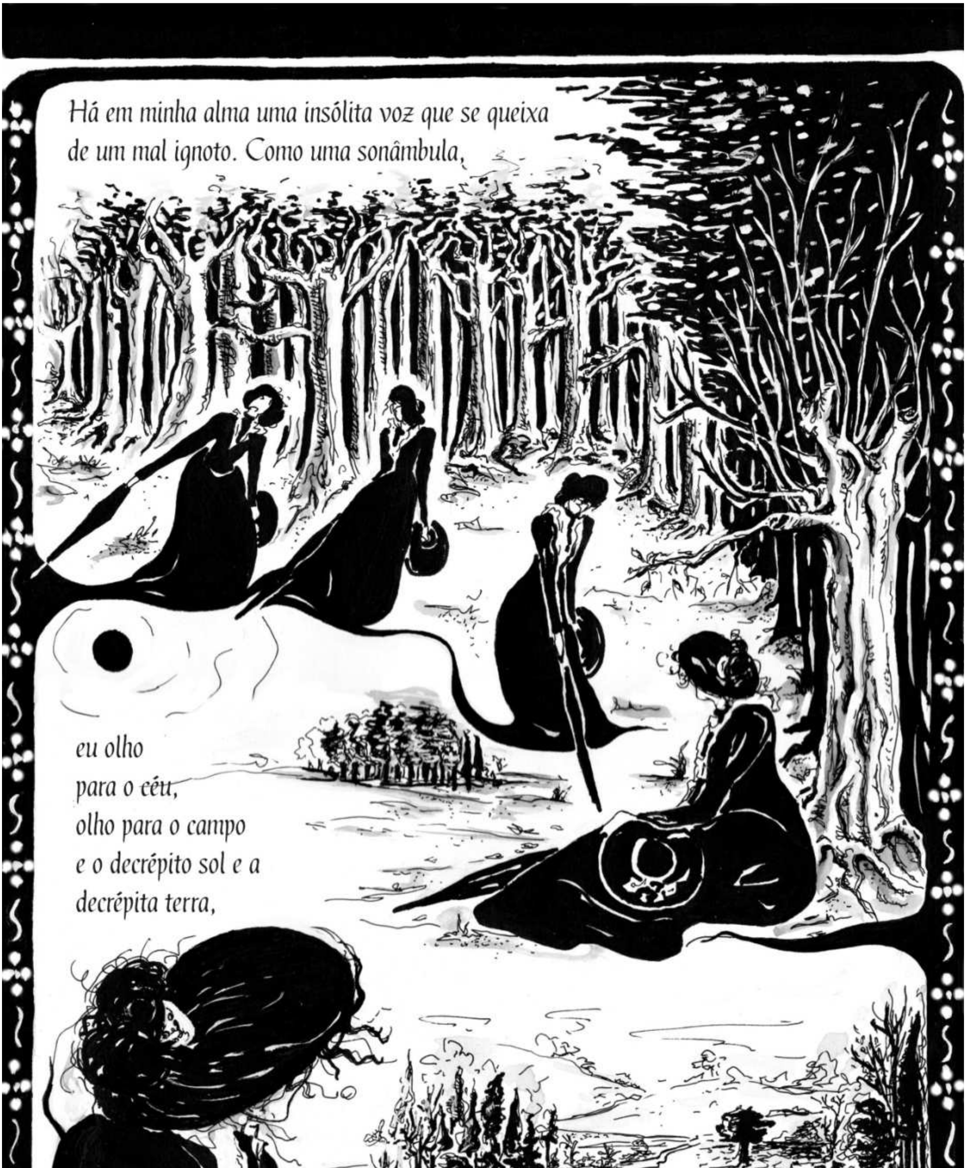
A família das relvas e das pequenas
plantas, pela geada matutina ferida,
curvada, numa postura melancólica,
parece murmurar às leivas: — "*Acabou!*" —
E uma folha, suspensa numa invisível
fibra, vacila sem vento, e parece
dizer ao seu triste ramo, num monótono
ritmo: - "*Eu não quero, eu não quero morrer!*" —

Muito desse outono agora se assemelha
à minha alma cansada, onde brilha
algum raio de alegria, é o melancólico
adeus de um velho sol que se rende
vencido, pelo inverno. Mas suspensa ao tênue
fio de um sonho, uma última, esmaecida
esperança, como aquela folha, palpita
e protesta, enquanto eu penso: — "*Acabou!*" —

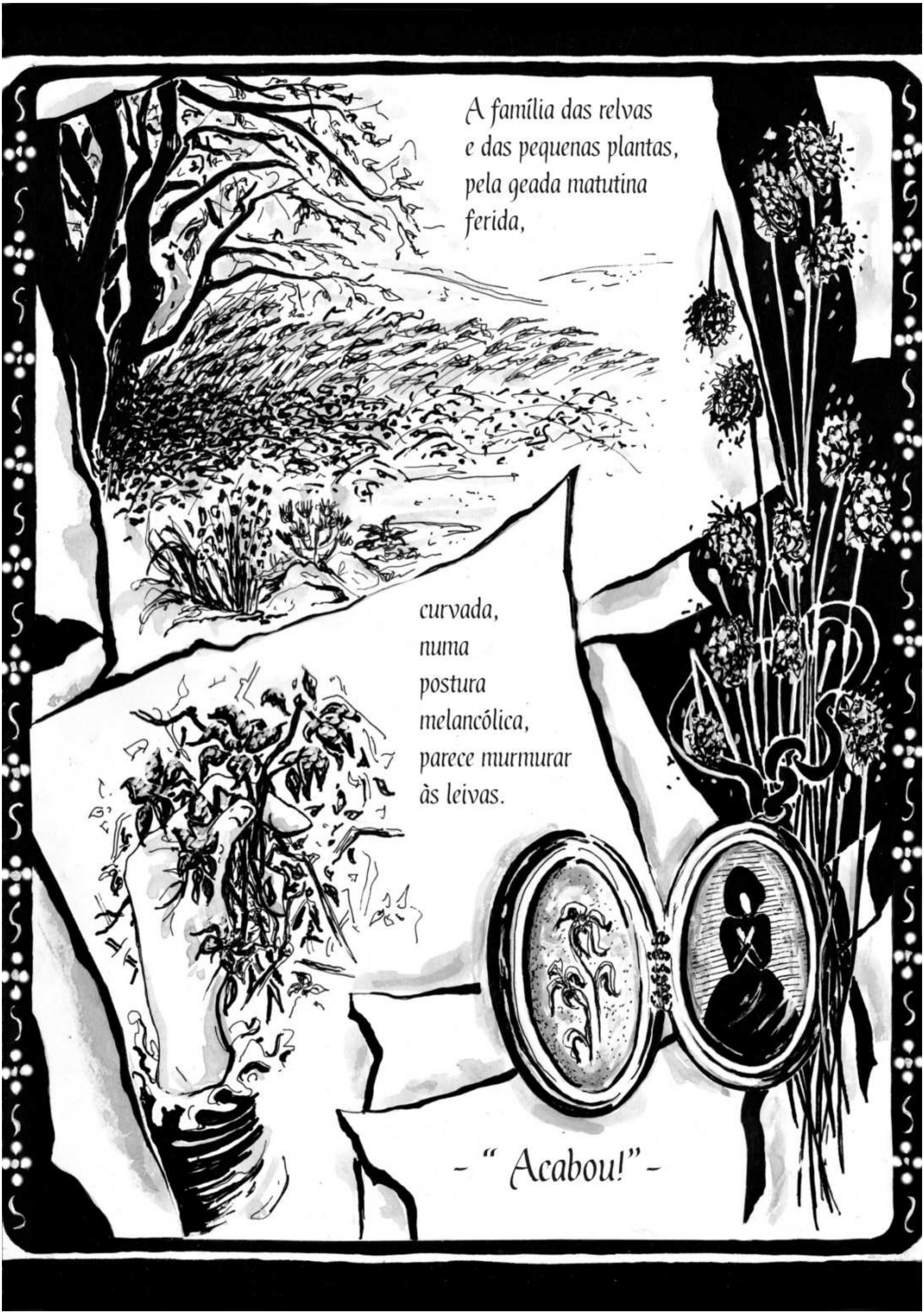
Quadrinhos de
Aline Daka

Tradução de
Gleiton Lentz

[aline daka]


Há em minha alma uma insólita voz que se queixa
de um mal ignoto. Como uma sonâmbula,
eu olho
para o céu,
olho para o campo
e o decrépito sol e a
decrépita terra,
e percebo e detenho
esta minha hora de vida:

[aline daka]

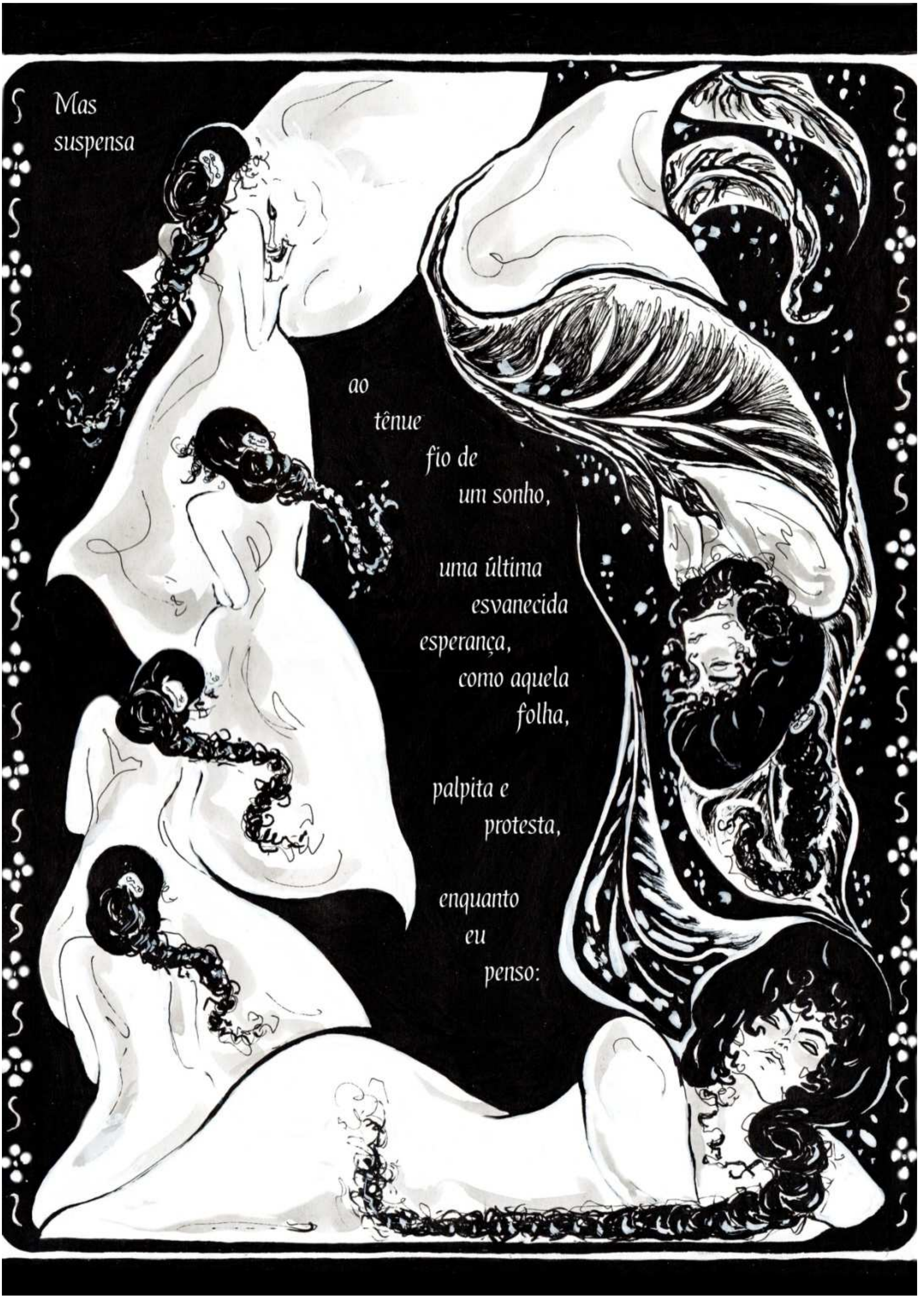


[vittoria aganoor]

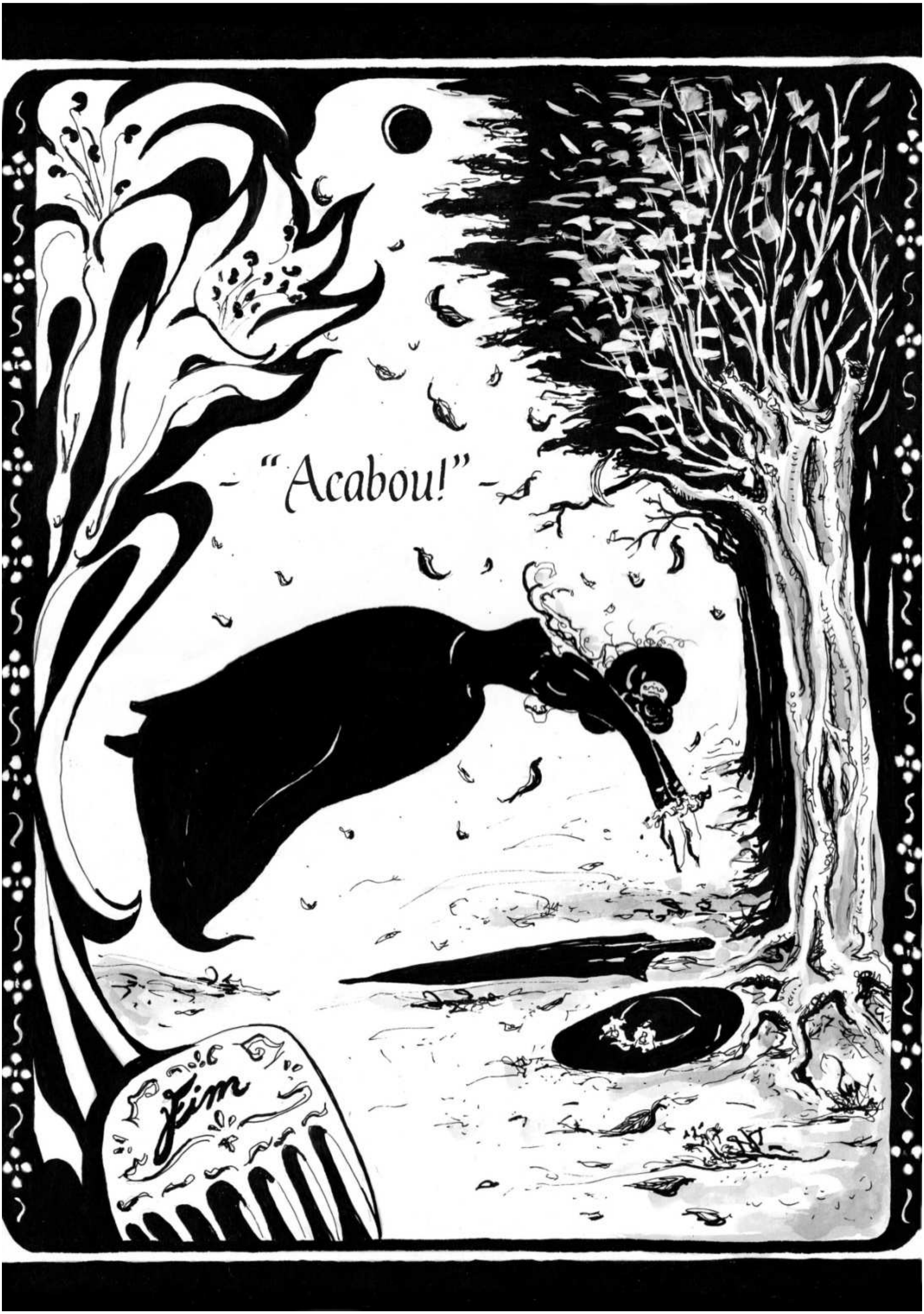
E uma folha,
suspensa numa invisível
fibra, vacila sem vento,
e parece dizer ao triste
ramo, num monótono
ritmo:
– "Eu não quero,
eu não quero morrer!" –

[aline daka]

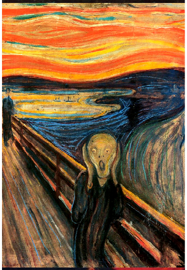
[vittoria aganoor]

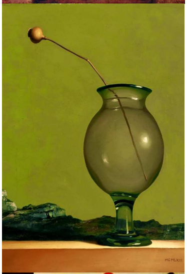

Mas
suspensa
ao
tênue
fio de
um sonho,
uma última
esvanecida
esperança,
como aquela
folha,
palpita e
protesta,
enquanto
eu
penso:

[aline dakal]



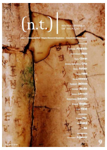
[vittoria aganoor]





INDEX

CAPA:



Escrita Oráculo de Ossos – China
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Primavera, 2014
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

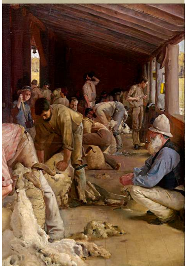
Fotos de:
Gleiton Lentz
(pp. 8, 131, 161, 186, 196 e 337)
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Zhang Xuan (p. 9)
Detalhe de *Passeio de Primavera da Corte Tang*, séc. VIII
Pintura de paisagem
WWW.CHINAONLINEMUSEUM.COM

Irfan Okan (p. 36)
Sem título, obra incluída na Mostra "Arafta Unutulanlar", 2009
Óleo sobre tela
EVIN SANAT GALERISI, ISTAMBUL

Edvard Munch (p. 61)
O Grito, 1893
Óleo sobre tela
MUNCHMUSEET, OSLO

Miguel Cabrera (p. 78)
Retrato de Juana Inés de la Cruz, 1751
Pintura a óleo
MUSEO NACIONAL DE HISTORIA, MÉXICO D.F.



Claudio Bravo (p. 91)
Detalhe de *Vaso com paisagem*, 1963
Óleo sobre tela
SHOTEBY'S, NOVA IORQUE

Moisés Becerra (p. 116)
Paisagem Ortogonal, [s.d.]
Óleo sobre tela
HONDURAS NATIONAL GALLERY OF ART, TEGUCIGALPA

Jean N. Mercier (p. 132)
Detalhe de *Refugiados de Missolonghi*, c. 1830
Óleo sobre tela
BENAKI MUSEUM, ATENAS

John William Waterhouse (p. 162)
Diógenes, 1882
Óleo sobre tela
ART GALLERY, NEW SOUTH WALES

Jules Perahim (p. 187)
Detalhe de *Criaturas*, 1979
Óleo sobre tela
SOTHEBY'S, NOVA IORQUE

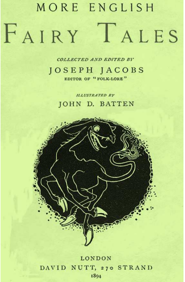
Robert Motherwell (p. 197)
Detalhe de *Três figuras baleadas,* 1944
Caneta e tinta sobre papel
WHITNEY MUSEUM OF AMERICAN ART, NOVA IORQUE

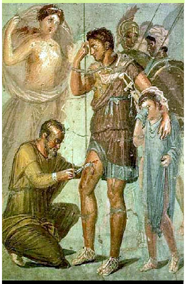
Frederic Rodrigo Gruger (p. 217)
Detalhe de "Show Boat", 1926
Ilustração para conto de E. Ferber
WOMAN'S HOME COMPANION

Tom Roberts (p. 275)
Detalhe de *Tosando carneiros,* 1890
Óleo sobre tela
NATIONAL GALLERY OF VICTORIA, MELBOURNE

John D. Batten (p. 297)
Sem título, 1894
Ilustração de capa para *Fairy Tales*, de J. Jacobs
DAVID NUTT, LONDRES

Pompeia, Casa de Sirico (p. 338)
Eneias ferido por una flecha, séc. I a.C.
Afresco
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES





MEMÓRIA:

Eneida Brazileira (p. 339)
Capa da *Eneida Brazileira*, de Virgílio
1ª edição, 1854
TYP. DE RIGNOUX, PARIS

QUADRINHOS:

Aline Daka (pp. 383-390)
Página de Diário, 2014
Sobre poema homônimo de Vittoria Aganoor
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Toledo (Escuela de Traductores)
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 9º acabou-se de editar em 1 de novembro de 2014.
Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, Baramond
Grego e romeno: **Palatino Linotype** Chinês: **MS Mincho**

COSMOPOLIZE-SE